O REENCONTRO DE QUATRO AMIGAS E O REAL VALOR DA AMIZADE

DA MESMA AUTORA DE A DISTÂNCIA ENTRE NÓS



Thrity Umrigar

A Redescoberta do Mundo

ROMANCE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Redescoberta do Mundo

Romance

Thrity Umrigar

A Redescoberta do Mundo

ROMANCE

Tradução de Regina Lyra



Título original: *The World We Found*

Copyright © 2012 Thrity Umrigar. Publicado originalmente e negociado pela Harper Collins Publishers

Copyright da tradução © 2012 Nova Fronteira Participações S.A.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313
sac@novafronteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

U43r Umrigar, Thrity N.
A redescoberta do mundo / [Thrity Umrigar ; tradução Regina Lyra]. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

Tradução de: The world we found
ISBN 978-85-209-3416-6

1. Amizade entre mulheres - Ficção. 2. Mulheres - Bombaim (Índia) - Ficção. 3. Bombaim (Índia) - Ficção. 4. Romance indiano (Inglês). I. Lyra, Regina. II. Título.

12-3605. CDD: 828.99353
CDU: 821.111(540)-3

31.05.12 13.06.12 035955

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Ficha catalográfica
Dedicatória
Epígrafe
Livro Um
- Capitulo 1
- Capitulo 2
- Capitulo 3
- Capitulo 4
- Capitulo 5
- Capitulo 6
- Capitulo 7
- Capitulo 8
- Capitulo 9
- Capitulo 10
- Capitulo 11
- Capitulo 12
- Capitulo 13
- Capitulo 14
- Capitulo 15
- Capitulo 16
- Capitulo 17
- Capitulo 18
- Capitulo 19
- Capitulo 20

Livro Dois
- Capitulo 21
- Capitulo 22
- Capitulo 23
- Capitulo 24
- Capitulo 25
- Capitulo 26
- Capitulo 27

Agradecimentos
Créditos

Para Gulshan, Hutokshi, Perveen, sempre

"Ainda que o mundo não passasse de uma piada de Deus, você daria menos duro para que fosse uma piada boa em vez de ruim?"

— George Bernard Shaw

Livro Um

O dente se quebrou três dias depois que ela recebeu a notícia terrível. Não sangrou. Sequer doeu. Durante três dias a impressão era de que seu coração se partira em vários pedacinhos, mas, afinal, foi outra parte do corpo que resolveu se render ao luto. Sem dor, sem sangue. Apenas um instante de espanto quando mordeu a torrada macia que preparou para o café da manhã e sentiu algo duro e esquisito na boca. Cuspiu, então, dois pedacinhos na mão em concha. Adish fitou-a, apalermado, e exclamou um segundo depois:

— Ah, não! O que houve?

Ela o fitou de volta, incapaz de responder, paralisada pela propriedade e impropriedade do dente quebrado. Por um lado, ainda nem fizera cinquenta anos e, como diria a mãe, estava nos trinques em termos de saúde: jovem demais para começar a perder os dentes no café da manhã. Por outro lado, a evidência diante dela era adequada, uma manifestação externa da sensação de perda que andava sentindo desde que recebera o telefonema de Armaiti. Uma aceitação atípica tomou conta de Laleh, em contraste com a negação que vinha vivenciando desde que Armaiti ligara contando do câncer. Na ocasião se sentira como um animal selvagem laçado pela tirania do fio do telefone. Não, não e não, reagiu balançando a cabeça quando desligou.

Levantou-se da mesa e foi para o banheiro. Enxaguou a boca com água fria e só depois ergueu os olhos para o espelho. Era um dente lateral, e um toco ainda continuava preso à gengiva. Mesmo assim, que diferença indiscutível em sua aparência! Por algum motivo absurdo, a visão lembrou a Laleh o horizonte de Manhattan após a queda das torres, uma lacuna que chamava a atenção para o que faltava. Até então, seus dentes tinham sido fortes e perfeitos como teclas de piano; mas também, até então, sua amiga mais antiga nunca estivera à morte. Nada mais justo que, nessa semana de lembretes de mortalidade, ela também sacrificasse alguma coisa.

Ainda assim, Laleh lamentou o *timing*. Ia encontrar-se com Kavita dali a algumas horas — não havia tempo suficiente para ligar para o dentista e pedir uma consulta de emergência —, a fim de irem as duas ao velho endereço da sra. Lokhanwala. Fazia quase trinta anos que não a viam e, em virtude da natureza crucial da missão de ambas, Laleh gostaria de se apresentar em sua melhor forma. O dente quebrado já a fazia sentir-se constrangida. Costumava se orgulhar de não ter vaidade, embora, na verdade, o fato de ser bonita lhe permitisse deixá-la de lado. Agora, porém, prometeu a si mesma que simplesmente não sorriria durante a visita à sra. Lokhanwala. Isso se a mulher — que teria o que, setenta e cinco, oitenta

anos? — ainda estivesse viva. Laleh não se permitiu pensar no que ela e Kavita fariam se a mãe de Nishta tivesse morrido ou se mudado.

Ouviu Adish entrar no quarto. No segundo seguinte, ele se postou diante dela, encostado ao batente da porta, fitando-a de um jeito indagador:

— Você está bem, *janu*?

Ela assentiu, sorrindo com a boca fechada:

— Estou ótima.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com vocês? Posso dar uma saída do trabalho por algumas...

— Não é preciso. A gente dá conta. Ligo para você se houver necessidade.

Adish passou, suavemente, o dedo indicador sobre os lábios dela:

— Quer que eu telefone para Sarosh e veja se ele pode encaixar você no fim da tarde?

— Isso seria ótimo.

— Porque você não se esqueceu da festa de hoje à noite, não é? Garanto que Sarosh pode providenciar uma coroa provisória.

— Ai, merda. Esqueci completamente — exclamou ela, com uma expressão suplicante. — Será que não dá para você ir sem mim?

Em resposta, ele se inclinou e a beijou no rosto:

— Tchau. Ligue para dar notícias.

Laleh resmungou baixinho para si mesma enquanto aprontava as coisas para o banho. Adish sabia o quanto ela abominava suas festas de trabalho, o quanto se sentia solitária em meio ao papo vazio — toda aquela falsa camaradagem e falsa humildade. Quase sempre os dois brigavam na volta de um desses eventos. Mesmo assim, ele continuava insistindo para que ela o acompanhasse. Na semana anterior, quando Kavita precisou trabalhar até tarde, Laleh arrastara Adish para o teatro e, em troca, ele arrancara dela a promessa de acompanhá-lo à festa de Girish Chandani naquela noite.

Tudo bem, pensou Laleh, entrando no chuveiro. Havia coisas mais importantes em que pensar naquela manhã. Nishta, por exemplo. Elas precisavam encontrar Nishta. Transmitir-lhe o último desejo de Armaiti. Mesmo depois de todos esses anos de silêncio entre elas duas. Mesmo que esse desejo pudesse não significar coisa alguma para Nishta. Mesmo que ela tivesse desaparecido da vida das três deixando em seu rastro apenas um vazio.

* * *

Kavita dirigia, e contemplando aquelas mãos firmes e competentes pousadas no volante Laleh sorriu para si mesma. Lembrou-se de como Kavita era na faculdade, uma garota tímida e sonhadora que carregava seu violão para todo

lado. Difícil acreditar que a menina pensativa, poética, era agora uma das mais renomadas arquitetas da cidade. Laleh afundou no assento e suspirou de modo inaudível, sentindo-se uma vida inteira distante da mulher jovem, impetuosa e idealista que tinha sido, da época em que Kavita-Armaiti-Nishta formavam uma única palavra em seu livro, um único coração pulsante. Onde estavam elas agora? Uma, à morte nos Estados Unidos, outra, desaparecida, e Kavita, ainda presente em sua vida.

— O que foi? — indagou Kavita, sempre atenta aos humores da amiga.

Laleh balançou a cabeça, incapaz de responder, a mente atrelada à lembrança de uma certa tarde dourada. As quatro haviam se reunido para estudar na casa de Nishta, mas o que Laleh se lembrava agora era das quatro deitadas de barriga para cima na cama de Nishta, com os joelhos dobrados de modo que os pés se encostassem no chão. No aparelho de som, "Those Were the Days" tocava a todo volume, enquanto elas acompanhavam cantando também com intensidade e alto volume. *"La la la la, la la"*, entoavam a plenos pulmões, batendo os pés no chão no ritmo da canção. De repente, Armaiti deu um pulo da cama e começou a dançar, a dançar de um jeito tão solto e cômico — o cabelo esvoaçava, a cabeça mexia para lá e para cá, os braços e as pernas, que pareciam feitos de borracha, apontando em todas as direções —, que as outras se puseram de pé e se juntaram a ela. Quando a música terminou, as quatro estavam às gargalhadas, suadas e exaustas. Então, como se não tivesse sido a mola-mestra de todo aquele caos alegre, Armaiti comentou de um jeito crítico: "Que música mais mórbida, eca!"

— Está pensando em quê? — perguntou Kavita.

— Em nada. Em tudo. Em como a gente era antigamente.

Kavita olhou-a com uma expressão pesarosa.

— Quer saber o que é mais triste? Naquela época eu achava que todo mundo se divertia assim na adolescência. Que todo mundo tinha o mesmo tipo de amizade que a gente, que todo mundo sentia a mesma paixão e a mesma alegria.

— Eu, não — atalhou Laleh. — Sempre soube que o que a gente tinha era raro. Sempre. Mesmo naquela época. Meus próprios filhos não têm, Ka. Quer dizer, eles têm um monte de amigos, mas para mim tudo parece superficial. Não falam de outra coisa além de iPhones e jeans de grife. E não querem nem saber de política. É uma coisa louca.

— Os tempos são outros, Lal. Eles estão crescendo numa Índia diferente.

— Que besteira. Isso é o que Adish diz, mas o que foi que mudou, Kavita? Todas as velhas lutas continuam, não? Eles construíram um punhado de shoppings para gente como nós, mas o que foi que mudou?

Como o pai costumava zombar dela e de Armaiti quando as ouvia falar em

construir um país melhor!

— Uma nova Índia? — trovejava Rumi Madan à mesa do jantar, depois de ouvir as duas adolescentes falarem de modo casual da iminência de uma revolução. — Vocês acham que estão numa peça da escola? Que "nova Índia" é essa que pretendem construir? Minhas queridas, se é que vai haver uma nova Índia, ela há de ser construída pelos políticos e pelos empresários, sobretudo pelos empresários, não por uma dupla de garotas brincando de revolucionárias.

Laleh piscou para se livrar das lágrimas que ameaçavam marejar-lhe os olhos. Desde o telefonema de Armaiti, o passado se tornara mais vívido do que o presente. Atravessara tal qual um zumbi os últimos dias, incapaz de se concentrar em coisa alguma.

E agora o passado se impunha mais uma vez, na forma do velho edifício onde morara Nishta. Milhares de imagens encheram a mente de Laleh enquanto Kavita procurava uma vaga para o carro na rua margeada de árvores. E, embora tivesse sentido uma urgência enorme em localizar os pais de Nishta desde que Armaiti ligara para dar a notícia, Laleh se viu agora caminhando lentamente, quando as duas desceram do carro e se dirigiram para o prédio. Ao alcançarem a portaria, ela e Kavita ficaram ali, mudas, um instante. Kavita, então, suspirou alto, e ambas entraram no saguão familiar. Seus olhares examinaram o quadro de madeira com os nomes dos moradores, em busca do número do apartamento dos Lokhanwala.

— Olhe — disse Laleh. — Eles ainda moram aqui. Graças a Deus.

— A portaria continua com o mesmo cheiro — observou Kavita, e Laleh assentiu, enquanto as duas se aproximavam do elevador. — Sândalo.

Tocaram duas vezes a campainha antes que uma empregada atendesse.

— Oi. A *memsahib* está? — indagou Kavita.

— Quem deseja?

Kavita hesitou:

— Diga a ela que... Diga apenas que somos velhas amigas.

A moça reagiu com um olhar cético, antes de passar a corrente na porta, impedindo que ela se abrisse por completo.

— Sim? — Um rosto enrugado surgiu do outro lado. — O que vocês desejam?

— Tia, somos nós! Kavita e Laleh, as amigas de Nishta da faculdade. Lembra da gente?

Fez-se um silêncio embaraçado após o qual a senhora soltou uma exclamação, surpresa. Ouviu-se o barulho da corrente sendo removida e, em seguida, a porta se abriu:

— Kavita, Laleh, não acredito! A que devo esta visita? Vamos, entrem.

Um minuto depois, as duas estavam sentadas em frente da sra.

Lokhanwala na sala ampla e arejada. As três se examinaram, todas por demais educadas para tecer comentários sobre as mudanças causadas pelo tempo.

— O que vocês querem tomar? — perguntou a senhora, finalmente. — Café, chá? — E, antes que houvesse alguma resposta, foi logo determinando: — *Deepa*, traga três xícaras de café. E algo para beliscar.

— Tia, por favor. Não queremos dar trabalho — interveio Laleh.

Viu-se zonza com a tentativa de registrar o fato de que a elegante e impecável sra. Lokhanwala — como seria o primeiro nome dela, afinal? — era agora uma velhinha. A própria sala de estar parecia congelada no tempo: as mesmas paredes cor de creme, o revestimento cinza do assoalho, a bela cadeira de balanço de madeira nobre.

— Meu Deus, vocês não mudaram nadinha — observou a sra. Lokhanwala. — Eu as reconheceria em qualquer lugar.

As duas sorriram com timidez.

— Nem a senhora — mentiu Kavita. — Notícias de Nishta?

À menção do nome da filha, um véu cobriu o rosto da idosa. O sorriso desapareceu. Os olhos se embaçaram.

— Vocês não souberam? — sussurrou ela.

Laleh se inclinou, atenta:

— Soubemos de quê?

— Não temos contato algum com ela. Meu marido... Meu marido proibiu. Ela se casou com um rapaz muçulmano.

Laleh se deu conta de estar prendendo o fôlego.

— Soubemos disso, sim — disse ela. — Iqbal era nosso amigo — prosseguiu, obrigando-se a manter um tom neutro. — Esperávamos que depois de tanto tempo tivesse havido uma reconciliação.

A despeito do tato de Laleh, a senhora se retraiu como se tivesse levado um tapa. Olhou para além da varanda durante um minuto e só então voltou a encarar as duas.

— O que as trouxe aqui hoje? — indagou. Antes mesmo de ouvir a resposta, porém, emendou: — O que houve com aquela outra *parse*, a quarta do grupo? Como era mesmo o nome dela?

— Armaiti — respondeu Kavita.

— Isso mesmo. Pensei tanto em vocês três durante esses anos... — A sra. Lokhanwala sorriu. — Como era animada a nossa casa com vocês aqui o tempo todo — comentou, antes que o sorriso se apagasse. — Agora somos só eu e meu marido. Nosso filho... Vocês se lembram de Arun? Ele está morando na Austrália. Voltando ao assunto, como vai Armaiti? Vocês estão sempre com ela?

— Vai bem — respondeu de pronto Laleh para, em seguida, acrescentar:

— Na verdade, tia, ela não está bem. Mora nos Estados Unidos e... — Ainda era difícil pronunciar as palavras, mas ela se obrigou. — Acabamos de saber que está seriamente doente. Um tumor no cérebro.

— *Arre, Ram*... — A sra. Lokhanwala cobriu a boca com a mão. — Como é possível uma coisa dessas? Aquela menina tão meiga!

Por um instante, Laleh viu Armaiti pelos olhos da sra. Lokhanwala: uma eterna adolescente. Engoliu em seco:

— É, bem... Por isso mesmo estamos tentando localizar Nishta. Armaiti quer que a gente se reúna outra vez.

A expressão da mulher era impassível.

— Quem dera eu pudesse ajudar — disse ela.

Laleh reprimiu uma onda de raiva que lhe subiu à garganta.

— Nishta já tentou entrar em contato com a senhora? — indagou casualmente.

Os olhos da sra. Lokhanwala passearam pela sala.

— Todo ano ela manda um cartão no meu aniversário, mas meu marido não permite que eu abra. Por isso, jogo fora. Ou devolvo.

Laleh observou um ponto acima do ombro esquerdo da senhora. Guardara todos os bilhetes que os filhos haviam escrito para ela desde o jardim da infância. Tentou imaginar-se jogando fora um cartão de aniversário recebido de Ferzin ou de Farhad e se perguntou o que poderia levá-la um dia a renegar os filhos. Não conseguiu pensar em um único cenário plausível.

A criada entrou com uma bandeja e a pousou com cuidado diante das convidadas. Laleh agarrou o braço de Kavita e a forçou a ficar de pé, ao mesmo tempo que se levantava também.

— Lamento, mas precisamos ir agora — esclareceu. Queria se afastar da sra. Lokhanwala antes que dissesse algo de que se arrependeria.

— Ao menos tomem uma xícara de café — protestou a sra. Lokhanwala, mas numa voz cansada, indiferente, com um olhar compreensivo.

— Desculpe, tia — insistiu Laleh. — Já estamos atrasadas. — Nem morta iria tomar um gole do que quer que fosse naquela casa.

Kavita deu alguns passos para se aproximar do lugar onde a sra. Lokhanwala estava sentada e pousou a mão em seu ombro:

— Foi um prazer rever a senhora — disse com delicadeza. — Nós duas temos lembranças tão boas desta casa!

Laleh sentiu um leve rubor colorir seu rosto, interpretando a atenção de Kavita como uma censura ao seu comportamento grosseiro.

A sra. Lokhanwala tomou a mão de Kavita entre as suas:

— Sei que deve parecer estranho... — começou a dizer, mas Kavita já se afastara.

As duas não trocaram palavra enquanto desciam os cinco andares de

elevador. O silêncio permaneceu depois de deixarem os portões do edifício, cruzarem as duas pistas da avenida e percorrerem a distância até o carro. Enfim, Kavita se virou para Laleh:

— Preferia não ter vindo — observou.

— Sei disso. Que tipo de mãe vira as costas para um filho?

— Tenho a sensação de que é o marido que controla a situação — disse Kavita. Depois imitou a voz da sra. Lokhanwala: — Meu marido não permite que eu abra os cartões.

— Olhe — atalhou Laleh com veemência. — Se Adish me proibisse de falar com meus filhos, eu arrancaria a língua dele muito antes de obedecer.

Kavita soltou um suspiro:

— Ela pertence a outra geração, Laleh.

— Com licença — pediu uma voz tímida atrás das duas.

Kavita e Laleh se viraram e viram a criada da sra. Lokhanwala, que tinha na mão um envelope.

— A *memsahib* me pediu para lhes entregar.

Estendeu o envelope para Kavita, ergueu os olhos para a parte superior do prédio e depois se afastou apressada.

As duas seguiram o olhar da moça a tempo de ver uma figura debruçada no parapeito da varanda do quinto andar. Um segundo depois, porém, a pessoa tornou a entrar. Obviamente se tratava da sra. Lokhanwala, assegurando-se de que a criada cumprira suas instruções.

Kavita virou o envelope ao contrário. Havia sido endereçado à sra. Lokhanwala e continha o endereço do remetente. Em volta do endereço, alguém fizera um círculo em tinta vermelha e desenhara uma seta apontando para ele. Com a mesma caneta vermelha, a sra. Lokhanwala escrevera em letras grandes e trêmulas “Não me julguem, por favor”.

Kavita e Laleh olharam o pedaço de papel e depois de uma para a outra. Ergueram os olhos para a varanda agora vazia e tornaram a baixá-los para o envelope. Quando Laleh enfim fitou Kavita de novo, seu rosto estava rubro.

— Estou me sentindo uma grande canalha — disse ela.

Armaiti estava jardinando há uma hora, ignorando a claridade mortiça do dia, quando notou os passarinhos mortos.

Eram dois e jaziam um de frente para o outro, os olhos abertos, os bicos quase se tocando como num beijo. As penas vermelho-sangue haviam desbotado para uma tonalidade marrom-ferrugem, o que levou Armaiti a concluir que já estavam mortos havia alguns dias.

Calçando as luvas de jardinagem que já era costume esquecer de usar, ergueu do chão, com delicadeza, um dos pássaros, meio que esperando que a ave despertasse e alçasse voo. O pobrezinho parecia muito leve e magrinho, como se toda a plumagem não passasse de um adereço, um artifício para disfarçar um interior oco. A ideia lhe despertou uma onda de ternura pelo pássaro morto. Virando-o na palma da mão, ela o examinou em busca de um ferimento que um gato ou um pássaro maior pudessem ter lhe feito, mas nada viu. Ergueu os olhos para o céu de junho na expectativa de uma resposta. Não havia à vista árvore alguma da qual a dupla pudesse ter caído. Quem sabe os pássaros não despencaram simplesmente do céu, pensou, do jeito como as baleias às vezes encalham na praia sem qualquer razão aparente. A imagem dessas lindas criaturas vermelhas caindo na terra encheu seus olhos de lágrimas.

Estava segurando a morte nas mãos. O pensamento a perturbou e a fez pousar depressa os pássaros na terra. Mas então se lembrou, e sorriu com amargura. A morte não estava apenas em suas mãos — seu corpo todo, droga, era agora seu anfitrião, homenageando-a com uma grande festa. Para distrair a mente do assunto, consultou mais uma vez o relógio. Muito cedo ainda para ter notícias das outras. As outras. Depois de todos esses anos, ainda era assim que pensava nelas. Laleh, Kavita e Nishta. Será que encontrariam Nishta? Será que a encontrariam a tempo? Queria tanto ver de novo as três amigas. Mas agora. Tinha de ser agora, enquanto seu corpo ainda lhe pertencia. Ao menos na maior parte do tempo. Não mais tarde, quando as coisas ficassem feias, quando o cérebro enfermo assumisse o comando.

Armaiti se pôs de pé e, por um segundo, o chão oscilou antes de se assentar de novo. No minuto seguinte, porém, sua atenção se voltou para uma fisgada de dor no joelho. Armaiti costumava encarar toda e qualquer dor como algo a ser ignorado, como se faz com alguém com maus modos à mesa. Hoje, ela notou. Ao longo das últimas duas semanas, desde o resultado da biópsia, qualquer sussurro ou gemido do corpo despertava sua atenção.

Foi até o barracão de madeira atrás da garagem e voltou com uma pá para poder cavar e enterrar os pássaros. Deitou-os lado a lado na pequena cova e depois os cobriu de terra. Lá para o fim da semana, pensou, plantaria algumas petúnias sobre o túmulo.

Já estava ficando escuro demais para permanecer do lado de fora. E Richard e Diane, lá dentro, preparavam um jantar que, cansada assim, ela já sabia, não conseguiria comer. De todo jeito, tentaria. Por causa deles. Já os fizera sofrer o suficiente, pela segunda vez em cinco anos. Primeiro o divórcio e agora isso. Diane, hoje no primeiro ano de faculdade em Harvard, ainda cursava o ensino médio na época.

Por que fizera tanta questão de se divorciar de Richard?, perguntou-se, enquanto guardava as ferramentas de jardinagem. O marido implorara para que ela reconsiderasse, jurara que Blossom Greer nada significava para ele. O que selou o destino do casal, contudo, foi o fato de Richard não ter uma explicação para o caso. Parecia tão espantado e incrédulo quanto Armaiti. E isso a amedrontou. Se não havia motivo, não havia insatisfação que justificasse sua infidelidade; então, a resposta era que alguma coisa inquieta e indomável vivia dentro de Richard. Armaiti considerou a hipótese inaceitável, uma ameaça misteriosa à vida dos dois como casal, cuja normalidade sem surpresas constituía o maior triunfo de ambos.

— E se acontecer de novo? — perguntou ao marido.

— Não vai acontecer — gaguejou ele.

— Como você sabe?

— Eu... Eu... sei...

Dois dias depois, ela ligou para o advogado.

No entanto, embora tivesse saído de casa há cinco anos, Richard continuava a ser o que sempre havia sido: seu maior amigo nos Estados Unidos. Agora lhe parecia que os dois tinham apenas representado papéis — o marido infiel, a esposa indignada, incapaz de perdoar. Que idiotice, como tudo parecia tão *desnecessário* agora. Enquanto atravessava o pátio e caminhava em direção a casa, Armaiti foi assaltada por um pensamento: ela teve medo daquela coisa perigosa, imprevisível, que residia no coração de Richard, e no fim das contas era ela quem carregava uma coisa perigosa, imprevisível, aninhada em seu cérebro. Abrindo a porta de tela, Armaiti admirou a absoluta ironia do destino.

* * *

Tinham dado a notícia a Diane havia cinco dias, e a coisa não correra bem. Haviam esperado até que ela viesse em férias de Harvard para contar. E como se não bastasse o choque de dizer a uma filha única que se está morrendo

de um tumor cerebral — como soavam lúgubres essas palavras, mesmo agora — e que não se tem mais que seis, oito meses de vida — como em uma cena de um filme barato —, Armaiti também precisou contar a sua decisão de não fazer tratamento.

Diane se manteve calma, controlou a emoção enquanto ouvia o relato das dores de cabeça inexplicáveis, do exame de ressonância magnética, da biópsia. Sua postura fez Armaiti se lembrar dos velhos tempos, quando a filha de quatro anos passava seu batom e saía andando pela casa com seus sapatos, convencida de que calçar o sapato da mãe fazia dela uma adulta.

O problema surgiu alguns minutos depois.

— Quando é a sua próxima consulta? — indagou Diane. — Quero ir com você para discutir as opções de tratamento.

— Não vai haver tratamento, querida. Decidi não me tratar.

Diane pareceu confusa:

— Está dizendo...

— Estou dizendo que não vou melhorar. Nem com tratamento. É um glioblastoma, um tumor muito agressivo. Inoperável. Eu já lhe disse isso? — Armaiti se forçou a prosseguir, ainda que Diane desse a impressão de estarem lhe martelando um prego no rosto a cada palavra. — Tenho uns seis meses de vida, Diane. Talvez mais, quem sabe? Nunca se consegue extrair uma resposta concreta dos médicos. Não que eles possam dizer. Como poderiam? — Ouviu o nervosismo na própria voz e se obrigou a falar mais devagar. — Não quero estragar esse tempo com radioterapia e todas aquelas bobagens.

— Todas aquelas bobagens? — repetiu Diane num tom agudo. — Mãe, estamos falando de algo que pode salvar ou prolongar sua vida. — Remexendo-se na cadeira, ela encarou o pai. — Pai? Diga alguma coisa. Isso é loucura.

O rosto de Richard permaneceu inescrutável:

— Passei a semana toda discutindo com ela, querida. Sua mãe está decidida.

Diane continuou incrédula:

— Vocês estão brincando comigo, porra?

— Olha como fala — atalharam ambos, automaticamente, mas Diane os interrompeu.

— Foda-se como falo — exclamou ela, pondo-se de pé e passando em revista a sala, com um olhar desesperado. — Isso é conversa fiada. Não acredito que...

— Diane — interveio Richard. — Controle-se.

Diane lançou um olhar hostil para o pai:

— Não acredito que você vai deixar a mamãe fazer isso. Que você

simplesmente vai deixá-la...

— Ele não vai fazer coisa alguma — cortou Armaiti num tom mais enfático do que pretendia. — É o *meu* corpo. Se não puder escolher... — A voz vacilou com a indignação. No segundo seguinte, porém, sua raiva diminuiu quando viu a expressão sofrida no rosto da filha. — Veja bem. Você não sabe o que eu daria para lhe poupar disso tudo.

— Então comece o tratamento. Passo o próximo semestre em casa. Ajudo você, prometo.

Armaiti estendeu o braço e puxou Diane para a cadeira a seu lado.

— Não quero, meu bem — disse ela. — Vi minha mãe passar por um tratamento de câncer anos atrás. Foi horrível. E no fim não fez muita diferença.

— Mas isso tem mais de vinte anos — atalhou Diane com veemência. — E foi na *Índia*. As coisas estão muito mais avançadas agora.

Armaiti assentiu, alheia, lembrando-se do quarto pequeno e escuro em que a mãe tinha morrido. Depois de passar a metade da noite acordada segurando a mão da doente, enfim cochilara durante alguns minutos. Quando acordou, a mão que segurava estava fria, e a mãe, morta. Armaiti ficou ali, segurando aquela mão, contemplando a cabeça careca, os olhos fundos, os braços ossudos em cuja pele de pergaminho não faltavam hematomas. Não chorou. Não naquele momento. Em vez disso foi até a sala e ligou para o tio Jamshed, pedindo-lhe que chamasse a funerária. Depois entrou sem fazer barulho no outro quarto e se enfiou na cama com o marido adormecido, deixando que o calor dele aquecesse um pouco seu corpo. Não acordou Richard até ouvir o carro da funerária estacionar diante do prédio. Então, sacudiu-o, e ele acordou. Pela expressão no rosto dela, Richard soube o que acontecera, e os dois se olharam durante um bom tempo antes que ela se levantasse para abrir a porta.

— Mãe, você está escutando?

A voz de Diane tinha uma nota de impaciência adquirida aos treze anos e jamais abandonada. Agora, porém, Armaiti ouviu algo mais nessa voz — preocupação e medo, como se o fato de sua mente haver divagado um segundo fosse prova de algo mais sinistro, do perigo à espreita em suas células. Acostume-se, disse a si mesma, com severidade. Já notara a mesma coisa em Richard, uma nota dúbia, uma subcorrente, uma segunda melodia subjacente à primeira. Nunca mais lhe seria permitido o luxo do esquecimento ou da imprevisibilidade. Agora essas coisas seriam medidas no contexto da doença.

— Estou, querida — respondeu. Depois, percebendo que Diane aguardava uma resposta, acrescentou: — Veremos. Vou pensar.

— Sei — disse Diane. — Todos nós sabemos o que *isso* significa. —

Levantando-se da cadeira, fitou os pais. — Vou dar uma volta.

— Vai demorar? — indagou de modo automático Armaiti, odiando-se na mesma hora.

Diane desviou o olhar:

— Não sei, preciso de um pouco de ar.

Os dois ouviram a porta bater um instante depois.

— Que pena ela não ter um namorado — disse Armaiti com um suspiro. — Isso facilitaria um bocado as coisas.

— Armaiti — disse Richard, pausadamente. — Acabamos de dizer à garota que a mãe dela está... está... está muito doente. E, para culminar, não quer se tratar. Não acho que um namorado amenizaria o choque.

Armaiti sorriu, pesarosa.

— Tem razão — disse, virando-se para encará-lo. — Sei que você também não concorda comigo, mas preciso que me apoie, está entendendo? Não sei se consigo enfrentar Diane sozinha.

Richard fez um pequeno movimento com o ombro direito.

— Estou aqui — falou, simplesmente.

Richard ficou com ela até Diane voltar para casa, às nove da noite. Havia um leve odor de álcool em seu hálito. Armaiti se esforçou para resistir ao sermão que seus lábios desejavam fazer. Diane era uma boa garota, responsável. Provavelmente não tomara mais que uma cerveja.

— Olhem — disse Richard, levantando-se para ir embora. — Tenho uma reunião no centro amanhã. Por que vocês não me encontram para almoçar no Roxy's?

Armaiti se virou para Diane:

— Então, querida?

— Pode ser — respondeu Diane, dando de ombros.

O dia seguinte foi mais um dia ameno de primavera, e naquela tarde, apesar da cara fechada de Diane e de suas respostas monossilábicas no caminho até o centro, Armaiti sentiu seu ânimo melhorar enquanto as duas caminhavam até o restaurante. Essa melhora no astral, porém, logo foi eclipsada por outra emoção contraditória — pela primeira vez desde o diagnóstico, um arrependimento afiado como uma navalha a assaltou. Como seria leve e agradável essa tarde linda se ela não soubesse o que a aguardava e o que já se encontrava à espreita em seu corpo. Seria uma tarde como outra qualquer, um dia tranquilo na longa cadeia de dias assim. Não haveria resquício dessa consciência tiquetaqueando, marcando o fato de como era finito e precioso esse tempo com a filha; ela não estaria tão atenta ao milagre do sol batendo em seu rosto, não desejaria tanto passar os dedos de leve, mas com avidez, pelas paredes de pedra dos prédios no caminho. Percebeu que armazenava lembranças, registrando mentalmente esse dia, e, por um

momento, Armaiti achou que seria capaz de chorar pelo que perdera — o talento de viver despreocupada, irrefletidamente. Sem querer, estendeu a mão para pegar a da filha, e, para seu alívio, Diane deixou que ela lhe apertasse a mão.

— Eu amo você — disse. — Mais do que consigo dizer com palavras.

Diane lhe apertou a mão. Quando chegaram ao restaurante, viram Richard sentado a uma mesa ao lado da janela e acenaram. Ele se levantou quando as duas entraram e se aproximaram.

— Como vai a minha linda família hoje? — perguntou ele, e de repente Armaiti se sentiu bonita. Richard sempre fora capaz de fazer isso.

Já haviam terminado de almoçar e dividiam uma torta de chocolate de sobremesa, quando Richard falou:

— A propósito, Jordon ligou hoje de manhã. — Limpou com um guardanapo um pedaço de chocolate que grudara em sua boca, antes de acrescentar: — Ela queria saber se vamos para Nantucket este ano. Eu disse que, nas atuais circunstâncias, achava que não.

Eles haviam passado em Nantucket todos os verões da vida de Diane, num chalé herdado dos pais por Richard e a irmã. Armaiti engoliu a decepção.

— Também acho que não.

Sabia que Richard estava apenas sendo atencioso, claro, mas no fundo sentiu uma pontinha de ressentimento por não ter sido consultada antes que ele respondesse à irmã.

— Você tem vontade de ir a *algum lugar* nestas férias? — indagou Diane, e Armaiti achou ter percebido um tom suplicante na voz da filha.

— Na verdade, tenho sim — respondeu ela, surpreendendo até a si mesma. — Tenho vontade de ir a Bombaim. De ver todo mundo uma última... Ver todo mundo de novo.

Não sabia ao certo se dissera isso apenas para ferir Richard por não consultá-la sobre Nantucket.

Fez-se um breve silêncio.

— Vai ser meio pesado, não, meu bem? — comentou, com delicadeza, Richard. — Quer dizer, é uma cidade difícil, mesmo na melhor das situações.

Duas coisas aconteceram quando Armaiti ouviu essas palavras. Primeiro, percebeu que estava representando, que não tinha qualquer desejo genuíno de perambular, na sua situação atual, pela cidade quente, úmida e abarrotada onde nascera. Foi a segunda percepção, contudo, que lhe tirou o fôlego. Sua saudade era tão aguda, tão doída, que parecia algo vivo há muito abrigado, silencioso e invisível, em seu coração e que agora impunha sua presença.

Bombaim! As salas frescas e tranquilas da Galeria de Arte Jehangir. A exuberância fútil, colorida, da Fashion Street. A liberdade inebriante de

caminhar ao longo da marina durante um temporal. O êxtase gastronômico de morder uma trouxinha de galinha no Paradise e sentir a maionese, dourada como o sol, escorrer por entre os dedos.

E, acima de tudo, a companhia das outras três. As quatro pegando o trem para Lonavala, pendurando-se para fora da porta aberta e sentindo o vento no rosto. Passar tardes inteiras ouvindo música na Rhythm House. Assistir a reprises de *Nosso amor de ontem* e *Spartacus* no cinema Sterling nas manhãs de sábado.

Laleh, Kavita, Nishta. Os nomes se misturaram num só e se transformaram em oração. Lembranças de um paraíso perdido.

— Amor, tudo bem com você? — perguntou Richard, e Armaiti assentiu, incapaz de falar.

Ergueu os olhos, viu a expressão confusa do marido e da filha e se recompôs.

— Eu só... Eu só estava pensando nas velhas amizades e de repente...

Mas suas palavras foram tão parcas, a descrição de Lal, Ka e Nishta como "amizades" tão inadequada e banal que Armaiti parou. Jane Stillman era uma amiga, assim como Susan Jacobs. Só que não tinha nada a ver. Ela jamais tinha participado de uma passeata com Jane, jamais tinha enfrentado de mãos dadas com Susan um pelotão de policiais. Laleh e as outras não haviam sido apenas suas amigas, mas, sim, camaradas. E, embora a palavra tivesse se tornado pejorativa desde a queda do Muro, de repente se tornou viva e reluzente para Armaiti, repleta de peso e significado, tão luminosa quanto o amor.

Não se apercebera de estar chorando até ouvir a voz de Diana, tão madura e mais velha do que tinha direito a ser:

— Tudo bem, mãe. Você precisa chorar. É bom para a alma.

Ouvir as palavras que dissera à filha em várias ocasiões fez Armaiti ter vontade de rir. Deu-se conta de que o marido e a filha supunham que ela estivesse chorando por causa do diagnóstico, mas não havia como explicar que seu luto era menos pelo futuro abortado do que pelo passado abortado. Os quatro anos de faculdade pareciam agora ter passado rápido demais. Nada podia, de fato, explicar por que ela não continuara a manter contato próximo com as amigas depois de partir para os Estados Unidos, a menos que fosse o seguinte: essa partida em si representava uma espécie de derrota — a admissão inaudível, mas incontestável de que os dias de jovens radicais do grupo tinham chegado ao fim.

— Mãe — chamou Diane, com uma nova urgência na voz. — Existe alguma coisa que você tenha vontade de fazer? Isto é, além de visitar a Índia? Aliás, até isso — emendou Diane, lançando para o pai um olhar de desafio —, até para isso, se você de fato quiser, a gente dá força. Faço

companhia a você. Vai dar tudo certo.

Armaiti sorriu. Em certos aspectos, Diane lembrava Laleh — a indignação, a ferocidade de um cãozinho, o desejo incansável de proteger. Era um absurdo Laleh nunca ter chegado a conhecer sua filha. E Ka. Havia aquela coisa não resolvida com Ka. Armaiti não se esquecera do quanto Kavita se mostrara fragilizada na presença de Richard na época do casamento. Que pena.

Diane aguardava uma resposta.

— Seu pai tem razão, filha — disse Armaiti. — Viajar para a Índia seria muito difícil neste momento.

— Então peça para que elas venham visitar você.

Armaiti lançou um olhar para Richard. Você pode entrar na conversa quando quiser, disseram seus olhos, mas ele a fitou, impassível. Ela deu um suspiro.

— Não é tão fácil, querida. Cada uma tem sua vida, é claro. Além disso, não falo com Ka e com Nishta há uma eternidade.

— Mãe — exclamou Diane. — Elas são suas amigas mais antigas. Passei a infância toda ouvindo você falar delas. Garanto que se ligasse para elas... Garanto que elas viriam correndo se soubessem como você está doente. — Franziu o cenho, de repente. — E quem sabe possam botar algum juízo na sua cabeça. Eu, com certeza, não consigo.

Mas tem tanta coisa que você ignora, filha, pensou Armaiti. Como a situação se complicou, por exemplo, apesar do nosso afeto mútuo.

— Mãe?

— Sei que a sua intenção é boa, filha. Mas não mantive contato com elas. Parece meio egoísta pedir que interrompam suas vidas só porque eu... — Ela se obrigou a dizer as palavras: — só porque estou morrendo, não acha? — concluiu, enquanto pensava: quando foi que fiquei tão ajuizada, tão pragmática como uma professora de meia-idade?

Richard pigarreou:

— Ora, isso é ridículo, Armaiti. Em primeiro lugar, você não faz ideia de qual será a reação delas. E, em segundo lugar, eu as conheci, lembra? Garanto que todas terão o maior prazer em fazer o que puderem.

— Isso foi há muito tempo, Richard. Os tempos mudam, e as pessoas também.

Richard recostou-se na cadeira e observou as duas:

— Bom, não custa nada perguntar. Podemos custear todas as despesas.

Armaiti abriu a boca para argumentar, mas nesse momento viu Diane inclinar-se um pouco na direção do pai. Era um sinal que o tempo lhe ensinara a reconhecer — e temer. Significava que pai e filha haviam unido forças contra ela.

— Está decidido, então — disse Diane, como se Armaiti já tivesse concordado.

Conversaram sobre o assunto durante todo o caminho de volta, e Armaiti não pôde negar que seu coração dava pulos de alegria ante a ideia do encontro. Além disso, mesmo que elas não viessem, seria ótimo entrar de novo em contato com as outras. Talvez elas pudessem, simplesmente, se falar por telefone algumas vezes por mês.

Ainda assim, Armaiti ficou nervosa. Com exceção de um ou outro e-mail, há anos não se comunicava com Laleh. Agora, do nada, iria despejar aquela notícia no colo dela e de Kavita. Seu pedido era absurdo, sem dúvida.

— Você tem certeza? — perguntara a Diane antes de pegar o telefone na manhã seguinte.

— Mãe — rosnou Diane —, tenha dó. O que de pior pode acontecer? Vamos, ligue.

— Está bem. *Está bem*.

Discou pela metade o número de Laleh e parou, assaltada por um pensamento.

— Quando devo pedir que venham? Em que mês? — indagou de Richard.

Percebeu uma ponta de pena nos olhos do ex-marido antes que ele desviasse o olhar.

— Logo — respondeu Richard. — Logo.

* * *

Agora, ao entrar na cozinha, Armaiti se sentiu grata pela insistência de Diane. Laleh concordara de imediato. Kavita havia ligado duas horas depois. E a possibilidade de uma visita levantara o astral em casa. Não que Diane estivesse inclinada a aceitar sua decisão de recusar o tratamento. Continuava de cara feia, fazendo observações sarcásticas e, de forma geral, deixando clara sua desaprovação. Tudo bem, pensou Armaiti. Que ela sinta raiva, pois vai ajudá-la a enfrentar os meses que estão por vir.

Diane despejava batatas cozidas numa peneira quando a mãe entrou.

— Quer ajuda? — indagou Armaiti, e Diane lhe entregou o espremedor.

— Você faz o purê? E não economize na manteiga, viu? — acrescentou, examinando, de maneira crítica, a mãe. — Precisamos fazer com que você engorde.

Armaiti sorriu:

— Sim, senhora.

A família resolveu jantar na varanda fechada. Quando se sentaram, Armaiti tirou o celular do bolso e o pôs sobre a mesa. Richard cobriu sua mão com a dele.

— Ainda não está na hora — disse. — Não é nem meio-dia em Bombaim, lembra?

Ela sorriu:

— Sei disso. Só estou preocupada de elas não encontrarem os pais de Nishta.

— Se tiver que ser, será. Agora, relaxe — aconselhou Richard encostando seu copo de vinho ao copo-d'água dela. — *Bon appétit*.

Armaiti observou com algo que beirava admiração Diane comer sofregamente o salmão grelhado preparado por Richard. Será que algum dia já tive um apetite desses?, perguntou-se. Duvidou que sim. Nenhuma mulher comia com esse prazer na Índia em que ela cresceu. E menos ainda em sua família. Quando Armaiti era criança, a mãe tinha predileção por uma expressão: "modos de moça". "Esses não são modos de moça, *deekra*", reprovava, caso Armaiti pedisse para repetir o bolo numa festa de aniversário, ou "Não é delicado, meu bem", se ela assoasse o nariz com excesso de força. A vida da mãe era regida por um mandamento e medida por um parâmetro: O Que os Vizinhos Hão de Dizer? E Armaiti, para proteger a mãe tímida, frágil e viúva, em geral obedecia. Isto é, até sua melhor amiga, Laleh Madan, ler *Que fazer* de Lênin e emprestá-lo a ela. A vida de Armaiti, então, começou a ser guiada pelo princípio oposto: Fodam-se os Vizinhos. Que se danem esses vizinhos pequeno-burgueses e os lugares-comuns hipócritas que saíam de suas bocas.

— Então, a tia Laleh e a tia Kavita vêm com certeza? — perguntou Diane de boca cheia.

— Acho que sim — respondeu Armaiti, agradecida de poderem conversar normalmente ao menos sobre esse tópico. — É o que estão tentando.

— E a tia Nishta?

— Não sei. — Armaiti olhou para o celular, torcendo para que tocasse. — Vamos saber por Laleh daqui a uma hora mais ou menos.

Tinham acabado de ligar para Armaiti com a boa notícia sobre a sra. Lokhanwala, e agora Kavita estava deixando Laleh no consultório do dentista. Adish, cumprindo a palavra dada, conseguira uma consulta de emergência.

— Tem certeza de que não quer que eu espere com você? — ofereceu de novo Kavita.

— Não. Não se preocupe. Adish, ou um dos meninos, vem me pegar.

— Os meninos. Como vão eles?

— Bem. Indestrutíveis. Ferzin está amando a faculdade, quero dizer, tudo menos a parte do estudo. E Farhad... Bom, Farhad é... Farhad. Pateta, bem-humorado, despreocupado. Só Deus sabe o que será dele.

— Ele vai se virar muito bem. Sério, você não sabe a sorte que tem.

Laleh olhou a amiga de soslaio.

— É, você e Farhad sempre tiveram uma ligação especial — comentou com prazer na voz.

— Vai ser bacana conhecer Diane — disse Kavita. — Finalmente.

— É.

— Mas posso dizer uma coisa, Laleh?

— O quê?

— Fiquei chateada de saber que Armaiti não quer tentar a radioterapia. Não culpo Diane por estar furiosa. É uma loucura não lutar, você não acha?

Laleh soltou um suspiro profundo.

— Você sabe como Armaiti é, Ka. Ela sempre foi assim, toda meiga e delicada, mas de aço por dentro. Teimosa como ela só.

Kavita assentiu. Ambas se calaram, até que Laleh disse, num tom tão baixo que Kavita se perguntou se ouvira direito:

— Eu é que deveria ter acabado no hospital.

Kavita desviou os olhos da direção um segundo:

— Como assim? Ela não está no hospital, está em casa.

— Não agora. Antes.

— O quê?

— Não se lembra? Depois da passeata? Ela foi para o hospital por causa de uma concussão.

Kavita precisou de um minuto para atinar com o que Laleh estava falando.

— Em 1979? Depois do choque com a polícia?

— Isso mesmo.

— Hã. — Kavita aguardou, imaginando o que levara Laleh a trazer à baila um episódio tão antigo. Quando percebeu que Laleh não esclareceria, perguntou: — O que fez você pensar nisso agora?

Laleh fitou-a com uma expressão furtiva no rosto.

— Fico imaginando se o tumor apareceu por causa... Ela teve uma concussão muito séria, lembra? E a amnésia?

Para alguém tão pragmático, Laleh podia ser um bocado dramática às vezes, pensou Kavita. Graças a Deus se casara com um sujeito bem-humorado e equilibrado como Adish.

— Isso é maluquice, Lal — observou.

— Será? — perguntou Laleh, evasiva. — De todo jeito, se eu estivesse lá naquele dia, poderia ter protegido Armaiti.

— Protegido Armaiti? Contra aqueles gorilas? Os sacanas piraram naquele dia. Pode crer, eu sei. Eu estava lá.

Uma visão da cela úmida e da humilhação que se seguiu brotou na mente de Kavita, mas ela se obrigou a espantá-la. Passara a vida fugindo daquela sala cheia de homens às gargalhadas e não estava disposta a tornar a entrar nela agora.

— E eu não — estava dizendo Laleh. — É isso aí.

Por que as duas insistiam em falar de um incidente ocorrido trinta anos antes? E logo agora, que tinham coisas mais urgentes para discutir?

— Laleh, isso é bobagem... — começou Kavita.

— Eu sei, eu sei — concordou Laleh, balançando a cabeça. — Esqueça.

Kavita olhou para a amiga por um momento, confusa. Foi o choque por causa de Armaiti, disse a si mesma. Ela não está raciocinando direito. Pigarreou, então, e disse:

— Está bem. Quando você quer ir à casa de Nishta?

— O mais rápido possível.

— Pena que o telefone deles não esteja no catálogo — comentou Kavita. — Tenho a impressão de que esse endereço fica nos confins do Judas. Vai ser enlouquecedor ir até tão longe e não encontrá-la em casa.

— É, mas não tem jeito. Prometi a Armaiti que a gente iria tentar. — Laleh contemplou a paisagem por um instante. — Ainda não acredito que perdemos tão completamente o contato com Nishta e Iqbal. Nem sei quando eles se mudaram de Mazgaon.

— Não vá começar a se culpar por isso também — disse Kavita num tom brincalhão, mas incisivo. — Foram *eles* que se afastaram de nós. Você se lembra de como Iqbal estava estranho na festa de inauguração da sua casa?

Passando pelo portão do prédio de consultórios médicos, Kavita estacionou o carro e se inclinou para dar um beijo em Laleh.

— Hoje foi um dia de sorte — observou. — Vamos à casa de Nishta logo,

logo. Concentre-se nisso.

— Tem razão. Olhe, que tal eu ligar para você à noite e a gente marcar um dia para ir à casa de Nishta esta semana? Posso qualquer dia, menos quinta, que é o meu dia no abrigo feminino.

— Beleza. Ligue antes das dez, está bem?

Laleh franziu a testa:

— Espere, acabei de me lembrar. Tenho que ir a uma festa idiota hoje à noite. Ligo amanhã bem cedo.

— Ok — concordou Kavita. — A gente se vê.

Agora estava ansiosa para ir embora a fim de ficar sozinha no carro saboreando a lembrança do rápido telefonema para Armaiti mais cedo. Como Armaiti havia ficado feliz com a notícia da ajuda inesperada da sra. Lokhanwala.

— Ai, obrigada, Ka — dissera ela, e Kavita estremecera, recordando num flash a primeira vez que Armaiti havia usado o diminutivo e como o nome soara qual uma pluma a lhe roçar o rosto.

As quatro tinham ido passar o dia na praia Juhu, e ela e Armaiti estavam deitadas na areia quente, as mãos se tocando vez por outra, contemplando o céu que parecia lavado. Kavita se sentia lânguida, embalada pelo ar pesado e salino do mar a um estado de semitorpor, até despertar por completo sempre que a mão de Armaiti encostava na sua. Era a combinação mais deliciosa de realidade e sonho já vivenciada por ela. Então, em resposta a algo que Kavita havia dito, Armaiti se virou de lado, deitou a cabeça no cotovelo e baixou os olhos para o rosto de Kavita, a centímetros do dela:

— O que você não percebe, Ka...

O restante da frase se evaporou no ar tremeluzente da tarde, porque o apelido pousou nela como um beijo, e tudo que Kavita podia ver agora era o cabelo de Armaiti incendiado pelo sol, os pontinhos de luz nos olhos castanhos e cálidos de Armaiti, o rosto dourado de Armaiti de encontro ao céu azul índigo, obscurecendo... Não, substituindo o sol.

Kavita esperou que Laleh cruzasse a porta principal do prédio do dentista, deu partida no carro e dobrou à esquerda na rua movimentada.

Armaiti. Será que algum dia amara tanto outra pessoa? O que tinha agora com Ingrid era tão diferente. Kavita se lembrava das inúmeras noites que passou deitada em sua cama de solteiro, ansiando por Armaiti, tentando impedir que as mãos acariciassem o próprio corpo, procurando racionalizar o calor que aos poucos lhe subia pelas pernas, justificar em termos antropológicos o desejo sexual que a deixava com a boca seca, tentando não ver o rosto que se impunha diante dos olhos muito bem-fechados, não ouvir o nome que ameaçava escapar de seus lábios entreabertos. Armaiti. Armaiti — os olhos sinceros, o humor sagaz, maldoso, o coração generoso. E as

partes que Kavita via em sua recusa a enxergar: os lábios finos, sensuais; os olhos castanhos cristalinos; os seios atrevidos, na medida certa para encher a mão de uma mulher; os quadris generosos que se encaixariam com perfeição nos seus.

Estavam na Índia. Era o fim da década de 1970. O Ocidente, com seu movimento feminista e o de liberação gay, bem como sua permissividade e promiscuidade, ficava, no mínimo, a um planeta de distância. Estavam na Índia no fim da década de 1970, e o país ainda tentava entender o pesadelo dos anos de emergência, a corrupção era endêmica, os preços da comida e da instrução subiam e os serviços públicos iam de mal a pior. Como querer que um indivíduo decente se preocupasse com os anseios do próprio coração? Estavam na Índia no fim da década de 1970. Como pretender sequer saber que nome dar a essa estranha e indecorosa obsessão por outra mulher? De vez em quando, a mente de Kavita rondava a palavra proibida, mas então ela se lembrava do que o irmão mais velho, Rohit, lhe dissera um dia: "Homossexualidade é o que os homens fazem uns com os outros na cadeia." O que uma coisa tão feia tinha a ver com o que ela sentia na presença de Armaiti? Podia chamar de amor, sim, mas ela também amava Nishta e Laleh, embora as duas não fossem o motivo pelo qual esperava ansiosa a hora de ir para a faculdade todos os dias. E, como não havia palavra, não havia descrição para o seu sentimento, era fácil — ou pelo menos possível — reprimir tal desejo, canalizar a injustiça básica da sua situação para um desejo de justiça para todos os despossuídos do mundo. Não podia — e não iria — considerar-se um deles, não na Índia do fim da década de 1970, não em um lugar onde as crianças malnutridas e os leprosos com buracos no lugar do nariz assombravam as ruas e a maioria do povo não sabia ler ou escrever o próprio nome.

Kavita levou uma fechada e pisou com força no freio, detonando um protesto de buzinas que ela mal ouviu. Armaiti estava morrendo, provavelmente estaria morta antes de completar cinquenta anos.

Armaiti com quase cinquenta anos. Parecia impossível. Kavita se perguntou como ela estaria agora, acrescentou vinte quilos à garota comprida e magricela que conhecera para produzir uma figura matronal, deu à menina de rosto anguloso um queixo triplo e tornou os movimentos lépidos mais lentos e deliberados.

Não funcionou. Continuava a lembrar-se de Armaiti na lanchonete da faculdade com o rosto iluminado pelo sol que as janelas sujas filtravam; Armaiti ao piano, e ela ao violão aprendendo os acordes de uma canção nostálgica; sentada a seu lado na marina observando o céu do fim do dia se tingir de laranja e ouro; as duas apanhadas de surpresa por um temporal repentino, ensopadas antes de conseguir sequer abrir o guarda-chuva e

morrendo de rir durante todo o caminho de volta para casa.

Jamais contara a Armaiti o que sentia. Naquela época não se falava de questões do coração. Os únicos meninos sobre os quais conversavam se chamavam Lênin, Marx e Mao. Claro que Adish e Iqbal sempre zumbiram em torno de Laleh e Nishta, mas as garotas agiam como se mal os vissem. Indiferença. Essa era a postura delas, sua pose. Quão diferentes das outras adolescentes! Apaixonadas sim, mas pela política, não por amor. Corações partidos, unhas quebradas, promessas rompidas — tudo que deixava suas colegas histéricas, elas ignoravam. As quatro eram um bando esdrúxulo, excêntrico e nada convencional. Fumavam, bebiam, diziam palavrão. Afirmavam acreditar em amor livre, mas de muitas formas eram tão virginais quanto as freiras.

Por quê?, perguntou-se Kavita. Por que éramos tão cautelosas? Por mais próximas que fôssemos, sob certos aspectos, éramos quase tímidas entre nós. Sua mente retornou ao que Laleh dissera uns minutos antes, a culpa que sentia por não estar presente no dia da passeata. Será que Laleh de fato carregava aquele fardo há todos esses anos? E ela? Por que jamais contara às outras o que o inspetor de polícia lhe fizera durante a detenção na noite da passeata? Como seu assistente a penetrara com os dedos, como os homens na sala haviam rido da sua humilhação? Como o episódio quase a tirou do prumo, tendo sido o primeiro passo em seu afastamento do ativismo político, que um dia pensara ser sua vida?

A lembrança de uma humilhação levou a outra. E, embora essa fosse menos nítida, ainda fazia brotar suor em seu lábio superior, obrigando-a a abrir a janela do carro para respirar ar puro. No ano posterior à partida de Armaiti para os Estados Unidos, Kavita lhe enviara um cartão no Dia dos Namorados. Hesitara em fazê-lo durante semanas e enfim, incapaz de esconder ou de revelar seus verdadeiros sentimentos, acabara por escolher um cartão brincalhão e depois o assinara com a frase *Sempre vou te amar*. Foi o mais próximo que conseguiu chegar de permitir que Armaiti soubesse. Ao longo de semanas esperou que a amiga acusasse o recebimento ou respondesse, e, quando isso não aconteceu, a esperança se transformou em vergonha e autorrecriminação. Sua idiota, idiota, repreendeu a si mesma. Enfim, um aerograma azul-claro chegou pelo correio — uma carta cheia de notícias de Armaiti, que falava das aulas, dos livros que estava lendo, do concerto de Leonard Cohen a que assistira, que comentava em tom brincalhão a vida nos Estados Unidos de Ronald Reagan, mencionava um jogo de tabuleiro chamado Risco no qual se viciara e um colega de turma chamado Richard.

Depois de todos aqueles anos, Kavita ainda se lembrava do frio que sentira no estômago quando leu o nome de Richard. Porque, sem saber, ela

sabia. Armaiti jamais mencionaria o nome de um rapaz a menos que o levasse a sério. E esse era o seu jeito de delicadamente rechaçar a declaração de Kavita.

Kavita pisou forte no acelerador sem se dar conta de estar avançando um sinal vermelho enquanto chegava a uma decisão. Se fossem para os Estados Unidos — *quando* fossem para os Estados Unidos com ou sem Nishta —, ela contaria a Armaiti. Talvez não sobre a noite na cadeia, mas sobre a outra coisa. Sobre o amor. Sobre como ele florescera, inesperado e delicado, mesmo no inóspito solo estéril da Índia da década de 1970.

Adish Engineer enfiou dois dedos no pote de prata e molhou os olhos com a água benta do poço Bhika Behram. A água pareceu fria de encontro aos olhos cansados. Acenou com a cabeça para o punhado de outros fiéis parses reunido à volta do poço e depois caminhou até um canto afastado onde pudesse rezar. Desabotoou os botões inferiores da camisa de modo a poder alcançar o *kusti*, o cordão de contas sagradas sob a *sudra*, a roupa de baixo fina que era um símbolo da sua fé. Desamarrou o *kusti* da cintura.

— *Ashem vahu* — rezou de olhos fechados.

Mais que do abrigo fresco de um templo de fogo, Adish gostava de ir ali para rezar. Ao contrário do claustro escuro e exclusivo do templo de fogo, no qual apenas parses podiam entrar, o poço Bhika Behram ficava no centro de um amplo aposento, revestido de mosaicos e aberto para a rua movimentada. Adish adorava a contradição de estar nesse espaço arejado e tranquilo enquanto à volta buzinas tocavam, ambulantes berravam e a multidão dos funcionários burocráticos de Bombaim se deslocava num ritmo frenético. Gostava de se concentrar em suas orações a ponto de bloquear os sons da metrópole fervilhante ao seu redor. Apreciava o aroma das guirlandas de rosas e o odor intenso das lamparinas a óleo acesas por outros fiéis. Adorava a companhia dos parses idosos e antiquados que se reuniam ali para rezar e sentia prazer em tocar a testa e cumprimentá-los com um respeitoso "Sahibji". Esse lugar o acalmava, afastava-o do estresse dos negócios e da família.

E ele precisava se afastar da família — especificamente de Laleh — durante uma hora ao menos. Ainda que tivessem feito as pazes antes de dormir, uma parte dele ainda continuava furiosa pela maneira como a esposa se portara na festa da véspera, com que atrevimento ela insultara Girish, o anfitrião. Claro que havia a dor do tratamento dentário. Claro que ela estava chocada com as notícias terríveis sobre Armaiti. Mas, apesar dos pesares, seu comportamento tinha sido indesculpável.

* * *

A festa era tão grande que os dois já haviam chegado havia uma hora e ainda não tinham visto os anfitriões.

— Quanto tempo vamos ficar aqui? — perguntou Laleh com um bocejo. — Estou cansada.

— Você se lembra de como fui de boa vontade ao teatro na semana

passada? — falou Adish, sorrindo. — Por acaso pedi para sair no intervalo?

— Não ouse comparar esta festa abominável com aquela experiência celestial.

— Shhh. Fale mais baixo — recomendou Adish, tomando o que restara de uísque no copo. — Tudo bem. Vamos cumprimentar Girish antes de ir embora.

— Vá você. Não aguento mais essa conversa fiada.

— Laleh! — Adish lhe deu a mão e discretamente puxou a esposa pela sala até onde Girish recebia os súditos, cercado pela sua *entourage*. Vestindo camisa bege de algodão e calça jeans, Girish mais parecia um diretor de cinema jovem do que aquilo que de fato era: um importante incorporador imobiliário, herdeiro de uma fortuna têxtil.

— Muito prazer, sra. Engineer — disse ele a Laleh, depois que Adish os apresentou. — Que bom que pôde vir.

— Obrigada — respondeu Laleh. — Bela festa — disse ela num tom neutro e distante.

Girish fez uma reverência:

— A gente tenta. — Depois de olhar à volta, acrescentou: — Deixe que lhe apresente minha esposa. Esta é a minha encantadora Bindu.

À menção de seu nome, Bindu virou-se ligeiramente na direção dos Engineer, concedeu-lhes um meio-sorriso e sem mais palavras tornou a se concentrar nas amigas. Laleh arqueou uma sobrancelha, e Girish emendou depressa:

— Bindu é tímida com estranhos.

— Minha cachorrinha também era, mas nós a treinamos.

Girish empalideceu:

— Como... Como disse? Você...?

— Desculpe — começou Laleh. — Não tive a intenção...

Adish interveio:

— Lal é louca por aquela cachorrinha — disse com diplomacia. — Juro que já a ouvi compará-la aos nossos filhos.

— *Nós* temos um cachorrinho — disse Bindu. A voz era esganiçada, infantil. — Um cão-d'água português. Como o dos Obama. Quando eles compraram um, pronto, também tive de comprar. — Ela sorriu. — Meu sogro encomendou dos Estados Unidos.

Uma veiazinha latejou na testa de Laleh:

— Vocês importaram um cachorro dos Estados Unidos?

Adish virou bruscamente a cabeça, alertado por uma nota peculiar na voz de Laleh. Antes, porém, que pudesse dizer alguma coisa, Girish falou:

— Meu pai é louco pela Bindu. Vivo dizendo a ele: *Papaji*, não mime tanto a minha mulher. — A *entourage* soltou murmúrios de aprovação. Ele, então,

olhou para Laleh. — Meu pai é Motilal Chandani, você deve saber.

— Sei. Conheço o seu pai.

Girish riu:

— Todo mundo conhece o meu pai.

Adish viu Laleh transferir o peso para a outra perna e sentiu desânimo. Decerto a esposa não iria tão longe. Girish era um cliente novo. Ela saberia se comportar. Tentou captar seu olhar, mas Laleh fitava Girish sem piscar.

— Costumávamos fazer piquetes do lado de fora das fábricas de tecido dele — disse Laleh. Com os olhos escuros examinou o rosto de Girish. — Seu pai se recusou a dar aos empregados um aumento de doze *paisa* pela hora trabalhada. Dá para acreditar?

Girish empalideceu. Depois deu um riso nervoso. Bindu, que voltara a conversar com as amigas, virou-se para olhá-los, curiosa.

— Sua esposa é uma mulher engraçada — disse Girish a Adish.

— É mesmo — confirmou Adish de cara fechada e tocou no cotovelo de Laleh para alertá-la, mas ela sacudiu o braço.

— De todo jeito, meu pai agora está aposentado — esclareceu Girish, numa voz alegre, como se esse fato justificasse todos os malfeitos do passado.

— Eu sei — disse Laleh. — Ele ganhou mais dinheiro ainda loteando a terra onde ficavam as fábricas do que teria ganhado se elas continuassem funcionando. É lá que os seus arranha-céus estão sendo construídos.

— Foram os malditos sindicatos — disse Girish. — Eles tornaram impossível para um empresário ganhar um sustento decente.

Laleh soltou um risinho.

— Ora, por favor. Seu pai se deu muito bem. É com os operários que perderam o emprego quando seu pai fechou as fábricas que devemos nos preocupar, não?

— Ei, você é o quê? — exclamou Bindu, rindo. — Uma terrorista?

Fez-se um breve silêncio antes que Girish emendasse:

— Comunista. Bindu quis dizer "você é uma comunista?".

Ele riu, implorando com os olhos para que sua *entourage* fizesse o mesmo. Todos obedeceram.

Adish ouviu Laleh emitir um som parecido a um rosnado grave e depressa envolveu seus ombros com o braço e os apertou ligeiramente num sinal de alerta.

— Sinto muito. Desculpe. Minha mulher... — Girish o fitava, curioso. — Precisamos ir. Ela não está se sentindo bem. Passou por um tratamento dentário hoje. Lamento. Ligo para você amanhã, Girish, combinado?

Arrancou então Laleh, sob protestos, do apartamento de cobertura e a enfiou no elevador. Aguardou de cara fechada até as portas se fecharem e

então se virou para ela:

— Por que diabos você fez aquele teatro todo? O que deu em você, afinal?

Laleh permaneceu calada.

— Laleh, quero uma resposta. Como é que você ousa ofender o meu cliente desse jeito? Que bicho mordeu você hoje?

Ela ergueu os olhos, que faiscavam, perigosos.

— Já lhe disse um milhão de vezes para não me arrastar para suas festas de trabalho. Você sabe como eu fico no meio dessa gente.

— Essa gente? — irrompeu ele. — Essa gente? — Ele a segurou pelo ombro e a obrigou a virar-se, de modo que ambos encararam a parede espelhada do elevador. — Olhe bem para você, Laleh. Você, eu, nós somos essa gente. Você tem empregada e motorista, mora num apartamento enorme em Cuffe Parade, gasta dinheiro como lhe dá na veneta. Quem você está pensando que é? Uma proletária? Você não tem mais vinte anos, Laleh. Já não é mais uma garota rebelde sendo malcriada com o próprio pai. Por isso desista. Desista e pronto.

— Não é o que se tem, Adish, mas o que se é, que valores prezamos.

Adish bateu com o punho no aço do elevador.

— Raios, Laleh. Você tem ideia da sua arrogância? Está sugerindo o quê? Que somos melhores do que os Chandani? Que ousadia é essa?

— Devia saber muito bem que você não entenderia — disse ela e depois se calou um segundo para então acrescentar numa voz conciliadora: — De todo jeito, fui meio brincalhona quando comparei a mulher dele ao nosso cachorro inexistente.

Ele estava prestes a dizer *Isso é redundante. Não se pode ser meio brincalhona*, mas se refreou, preferindo não embarcar no bate-boca costumeiro com Laleh. Sabia aonde isso levaria: Laleh diria algo muito espirituoso, e ele riria, esquecendo de imediato a raiva. Mas ela extrapolara os limites esta noite, e ele não a deixaria safar-se tão facilmente.

— Quer saber, Laleh? Você já causou prejuízos suficientes para uma noite. Já chega, está bem?

A raiva amainou, transformando-se em melancolia, enquanto Adish dirigia o carro na volta para casa. Era impressionante como Laleh podia passar de alma gêmea a estranha no curso de um único dia. Várias vezes ele abriu a boca para falar, mas mudou de ideia, sem querer perturbar o silêncio. Entrou com o carro na garagem subterrânea do prédio e então se virou para a esposa:

— Vou lhe dizer uma coisa, Laleh. Sei que você se envergonha da vida que levamos. Sei que você se envergonha até mesmo de mim...

— Isso não é verdade — interrompeu ela.

— Não minta. Você se envergonha, sim. Mas quero dizer uma coisa: eu

não. Não me desculpo pelo que tenho, Lal. Você teria sido feliz casada com um operário pé-rapado com água gelada nas veias e tuberculose nos pulmões. Bom, esse aí não sou eu. Tenho orgulho de dar à minha família uma vida boa. E podemos ajudar mais os outros agora do que jamais poderíamos se fôssemos mortos de fome.

— Quanto mais envelhece, mais você se parece com o meu pai. Isso é precisamente o que ele diria.

— E daí? Seu pai foi um grande homem.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Você nem sabe o que está dizendo.

— Estou dizendo que não estou disposta a jogar a toalha, escutou? Eu me recuso a acreditar que aquilo que um dia defendemos era apenas fantasia e que gente como Girish é que foi esperta o tempo todo.

Adish fez um ruído de exasperação.

— Por que você precisa ser tão dramática, Laleh? Por que aquela época não pode ter sido um momento na história? Depois a história mudou, e o momento passou. — de modo automático, Adish tirou um fiapo do paletó. — Você se lembra do dia em que os soviéticos invadiram o Afeganistão? — perguntou de chofre.

— Claro que me lembro. Estávamos sentados na sala de Kavita quando ouvimos a notícia no rádio.

— E você se lembra do que dissemos todos? Que os dias do Império Americano tinham chegado ao fim, que a União Soviética era a nova potência imperial. — Os lábios de Adish se contorceram num sorriso. — Você se dá conta do quanto estávamos errados? Alguns anos depois, a União Soviética se partiu em milhares de pedaços e desapareceu como um sonho de criança. Sem mais nem menos.

— Estávamos errados, tudo bem. O que isso prova?

— Tem razão. Por si só, não prova nada. Mas, Lal, também achávamos que a liberalização da economia acabaria com a Índia. Em vez disso, veja o que aconteceu. A economia está bombando. Merda, tem tanta construção em andamento em Bombaim que a minha empresa não consegue dar conta.

— E, enquanto isso, os fazendeiros estão se matando em números recordes — atalhou ela. — E as lutas por comida explodem a toda hora no campo.

— Laleh, a Índia é um país enorme. Vai levar tempo. Enquanto isso, veja o nosso Farhad. Veja o orgulho que ele sente do próprio país. Perguntei na semana passada se ele queria ir estudar no exterior. Ele me disse: "Pai, por que eu iria para o exterior se tenho tantas oportunidades aqui?" Isso não é uma baita diferença?

— O que tem de mais? Todos podíamos ter ido embora. Optamos por ficar.

— Verdade, mas, Lal, optamos por ficar por causa de um sentimento equivocado, torcido, de lealdade com a Índia. Não é por isso que Farhad quer ficar. Ele quer ficar em benefício próprio. Nós ficamos em benefício da Índia. É diferente.

* * *

Não adianta, pensou agora Adish, cofiando as contas do *kusti* com mais vigor que de hábito. Ela não há de mudar jamais. Laleh era a mulher mais exasperadora, mais irritante que ele conhecia. Mas também era a mais leal, apaixonada e justa. E ele não conseguia imaginar sua vida sem ela. Aí está: um dilema. Quando ela sorria para ele daquele jeito coquete, sedutor, o coração de Adish ainda saltava como uma baleia treinada. Depois de todos esses anos.

Encaminhou-se para o setor do templo onde ardiam as lamparinas de óleo e resolveu acender uma para Armaiti. Ela sempre foi gentil com ele na faculdade, defendendo-o, protegendo-o do açoite do sarcasmo de Laleh e lhe dando conselhos sobre como conquistar seu afeto.

— Olhe — disse ela certa vez. — Conheço Laleh desde o ensino médio. Sabe qual é a melhor maneira de fazê-la prestar atenção em você? Ignore-a.

Ele estava sorrindo da lembrança quando sentiu alguém lhe bater de leve no ombro. Era Maneck Sethna, o velho com mal de Parkinson em estágio avançado que rezava no poço todos os dias.

— *Sahibji*, Maneckshaw — cumprimentou Adish.

— *Sukhi re, deekra, sukhi re* — respondeu Maneck. — Seja feliz.

— Obrigado. Como vai você?

Os olhos do homem se encheram de lágrimas.

— *Chalta hai, deekra*. A vida continua. — Adish notou a dificuldade com que o outro pronunciou essas palavras. O Parkinson parecia ainda pior do que ele se lembrava. Voltou, então, a atenção para as palavras de Maneck. — Estou preocupado com meu filho — prosseguiu o velho.

— O que houve?

— Ele perdeu o emprego, *deekra*. Estava trabalhando como contador para a Kitar Enterprises. Mas os negócios iam mal, por isso o demitiram. Ele tem mulher e três filhos. Não consegue arrumar outro emprego. Tento ajudar, mas com a minha pensão não posso fazer muita coisa.

Adish ficou aliviado por estar diante de um problema solucionável. Ao contrário da situação em que se achava Armaiti, neste caso ele podia ajudar.

— Faça o seguinte, Maneckshaw — disse ele enquanto remexia no bolso da camisa atrás de um cartão de visita. — Mande seu filho ligar para este número na segunda-feira de manhã e falar com Ashok, meu contador-

chefe. Garanto que vamos encontrar um cargo para ele na minha empresa.

Maneck fitou-o de boca aberta:

— Como foi que disse, *deekra*?

Adish riu:

— Disse que vou tentar contratar seu filho.

O velho agarrou a mão de Adish entre as suas:

— Este é o milagre deste lugar sagrado. Quando me aproximei de você, não fazia ideia. Muitas bênçãos o cubram, *beta*.

— Ótimo — respondeu Adish num tom leve. — Preciso de todas as bênçãos que puder receber. — Retirando a mão de entre as mãos trêmulas de Maneck, acrescentou: — Bom dia, Maneckshaw. Até breve.

* * *

Ela não tomara banho. Foi a primeira coisa que Adish percebeu quando entrou no apartamento e foi até o quarto. Em todos aqueles anos de casamento, ele jamais vira Lal esperar até tão tarde para tomar banho. Encontrou-a sentada no centro da cama, os joelhos dobrados de encontro ao peito, balançando-se ligeiramente. O cabelo grosso e escuro se soltara, e, quando ela ergueu os olhos para Adish, o rosto estava molhado e os olhos, vermelhos e inchados.

E, sem mais aquela, a raiva residual provocada pelo incidente da noite anterior se evaporou.

— Ah, Lal — exclamou Adish, aproximando-se dela.

Obrigou-se a ignorar o fato de que ela enrijeceu de maneira imperceptível quando ele se sentou na cama e pôs o braço em volta de seus ombros. Por um segundo, Adish se perguntou se Laleh ainda se ressentia da discussão da véspera.

— O que foi, querida? — indagou.

— Armaiti ligou — respondeu ela. — É madrugada lá, mas ela não estava conseguindo dormir. — Virou o rosto para encarar o marido. — Armaiti está morrendo. Minha amiga mais antiga de toda a vida está morrendo.

— Sei disso. É muito triste.

Adish mordeu a língua para se impedir de observar que ela e Armaiti não tinham quase nenhum contato havia anos.

— Não importa — disse Lal, como se respondesse ao pensamento não verbalizado dele. — Não importa que a gente não se fale muito ou não mantenha contato. Armaiti foi, é uma parte de mim. A parte melhor, mais pura, de mim.

Antes que pudesse evitar, Adish foi tomado por um ciúme cuja origem datava de uma época mais antiga: os anos de faculdade, quando Laleh

parecia tão sintonizada em Armaiti e tão sem interesse por ele.

— O amor não morre quando as pessoas morrem, *janu* — disse ele. — O que você e Armaiti partilharam continuará para sempre vivo.

Foi a coisa errada a dizer, a expressão no rosto de Laleh lhe confirmou.

— Não tente me apaziguar com essa sua baboseira espiritual, Adish — atalhou Lal. — Pode funcionar com você, mas comigo não. O fato é que Armaiti está morrendo, e fui uma péssima amiga para ela. Nada altera isso.

Ele sentiu o rosto enrubescer.

— Só estava tentando... Só estava tentando ajudar — disse ele.

— Você não pode ajudar, Adish. Ninguém pode. Ambos sabemos por que Armaiti está doente.

Ele a olhou sem entender:

— Porque tem um tumor no cérebro? — falou ele, afinal.

Laleh fez um ruído que lembrou um rosnado.

— E o que causou o tumor no cérebro, seu idiota? — indagou ela. — Por que uma mulher saudável que ainda nem fez cinquenta anos de repente desenvolve um tumor?

Uma campainha começou a soar na cabeça de Adish e foi ficando cada vez mais estridente. Aos poucos, ele ia registrando o que Laleh queria dizer, mas a ideia era tão absurda, tão extravagante, que Adish deixou que o som da campainha a abafasse. Abriu a boca para falar, mas tudo que conseguiu fazer foi balançar a cabeça.

A expressão de Laleh o fez se lembrar de outro dia, muito tempo antes. Mas ele não podia pensar nisso agora, pois estava confuso. E distraído. Porque apesar do cabelo desgrenhado, dos olhos inchados de chorar, do lábio inferior mordido, Laleh estava linda. Os olhos de Adish passearam até o lugar onde o pescoço comprido e moreno encontrava a gola de uma blusa branca, usada com a calça preta que ela comprara na última viagem dos dois à Tailândia. A pedra do anel de Laleh cintilou sob um raio de sol, projetando um fugaz arco-íris na parede.

— Lal... — aventurou-se Adish.

— Aconteceu, Adish — disse ela com veemência. — Levou anos e mais anos para me pegar, mas me pegou. Você sabe do que estou falando. Você estava lá.

Ele se encolheu, se encolheu como se ela o tivesse estapeado. Encarou-a, perdido, sem saber o que dizer. A despeito da sua tendência ocasional para o drama, Laleh era a pessoa mais pragmática que Adish conhecia. Ao longo dos anos ele aprendera a confiar na frieza das ponderações da esposa sobre quase tudo, desde a escolha do tecido para estofar os móveis até o incentivo para que ele largasse o emprego e abrisse seu próprio negócio. Laleh tinha um jeito de explicar o mundo, de reduzir problemas a suas raízes mais

básicas e depois resolvê-los, que ele sempre invejara. Desconfiava de que esse fosse um dos motivos por que ela sempre resistira à atração da fé religiosa que ele cada vez mais, com a idade, achava sedutora — Laleh temia que isso turvasse a nitidez com que via o mundo.

E agora a sua mulher estava sentada na cama lhe dizendo, chorosa, que era responsável pela doença fatal de Armaiti. Ele entendeu que o que pensara ser dor e choque diante da notícia aterradora, na verdade, era culpa. O passado voltando para assombrá-los. O passado, que ele acreditara que tivessem vencido, que tivessem enterrado como um fiapo de algodão num colchão.

— Laleh, você não está sendo coerente.

Os olhos dela estavam esbugalhados:

— Foi a surra dos policiais, Adish — sussurrou Laleh. — Você se lembra de quando ela estava no hospital? O sacana do policial tinha batido em cheio na cabeça dela. Não se lembra da amnésia?

— Isso faz trinta anos. — A voz saiu mais alta do que ele pretendia, e por um segundo Adish se perguntou onde estariam os filhos. Depois se lembrou. Ferzin tinha ido à casa de uma amiga. Farhad estava na academia de ginástica. — E não passou de uma concussão. A amnésia foi temporária.

— Kavita disse a mesma coisa, mas ainda me lembro de como a testa dela ficou coberta de hematomas. Provavelmente houve uma hemorragia interna. E provavelmente aderências da cicatriz que foram crescendo ao longo dos anos. E isso...

Ele a agarrou pelo pulso.

— Laleh, chega. Cale-se e me ouça. Você não está sendo coerente. Você não é médica. Trata-se apenas de uma coincidência, uma triste coincidência. Você precisa parar de se torturar desse jeito.

Ela falou tão baixinho que ele quase não ouviu:

— Então é assim que conseguimos a absolvição?

Adish deu um pulo da cama e ficou de pé, olhando-a de cima:

— O que foi que você disse?

— Nada — respondeu ela, mas em seguida, com um olhar desafiador, repetiu o que dissera, mais alto dessa vez.

Adish balançou a cabeça:

— Não vou deixar que você faça isso. Não vou deixar que você me envolva nessa ou em qualquer maluquice que tiver na cabeça.

— A escolha é sua. Você precisa encarar a sua consciência. Sei que fiz um pacto com o diabo. E estou pagando por isso agora.

Ele conteve as lágrimas que lhe marejavam os olhos:

— Está dizendo, então, que se arrepende da vida que temos juntos? É isso? — Fez um gesto com a mão como se quisesse abarcar o aposento e a

vida construída em conjunto. — Que nada disso tem importância?

Ela recuou, como se para vê-lo por inteiro e, então, proferiu as palavras, aos poucos, de jeito lânguido, à semelhança de um arqueiro ciente de que vai atingir o alvo:

— Ao contrário, caro Adish. Estou dizendo que tudo isso tem importância. Tudo. As nossas virtudes *e* os nossos pecados.

Ele agradeceu a saída que ela lhe ofereceu.

— Pecados? — gritou. — A mulher que minutos atrás menosprezou a minha baboseira religiosa agora fala de pecado? O que é isso, Lal? De repente, você é uma missionária? Não tínhamos nem vinte anos, Lal. Éramos mais moços que a nossa Ferzin. Não houve pecado, a menos que você fique sentada aí e me diga que o meu amor por você era pecado. E, se fizer isso, juro que quebro todos os seus dentes. Prefiro perder você a ouvi-la dizer que o meu amor por você era pecado.

— Não foi isso que eu disse. — Laleh soltou o ar e pareceu murchar, como um saco esvaziado do seu conteúdo. — Nem sei mais do que estou falando — resmungou. — Estou cansada. Não estou tentando magoar você, Adish — disse ela, fitando o marido.

Ele continuou a encará-la, transferindo o peso de um pé para o outro, sentindo o sangue latejar nas têmporas.

— Ouça — falou enfim. — Preciso passar umas duas horas no escritório, adiantar um trabalho. Tudo bem?

Laleh deu de ombros.

— Faça o que quiser.

Adish não saberia dizer o que mais o irritou, se a indiferença ou a derrota que sentiu na voz dela. Fosse o que fosse, porém, a irritação o fez cerrar os dentes.

— Muito bem — concordou com frieza. — A gente se vê.

Precisou de todo o autocontrole de que dispunha para não bater a porta da frente. Foi até o elevador e apertou o botão. Aguardou uns segundos e depois martelou o botão. Olhou para a porta do apartamento, temendo que Laleh viesse atrás dele e o levasse de volta para casa. Precisava tomar ar, precisava caminhar, arejar a cabeça. Rezou em silêncio para que Laleh não abrisse a porta, mas, assim que entrou no elevador e começou a descer, outro sentimento, contraditório, assaltou-o: decepção por Laleh não ter vindo se desculpar e lhe pedir para entrar.

O elevador chegou à portaria, e Adish permaneceu imóvel um instante, tentando descobrir se queria ir a pé ou de carro. Ao sair do prédio de cabeça baixa, não viu Farhad se aproximar.

— Oi, pai.

Adish ergueu os olhos e sorriu involuntariamente:

— Oi, chefe — disse ele. — Como foi a malhação?

Farhad deu de ombros.

— Legal — respondeu, fitando, curioso, o pai. — Aonde você vai?

— Não sei ao certo. Dar uma caminhada, talvez.

— É, sei — zombou Farhad. — Quando foi a última vez que você deu uma caminhada?

Adish deu um tapinha na cabeça do filho:

— *Chup re, saala*. Não implique com seu velho. Lembre-se de que posso ter engordado uns quilinhos, mas ainda consigo ganhar de você no tatame. E no xadrez — acrescentou.

Farhad sorriu satisfeito. Acertou o passo com o pai, andando daquele jeito desengonçado que aquecia o coração de Adish.

— Vou com você — decidiu.

Adish parou:

— Na verdade, chefe, quero ficar um pouco sozinho. — Hesitou, sem saber quanto dizer a Farhad. — Estou com... com um problema de trabalho... que preciso resolver.

Farhad meteu a mão no bolso do jeans, tirou um chiclete e pôs na boca.

— Ok. A que horas você volta?

— Você tem permissão para mascar chiclete quando está de aparelho? — perguntou Adish.

Farhad riu:

— Desde que a mamãe não veja, não vai fazer mal nenhum.

O garoto lembrava tanto um animal comprido, desajeitado, com seus sapatos enormes e a camisa folgada, que Adish sentiu uma onda de amor engolfá-lo. Estendeu o braço e apertou o filho num abraço apertado.

— Não demoro — falou.

— Pai! — exclamou Farhad, estarrecido. — O que é isso? Meus amigos podem ver!

Adish teve vontade de segurar para sempre o filho, mas Farhad estava certo. Ele se obrigou a encerrar o abraço.

— Então, tchau — disse Farhad.

— Farhad — chamou Adish. — Suba logo, viu? Não pare para jogar pingue-pongue. A mamãe está mesmo péssima por causa da tia Armaiti.

Farhad ficou ali piscando, e Adish percebeu que o garoto tentava decidir se fingia indiferença ou cedia à própria natureza generosa. Como nós, homens, dificultamos a vida, pensou Adish. Pousou a mão no ombro do filho:

— *Beta*, sem piadas bobas, ouviu?

O garoto assentiu:

— Não se preocupe — garantiu. E, de repente, Adish relaxou.

Pena que o restante da família não fosse tão simples quanto Farhad, pensou, passando pelo portão do condomínio e virando à esquerda na rua.

A briga da véspera com Adish estava fresquinha na cabeça de Laleh enquanto o táxi se arrastava pelas ruas apinhadas. Desculpara-se com o marido assim que ele voltara, e ele aceitara as desculpas, mas a olhara com uma expressão defensiva, cautelosa, hoje de manhã ao sair para o trabalho, e Laleh sabia que havia magoado Adish profundamente com a catarse da véspera. Jurou se emendar. Adish era uma pérola e não merecia uma mulher que perdesse as estribeiras por causa de um telefonema do passado.

— Não acredito que eles morem neste bairro — disse Kavita, fechando a janela para se livrar do fedor. — Vai ver, Nishta mandou para a mãe um endereço falso.

— Isso não faz sentido, Ka.

Anos atrás, Laleh invejara Nishta por seu casamento com um muçulmano, encarando o casamento com alguém de outra religião como uma medalha de honra e o rompimento da amiga com os pais como um ato heroico. Chegou a dizer isso a Adish.

— Nunca me imaginei namorando um parse — falou certa vez, com a habitual mistura de ironia e seriedade. — Sempre achei que seria como Nishta. Se um dia me casasse, quero dizer.

— Acrescente isso à lista do que tenho de errado — comentou Adish rindo. — O fato de eu ser um parse. E de seus pais me aprovarem.

Ela sorriu:

— Pena que você seja tão bonito. Seria muito mais fácil lhe dar um fora se não fosse.

— Pena que você seja uma gracinha — rebateu ele. — Do contrário, teria lhe dado um fora por ser tão sacana.

Os dois haviam rido na época. Agora, porém, olhando pela janela do táxi, Laleh se deu conta do quanto tinha sido imatura em sua inveja de Nishta. Se o casamento a levara para esse bairro miserável, o preço pago havia sido alto. Nascida e criada em Bombaim, Laleh sempre achou que conhecia bem a cidade, das favelas aos hotéis cinco estrelas. Mas jamais pisara nessa parte dela — esse bairro exclusivamente muçulmano.

O táxi parou e o motorista se virou para trás:

— Gente demais, senhoras. A feira começa aqui. Não posso nem dar meia-volta com o carro. Daqui para a frente só a pé, mesmo.

— Ao menos pode esperar por nós, *bhaiya*? Pagamos a corrida de volta mais gorjeta.

O homem cofiou a barba:

— *Arre*, *memsahib*, onde vou esperar? Não tem lugar nem para uma mosca, quanto mais para um carro. — O homem apontou pela janela. — Tem um ponto de táxi do outro lado da feira. Andem até lá quando terminarem o que vieram fazer. — Baixando o tom de voz, acrescentou: — Este é um bairro só de muçulmanos, *memsahib*. Tenham cuidado.

— O que isso tem a ver, *bhai*? — foi compelida a dizer Laleh.

O velho a olhou como se os dois fossem partilhar um segredo:

— Não dá para confiar nesses comedores de carne, *memsahib*.

As duas pagaram a corrida e saíram apressadas do táxi. Laleh balançou a cabeça.

— Um país de gente preconceituosa, é isso que somos — disse ela.

Kavita assentiu:

— Isso mesmo.

As calçadas estavam tão cheias que ambas foram obrigadas a andar no meio da rua, driblando bicicletas e carros.

— Laleh — disse Kavita, meio sem fôlego, passados alguns minutos. — Por que diabos eles se mudaram para este bairro? Sei que o antigo apartamento era minúsculo, mas sem dúvida era melhor do que morar aqui, não? — indagou, estendendo um braço para abarcar a rua, que fervilhava de gente e de moscas, as lojas, que não passavam de cubículos nas calçadas, e o cheiro de podre das verduras e dos peixes na feira a céu aberto.

Laleh deu de ombros:

— Só Deus sabe. Vai ver o lugar onde moram é ótimo. Depois de todos esses anos trabalhando no banco, Iqbal deve estar ganhando um bom salário, não é mesmo?

Kavita fez uma expressão de incredulidade, mas permaneceu calada. Percebendo uma mulher que caminhava na direção de ambas — uma das poucas que não usava burca nem echarpe na cabeça —, ela a deteve.

— Com licença. A senhora sabe onde fica Mahani Manzil? — perguntou.

A mulher franziu a testa.

— Mahani Manzil? É um bocado longe. Tem uma papelaria bem em frente.

As duas continuaram a andar. Laleh fez uma careta quando tocou sem querer com o pé uma abóbora já meio apodrecida que alguém havia jogado fora.

— Merda — exclamou, olhando à volta e ignorando os gritos dos ambulantes acocorados na rua.

— Será imaginação minha ou estão nos olhando de maneira hostil? — murmurou Kavita.

— Se é de maneira hostil, não sei, mas que estão nos olhando não há dúvida.

— Provavelmente porque somos as únicas mulheres de calça comprida.

— E sem véu.

— Bom, não deve faltar muito agora.

As duas pararam um jovem que afirmou saber com precisão onde ficava Mahani Manzil e insistiu em acompanhá-las. Não lhes passou despercebido que o rapaz estava curtindo o fato de escoltar duas mulheres vestidas com roupas ocidentais. Ele se empertigou e de modo solene as instruiu a ignorarem os assovios e gracinhas vindos de outros jovens que perambulavam pela rua. O brilho em seus olhos, porém, denunciava seu orgulho e euforia.

Na entrada do prédio, ele parou e estendeu a mão para pegar o envelope que Kavita segurava.

— Quem vocês procuram? — indagou.

Kavita, no entanto, não soltou o pedaço de papel.

— Obrigada pela ajuda — agradeceu com firmeza, acrescentando, quando ele não arredou pé: — *Khuda Hafiz*.

Os olhos do garoto se esbugalharam diante da facilidade com que ela pronunciou a expressão muçulmana:

— *Khuda Hafiz* — respondeu, então, repetindo em seguida: — Adeus.

O prédio em que Kavita e Laleh entraram era escuro, úmido e cheirava a mofo. Uma única lâmpada nua iluminava a escada, cujas paredes estavam cobertas de manchas de *paan*. Laleh estendeu a mão para se apoiar no corrimão empoeirado, mas desistiu em seguida. Enquanto galgavam os degraus irregulares, que rangiam e vacilavam, ela sentiu um medo genuíno. O prédio inteiro parecia prestes a ruir sob o peso das duas.

— Ka — disse Laleh, baixinho. — Isto é uma cabeça de porco. Com certeza deve haver algum engano. Nishta não pode morar aqui.

Kavita consultou mais uma vez o envelope:

— O endereço que está aqui é este mesmo.

As duas resfolegavam quando chegaram ao quarto andar.

— Venho sendo muito mimada — disse Laleh. — Já nem me lembro há quanto tempo não subo uma escada. — Virou-se para Kavita. — Qual é o número do apartamento?

— Não diz aqui. Vamos ter de perguntar.

Uma varanda comunitária, com vista para um pátio interno, circundava o prédio, que ficava numa praça. Enquanto percorriam a varanda, dava para ouvir a algazarra das crianças que brincavam no pátio. Muitas das portas dos apartamentos por que passavam se encontravam abertas, o que as fazia se sentirem bisbilhoteiras toda vez que, sem querer, lançavam um olhar para dentro das casas. Estavam debatendo entre si para decidir se deveriam ou não perguntar aos moradores de uma delas qual o número do apartamento

de Iqbal, quando viram uma mulher caminhando em sua direção.

— Vamos perguntar a ela — disse Kavita apontando a mulher, que usava uma burca azul-clara. O rosto estava coberto, e Laleh se perguntou como ela conseguia encontrar o caminho no escuro.

A mulher lhes dirigiu um cumprimento com a cabeça no corredor mal-iluminado e continuou andando.

— Com licença — exclamou Laleh. — A senhora pode nos ajudar? Estamos procurando Nishta Ibrahim.

A mulher parou. A pausa foi longa:

— Não há ninguém aqui com esse nome.

— Tem certeza? — indagou Kavita, ao mesmo tempo que Laleh se virava e dizia:

— Viu, não falei? Sabia que tinha algo errado. Eles não morariam aqui.

— Mas estamos com o endereço... — insistiu Kavita.

— E daí? Ela mentiu para a mãe. Ou a mãe mentiu para nós.

A mulher de roupa comprida continuava aguardando.

— A senhora conhece Iqbal? — perguntou Kavita. — Iqbal Ibrahim?

Mais uma pausa, antes que a mulher respondesse:

— Conheço. Ele é meu marido.

As duas ouviram o sorriso, antes mesmo que reconhecessem a voz. Laleh falou primeiro:

— Nishta? — perguntou com cautela, amaldiçoando a pouca claridade do corredor.

A mulher ergueu o capuz da burca por tempo suficiente para que as amigas vissem seu rosto.

— Não, eu já falei. Nishta se foi. Meu nome é Zoha.

Kavita, sentada na sala de estar de Nishta, não queria mais ir embora. Apesar das revelações bombásticas da última hora — a conversão de Nishta ao islamismo, a insistência de Iqbal para que ela adotasse um nome muçulmano, o fato de a amiga estar vivendo em circunstâncias radicalmente diversas da vida abastada que conhecera um dia e de estar sentada diante de uma Nishta gorducha, de meia-idade e aparência séria, tão diferente da garota risonha, espirituosa e bonita de antes —, encontrar-se nesse cômodo espartano e austero a fazia se sentir à vontade, quase embalada nesse conforto, os olhos pesados e serenos. Estava feliz.

Elas tinham encontrado Nishta. Estavam juntas. E Nishta ficara feliz em vê-las. A estranha relutância presente nas últimas poucas vezes em que as três se reuniram havia sumido. A despeito daquela vestimenta ridícula, dos óculos de lentes grossas e das rugas, aquela era a mesma Nishta.

— Olha só a cara dela — Kavita ouviu Laleh dizer. — Está rindo como um potro. — Ergueu os olhos e viu as duas sorrindo, ouviu o prazer na voz de Laleh. Como se sua alegria alegrasse Laleh.

— Não posso fazer nada — justificou Kavita. — Isto tudo é tão... — Buscou a palavra certa e depois pensou: não é preciso. Não tenho de achar a palavra certa. Elas sabem o que estou sentindo, mesmo sem que eu verbalize. — Vocês sabem o que estou querendo dizer — concluiu, sem graça.

Nishta/Zoha assentiu.

— Sei, sim. É como se todas as minhas preces tivessem sido atendidas em uma única tarde — confirmou, olhando de uma para outra amiga. — Quando eu mandava para a mamãe todos aqueles cartões de aniversário... Em todos esses anos, jamais esqueci um aniversário dela. Nem uma vezinha. Nunca soube se ela recebia ou não os cartões, se os abria. Tantos foram devolvidos! Assim mesmo, alguma coisa me fazia enviar, mas nunca pensei que estivesse mandando um presente *para mim*, que os cartões fossem trazer vocês até aqui. Gozado, não é?

As duas assentiram.

— E como ela vai? — indagou Nishta. — Minha mãe?

Kavita lançou um olhar furtivo para Laleh, que olhava, impassível, para a frente.

— Ela me pareceu bem — respondeu Kavita. — Na verdade, não ficamos lá muito tempo. Queríamos vir procurar você e...

— Tentei falar com ela por telefone algumas vezes — interrompeu

Nishta. — No meu primeiro ano de casada. Ela ficava ouvindo, mas nunca disse uma palavra. Meu pai não permitia. Enfim, desisti. Para o bem dela. Não era justo continuar ligando.

Kavita engoliu em seco e fitou o chão. Quando finalmente se obrigou a erguer os olhos, viu que o nariz de Laleh estava rubro como ferrugem — um sinal infalível de que ela tentava conter o choro.

Mas Nishta aparentemente não percebeu o desconforto de ambas.

— Não se pode destruir um amor de mãe, certo? — disse ela, com alegria. — E ela acabou ajudando vocês a me encontrarem. — Nishta voltou a se recostar no sofá. — E por que foi que quiseram me encontrar? Olhem para mim. Por quê, depois de todos esses anos?

Kavita olhou para Laleh. Conta você, implorou com o olhar.

Laleh riu, sem jeito:

— Sou uma idiota. Depois de todos esses anos morando na mesma cidade, era de esperar que eu tivesse vindo antes, não é, Nishta? Mas não vim. O que posso dizer? Acho que fiquei envolvida demais com a minha vidinha, sabe?

— Eu também não facilitei as coisas — disse Nishta. — Sei que Iqbal e eu não agimos direito. A gente... Bom, foi muito difícil, entende? Meus pais não me apoiaram e os dele também não morreram de alegria por ver o filho se casar com uma hindu. Não sei, parecia mais fácil nos afastarmos, nos recolhermos ao nosso próprio mundo. — Nishta se calou, torcendo as mãos pousadas no colo. — Também senti inveja, para ser sincera. Vocês todas indo para a faculdade, Armaiti pensando em se mudar para os Estados Unidos, enquanto Iqbal e eu não tínhamos do que falar. Com vinte e poucos anos eu estava presa em casa ensinando francês para um punhado de crianças. Não tinha graça nenhuma.

Laleh se remexeu, pouco à vontade.

— Que bobagem — disse ela. — A gente admirava tanto vocês por causa das dificuldades que enfrentaram.

Nishta sorriu.

— Quer dizer que éramos o casal modelo, não é? A garota hindu que se casa com um rapaz muçulmano, pioneiros de um admirável mundo novo. — Ela olhou à volta. — O admirável mundo novo nos trouxe para cá.

— É... — começou Kavita. — Infelizmente, temos más notícias. Armaiti está doente. É um glioblastoma, um tipo de tumor cerebral.

Por mais que repetisse aquelas palavras, elas soavam lúgubres e melodramáticas, como se saídas de um diálogo de filme.

Esperaram pela reação de Nishta, mas nada além de um músculo se contraiu em sua face.

— Ela está muito doente — repetiu Kavita.

Nishta assentiu:

— Sei o que é. Um dos tios de Iqbal teve um tumor há cinco anos. *Bas* — disse ela, estalando os dedos —, em três meses estava morto.

Kavita sentiu um comecinho de raiva.

— Bom, Armaiti tem mais tempo. Os médicos disseram. — A reação de Nishta a aborreceu. Acabara de ouvir que a amiga estava morrendo e reagia como se tivessem lhe dito que Armaiti havia pegado uma gripe. Pior, comparava Armaiti a algum velho idiota que havia durado apenas três meses.

— É sempre assim — comentou Nishta baixinho.

— Perdão? O que é sempre assim? — indagou Kavita, sem se preocupar em disfarçar a irritação.

— Isso. A vida. Encontros e partidas. Ganhos e perdas. Hoje de manhã mal consegui me levantar da cama. Não tinha motivos para isso, sabem? E, à tarde, me obrigo a sair de casa para comprar comida para o jantar. Parecia um dia como outro qualquer. Do tipo que mata a gente sem matar. Vocês entendem? Então, vocês duas entram na minha vida. Do nada. Sem aviso. E sinto como se alguém retirasse de mim uma mortalha de vinte e cinco anos e me devolvesse à vida. Mas a vida é assim, não é mesmo? Algum preço precisava ser cobrado. Aí vocês me contam que Armaiti tem um tumor no cérebro. O que faço com isso? Em que lugar registro, Ka? Para mim, Armaiti é a garota que costumava se balançar no quebra-mar toda vez que íamos à marina. A garota que uma vez comeu nove bananas para provar que podia. Aquela garota calada, tranquila, que... — De repente, Nishta estava chorando, em silêncio, sem dizer nada.

O nariz de Laleh estava de novo daquela perigosa cor ferruginosa, mas Kavita permaneceu de olhos secos. Deu-se conta de que jamais as vira chorar durante todos os anos em que fora amiga das outras duas.

— Ela quer que a gente vá vê-la — Laleh foi logo dizendo. — Nos Estados Unidos, antes que ela... Que ela piore.

Nishta pareceu confusa.

— Quer que quem vá vê-la?

— Todas nós. Nós três.

— Como? — As outras duas observaram uma série de emoções alterar as feições de Nishta. — Quem dera eu pudesse — sussurrou ela finalmente —, mas não posso.

— Por que não?

Nishta mordeu o lábio inferior:

— Eu... Nós... Nós não temos condições, *yaar*. Iqbal trabalha para o tio numa loja de ferragens. Nunca teríamos dinheiro para custear uma viagem aos Estados Unidos.

— Ele saiu do banco? — indagou Laleh.

— Banco? Nossa, ele saiu do banco há muitos anos.

— E se a gente pagasse a sua passagem? — perguntou Kavita.

Nishta baixou os olhos:

— Não poderia aceitar.

— Nishta. Não é por você, mas por Armaiti. Para satisfazer o desejo dela de juntar todas nós.

— Mesmo que eu concordasse, Iqbal jamais me deixaria ir.

— Como assim? Como ele poderia impedir? — quis saber Laleh. — E por que faria isso?

Em resposta, Nishta se levantou do sofá.

— Esperem um instante — pediu ela, dirigindo-se a outro cômodo atrás de uma cortina. Quando voltou, um minuto depois, tinha nas mãos um porta-retratos. — Quem é este?

Era a foto de um homem de rosto magro, cabelo grisalho e uma barba curta. Vestia a roupa tradicional muçulmana composta de gorro, *kurta* e calças brancas folgadas.

— Um imã — respondeu Laleh. — E daí?

Nishta riu:

— Cheguem mais perto. É Iqbal.

Iqbal? O Iqbal que Kavita e Laleh conheciam usava camisas floridas de cores fortes e calças jeans apertadas, além dos óculos escuros quase sempre empoleirados sobre o cabelo comprido. O Iqbal que conheciam era um jovem que brincava e dizia palavrões com facilidade, cuja boca ostentava, sempre, um sorriso provocador. A aparência do homem da foto era tão séria que fazia crer que há muitos anos sua boca não ria de uma piada nem proferia um palavrão.

Mas, espere aí. O nariz, reto e pontudo, era de Iqbal. E os lábios finos? E aquele jeito de plantar os pés no chão com o quadril um pouco projetado?

Quando ergueram os olhos, as duas não foram capazes de disfarçar o espanto.

— Uau! — exclamou Laleh.

Nishta assentiu.

— Uau. Este é o meu marido.

Fez-se um silêncio incômodo.

— Ele sempre se veste assim? — perguntou Kavita com delicadeza.

Havia uma expressão divertida nos olhos de Nishta quando as amigas a fitaram. Por trás, porém, algo mais transpareceu.

— Ele mudou — disse Nishta, enfim. — Não é mais o rapaz que vocês conheceram. Tornou-se muito religioso. Vai à mesquita com regularidade — prosseguiu com um ricto irônico nos lábios. — E não gosta de hindus. Por

isso, claro, não podia ter uma esposa hindu. Por isso precisei me converter. Ele insistiu e insistiu, até eu me render.

— Isso é demais, *yaar* — disse Kavita. — Iqbal era ateu. Ligava menos para religião do que qualquer uma de nós.

— Vocês o conheceram faz muitos anos, Ka — explicou Nishta, baixinho. — As pessoas mudam.

E você?, Kavita teve vontade de perguntar. Você mudou, Nishta?

Como se previsse a pergunta, Nishta disse:

— Quanto a mim, garanto que também mudei. Na verdade, todo dia o espelho me diz isso. — Bateu de leve na barriga e fez uma espécie de careta. — E como é que vocês duas continuam tão bonitas, *yaar*? Qual é o segredo?

— Com certeza não me sinto bonita — respondeu Laleh, franzindo o cenho. — Falando sério, Nishta, como Iqbal foi engolir essa baboseira religiosa?

O rosto de Nishta enrubesceu, e ela piscou várias vezes.

— Desculpe — disse Laleh. — Não quis ofender, sinceramente.

— Não se desculpe. Não estou ofendida. Ao contrário. Vocês não sabem quanto tempo faz que não encontro quem pense do mesmo jeito que eu. Vocês não imaginam. Há anos convivo com pessoas cujas vidas são regidas pela religião. Minha sogra e até a jovem sobrinha de Iqbal moram neste prédio. No andar de cima, pertinho. São as únicas pessoas que encontro todos os dias. Pessoas tementes a Deus. Houve época em que Iqbal me defendia delas. Foi na época em que ele costumava rir dos pais quando eles começavam a falar das virtudes do islamismo. Agora, o único membro desta família com quem posso de fato falar é a irmã dele, Mumtaz. Mas ela é casada e mora em Jogeshwari. Por isso não me encontro com ela tanto quanto gostaria. Na maior parte do tempo falamos por telefone.

Nishta tornou a se levantar.

— Tem mais uma coisa que quero mostrar a vocês — disse ela. Atravessou a sala e remexeu numa pasta que ficava em cima de uma mesinha no canto. Voltou com um cartão de visitas que entregou a Laleh. — Ahmed Electronics. Está vendo? É uma lojinha na praça. Iqbal trabalha lá com o tio. Eles vendem tomadas, bocais, fios, esse tipo de coisa. — Virou, então, o cartão ao contrário. — Até mesmo num cartão de visitas banal eles têm de pôr a foto de uma mesquita — observou, voltando a sentar-se com um sorriso estranho nos lábios. — Esta é a família para a qual entrei.

Quando registrou a extensão do isolamento e da solidão de Nishta, Kavita sentiu a sala que mais cedo havia considerado tão confortável de repente asfixiá-la. Seus olhos encontraram os de Laleh e perceberam que ela estava com a mesma sensação de claustrofobia.

— Por que você não fincou pé, Nishta? — perguntou Laleh. — Logo no

início, quando ele começou a se engraçar com essas coisas?

Nishta sorriu.

— Vocês não têm tempo suficiente para ouvir a resposta, minha Lal — disse ela, com ternura. — É uma história muito longa.

Laleh corou, como se ouvisse na voz de Nishta resignação e uma leve censura.

— Desculpe — falou. Pareceu acanhada durante meio segundo, mas depois não se conteve e bufou de irritação. — Não podemos deixar você desse jeito, Nishta. Não depois de encontrá-la passado todo esse tempo. Como podemos ajudá-la, diga.

— Esta é a mesma Lal de sempre — disse Nishta a Kavita. — Continua querendo consertar o mundo. — Ela deu de ombros. — Tudo bem, sério. É provável que eu tenha pintado a minha vida de um jeito pior do que ela é. Iqbal é um homem decente. E não costumo sentir pena de mim mesma. Só que quando vi vocês duas me lembrei do abismo entre a vida que levo e a que sonhei que iria levar.

Laleh se recostou no sofá e fechou os olhos:

— A maior loucura é ver a vida como ela é e não como deveria ser — citou devagar. *O Homem de La Mancha* era um dos filmes favoritos delas todas, que costumavam matar aula para assistir a uma reprise no Strand.

As outras duas sorriram, reconhecendo de imediato a citação.

— Sanidade demais pode ser loucura — recitou Kavita.

— Talvez pragmatismo demais seja loucura — emendou Nishta e fez uma pausa. — Nossa, eu sabia a fala toda.

— Ele era um homem bonito, aquele Peter O'Toole — disse Laleh.

Nishta se virou para Laleh:

— Falando em homens bonitos, como vai Adish?

— Bacana — disse Laleh, rindo. — Mudança de rumo suave, bem-emendada. Vou contar a ele do elogio. Adish vai ficar lisonjeado. Ele está ótimo, com uns dez quilos a mais do que eu gostaria, mas está ótimo.

— E você, Ka? Algum homem... Alguém especial na sua vida?

Kavita notou a hesitação na voz de Nishta. Nishta sabe, pensou ela. O rosto terno, atencioso, de Ingrid lhe surgiu diante dos olhos rapidamente.

— Infelizmente ninguém especial — respondeu, odiando o tremor na própria voz, odiando-se pela desonestidade.

— Kavita é uma das melhores arquitetas de Bombaim — falou Laleh. — Não tem tempo para romances e coisas do gênero.

— E cuido da minha mãe — acrescentou Kavita. — Meu irmão, Rohit, você se lembra do meu irmão mais velho? — mora aqui, mas está casado. Por isso, claro que a irmã solteirona precisa cuidar da mamãe — explicou, tentando manter um tom leve, mas achando que a voz saíra petulante.

Uma sombra encobriu o olhar de Nistha, uma emoção que Kavita não conseguiu decifrar.

— Parece uma vida boa, Ka — disse ela num tom vago.

Mais um silêncio curto, desconfortável, pairou na sala e, em seguida, Nishta indagou:

— Quer dizer que vocês duas vão visitar Armaiti?

— Vamos — respondeu Laleh. — E ainda esperamos que você vá conosco, Nishta. Lógico que Iqbal há de entender — Sua voz adquiriu uma nova urgência. — Ela... Ela provavelmente não vai chegar ao fim do ano. Está contando que a gente vá vê-la enquanto está bem.

— Só saí da Índia uma vez — disse Nishta. — Imaginem. Vocês se lembram de como a gente falava de viajarmos juntas para ver as Pirâmides, as ilhas Galápagos e o Louvre? Bom, Iqbal só me tirou do país uma vez. E adivinhem para ir aonde? A Dubai. E só porque o irmão mora lá e nos mandou as passagens. Foi horrível. É um lugar totalmente artificial. Odiei, mas Iqbal ficou muito impressionado. Ele se impressiona com facilidade hoje em dia. Sobretudo se tiver algo a ver com o islamismo.

Dessa vez deu para perceber a raiva em sua voz.

— Talvez a gente possa dar um giro pelos Estados Unidos depois de visitar Armaiti — aventurou-se Kavita. — Se você for conosco, quero dizer.

Nishta fez um muxoxo:

— Não adianta, Kavita. Ele jamais me deixará ir. — Algo brilhou em seu olhar. — Vai ficar com medo de que eu nunca mais volte.

Kavita desviou o olhar com vergonha do que viu nos olhos de Nishta. Laleh, porém, encarou-a diretamente.

— E você faria isso? Quero dizer, você voltaria?

Nishta sustentou o olhar da amiga um instante.

— Não sei — sussurrou. Logo se recompôs. — Claro que voltaria. Aonde mais eu poderia ir? — Sua voz assumiu uma alegria forçada. — Afinal, o lugar de uma mulher é ao lado do marido, como minha sogra me recorda ao menos uma vez por dia.

Outro silêncio breve se abateu sobre as três antes que Nishta se levantasse, relutante, do sofá.

— Gente, eu poderia ficar um ano conversando com vocês e não seria o bastante, mas preciso pegar Zenobia na aula de datilografia. — Vendo a expressão indagadora das amigas, acrescentou: — A sobrinha de Iqbal. Os pais moram em Dubai, por isso ela mora com a minha sogra. Tem dezesseis anos. Iqbal não gosta que ela volte a pé sozinha para casa, nem durante o dia. Por isso, tenho de ir. Sinto muito.

Kavita não podia suportar a ideia de se separar de Nishta tão cedo.

— E se a gente esperar você voltar? — perguntou. — Depois, quem sabe,

a gente podia sair para tomar um *chai*.

Nishta mordeu o lábio inferior.

— Sinto muito, *yaar* — murmurou. — Iqbal não gosta que eu saia depois de pegar Zenobia na aula. Na verdade, preciso parar na volta para comprar os mantimentos. Depois, tenho de preparar o jantar para a família.

Laleh parecia petrificada, mas Kavita a cutucou, pondo-se de pé num único movimento gracioso.

— Tudo bem — disse ela com delicadeza, instruindo Laleh com os olhos para também se levantar. — A gente entende. Vamos descer com você, tudo bem?

Nishta hesitou.

— Se vocês não se importam, prefiro que desçam primeiro. Minha sogra fica sentada o dia todo na varanda. E, mesmo que se queixe de que enxerga mal, ela fica de olho em todas as minhas idas e vindas. E eu... Eu ainda não decidi quando vou contar a Iqbal sobre esta visita.

Laleh parecia prestes a argumentar, mas Kavita falou primeiro:

— Tudo bem, mas vamos nos ver muito em breve, combinado?

— Vou dar a vocês meu celular — disse Nishta. — E vocês me dão os de vocês.

Dez minutos mais tarde, as duas estavam de novo na rua, tentando ajustar os olhos à claridade feroz do sol vespertino.

— Nossa — exclamou Laleh assim que as duas pisaram na rua. — Ela parece prisioneira na própria casa. — Remexeu na bolsa à cata dos óculos escuros. — Dá para acreditar naquela foto de Iqbal? Que diabos foi aquilo?

Kavita não respondeu, distraída por um pensamento que não lhe saía da cabeça. O apartamento pequeno do qual haviam acabado de sair lhe lembrou a cela em que ela e Nishta passaram a noite após serem presas. Ela jamais voltara a ver o interior de uma prisão, assegurando-se de que isso nunca mais acontecesse, enquanto Nishta, ao que parecia, passara o resto da própria vida encarcerada. E a ironia mais amarga é que Iqbal, *Iqbal*, era o seu carcereiro.

Ao longo dos anos, Kavita se esforçara para bloquear as lembranças daquela noite pavorosa. Agora, porém, foi assaltada de novo pela sensação sufocante, claustrofóbica, de pânico e desespero. Temos de tirar Nishta daquele lugar, pensou Kavita. Abandoná-la agora seria um repúdio a tudo que um dia fomos.

Armaiti estava de pé no meio do seu jardim exuberante, sentindo a terra fofa debaixo dos pés. Seus olhos seguiram o movimento de um esquilo cinzento numa perseguição enlouquecida a outro membro da própria espécie. O sol em suas costas lembrava um afago cálido e tranquilizador. O silêncio matinal era tão profundo que chegava a ser sonoro em seus ouvidos, como aqueles apitos em alta frequência que apenas os cães conseguem ouvir. Isto é o mundo, pensou Armaiti, e estou nele. Estou aqui. Neste momento. Em seguida, ela se refreou, refreou os pensamentos que começavam a pender para a morbidez e a autopiedade, percebendo a direção clichê que estavam tomando — mulher com seis meses de vida, enfim, aprende a viver o momento presente — e sentiu uma onda de vergonha e raiva. Não importa o que o tumor lhe fizesse, independentemente de todas as limitações que lhe impusesse, ela não permitiria ser reduzida a um clichê. Não haveria conversões no leito de morte, nem transformações new age ou despertar espiritual. Ela não permitiria. De jeito algum.

Pegou o banquinho de plástico na garagem e o pôs junto ao lugar onde enterrara os dois passarinhos. Sentando-se, começou a arrancar ervas daninhas ao redor. Passados alguns minutos, como sempre, percebeu que o coração batia mais devagar. Que os cristãos tenham suas missas dominicais e os muçulmanos, suas chamadas para a prece. Aquela era a igreja dela, o seu templo, a sua religião, essa terra macia que lhe entrava por baixo das unhas, esse friozinho matutino, aquela única nota que o tordo não se cansava de repetir. O jardim enorme, com suas árvores compridas, suas flores alegres e pássaros trinando, era a única imagem de paraíso de que sempre precisaria.

Depois de jardinar durante uns quinze minutos estendeu o braço para alcançar o saquinho de petúnias que Diane levara para casa na noite anterior. Estava ansiosa para plantá-las sobre o túmulo.

Virou-se no banquinho, pronta para retirar um broto de dentro do recipiente plástico. Errou o alvo. Sua mão direita não foi capaz de encontrar o caminho até o fundo desse recipiente. Os dedos erraram o alvo, segurando o ar durante alguns segundos perturbadores. Armaiti tentou de novo. E de novo fracassou. Sua mente lhe dizia que a mão deveria estar se fechando em volta da caixinha verde, mas, sabe-se lá por quê, os dedos continuavam a uns ínfimos milímetros de distância do seu objetivo. Dessa vez, ela virou todo o corpo e, segurando o pulso direito, tentou mais uma vez. Pronto. Seus dedos agora envolveram o plástico.

Deixou cair o recipiente, perturbada por essa recusa ab-rupta do corpo em obedecer a seus comandos. Ficou ali sentada um instante, esperando que essa coisa, fosse o que fosse, passasse. Após alguns segundos, estendeu a mão para pegar a caixa, mas lutou para coordenar o movimento da mão com o que seus olhos lhe diziam. Novamente segurou uma das mãos para conseguir segurar o pote. E, quando esticou o indicador para empurrar para fora o broto delicado, sentiu a mesma frustração quando o dedo não foi capaz de encontrar o buraco do recipiente. Finalmente, mais pelo tato do que pela visão, acabou acertando o alvo.

Armaiti gastou dez minutos nessa tarefa infrutífera antes de desistir. Durante esse tempo, lutou contra um terror crescente. O que estava acontecendo dentro do seu corpo? Como ela levaria a vida com uma coordenação motora tão comprometida? E como isso podia ter acontecido tão de repente? Perguntou-se se deveria chamar Diane, mas teve medo de ouvir mais um sermão de censura da filha. Talvez não houvesse relação com o tumor cerebral. Talvez eu esteja tonta, pensou, talvez seja uma leve vertigem ou intermação que há de passar tão logo eu entre em casa, disse a si mesma.

Levantou-se com cuidado do banquinho e ficou imóvel um minuto antes de se arriscar a dar um passo. Quase gritou de alívio quando percebeu que a coisa estranha que mexera com a sua mão não parecia afetar seu equilíbrio ou seu andar. Ainda assim, foi cautelosa. Deu mais um passo na direção da casa, e depois mais outro. Estava andando muito bem. O que quer que tivesse afetado sua mão lhe poupara as pernas.

— Oi, mãe — exclamou Diane quando Armaiti entrou em casa. — Quer fazer um lanchinho?

— Não, obrigada — respondeu Armaiti aproximando-se da filha por trás.

Diane se virou:

— Que tal um waffle?

— Já almocei. Há horas.

Os olhos azuis de Diane pousaram no rosto da mãe:

— O que você comeu?

Armaiti desviou o olhar, enrubescendo. A verdade é que não comera nada desde o macarrão da noite anterior.

— O que é isso, um interrogatório?

— Isso mesmo — respondeu Diane, franzindo a testa. — Mãe, você precisa comer. Não pode perder peso quando...

Armaiti sorriu. Notou a expressão de indignação no rosto da filha e tentou ficar séria.

— O que foi? Você está achando tudo isso engraçado?

— Desculpe, querida — disse Armaiti. — É que você me lembrou tanto

eu mesma quando você era criança que acho... acho que eu estava rindo da inversão de papéis, está entendendo?

— Como assim? Nunca lhe dei trabalho por causa de comida.

— Está brincando? Sabe o que você comia de jantar dos dois aos quatro anos? Um ovo cozido. Toda santa noite, eu juro. Cheguei ao ponto de passar mal só de olhar para um ovo cozido. Nem conseguia participar daquelas buscas complicadas de ovos de Páscoa que o seu pai costumava preparar todo ano.

Diane riu:

— Você se lembra de quando, sem querer, ele escondeu um ovo cru dentro de um sapato seu?

— Se eu me lembro? Ele teve de me levar para comprar outro no dia seguinte mesmo.

— O meu paizão.

Fez-se um súbito silêncio na cozinha. Armaiti ouvira a expectativa na voz da filha e percebeu que Diane estava pensando na época anterior ao divórcio. Pelo que lhe constava, Diane jamais descobrira o caso do pai com Blossom.

Os waffles pularam na torradeira, e Diane se aproximou do aparelho para retirá-los.

— Dá para me passar a manteiga? — pediu, fazendo um gesto na direção da bancada da cozinha, sobre a qual se encontrava o pote de manteiga.

— Claro — respondeu Armaiti, estendendo a mão para o pote de plástico. Os dedos erraram o alvo. A mortificação fez seu rosto corar quando ela tentou uma segunda vez, concentrando-se o máximo que pôde a fim de pegar o pote antes que a filha percebesse que algo estava errado.

Diane a fitava com a boca aberta:

— Mãe? O que está havendo?

Armaiti tentou manter um tom natural.

— E quem há de saber? Estou estabanada hoje, eu acho.

Diane não se esforçou para disfarçar o pânico na própria voz.

— Você não está conseguindo pegar esse troço?

— Claro que estou. Veja. — E guiando a mão direita com a esquerda, Armaiti agarrou o pote de manteiga. — Prontinho. Passe a manteiga nos seus waffles antes que esfriem.

— O que está havendo, mãe?

Armaiti lançou um olhar para o prato de Diane.

— A comida está esfriando, meu bem — repetiu.

— Não acredito. Não acredito que você esteja falando dos meus waffles, quando você... você...

— Diane, acalme-se. Não sei o que está havendo, ok? Provavelmente não

é nada, só um tique ou algo do gênero. Vamos esperar para ver.

— Esperar para ver? — O tom de Diane era de completa incredulidade. — Você não consegue usar a mão direita e me diz para ficar calma? — Seu rosto jovem assumiu uma expressão chorosa. — O que está havendo, mãe? Você não se importa com nada? Tenho a impressão de que você desistiu. Já é difícil aceitar que você não queira se tratar, mas por que precisa ser tão... tão *arrogante* quanto a isso? Será que não vê o que isso está fazendo com o papai e comigo?

Armaiti deu os dois passos que a separavam de Diane e envolveu a filha num abraço. Diane fez menção de se afastar, mas Armaiti apenas a apertou mais até ver a filha relaxar.

— Desculpe, minha querida — murmurou. — Sei que você não entende a minha decisão. Nem mesmo consigo explicá-la a você, além de dizer que preciso viver de acordo com minhas condições. Preciso mesmo. Quanto a isto, apenas aconteceu, sabe? Ainda não tive a chance de pensar a respeito. Também estou com medo, mas espero que seja temporário.

— Me deixe ligar para o dr. Cassidy.

Armaiti estava prestes a dizer não, quando viu o olhar suplicante no rosto da filha.

— Está bem — disse, cansada. — Se é o que você quer.

Você está fazendo isso por Laleh, lembrou Adish a si mesmo, enquanto estacionava o carro numa vaga. E por Armaiti. Seus movimentos, porém, foram vagarosos quando enfiou a mão na pasta de couro e remexeu ali em busca do cartão de visitas que Laleh pusera em sua mão de manhã. Quando o encontrou, ficou ali sentado, estudando o pedaço de papel um instante, ajustando o retrovisor para que o sol não refletisse em seus olhos. Ahmed Eletronics. Adish achou que conhecia o bequinho estreito onde se situava a loja.

Soltou um suspiro quando saiu do carro refrigerado. O que um homem não faz por amor, pensou, sorrindo por dentro. Mas então se lembrou de como Laleh vinha ficando mais agitada a cada dia que se passava sem que ela e Kavita conseguissem falar com Nishta, e o sorriso se transformou numa careta. Na verdade, também ele se preocupava com o fato de Nishta jamais ter atendido o celular desde que Laleh a visitara. E ainda por cima havia o estranho incidente da noite anterior. Depois do jantar, Laleh tinha ligado para o celular de Nishta, conforme fazia várias vezes ao dia. Dessa vez, porém, em lugar de uma gravação informando que o telefone estava desligado, um homem atendera. "Por favor, não torne a ligar para este número. Nishta não está mais aqui", dissera ele, depois que Laleh se identificou. O homem era Iqbal, concluiu Laleh. Ela passara duas horas andando de um lado para o outro no apartamento, o rosto tenso de preocupação, enquanto ponderava essas palavras.

— O que ele quis dizer com "ela não está mais aqui"? Será que ele a matou?

— Lal, por favor. Você não está sendo coerente — pedira Adish.

Mas a agitação da esposa não diminuíra.

— Por que ele não a deixa atender? Do que ele tem medo? E por que ela permite que ele a trate desse jeito?

— Não sei — respondera Adish, abraçando-a. — Mas agora trate de se acalmar para que a gente possa dormir um pouco, está bem?

Adish notou que Laleh se revirou e falou sozinha a noite toda na cama. Por isso não chegou a ficar surpreso quando ela pôs o cartão em sua mão na manhã seguinte e pediu:

— Vá falar com ele, *janu*. Se existe alguém capaz de botar um pouco de juízo na cabeça de Iqbal, esse alguém é você.

— Não posso, Laleh — protestara Adish. — Não posso simplesmente invadir assim a vida dele depois de todos esses anos.

— Se você não for, vou eu.

— Não se atreva! De todo jeito, você tem hora marcada com Sarosh daqui a duas horas. Ele vai colocar a coroa permanente hoje, lembra?

— Não estou nem aí para essa droga de coroa... — retrucou Laleh.

Adish estava prestes a responder de forma malcriada, mas se conteve. As coisas andavam tão tensas entre os dois nos últimos dias. Primeiro, a cena na festa de Girish e depois a acusação ridícula de Laleh de que ambos, de alguma forma, eram responsáveis pela doença de Armaiti. Talvez esse encontro com Iqbal amainasse o ânimo dela.

— Está bem — disse ele. — Vou até a loja dele hoje mais tarde. Satisfeita?

Laleh fitou o marido, desconfiada daquela súbita capitulação:

— Promete?

— Prometo, meu amor — disse ele com um suspiro.

E talvez devesse a Laleh esse tanto, pensou Adish, enquanto tomava seu chá e ela lhe preparava o café da manhã, atarefada na cozinha. Para compensar aquele dia da sua juventude em que ele vacilara sob a pressão de Rumi Madan, o pai impositivo e rico de Laleh. Um dia que ele acreditava que os dois haviam arquivado, como uma velha carta numa caixa de sapato, até Laleh trazê-lo à tona de novo.

* * *

Na manhã da passeata, Laleh lhe telefonara do apartamento de Kavita, pedindo que ele passasse pela casa dela no caminho para pegar seu remédio de enxaqueca. Adish logo concordou. Estava esperando na sala de estar que a mãe de Laleh voltasse com os comprimidos, quando um Rumi furioso entrou, acenando com um mapa da Universidade de Bombaim amassado, descartado e anotado, e exigindo saber em que tipo de confusão a filha estava metida.

— Sei que vocês, jovens, estão aprontando alguma coisa — trovejara Rumi. — Não sossego enquanto você não me disser o que é.

Sob o interrogatório incansável de Rumi, Adish revelara o plano: uma passeata seguida da ocupação da reitoria da universidade. Ele e os outros haviam gastado tanto tempo aperfeiçoando o plano que a coisa toda deixara de ser novidade. Assim, Adish não estava preparado para a reação do outro — o rosto de Rumi virou um tomate, os olhos se esbugalharam e, na voz de trovão que já amedrontara vários criminosos no tribunal, ele emitiu seu ultimato: que Adish levasse Laleh em segurança para casa em uma hora ou aceitasse o fato de jamais voltar a vê-la. Adish partiu para a passeata, louco de preocupação com o que estava prestes a fazer. Em parte, porém, também se sentiu aliviado por tio Rumi ter lhe fornecido uma saída. Dois dias antes,

Laleh havia timidamente admitido para ele seu terror de passar uma noite na cadeia, e isso o vinha assombrando, despertando seu desejo de protegê-la. Agora poderia agir.

Adish encontrou Laleh na multidão de estudantes que começava a se formar para a passeata e lhe contou uma mentira: que a mãe dela estava doente e chamando pela filha. Laleh abandonou a passeata com ele. Por isso, estava segura em casa quando Nishta e Kavita foram presas. E, quando Armaiti acabou internada no hospital depois de um golpe cruel na cabeça desferido pelo cassetete de um policial, a indignação de Laleh ao descobrir a perfídia de Adish pareceu genuína. Mas ele notou também que em parte ela sentira alívio por ter escapado da cadeia, o que o levou a pensar que não havia apenas imaginado o olhar trocado entre ambos quando lhe contara da doença da mãe, que ela desconfiara da sua mentira. Cortou seu coração ver a forte e indômita Laleh assim, dividida entre a honra e o medo, porque ele sabia como era importante para Laleh ser sempre fiel a seus princípios. E o fato de vê-la vacilar, apenas essa vez, o fez amá-la ainda mais.

* * *

O que ele não previra fora o fato de depois de todos esses anos a esposa não o ter perdoado — nem a si mesma — por aquele único momento de fraqueza, ponderou Adish enquanto entregava uma nota de vinte rupias ao recepcionista do estacionamento. Era ou não absurdo? Deveria ter lembrado a Laleh que a única razão que fizera Armaiti escapar apenas com uma concussão se devia a ele, que voltara para a passeata depois de levar Laleh para casa e, quando a polícia começou a desferir golpes de cassetete, lutara para se livrar dos dois policiais que atacavam Armaiti. Chegara tarde demais para impedir o golpe na cabeça, mas agarrara o braço de Armaiti e a arrastara para longe daquelas ruas perigosas, violentas, e para um lugar seguro. Quando finalmente pararam de correr e Armaiti não o reconheceu, Adish presumiu que ela estivesse brincando. Depois, quando se deu conta de que a amnésia era real, entrou em pânico e ligou para o pai de Laleh. Agindo segundo os conselhos do velho, levara Armaiti para o hospital. Assim, na verdade era uma lorota o que Laleh havia dito alguns dias antes, sobre cumplicidade, culpa e pecado. E que coisa mais extravagante e pouco científica era pensar que um golpe na cabeça pudesse resultar num tumor cerebral trinta anos mais tarde.

Ainda assim, ali estava ele, caminhando sob um sol de rachar, em busca da loja em que Iqbal trabalhava. O Sr. Quebra-Galho, encarregado de uma nova missão. Adish não fazia ideia do que dizer a Iqbal ou de como Iqbal se sentiria ao vê-lo surgir em seu local de trabalho depois de todos esses anos.

A Ahmed Eletronics, quando ele a encontrou, era exatamente como imaginara: uma loja comprida, estreita e escura, abarrotada de coisas, um verdadeiro mafuá. Os fregueses ficavam na calçada em frente à porta e faziam seus pedidos. Adish esperou enquanto o homem na sua frente comprava duas pilhas AAA e pagava a conta. Lançou um olhar para o interior da loja, à procura de alguém que se parecesse com Iqbal. O vendedor corpulento e barbudo que entregou o troco ao freguês decerto não era ele.

Agora, o vendedor o fitava:

— Em que posso servi-lo, meu senhor? — perguntou o homem.

Adish deu um passo adiante.

— Estou procurando uma pessoa. Iqbal Ibrahim. Ele está?

— Iqbal? Ele é meu sobrinho. Estava aqui faz um minuto. — O homem se virou e gritou para dentro do túnel que era a loja. — Iqbal? *Hai kya*? Tem alguém aqui procurando você.

Uma porta bateu nos fundos e uma figura magra, ágil, vestida toda de branco saiu das sombras arrastando os pés e se dirigiu à entrada da loja.

— *Kon hai*? — disse a figura.

Adish registrou o cabelo grisalho e a barba quase branca e ficou decepcionado. Percebia naquele momento que parte dele tinha aguardado com ansiedade esse reencontro após tantos anos.

— Desculpe... — começou.

O vendedor apontou para Adish com o queixo.

— Esse senhor queria falar com você — explicou, olhando de um para o outro.

O homem de branco encarou Adish com expressão neutra durante um segundo antes de substituí-la lentamente por outra, de reconhecimento, que, por sua vez, foi logo seguida por mais uma, como se fosse incapaz de decidir se estava feliz ou furioso por ver Adish. Foi, porém, a expressão de reconhecimento que detonou uma reciprocidade em Adish.

— Iqbal? — perguntou ele, incrédulo. — *Saala*, é você mesmo?

Com certa irritação no olhar, Iqbal respondeu:

— Como vai, Adish? O que o traz aqui? — Formulou a última pergunta como se já soubesse a resposta.

O tio de Iqbal continuava de olhos fixos nos dois homens.

— Podemos ir a algum lugar para conversar? Almoçar, quem sabe? — indagou Adish num tom baixo.

— Eu não almoço — respondeu Iqbal.

Havia um tom de censura em sua voz que irritou Adish, recordando-lhe vagamente que nos velhos tempos alguma coisa em Iqbal, uma delicadeza, uma sensação de altivez o deixava fulo da vida.

Adish se virou para encarar o tio de Iqbal, com um sorriso amistoso nos

lábios:

— Qual é a sua capacidade? — perguntou num tom agradável.

— Como assim, meu senhor?

Adish fez um gesto indicando a loja.

— Sua capacidade. Estoque. Sou empreiteiro de grandes obras. Se eu fizer uma encomenda, digamos, de mil bocais de lâmpada, o senhor pode me fornecer?

Os olhos do homem se esbugalharam. Adish calculou que a loja não vendesse tal quantidade num mês inteiro.

— Não tenho certeza, senhor — vacilou o homem. — Mas posso verificar rapidinho.

Iqbal abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Adish falou primeiro:

— Ótimo. Eu lhe telefono daqui a alguns dias para pegar seu orçamento. Nesse meio-tempo, será que pode me emprestar este sujeito aqui durante mais ou menos uma hora? — indagou com um sorriso amplo. — Ele é um velho amigo.

Iqbal balançava a cabeça para dizer não, mas o tio já estava de pé.

— Mas é claro, meu senhor. Este é um negócio de família, sabe? Iqbal entra e sai como lhe convém. — Virando-se para Iqbal, insistiu: — Vá, vá. Seu amigo veio ver você. Em nome de Alá! O que está fazendo aí parado? — completou, dando um leve empurrão no relutante Iqbal.

* * *

A despeito do fato de Iqbal não ter dito uma palavra desde que os dois começaram a andar, Adish podia senti-lo borbulhar de raiva, enquanto nele mesmo havia certo desapontamento pelo óbvio desprazer de Iqbal com a sua presença. Podia entender a indignação do outro por ter sido forçado, por meio de uma armadilha, a acompanhá-lo, mas não demonstrar o menor prazer em encontrar Adish depois de todos esses anos... Isso doía. Isso o fazia questionar os anos em que foram tão próximos. Adish se lembrou da noite da prisão de Nishta e Kavita, quando um Iqbal desorientado batera à sua porta e os dois perambularam pelas ruas escuras durante horas, unidos pelo amor por mulheres que mal lhes davam bola em público. Lembrou-se agora de que Iqbal lhe dissera naquela noite que havia pedido Nishta em casamento e que estava disposto a se converter ao hinduísmo se isso ajudasse a fazer os pais dela aceitarem.

— Uau — exclamara Adish. — Quando foi isso? O que ela respondeu?

— Disse que iria discutir o assunto com as três amigas. E me dar a resposta no devido tempo.

Os dois se entreolharam um instante e depois caíram na gargalhada.

— Será que a gente conseguiria encontrar duas mulheres mais difíceis de amar? — indagara Adish.

Mas o homem a seu lado agora não guardava qualquer vestígio do garoto sincero e apaixonado daquela noite. Adish não fazia ideia de como falar com esse homem e sentiu um aperto no coração ao pensar nisso.

Ainda assim, por Lal e por Armaiti, ele precisava tentar.

— Iqbal? Como é bom ver você de novo, *yaar*. Quanto tempo faz mesmo?

Calculara mal a extensão da raiva de Iqbal, que parou de andar e se virou para encará-lo.

— O que você quer? Por que veio me procurar? Por que vocês resolveram se meter com a minha família?

Adish sentiu o rosto corar. Mortificado, percebeu que os olhos se enchiam de lágrimas. Desviou o olhar, envergonhado. Sempre se orgulhara de ser mais frio do que os outros. Ao longo dos anos passou a encarar os dias de faculdade como uma lembrança doce — quando a juventude deles todos ardia tanto quanto o idealismo —, mas também como um período fadado a acabar. Não permanecera ancorado ao passado como às vezes achava que acontecia com Laleh e Kavita e se orgulhava do fato de ter crescido e mudado com o tempo. Nunca partilhou o romantismo de Laleh quanto ao passado socialista e, à medida que foi ficando mais velho, sentiu ter um bocado em comum com o sogro, o pragmático e sólido Rumi Madan, e menos em comum com a filha impetuosa de Rumi. Com frequência perdia a paciência com a teatralidade de Laleh, as autorrecriminações constantes, as demonstrações ostensivas de solidariedade com os pobres, mesmo enquanto gozava os frutos do sucesso do marido. Passara a acreditar que o seu comportamento era mais limpo, mais honesto, menos hipócrita: sim, ele já acreditara um dia em um sistema diferente e depois, ao ver a dificuldade — a impossibilidade — do caminho escolhido, desistira dele. Quando as reformas de livre-mercado chegaram à Índia, ele se libertara junto com elas, e quando os velhos regulamentos foram afrouxados sentiu algo se afrouxar também nele. Não acreditou sequer por um minuto que estava fazendo um pacto com o diabo ou vendendo a alma ao agir assim. Essa era a diferença essencial entre ele e Laleh — quando pensava na época da faculdade, ela a encarava como um padrão para o resto da vida, enquanto Adish via esse período como um belo sonho do qual era difícil, porém fundamental, acordar.

Ainda assim... Parado no meio de uma rua movimentada, sofrendo encontrões de transeuntes, engolindo as lágrimas que de maneira inexplicável marejavam seus olhos, Adish foi obrigado a enfrentar uma nova verdade: a indiferença por parte de Iqbal doía mais do que deveria, o que significava que aqueles anos de faculdade e a amizade que os levara a tomar milhares de xícaras de chá e travar inúmeras discussões políticas haviam,

afinal, sido relevantes; significava que os anos não eram pedaços de papel passíveis de serem amassados e jogados no lixo; significava que Iqbal — Iqbal, cujo leve ar de superioridade sempre o irritara —, até mesmo Iqbal lhe era caro, um irmão para Adish, de uma forma que nenhum outro amigo desde então conseguira ser — os amigos do clube, seus companheiros de tênis ou os homens que faziam parte dos mesmos conselhos consultivos dos quais participava. Laleh conhecia uma verdade essencial sobre a vida deles que até agora escapara a Adish.

— Não lhe desejo mal, Iqbal — disse ele. — E lamento sinceramente se... Se nós... — Balançou a cabeça com impaciência. — Esqueça. Bem que eu disse a Laleh que era uma ideia idiota. Olhe, preciso voltar ao trabalho. Está na hora — concluiu, estendendo a mão. — Foi um prazer rever você, *yaar*.

Para sua surpresa, Iqbal aceitou a mão estendida. E não a soltou.

— Está achando que vou dispensar você de pagar aquele almoço? — indagou, sorrindo. E, mesmo que seus dentes estivessem agora mais amarelos do que se lembrava Adish, o homem de meia-idade vestido como um religioso desapareceu e em seu lugar surgiu o garoto travesso de cabelo comprido e sorriso perene.

Adish sentiu um aperto no peito. Entendeu que Iqbal percebera sua reação magoada e tentava remediar a situação. E foi tomado por uma felicidade súbita e triunfante. Iqbal, porém, era um felino selvagem, e Adish não pretendia assustá-lo com um movimento repentino. Por isso se manteve impassível e falou num tom neutro:

— Onde você gostaria de almoçar?

Iqbal deu de ombros:

— Tanto faz. Em geral Zoha me prepara uma marmita. Escolha você.

O instinto aconselhou Adish a descartar os restaurantes caros que costumava frequentar.

— Tem um barzinho iraniano ali na esquina, que tal?

— Você é que sabe, *yaar* — concordou Iqbal, sorrindo. — É você quem vai pagar.

Tinham acabado de almoçar e havia sido surpreendentemente fácil conversar com Iqbal. Eu não me lembrava do charme desse cara, pensou Adish. Iqbal ouvira com atenção Adish falar da própria profissão e rira nos momentos adequados quando o amigo comentara as travessuras do filho desconjuntado, desajeitado. Até então, Adish se esquivara de fazer perguntas demasiado pessoais a Iqbal e pisara em ovos quanto ao motivo que o levara a procurá-lo. Agora, porém, olhando para o relógio grandalhão na parede atrás do caixa, percebeu que não lhe restava muito tempo.

Recostou-se na cadeira, enquanto lançava um olhar avaliador para Iqbal.

— E aí? Qual é a história dessa barba e do resto?

Iqbal se retesou um instante e depois abriu um meio-sorriso.

— Você continua o mesmo, Adish. Grosso como sempre. — Fez um gesto com a mão para dispensar as desculpas de Adish. — Tudo bem. Não me importo. Sempre gostei disso em você.

— Obrigado — agradeceu Adish, e as covinhas em seu rosto se acentuaram. Ele esperou.

Justo quando já pensava que Iqbal não registrara a sua pergunta, o amigo começou a falar:

— Em 1993, me tornei muçulmano. Um genuíno muçulmano, quero dizer. Devoto. — Iqbal fez uma pausa, como se esperasse uma reação de Adish. Quando percebeu que ela não viria, continuou: — A minha religião exige que todo bom muçulmano deixe crescer a barba. Muçulmanos *homens*, veja bem.

Adish sorriu com educação da piada. Tinha a sensação de que qualquer movimento errado da sua parte calaria Iqbal, faria com que ele se recolhesse ao silêncio. Mas Iqbal não parecia pronto para estender o assunto.

Adish pigarreou e insistiu mais uma vez.

— Bom, suponho que Nishta tenha lhe dito...

— Zoha — corrigiu Iqbal.

— Desculpe. Zoha lhe contou que Laleh esteve em sua casa?

— É claro. — Os olhos de Iqbal agora brilhavam atentos.

— E mencionou o motivo?

— Mencionou. Laleh quer que a minha esposa vá com ela aos Estados Unidos — respondeu Iqbal num tom neutro.

Adish sentiu uma leve irritação.

— Bom, você sabe o motivo, não sabe? É porque Armaiti está morrendo. E seu último desejo é ver as amigas antes de...

Iqbal ergueu a mão para interromper o amigo.

— Zoha não vai poder ir.

Adish aguardou que ele prosseguisse. Quando ficou evidente que Iqbal não diria mais nada, exclamou:

— *Bas*? Só isso? Sem explicação? — E não tentou disfarçar a incredulidade.

Tampouco tentou Iqbal.

— Estou surpreso com a pergunta, Adish. "Sem explicação"? Desde quando preciso dar explicações sobre meus assuntos de família a você, alguém que não vejo há quantos anos? Vinte e cinco?

— Não foi isso que eu disse, Iqbal — argumentou Adish em voz baixa. Não perca a cabeça, disse a si mesmo. Não vai ajudar em nada. — Quis dizer que Armaiti foi uma amiga querida. E daqui a seis meses talvez esteja morta. Só pensei que você respeitaria essa lembrança o suficiente para... Que você, em nome dos velhos tempos, tentaria, no mínimo, explicar sua postura.

— Só explico minhas posturas para uma pessoa, Adish: para Alá.

Adish sentiu a mão direita comichar de raiva. Mordeu o lábio e desviou o olhar, sem querer que Iqbal visse sua raiva.

— Você está parecendo um fanático, *yaar* — observou, enfim.

Havia uma sensação de secura, de amargor, em sua boca, como se tivesse fumado demais.

Os olhos de Iqbal se entrefecharam:

— Isso aí que estou vendo embaixo da sua camisa é a *sadra*, Adish? — indagou, fazendo referência à camisa de tecido fino usada por Adish por baixo da roupa para marcar sua fé parse.

— Sim.

— Então você também deixou de ser ateu, certo? Mas nem por isso estou chamando você de fanático. Só nós, muçulmanos, somos fanáticos neste mundo? Vocês, parses, sequer permitem a um não parse entrar nos templos de fogo ou se converter, mas não são fanáticos, não é? Sou fanático porque mostro na cara a minha fé, enquanto você esconde a sua debaixo da camisa.

— Não foi o que eu disse, Iqbal. — Adish percebeu, desanimado, que os dois estavam brigando, que ele havia deixado Iqbal nervoso, a última coisa que planejara fazer. Ainda assim, não havia como parar agora. — Eu me referi a você não levar em conta o desejo da sua mulher de ver a amiga que está morrendo.

— Zoha disse isso? Disse que queria ir aos Estados Unidos?

— Não exatamente — gaguejou Adish. — Quer dizer, não tenho certeza. Eu não estava lá.

— Ela não quer ir — atalhou Iqbal, em tom neutro. — Ela mesma me garantiu.

— Então por que ela não disse isso a Laleh? Por que está proibida de atender ao telefone?

O rosto de Iqbal enrubesceu.

— Você está metendo o bedelho nos assuntos da minha família, Adish.

— Estou apenas explicando o que eu quis dizer quando chamei você de fanático, Iqbal. Não tem nada a ver com a sua religião, mas tem tudo a ver com a forma como você trata a sua mulher, como se ela fosse um bem patrimonial e estivéssemos no século XIX.

Iqbal bateu com o punho na mesa de madeira.

— Não me venha com sermão sobre a forma como trato as mulheres — disse. — E não me julgue sem ter vivido a minha vida, Adish. Você e Laleh sempre foram protegidos por serem ricos. Vocês... Vocês acham que por serem parses são uma minoria neste país. Tente viver como muçulmano, um dia que seja, e depois fale comigo.

Adish viu com horror o brilho de lágrimas nos olhos de Iqbal.

— Olhe, não tive a intenção de ofendê-lo, Iqbal. Só disse... Conheço você há anos, *yaar*. Só não sei como encaixar tudo isso na pessoa que...

— Você não sabe porcaria nenhuma — interrompeu Iqbal com um brilho meio insano no olhar. — Lembra aquele garoto idiota que você conheceu no passado? Pode esquecer. Ele morreu em 1993. Não existe mais.

— O que aconteceu em 1993? — perguntou Adish com cautela.

O garçom se aproximou com a conta. A fim de adiar o fim do encontro, Adish pediu:

— Duas xícaras de *chai*, por favor. Tome uma xícara de chá, companheiro — insistiu, encarando Iqbal.

Os dois aguardaram o garçom voltar, um minuto depois, com o chá leitoso.

— E, então, o que aconteceu? — repetiu Adish, quando o garçom se foi.

Iqbal olhou à volta. O café estava quase vazio.

— Os tumultos entre hindus e muçulmanos aconteceram em 1993. Você se lembra? Ou será que já estava morando na sua gaiola de ouro?

Adish ignorou a ofensa.

— Claro que me lembro, Iqbal. Não seria possível ignorar isso morando em Bombaim. Foi horrível. — Uma lembrança daquela época passou pela sua cabeça, mas Adish a descartou.

Iqbal o observava com atenção e com um repentino interesse.

— Horrível por quê? Você conhece alguém que tenha morrido nos tumultos?

— Não, graças a Deus.

— Alguém que tenha sido ferido?

Adish balançou a cabeça:

— Não.

— Alguém que tenha perdido a própria casa? Seu negócio? Parentes?

— Não, não pessoalmente.

— Então por que disse que foi horrível?

Adish ergueu as mãos.

— Porque foi. Os tumultos mancharam a reputação de Bombaim, a cidade leiga, aberta, que eu conhecia mudou para sempre depois daquilo.

— Ah, Adish. Então a coisa toda foi... Qual era mesmo o termo que a gente costumava usar? A coisa toda foi teórica para você, não é? Um assunto para debater durante o jantar.

— Isso não é justo.

— Não é justo? *Justo?* Vou lhe dizer o que não é justo, Adish. Não é justo que os meus pais tenham sido obrigados a abrir mão do belo apartamento em que moravam para se mudar para o buraco em que moramos agora. Você se lembra do apartamento que Zoha e eu alugávamos? Era minúsculo, mas a gente o adorava. Também abrimos mão dele. Vendemos o apartamento dos meus pais às pressas e por uma merreca para poder morar junto ao nosso povo, para nos sentirmos mais seguros por sermos muitos, caso aqueles carniceiros hindus decidam voltar a derramar sangue muçulmano.

Os olhos de Adish se esbugalharam:

— Eles machucaram você ou alguém da sua família?

Iqbal se recostou na cadeira e observou Adish como se o avaliasse, como se estivesse decidindo o que devia lhe contar. Então, soltou o ar devagar:

— Não exatamente. Ou seja, tivemos sorte. Os vizinhos hindus dos meus pais, no prédio ao lado, nos acolheram. O sr. e a sra. Sharma. Amigos de longa data. Esconderam a gente no apartamento deles durante uma semana. À noite, víamos as lojas e as casas de muçulmanos pegarem fogo em toda a rua. Mas fomos poupados, graças a Deus.

— Então, por que pintar todos os hindus com a mesma tinta genérica, Iqbal? Você acabou de dizer que uma família hindu salvou a sua vida.

As mãos de Iqbal tremiam quando ele ergueu a xícara.

— Você não entende — murmurou, de olhos fixos na mesa, por um longo momento. Quando ergueu a cabeça, um pequeno músculo latejava compulsivamente em sua mandíbula. — Vou lhe contar uma coisa que nem para minha mãe contei. Nem Zoha sabe. Entendeu?

Adish assentiu com relutância.

— Você não precisa me contar nada que não queira.

— Você se lembra de Mumtaz? — interrompeu Iqbal. — Minha irmã caçula. Lembra? Não? Bom, não faz diferença. O que importa é que Mumtaz tinha dezesseis anos em 1993, certo? Uma garota bonita, doce como açúcar, inocente como um anjo. Nunca tinha sequer olhado para um rapaz. — Ele

mordiscou o lábio inferior e continuou a evitar os olhos de Adish. — Então, uma semana depois do fim dos tumultos, retornamos ao nosso apartamento. Mumtaz estava voltando para casa da escola quando encontrou o filho dos Sharma, um sujeito adulto, de trinta e poucos anos. Eu o conhecia há anos. Costumava jogar críquete com ele quando era criança. Aí, o cara diz para minha irmã que a nossa mãe se esquecera de uma joia que pedira aos Sharma para guardar durante os tumultos. Será que Mumtaz poderia ir até lá pegar? Mumtaz era uma menina inocente. Nunca tinha visto uma cobra. Seguiu o safado até em casa. E ele... ele fez... ele obrigou Mumtaz a fazer coisas com ele, Adish.

Iqbal descansou a cabeça na mesa e começou a chorar baixinho, os braços finos estremecendo com os soluços.

Adish encarou horrorizado o homem na sua frente.

— Ele... Ele estuprou a sua irmã? — perguntou num sussurro.

Iqbal levantou a cabeça. Os olhos estavam injetados.

— Ele obrigou a minha irmã a fazer sexo oral nele, Adish. Dá para acreditar? Minha irmã linda, pura. Nunca tinha nem beijado um rapaz, quanto mais...

— O que você fez? Como descobriu?

— Ela me contou. Três meses depois. Eu sabia que alguma coisa estava errada, Adish, mas não percebi o que era, a princípio. Os tumultos tinham nos abalado muito. Todos que conhecíamos haviam perdido alguém ou alguma coisa. E eu, casado com uma hindu... Sempre me orgulhei à beça do que Zoha e eu fizemos, mas agora era como se tudo em que tinha acreditado a vida toda — socialismo, secularismo — tudo fosse uma piada. Durante anos discuti com meu pai e meu irmão quando eles diziam que os hindus queriam massacrar os muçulmanos para ficar com a Índia toda para eles. Agora, eu não sabia em que acreditar. Por isso não vi, no início, que Mumtaz estava sofrendo. Aos poucos, porém, percebi que havia algo de errado. Sempre fomos muito chegados. Por isso, um dia eu a levei para comer *kulfi* no seu restaurante preferido, mas ela empurrou o prato. Foi quando descobri. Então perguntei: "Maninha, me diga o que há de errado que eu conserto." E, enfim, ela me contou.

— O que você fez?

Os olhos de Iqbal eram dois poços de dor:

— Nada. Nadinha. Devia ter matado aquele *chootia* com as minhas próprias mãos, mas não fiz nada. Quem acreditaria em nós? A polícia havia ficado quieta, assistindo, enquanto os muçulmanos eram queimados vivos. Tive medo de dizer alguma coisa e a fúria da multidão cair sobre nós. Assim, convenci meu *abba*, que estava vivo na época, e minha *ammi* a se mudarem. Vendemos o apartamento às pressas por dois tostões. Depois, a única coisa

que tivemos dinheiro para comprar foi o prédio caindo aos pedaços em que moramos agora.

Milhões de perguntas brotaram na mente de Adish.

— Você nunca contou a Nishta? — perguntou. — E Mumtaz? Ela mora com vocês?

Iqbal olhou através do amigo, como se não tivesse ouvido as perguntas. Após uma longa pausa, disse:

— Fiz bem em não confrontar aquele comedor de carne de porco. Dez anos depois aconteceu tudo de novo, não foi? Em Gujarat. — Engolindo em seco, ele prosseguiu: — Dizem que mais de dois mil e quinhentos muçulmanos morreram no genocídio de Gujarat, Adish. O número real provavelmente foi duas vezes maior. Alguém por acaso se referiu a isso como o 11 de setembro da Índia? Ao menos os americanos que morreram foram assassinados por estrangeiros. Mas os muçulmanos em Gujarat foram massacrados por seus próprios compatriotas. Processaram alguém por isso? Claro que não. Porque a morte de um muçulmano não significa coisa alguma neste país amaldiçoado.

Adish assentiu.

— Eu sei. Aqueles políticos canalhas deveriam apodrecer no inferno por causa de Gujarat. — Adish parou, sem saber aonde Iqbal iria chegar, ainda zonzo com o que o amigo lhe contara sobre a irmã caçula. — Mumtaz está bem? Onde ela está agora?

— Jamais contei a Zoha o que aconteceu com Mumtaz — respondeu Iqbal —, mas obriguei minha mulher a se converter e mudar de nome quando nos mudamos — disse ele a Adish com um olhar desafiador. — Forcei minha mulher a fazer isso. Ameacei-a. Não podia me arriscar a ter uma esposa hindu no novo bairro. E eu não *queria* mais ser casado com uma hindu. Quanto a Mumtaz, fiz a única coisa possível. Casei-a. Não podia correr o risco de a coisa vazar, sabe? Ela jamais arrumaria um marido. Jamais.

— Você casou sua irmã? Aos dezesseis anos?

O rosto de Iqbal se contraiu.

— Não me julgue, Adish. Ela está feliz agora, tem dois belos filhos.

Adish balançou a cabeça.

— Quem sou eu para julgar, Iqbal? — Olhou para o homem na sua frente. Como foi longa a nossa jornada, pensou, admirado. Que caminhos tão diferentes a vida nos fez trilhar. Num rápido lampejo, percebeu que por baixo do rosto barbudo de Iqbal, por baixo da vestimenta religiosa, havia um frangalho humano. Percebeu que estava diante de um homem atormentado, combalido, com quem a sociedade secular falhara por completo. Seus olhos arderam ao pensar nisso. — Sinto muito, *dost* — disse, afinal, convencido de

que nunca na vida havia sido tão sincero.

Os olhos de Iqbal estavam marejados.

— A religião me dá conforto, Adish — falou baixinho. — Quando estou na mesquita, me sinto seguro. Igual a como a gente se sente ouvindo uma bela música. Ou nadando no mar. — Sorriu com tristeza. — Sei que Zoha acha que uso a religião como muleta. Ela chegou mesmo a brigar comigo quando me tornei membro do conselho da minha mesquita.

O rosto de Adish se crispou.

— Sei o que é isso. — E, vendo o olhar surpreso de Iqbal, acrescentou: — Acontece a mesma coisa lá em casa, *yaar*. Laleh continua a ateia convicta, enquanto eu... Eu passei a acreditar no poder da oração.

Para seu alívio, Iqbal sorriu:

— Laleh.

Havia em sua voz uma vida inteira de admiração e afeto.

A voz de Adish foi delicada ao dizer:

— Prometi a Laleh que tentaria convencê-lo a deixar Nishta... Zoha viajar com elas. O que você quer que eu diga? — prosseguiu Adish.

Iqbal olhou o amigo nos olhos:

— Que eu disse não, Adish. Peça a ela para não interferir na única coisa bonita que me restou na vida. Diga que lhe pedi esse favor.

Depois que os dois se apertaram as mãos do lado de fora do restaurante e se despediram, Iqbal ficou parado na esquina da rua movimentada observando Adish se afastar. Por um breve segundo, foi tentado a correr atrás do amigo e lhe pedir para não sumir da sua vida — contradizendo o que lhe pedira minutos antes — para, em vez disso, percorrer as ruas abarrotadas a seu lado, tão sem rumo e compromisso quanto haviam feito mil vezes na juventude. Um bolo se formou em sua garganta quando vislumbrou mais uma vez a cabeça conhecida de Adish na multidão. Estava convencido de que, se gritasse o nome do amigo alto o suficiente, seria ouvido acima do barulho do tráfego e dos gritos dos ambulantes, e Adish se viraria e voltaria até onde ele estava com um amplo sorriso franco no rosto. Adish nunca fora capaz de guardar ressentimento, e o fato de ele, Iqbal, ter lhe dito minutos antes para sair da sua vida e deixar que ele e Zoha tivessem paz seria esquecido num instante. Disso Iqbal não tinha dúvida.

Mas e depois? Depois que os dois caminhassem por uma hora ou duas, depois que parassem para mais uma xícara de chá, digamos, depois que esgotassem o estoque de piadas novas e de velhas histórias, depois que trocassem reminiscências sobre o tortuoso caminho trilhado por ambos para conquistar suas respectivas esposas... O que viria depois? O que os dois tinham em comum além de punhados de lembranças que ainda guardavam o poder de acariciar e atormentar? Lembrou-se da forma casual como Adish seduzira Murad com a expectativa de uma encomenda maior do que o volume do material que vendiam num mês. Um *sahib* rico brincando com um homem pobre, tirando proveito de sua esperança e de suas aspirações a fim de conseguir seu intento. Lembrou-se de como Adish se mostrara surpreso quando ouviu que Iqbal arranjara um casamento para Mumtaz. Como alguém como Adish poderia entender a atmosfera claustrofóbica de *basti*, onde todo mundo sabia da vida de todo mundo e os boatos corriam mais depressa que crianças descalças entre um apartamento e outro? E, apesar de Adish se declarar, ele próprio, um devoto, Iqbal sabia que não se tratava da mesma coisa: Adish provavelmente ainda bebia, era indulgente com seus instintos, gozava cada prazer decadente que a vida de rico lhe propiciava. A devoção, a disciplina, a virtude do islamismo — como Adish poderia conhecer o júbilo do sacrifício e do autocontrole? O que ele, Iqbal, teria em comum com um homem de meia-idade mimado, que jamais experimentou um único dia de sofrimento ou privação? O tempo todo que ficara sentado diante de Adish no restaurante, Iqbal observara o amigo — o corte de cabelo caro, o

relógio de ouro avantajado, as mãos macias e delicadas, mãos que jamais se viram vazias, que poucas vezes se fechavam em punho, mãos limpas, manicuradas, mãos que jamais trabalharam duro, que jamais precisaram agarrar, lutar, arranhar.

Do nada, Iqbal se recordou da velha rivalidade entre os dois por causa das notas escolares. A despeito da colocação quase idêntica entre os melhores da turma, Iqbal sempre acreditou que Adish fosse o aluno mais capacitado, o aluno mais naturalmente talentoso. Adish sempre se gabara do fato de jamais fazer os trabalhos de casa, de começar a estudar apenas uns poucos dias antes das provas, afirmando que mais do que isso era perda de tempo. E Iqbal tinha vergonha de admitir que começava a estudar para as provas finais com vários meses de antecedência, pois considerava esse esforço uma espécie de deficiência intelectual. Agora, porém, seus lábios se crisparam com amargura quando se lembrou das condições da própria casa durante a sua juventude: a família toda espremida em um apartamento ensolarado, porém modesto, de dois quartos; a mãe insistindo para que Iqbal apagasse as luzes assim que o marido se deitava, o que não lhe dava a menor chance de virar a noite estudando como fazia a maioria de seus colegas; as brigas constantes entre os pais por causa de dinheiro; a consciência culpada por causa de tudo que a mãe precisava aguentar para que ele frequentasse a faculdade. Adish, ao contrário, tinha um quarto só dele, onde podia ler até tarde da noite; uma mãe que acordava cedo no período de provas a fim de preparar para o filho uma bebida feita de amêndoas, açafrão e leite; e pais que o prepararam para o sucesso acadêmico como se ele fosse um cavalo puro-sangue de corrida.

Por que nunca lhe ocorrera antes pensar nas vantagens injustas de Adish em relação a ele? No entanto, mesmo enquanto formulava a pergunta, Iqbal já sabia a resposta: deixara-se iludir por aquele papo furado de camaradagem e igualdade. Assim como quase se permitira acreditar, uns minutinhos atrás, enquanto via Adish se afastar, que os dois ainda tinham algo em comum, que existia uma possibilidade de amizade entre eles.

Iqbal transferiu o peso de uma perna para outra, agitado. Adish desaparecera na multidão. Provavelmente parara de pensar em Iqbal no minuto em que virou as costas, enquanto ele continuava ali plantado no mesmo lugar. Consultou seu relógio Timex. Estava ausente do trabalho havia duas horas. Murad começaria a ligar para o seu celular a qualquer minuto. Mas só de pensar em voltar para a loja e enfrentar as perguntas insistentes do tio, aquela curiosidade ostensiva tão pungente quanto pimenta em pó, já sentia um bolo no estômago. Além disso, precisava pensar, calcular como e o quanto contar a Zoha, ponderar se podia confiar em Adish para guardar seu segredo. Estendendo a mão para pegar o celular, abrigou-se

no primeiro degrau do restaurante iraniano do qual acabara de sair, a fim de se afastar da maré incessante de gente que passava. Digitou o número de Murad.

— Onde você está, *yaar*? — Dava para perceber a irritação na voz de Murad. — Dispensei você para almoçar, não para sair em lua de mel.

A sensação de repulsa aumentou. Há tanto tempo não tirava um dia de folga! A ideia de voltar para aquela loja comprida e abarrotada e lá passar o restante do dia o deprimiu.

— Olhe, estou passando mal. Acho que comi alguma coisa estragada no almoço. Estou pensando em ir para casa.

Manteve o celular distante do ouvido enquanto o tio disparava sua habitual saraivada de insultos, ameaças e ultimatos.

— Murad *bhai* — falou, afinal. — Preciso desligar. Tenho de ir de novo ao banheiro. Vejo você amanhã. Prometo que compenso a falta de hoje.

A sensação de liberdade que sentiu assim que desligou o telefone o fez se lembrar da sensação delirante que costumava sentir quando, junto com Zoha, matavam aula para ir à praia ou aos Jardins Suspensos. Isso o convenceu de que tomara a decisão certa. A tarde se estendia diante dele, como uma meia vazia que poderia encher com as moedas que escolhesse. Um cinema? Uma rápida corrida de ônibus até o mar? Uma visita a um amigo? Só a ideia da escolha, das opções rodopiando em sua cabeça, fez com que se sentisse rico, um membro da classe abastada. Entrou de novo no restaurante iraniano e foi recebido pelo mesmo garçom que o fitou com uma expressão inquiridora.

— *Kya hua, seth?* — indagou o garçom. — Esqueceu alguma coisa?

Iqbal sorriu, expansivo:

— *Nahi*. Só quero mais uma provinha do seu excelente chá.

Sentou-se bebericando o chá, olhando para a rua ensolarada. Seu ressentimento com Adish começou a se dissipar. Adish era um cara decente, concluiu. Confiável. E chegara até a confessar que Laleh o tinha forçado a procurá-lo. Lembrou-se de como Laleh podia ser turrona e sentiu um lampejo de solidariedade com relação a Adish. Erguendo a xícara, tomou outro gole de chá.

E sentiu alguma coisa em sua boca. Alguma coisa mole e peluda. Impediu-se, a meio caminho, de engolir, estendeu a mão para o pires e cuspiu o líquido. Juntamente com a mosca morta.

Os olhos se encheram de lágrimas involuntárias enquanto passava a língua por dentro da boca.

— Ei! — gritou, fazendo sinal para o garçom mais próximo, a voz carregada de indignação.

— Sim, senhor.

— O que é isso? Uma mosca no meu chá? — explodiu. — Que tipo de espelunca de terceira classe vocês têm aqui?

O garçom lançou um olhar para o pires:

— Desculpe, senhor. Quer outra xícara? Vou pegar o bule.

A sensação não passara, a violação da boca por algo mole e peludo.

— Você ficou louco? Acha que vou confiar noutro chá desta espelunca?

O proprietário do restaurante, que até agora permanecera olhando para fora da janela aberta, removeu então o corpanzil de detrás da caixa registradora e se aproximou arrastando os pés.

— *Su che?* Qual é o problema? Ramdas, o que houve?

— O cavalheiro diz que uma mosca caiu na xícara dele.

O proprietário fez um gesto de indiferença com a mão gorda.

— E daí? Há moscas por todo lado. Será que eu devia desistir do meu restaurante e virar um matador de moscas? Estamos em Bombaim, meu caro. Tem mais moscas que gente aqui. O que fazer se uma delas decide partilhar seu chá?

Iqbal se pôs de pé:

— Olhe, o inseto estava no fundo da minha xícara. Não caiu simplesmente direto nela.

O homem franziu a testa.

— Impossível. A nossa cozinha é a mais limpa daqui — garantiu estalando os dedos para chamar o garçom. — Ramdas, traga outro *chai* para o freguês.

— Acabei de oferecer a ele.

— Prefiro morrer a tomar o seu chá. — As palavras de Iqbal saíram num tom mais agressivo que o pretendido.

Os olhos do proprietário se estreitaram:

— Então, meu senhor, saia, por favor. Insultos não são tolerados no meu restaurante. Do contrário, não me responsabilizo...

Iqbal sentiu as bochechas arderem.

— Não me ameace, seu...

O garçom se meteu entre os dois homens.

— Por favor, meu senhor, saia agora. Não vou cobrar o chá. Apenas saia.

Iqbal se permitiu ser escoltado para fora do restaurante. Na rua, lançou um último olhar para o proprietário, mas mesmo enquanto o fazia, pôde sentir a raiva e a indignação o deixarem. No lugar delas, enquanto se afastava, uma sensação de derrota e melancolia se apossou dele. A promessa de uma tarde dourada se transformou em humilhação.

Adish nunca teria sido tratado desse jeito, disso tinha certeza. Lembrava-se de como o dono do restaurante fizera menção de se levantar do banco atrás do caixa quando Adish entrou, como o sujeito se aproximara no meio

do almoço para perguntar se tudo estava a contento. Se fosse Adish a reclamar de um inseto em seu chá, o proprietário teria praticamente se ajoelhado para pedir desculpas.

Na verdade, jamais haveria uma mosca no chá de Adish. Iqbal reduziu o passo quando o pensamento o assaltou. Claro. Era uma armação. Provavelmente os fregueses muçulmanos eram indesejados. Por estar com Adish foi tolerado, mas o fato de ter se atrevido a entrar de novo sozinho... Interrompeu-se em meio ao raciocínio. *Saala*, você perdeu o juízo, repreendeu a si mesmo. O restaurante deve atender uma centena de muçulmanos por dia. Isso é complexo de perseguição.

Prosseguiu nessa nova narrativa enquanto caminhava, satisfeito consigo mesmo por ser dono de uma mente justa, tentando apagar as chamas da própria indignação e até mesmo procurando injetar algum humor em todo o episódio. De uma coisa, porém, ele tinha certeza: Adish jamais seria insultado pelo dono do restaurante como ele havia sido. E essa conclusão matou sua euforia, maculou a sensação de que tinha opções, levou-o a sentir-se fracassado e frágil, como acontecia quase todos os dias.

E outro pensamento brotou, de repente, em sua mente, deixando seu humor sombrio: o fato de ter contado a Adish a violação sofrida por Mumtaz. Não soube dizer por que isso o incomodava tanto. Não era por desconfiar de Adish ou por medo de que ele espalhasse boatos a respeito do que ouvira. Não duvidava de que seu segredo estaria a salvo com ele. Além do mais, os dois não tinham amigos em comum.

Não, o que o incomodava, percebeu, era ele mesmo. Sua própria fraqueza. Com que facilidade se deixara enredar, com que facilidade se aninhara no berço da amizade e se permitira embalar até dormir. Sempre havia acreditado que iria para a sepultura sem contar a outra pessoa o que acontecera a Mumtaz. Milhões de vezes pensou em se abrir com Zoha, principalmente quando ela fazia um comentário mordaz sobre ele ter casado a irmã aos dezesseis anos, a voz cheia de desdém e indignação. Mas ele preferira que a esposa pensasse o pior a seu respeito a trair a confiança de Mumtaz. A irmã caçula já sofrera o bastante, e ele não queria que coisa alguma a machucasse mais, nem mesmo uma pontinha de piedade por parte de Zoha.

Mas Adish... Adish havia conseguido arrancar-lhe o segredo. Como fizera isso? Não fora através de ameaças, obrigando-o a se render. Não, em vez disso, Adish apenas o tocara com seu espanto e deixara que a surpresa — e, quem sabe, a decepção — transparecesse no olhar, e, *bas*, as palavras lhe escaparam da boca. Será que o seu ego era mesmo tão frágil assim? Sua necessidade de apaziguar, de demonstrar que era um homem e não um monstro, seria tão grande? Será que a aprovação de Adish, passados mais de vinte e cinco anos de silêncio, ainda significava tanto? Iqbal sentiu o corpo

se retesar de raiva e autodesprezo ante tal pensamento. *Saala*, covarde, amaldiçoou a si mesmo.

Em seguida, sua fúria mudou de direção e ele pensou: maldita Zoha. Maldita Zoha por colocá-lo nessa posição. Se tivesse, simplesmente, dito logo às outras que não podia ir aos Estados Unidos, teria encerrado o assunto, *bas*, fechado o livro, *khatham*, fim, finito. Mas não. O que quer que tenha dito às duas foi o suficiente para manter a esperança de ambas. E por isso mandaram Adish. Como é que o chamavam mesmo na faculdade? Iqbal coçou a ponta do nariz enquanto tentava se lembrar. Sr. Resolve Tudo, ou algo do gênero. Lembrou-se do que o pai de Laleh disse uma vez acerca de Adish: "Se esse rapaz fosse vivo na época, poderia ter convencido os britânicos a dar a Índia a Gandhi vinte anos mais cedo. Raios, ele poderia mesmo ter convencido Gandhi a devolver a Índia aos malditos britânicos." Não espanta que tivessem mandado Adish, como um perdigueiro, para encontrá-lo, rastreá-lo, fazê-lo concordar com aquele plano absurdo. Será que faziam ideia de como as mulheres muçulmanas estavam sendo tratadas ultimamente nos Estados Unidos? E se algum funcionário de pele corada resolvesse se engraçar com sua esposa na imigração ou na alfândega? Todo dia na mesquita ele ouvia alguma história sobre o assédio e a humilhação que os muçulmanos vinham sofrendo nos Estados Unidos. E não era só no aeroporto. Laleh e Kavita, com suas roupas ocidentais, seus jeans e camisetas, não teriam problemas. E a sua Zoha? Será que uma das duas parou para pensar nisso? O fato de Armaiti estar morrendo era triste, sim — ele rezara para Alá, louvado seja Seu nome, quando ouvira a notícia —, mas isso significava que a sua família também precisasse morrer?

Sem que pretendesse, seus pés o levaram até a estação ferroviária, onde diariamente pegava o trem na volta para casa. Sentiu um momento de tristeza ao se dar conta disso. *Arre*, Pés, resmungou consigo mesmo, até vocês me traíram. Lá se vão os planos de ir ao cinema ou até a praia. *Chalo*, vou seguir o seu conselho e voltar para casa, para minha esposa.

Ao subir a escada que levava ao próprio apartamento e ouvindo o rangido dos degraus, o fracasso da tarde já se transformara em raiva. Percebeu logo que, em vez de parecer feliz ao vê-lo em casa mais cedo, Zoha o olhou surpresa e aborrecida.

— *Kya hai, bibi?* — provocou ele. — Não está feliz de ver seu marido chegar?

Ela deu de ombros, calada, e isso o irritou mais do que qualquer palavra que Zoha pudesse ter dito.

— Estava esperando outra pessoa? Atrapalhei seus planos?

Zoha virou-se para encará-lo.

— Por favor, Iqbal, hoje não. Estou com dor de cabeça.

Ele sorriu com tristeza.

— Eu também. O nome dela é Adish. Mas me livrei a tempo.

Ela o olhou com mais atenção:

— Do que você está falando?

Enfim chamara sua atenção. Sua atenção completa. Isso o divertiu.

— Ele veio me ver. Na loja. A respeito... — fez um gesto de indiferença com a mão. — A respeito desse assunto Armaiti.

Será que era imaginação sua ou vira um lampejo no olhar dela? Não dava para ter certeza.

— E? — perguntou, cautelosa, Zoha, quando ele se calou.

Iqbal ergueu uma sobrancelha.

— E eu expliquei a situação a ele, claro. De homem para homem. Fiz com que entendesse a impossibilidade do pedido. *Bas*, só isso.

Pôde ver as emoções travando uma luta no rosto de Zoha, notou como ela tentava assumir uma expressão neutra. Como ela se importa, pensou Iqbal. E isso o deixou sem fôlego.

— E? — repetiu Zoha, afinal.

— E o quê? E nada. Ele concordou. Viu que tinha errado. Pediu desculpas. Prometeu que nunca mais vai nos importunar. Disse que controlaria a esposa.

Zoha deixou escapar um riso curto.

— Como se pudesse.

— Pudesse o quê?

— Como se Adish pudesse controlar Laleh.

Ele a fitou com um olhar de desdém.

— Nem todos os homens deixam suas mulheres lhe pisarem na cabeça, como deixei você fazer.

Ela abriu a boca, mas depois tornou a fechá-la. Os dois se entreolharam durante alguns segundos, e então ela falou baixinho:

— Todos os homens roubam os celulares das esposas? Você perguntou isso a Adish?

A mão de Iqbal comichou numa fúria repentina, e ele a enfiou no bolso do pijama. Não morderia a isca. De jeito nenhum. Além disso, estava feito. Ele vencera. Adish não os incomodaria de novo. Forçou-se a bocejar.

— A que horas vai sair o jantar?

Os olhos dela estavam opacos:

— No mesmo horário de sempre.

Uma onda de pena e autorrecriminação o engolfou, e ele a engoliu.

— Muito bem, vou fazer uma visitinha a Ammi.

— Iqbal.

— O quê?

— Esse jeito é... Não existe outra alternativa?

Ele sabia do que ela estava falando, e por um momento se sentiu tentado. Zoha ficaria fora apenas algumas semanas, afinal. Viu, então que, caso se permitisse ceder um tantinho de nada, seu corpo seria tomado pelo luto ao imaginar Armaiti morrendo. Algo amoleceu dentro dele, mas nesse instante Iqbal se lembrou da mosca no chá, da grosseria do dono do restaurante, da facilidade com que Adish mentira a Murad, da sua traição ao segredo da irmã. Forte, ele precisava ser forte. Sua fé exigia que resistisse à tentação. E o que Zoha lhe oferecia — um abrandamento, uma rendição — era o mais tentador de tudo.

Fingiu não entender a pergunta.

— Você quer sair para jantar em vez de cozinhar?

Viu a mágoa no olhar de Zoha quando ela lhe deu as costas. Uma fisgada lhe trespassou o peito ao sair do apartamento, e ele não soube dizer se era de dor ou de satisfação.

* * *

Laleh o esperava à porta quando Adish chegou em casa no fim do dia.

— Tentei ligar para você o dia todo — disse ela assim que ele entrou. — Por que você não atendeu? O que houve?

— Oi, meu amor — disse ele, imitando a voz da esposa. — Como foi seu dia? Teve muito trabalho no escritório? Quer que a sua adorada esposa lhe sirva um café? Ou, quem sabe, uma cervejinha bem gelada?

Laleh aceitou a reprimenda.

— Está bem, desculpe — disse ela. Depois franziu a testa. — Mas você não sabe o que passei, aqui, esperando. Por que diabos você não atendeu o telefone?

Adish balançou a cabeça, exasperado, e passou por ela a caminho do quarto.

— Juro, Laleh, você é pior do que as crianças quando eram pequenas. Será que dá para eu trocar de roupa antes de enfrentar a droga da Inquisição?

— Claro — concordou Laleh, mas Adish notou que ela o seguiu. Empoleirou-se na cama e aguardou até que ele saísse do banheiro.

— Então, como ele está? — indagou, ansiosa.

Meio contra a vontade, Adish riu.

— Você é um pitbull. Incansável.

Observando a expectativa no rosto da esposa, Adish soltou um suspiro. Laleh não iria gostar do que ele tinha a dizer.

— Olhe aqui. Faça um favor a nós dois. Sirva uma cerveja para mim. E

para você também.

O rosto dela ficou tenso.

— As notícias não são boas?

Adish bufou, irritado, e a agarrou pelos ombros, obrigando-a a ficar de pé e virando-a para a porta.

— Vá. Eu não demoro.

Mas, no quarto, ele hesitou, tentando decidir quanto contar do que ouvira de Iqbal. Sabia que, sem escutar a história toda, ela não haveria de entender a promessa que ele fizera a Iqbal de deixá-lo em paz. Mas Iqbal pedira para não partilhar a história da humilhação de Mumtaz nem mesmo com Nishta. Que direito ele tinha de contar a Laleh o segredo de Iqbal?

Quando entrou na sala espaçosa, Laleh estava sentada junto à janela que tinha vista para o mar. Apagara as luzes, e sob o céu do crepúsculo dava para ver as luzes de néon azuis da Philips refletidas na água. Ele foi se sentar ao lado dela, tomou um gole generoso de cerveja, pousou o copo entre ambos e lhe pegou a mão.

— Olhe. Sinto muito. A resposta é não. Ele não quer que ela vá.

Num gesto automático, Laleh retirou a mão de entre as dele.

— Iqbal não pode impedi-la. Ela quer ir, Adish, eu lhe disse. Pude ver no rosto dela. Talvez se eu falar com ele...

— Não. — A voz saiu mais alta do que Adish pretendera, mais enfática, e ele a moderou antes de voltar a falar. — Não, Lal, não é uma boa ideia. Além disso, eu... Eu prometi a ele que...

— Prometeu o quê?

— Que não o incomodaríamos de novo. Que não interferiríamos na sua vida.

Ela deixou escapar uma exclamação.

— Você não pode falar em meu nome. — Os olhos de Laleh faiscaram no escuro. — É engraçado como você sempre faz, pelas minhas costas, promessas que me dizem respeito. Esse é um hábito antigo.

Adish sentiu uma raiva recíproca faiscar nele.

— É engraçado como você sempre distorce tudo. Você é mestra em se agarrar ao passado, Laleh. É uma das suas características menos atraentes.

— Você não tinha o direito, Adish. Não é você que vai ter de encarar Armaiti e a decepção dela — atalhou Laleh com o rosto crispado de emoção. — Santo Deus, em que tipo de monstro Iqbal se transformou para se recusar a cumprir o último desejo de uma mulher doente? Você disse a ele que Armaiti está morrendo?

Adish sentiu uma repentina pontada de pena com relação a Laleh, mas logo se lembrou da angústia nos olhos de Iqbal ao revelar o abuso sofrido pela irmã caçula. A dor de Laleh passaria. A de Iqbal permaneceria com ele para o

resto da vida. Adish fechou os olhos e imaginou alguém ferindo sua filha, e só o fato de pensar nisso o deixou zonzo. Precisar, com efeito, passar por uma coisa dessas e ser fraco demais para tomar uma providência — pobre demais, impotente demais —, não ser capaz de sair e bater na porta do canalha e matá-lo com as próprias mãos era algo que não conseguia sequer imaginar. Iqbal perdera tanta coisa! Ele, Adish, não podia lhe pedir que desistisse de mais nada. Talvez insistisse com mais veemência, fosse mais persuasivo se não tivesse sabido por Laleh que Nishta dissera que talvez não voltasse caso deixasse a Índia e se não tivesse ido ao encontro de Iqbal sabendo disso. Mas esse conhecimento amargara em seu íntimo como leite talhado, impedindo que ele iludisse Iqbal fazendo-o pensar que ficaria longe da esposa por alguns dias apenas.

— Quero lhe contar uma coisa — falou ele baixinho. — E preciso que você confie em mim. Confie no meu bom senso. — Vendo que Laleh estava prestes a discutir, ergueu a mão para impedi-la. — Espere. Me deixe terminar, por favor. — Fez uma pausa, os olhos estudando o rosto da esposa, tentando encontrar as palavras certas. — Veja, sei que você está desapontada. E quanto a Armaiti... Se quiser, dou a notícia a ela. Mas Iqbal é um homem arrasado, Lal. Sabe aquele jovem brilhante que foi nosso amigo? Esqueça. Ele se foi. Teve uma vida muito, muito dura daquela época para cá. Coisas terríveis aconteceram, sabia? E, por favor, não posso dizer mais nada. Prometi. E, sim, também prometi deixá-lo em paz. E não vou quebrar essa promessa, Laleh. Nem mesmo por você.

Ela emitiu um som que ele jamais ouvira.

— Você não está sendo nem mesmo coerente. Por que não pode me contar? Talvez a gente possa ajudá-los. Por que ele rompeu conosco?

— Laleh, acalme-se. Essa história... Não há nada que a gente possa fazer para ajudar. Há coisas que até mesmo para você são grandes demais, meu amor. Você... Eu lhe disse. Você vai ter de confiar em mim desta vez. Acha que não sei o quanto isso significa para você? Não me conhece o suficiente a essa altura? Não sabe que, se eu pudesse fazer você feliz, eu faria?

E, de repente, ela estava em seus braços.

— Desculpe, Adish. Sou uma vaca ingrata. Fico tão grata por você ter tentado argumentar com ele. — Fitou o marido com olhos lacrimosos. — Mas quando penso em Nishta naquela casa miserável, ai, tenho vontade de vomitar.

— Eu sei, amor. Entendo. Também odeio isso tudo.

Adish não conseguia parar de pensar que o sofrimento era o tecido que unia os seres humanos. Não conseguia parar de imaginar o caminho desde a tragédia dos tumultos de 1993 até a catástrofe pessoal que engolfara Iqbal e que o levara à conversão religiosa, limitando a vida de Nishta e desaguando

nesta mais recente consequência: a dor que Laleh estava sentindo. E tudo por causa daqueles políticos deploráveis que jogavam um grupo contra o outro a fim de obter um punhado de votos. Tudo porque um canalha não conseguiu manter a braguilha fechada.

Adish apertou a esposa nos braços.

— E, então, consertou seu dente hoje? — murmurou passado um instante. Ela assentiu. — E...? Está doendo?

— Não. Tudo bem.

Ele a abraçou mais forte ainda.

— Quer que eu ligue para Armaiti para lhe contar sobre Nishta? Posso falar com Kavita, também, se você quiser.

Ela se mexeu dentro do abraço.

— Você já fez o suficiente. Falo com as duas. — Ergueu os olhos para ele, o rosto pequeno e crispado. — Talvez, afinal, Kavita e eu bastemos para ela, quem sabe?

— Claro que sim.

Adish engoliu o bolo que de repente se formou em sua garganta. Depois de todos esses anos, Laleh ainda podia acabar com ele com um olhar ou uma palavra. Simplesmente acabar com ele.

— Não entendi — exclamou Armaiti. — Iqbal de fato disse não?

— Infelizmente.

Armaiti arrancou um pedacinho de pele seca do rosto.

— Adish disse a ele, não foi? Contou o motivo... Falou da minha doença?

— Falou, querida. Sinto muito.

— E ela disse que queria vir? Quando você se encontrou com ela?

— Acho que sim. Tive a nítida impressão de que se Iqbal tivesse...

— Me dá o telefone dela. Vou ligar diretamente.

— Não vai conseguir falar com ela, eu lhe disse. Iqbal não quer que a gente a procure — disse Laleh com um suspiro. — Só espero que a visita de Adish não crie problemas para ela.

Armaiti procurou se concentrar. Porque estava tendo dificuldade para entender.

— Problemas? Com quem?

— Com Iqbal, claro. Ele obviamente não quer que ela se comunique conosco. — Laleh fez um muxoxo de zombaria. — Deve ter medo de que a gente contamine a sua *begum* com o nosso jeito ateu, secular.

— Não acredito. Por que Nishta aceita tudo isso? Ela é formada em francês numa boa faculdade, ora. Isso deve ter alguma utilidade, não deve? Por que não lançar mão? Com todas essas multinacionais correndo para a Índia, não devem faltar vagas para tradutores, você não acha?

Mesmo do outro lado da linha, ela conseguiu ouvir o sorriso na voz de Laleh.

— Você está longe da Índia há tempo demais, meu doce. Esqueceu como é difícil fazer alguma coisa neste maldito país. Provavelmente há dez milhões de portadores de diploma universitário mais capacitados do que Nishta. E estão todos desempregados. Além disso, eu disse a você: ela mudou. Tem alguma coisa, sei lá... Ela está meio indolente.

— Nishta? Impossível.

— Mudando de assunto, Kavita verificou a agenda de trabalho dela. Vai poder viajar daqui a vinte dias. Adish está providenciando a reserva das nossas passagens. Vai depender um bocado da marcação da entrevista para os vistos. Vou dando notícias, combinado?

— Combinado. Vou passar por fax amanhã a carta do meu médico. Tomara que isso ajude com o visto.

— Não estou preocupada — disse Laleh. — Vai dar tudo certo. — Houve uma pausa breve, finda a qual Laleh acrescentou: — Acho que falhei com

você, Armaiti. No caso de Nishta.

— E hoje está chovendo aqui. Culpe-se por isso também, viu?

Laleh riu:

— Cretina.

— Pode crer.

Laleh riu de novo.

— Você está de ótimo humor hoje. Melhorou?

Laleh se tornara a única pessoa com quem Armaiti podia falar com liberdade da própria saúde.

— Não exatamente. Minha coordenação motora-visual anda péssima. Tudo bem com movimentos amplos, mas, se tento quebrar um ovo na beirada de uma xícara, metade acaba caindo na bancada.

— Está sentindo dor?

— Não muita. Os esteroides ajudam com as dores de cabeça, graças a Deus.

— Graças a Deus — repetiu Laleh. — Cuide-se direitinho, viu, querida?

— Ah, pode deixar. — Armaiti se calou um instante e depois estalou a língua. — Sabe o que é engraçado? Durante anos e anos eu disse a mim mesma que, se algum dia descobrisse que tinha seis meses de vida, iria comer batata frita com cebola à milanesa e tomar coca-cola no café da manhã todos os dias.

— Faça isso. Dane-se.

— Aí é que está a graça, Laleh. Tentei uma vez. E odiei. Ando mais paranoica do que nunca com esse negócio de comer coisas saudáveis. Não é estranho? Parece treino para uma maratona. No fim das contas, até morrer dá trabalho.

— Armaiti...

— Desculpe, deprimi você.

Depois de desligar o telefone, Armaiti continuou sentada no sofá, tentando processar a notícia incompreensível a respeito de Nishta. Ela se lembrava com clareza da manhã em que Nishta e Iqbal entraram na lanchonete da faculdade e anunciaram que pretendiam se casar logo após a formatura. Apesar dos obstáculos que todos sabiam que ela enfrentaria, Nishta parecia tão segura, tão confiante. Quanto a Iqbal, ele não parava de assoviar "I'm Getting Married in the Morning", a canção de *My Fair Lady*, até Adish, com um rosnado, lhe oferecer uma nota de dez rupias para que ele parasse. Como compatibilizar essa boa lembrança com o que Laleh acabara de lhe contar? Será que o tempo era mesmo capaz de alterar tanto as coisas? Se assim fosse, o diabo que todas as religiões ensinavam as pessoas a temer e desprezar se resumia a simples passagem do tempo.

Estava perdida em suas lembranças quando Diane entrou na sala e

desabou numa poltrona diante dela.

— Muito bem, mãe, já chega — declarou a filha naquele tom autoritário que fazia Armaiti ranger os dentes. — Vou confiscar o telefone se você continuar a ficar tão para baixo toda vez que fala com suas amigas na Índia. A ideia é animar você, lembra?

Confiscar o telefone? Armaiti se encrespou. Seria a inversão de papéis tão completa? Já? Estava pensando numa resposta à altura, quando Diane perguntou:

— E aí, o que há de novo sobre a tia Nishta? Já conseguiram encontrá-la?

Sua decepção com a impossibilidade da vinda de Nishta ainda estava muito fresca para discutir o assunto com Diane.

— Não — respondeu apenas.

— Por que não? Qual é o problema?

Armaiti não conseguiu disfarçar a frustração na própria voz.

— O problema é o marido dela. Parece que ele não vai deixá-la vir.

— Por que não?

As palavras lhe saíram aos atropelos da boca:

— Porque ele se transformou num fanático religioso, um fundamentalista muçulmano devoto que aparentemente reza cinco vezes ao dia e... — Então ela parou ao ver a expressão no rosto de Diane. — O que foi?

— Não acredito que você disse isso.

— Disse o quê?

— Você chamou o sujeito de fundamentalista apenas porque ele é religioso.

Ela amava Diane mais que tudo na vida, mas nesse exato momento os dedos comicharam de vontade de tirar com um tapa a arrogância daquele rosto jovem.

— Ele era um *socialista* — disse. — Costumava rir da pessoa em que se transformou. Virou uma caricatura da pessoa de que costumava zombar.

— E daí? Será que ele não tem o direito de mudar? — Diane estava com aquela expressão arrogante que fazia Armaiti bufar de raiva. — Por que você desdenha tanto os devotos, mãe? Você é tão dogmática. As pessoas não têm mais o direito de acreditar naquilo que querem?

A filha jamais lhe parecera tão desconhecida quanto agora. Diane frequentara uma escola particular de prestígio onde o politicamente correto era exaltado, onde a tolerância e o multiculturalismo eram chavões. Crescera numa cidade que com orgulho — ainda que de maneira tola — se autorrotulava de zona a salvo de experiências nucleares, assistira a um punhado de cultos numa igreja unitarista sem denominação, nas poucas vezes em que os pais se deram ao trabalho de levá-la, e agora cursava uma universidade reconhecida como liberal. Diane se transformou precisamente

na pessoa que ela e Richard haviam procurado torná-la: progressista, aberta, tolerante.

Então por que Armaiti sentia como se ela e a filha não estivessem falando a mesma língua? Por que tinha a impressão de que havia algo simplista, até mesmo infantil, na compreensão de mundo por parte da filha? De que, nesse exato momento, Diane parecia mais filha de Richard — o Richard de coração grande, bem-intencionado, cuja inocência americana sempre lhe parecera encantadora e perigosa — do que dela? De que a Diane que agora a encarava com uma ligeira censura no olhar na verdade era a filha do Meio-Oeste americano — doce, porém neutra —, sem um traço sequer do legado de tempero e vinagre da mãe?

E você, indagou-se Armaiti, que língua você fala? Uma língua morta. A língua de uma época remota, de um mundo que não existe mais. De um tempo em que se acreditava no profeta que declarou que a religião era o ópio do povo. Ela e as amigas não encaravam a religião como uma questão inócua, particular, como fazia Diane, nem como tópico de conversa em coquetéis. Não servia para elas a visão inofensiva, new age, ornada de cristais e anjos que tantos de seus amigos americanos partilhavam quanto à religião. Ela e as outras encaravam a religião como uma besta a ser domada, como uma arma que a classe governante usava para manter o povo subserviente. Ou uma espécie de gênio-demônio que os políticos deixavam sair da garrafa toda vez que havia uma eleição a vencer. E, então, gangues de hindus, muçulmanos e sikhs massacravam uns aos outros, incendiavam casas, adultos e crianças — *crianças*. Ou jogavam ácido no rosto de moças a caminho da faculdade. Ou promoviam tumultos para banir livros, filmes ou quadros que ofendessem sua sensibilidade religiosa. Várias vezes, Armaiti e as outras embarcaram em missões de averiguação de fatos depois de um tumulto ou massacre, viajaram para as províncias de Bihar ou Orrissa, testemunharam as consequências do fervor religioso. Isso a afastara para sempre da religião. Ou melhor, lhe dera uma fé nova. Ela e as outras chamavam a si mesmas, com orgulho, de humanistas seculares, e as palavras tinham gosto de mel em suas bocas. O único evangelho em que acreditavam era o que pregava comida para os famintos, roupas para os nus e justiça para os oprimidos.

Olhou agora para a filha, linda e franca, e se viu dividida entre desejos conflitantes — o desejo protetor, maternal, de que Diane permanecesse para sempre inocente assim, a salvo em suas pequenas indignações quanto a pequenas injustiças. Outra parte sua, porém, queria que a filha conhecesse não apenas o mundo em que ela crescera, mas conhecesse a *pessoa* que ela era, as batalhas que travara e perdera, o idealismo que usara como um escudo enferrujado. Parecia uma espécie de fuga ao dever permitir-se morrer

antes de transmitir um pouco desse conhecimento à filha única. Porque temia que o mundo tivesse mudado demais, que esse mundo novo e irrequieto do capital global e das amizades virtuais jamais voltasse a alimentar o tipo de comunidade e otimismo que ela conhecera. Diane seria uma boa pessoa — poria um pratinho de leite do lado de fora para filhotes abandonados e se lembraria de encher o comedouro dos pássaros, mandaria dinheiro para patrocinar uma criança na África e abriria mão das suas sextas-feiras para ler para idosos num asilo, mas não saberia o significado de uma luta coletiva, não conheceria a excitação febril de participar de uma passeata com dezenas de milhares de outras pessoas, nem o medo congelante de encarar uma barricada policial.

Em resumo, Diane levaria a mesma vida feliz, porém maçante, de classe média que a mãe levara durante as últimas três décadas. Armaiti se empertigou na cadeira ao se dar conta disso.

Seu rosto devia estampar uma expressão consternada, porque ela ouviu Diane dizer:

— Ei, mãe, sinto muito. Não estava brigando com você.

Esforçou-se para responder, mas teve dificuldade em se concentrar nas palavras de Diane. Porque de repente percebera por que era tão importante rever as outras. Por causa de Diane. As outras eram o bem de família que ela legaria a Diane. Elas ajudariam a explicar à filha como era sua mãe.

Precisava ficar sozinha alguns minutos, precisava de tempo para pensar.

— Olhe — disse. — Você sabe o que estou louca para tomar? Um sorvete de passas ao rum. Só que o único lugar que vende esse sorvete é aquele mercado lá para as bandas de Emory. Você daria um pulo lá para comprar?

Como previra, Diane se pôs imediatamente de pé.

— Para você, querida, tudo isso e o céu também. — Com um gesto teatral, jogou um beijo para a mãe. — Volto rapidinho.

— Não se apresse.

Era um raro prazer ter a casa só para si. Desde o diagnóstico, Richard praticamente voltara a morar com ela, e Diane vivia a mimá-la e protegê-la mais do que sua própria mãe fazia. Armaiti estava ciente de que deveria ficar agradecida, mas às vezes se esquecia disso. Pai e filha vinham fazendo com que ela se sentisse mais inválida a cada dia e, quando os dois davam uma folga, seu corpo idiota e não confiável assumia esse papel.

Ficou ali sentada saboreando a solidão durante alguns instantes. Levantou-se, então, e se dirigiu ao quarto. Cotton dormia na cama e recebeu Armaiti com um bocejo e a patinha estendida. Armaiti afagou, distraída, a cabeça ossuda antes de continuar seu caminho até o closet. Na ponta dos pés, alcançou a pilha de álbuns de fotografias equilibrada de modo precário na última prateleira. Calculou mal a distância, porém, e a mão bateu no

álbum de baixo, derrubando os três primeiros. Por pouco eles não lhe caíram em cima.

— Merda — exclamou em voz alta. — Ando completamente desastrada.

O gato mexeu uma orelha, mas permaneceu imóvel. Levantou-se, porém, para esfregar a cara de encontro aos álbuns, assim que Armaiti os pousou na cama.

— Sai, Cotton — disse ela, empurrando o bichano. — Você vai encher de pelo o meu álbum de casamento.

O álbum de casamento. No primeiro ano após o divórcio, pegara Diane folheando suas páginas. Como a filha ficara inconsolável! Agora, alguns anos depois, como se esforçava para ser a "mãe" responsável, cuidando para que Armaiti comesse na hora certa, ajudando-a com a jardinagem.

A filha logo estaria de volta. Usando a mão funcional para guiar a outra, Armaiti virou as folhas do álbum, passando pelas fotos em que aparecia com Richard. Demorou-se um pouco quando viu uma fotografia da mãe na recepção do casamento em Bombaim. Examinou com mais atenção, buscando naquele rosto algum sinal do câncer que devoraria seu corpo poucos anos depois. Mas a mãe parecia excepcionalmente feliz, o olhar brilhando enquanto admirava o genro americano alto e bonito.

— Provavelmente ficou aliviada por eu não me casar com um negro — murmurou Armaiti para si mesma e depois riu ao imaginar a cara de Diane se a ouvisse. Diane não saberia lidar com a obsessão dos indianos pela cor da pele.

Precisou se concentrar enquanto folheava o álbum, precisou compensar a ligeira desconexão entre a posição real das coisas e aquilo que lhe dizia seu cérebro. Afinal, porém, encontrou a foto que procurava, já lá pela metade do álbum. Uma fotografia grande das quatro: Nishta, Kavita, Laleh e ela, na recepção do casamento em Bombaim. Todas metidas em saris caros, todas parecendo mais adultas e glamorosas do que nunca. Ninguém bancava a palhaça na fotografia, ninguém estava fazendo careta ou revirando os olhos. Apenas quatro jovens encarando o olho da câmera, eretas e com expressões compostas e ajuizadas.

Eram lindas, deu-se conta Armaiti. Até ela, embora sempre tivesse se sentido sem graça quando comparada às outras três. Kavita talvez fosse, entre todas, a dona da beleza menos convencional, mas Armaiti percebeu os cálidos olhos castanhos sob o cabelo curto, os perfeitos dentes alvos, a cintura fina. Kavita tinha os braços em volta do ombro de Laleh. O cabelo grosso e comprido de Laleh lhe emoldurava o rosto, e Armaiti registrou o nariz reto e nobre, as sobrancelhas arqueadas e os lábios finos e delicados. O rosto estampava uma expressão marota, Armaiti reconheceu de imediato, como se Laleh estivesse saboreando uma piada que só ela conhecia. A seu

lado, a radiosa Nishta tinha o cabelo preso num coque no alto da cabeça e nos lábios, um amplo sorriso, grande o bastante para que Armaiti visse a pequena falha entre os dentes. Armaiti prendeu o fôlego. Havia se esquecido de como Nishta era linda.

Olhou para si mesma, de pé ao lado de Nishta, pronta para criticar a própria aparência. Mas os dois anos passados nos Estados Unidos deviam ter-lhe feito bem. Ou talvez fosse o fato de estar apaixonada por Richard. Ou, quem sabe, estivesse feliz com o reencontro das amigas. Fosse qual fosse o motivo, ela parecia ótima.

Ouviu o carro de Diane passar pelo portão enquanto arrancava uma foto do álbum. Folheou-o com mais rapidez, querendo achar outras fotografias das amigas antes de guardá-lo. A porta lateral bateu, e ela ouviu Diane entrar.

— Mãe? — gritou a filha. — Cheguei.

— Oi, querida — gritou Armaiti de volta. — Estou aqui em cima no meu quarto.

— Já subo.

— Ponha o sorvete no congelador primeiro.

Armaiti viu, então, uma foto em que Richard e Kavita a ladeavam. Examinou com atenção o rosto da amiga e notou que sua expressão era tão neutra quanto um céu invernal. Sentiu uma pontada no coração. Como deve ter sido difícil para Kavita conhecer Richard, pensou.

— Desculpe, Ka — sussurrou, passando o dedo no rosto de Kavita. Perguntou-se se devia arrancar também essa do álbum, mas decidiu em contrário.

Já enfiara o álbum de casamento debaixo da cama — ela o tiraria dali mais tarde, não havia motivo para se arriscar a aborrecer Diane — e espalhara as quatro fotos que arrancara dele sobre a colcha, quando Diane entrou no quarto.

— Oi, mãe — disse a filha. — Está fazendo o quê? — Então, reparou nas fotos. — O que é isso?

Armaiti pegou a foto das quatro juntas. Quando a ergueu com delicadeza, tomando cuidado para não manchá-la com digitais, e a entregou a Diane, estava ciente de estar lhe passando algo valioso. Pensou nas joias de ouro, bens de família, que a mãe lhe dera em seu casamento. Na ocasião havia protestado, recusando-se a aceitar, mas a mãe insistira:

— Elas nunca foram minhas — dissera a mãe, beijando-lhe a cabeça inclinada. — Eu só as estava guardando para você. Assim como você há de guardá-las para sua filha até que ela se case.

Não estaria viva para ver o casamento de Diane. Na semana anterior já pensara em dar as joias da mãe à filha. Agora, ainda em vida. Mas resolvera

não fazer isso, sabendo o quanto a filha ficaria perturbada. E Diane era meio hippie, mais interessada em colares de contas e bijuterias. Apesar de serem joias belíssimas, as pulseiras e os anéis de rubi não a impressionariam, jamais teriam o peso emocional de história familiar que ainda hoje tinham para Armaiti, por mais que ela se censurasse por ser tão irremediavelmente burguesa. Por isso, decidira deixar as coisas da mãe com Richard, com instruções para que ele as desse a Diane quando chegasse a hora.

O cabelo de Diane lhe cobriu o rosto enquanto ela estudava as fotos.

— Essas são as suas amigas? No dia do seu casamento?

— Isso mesmo.

— Elas são tão bonitas! — Empoleirou-se na cama ao lado da mãe e pegou a mão de Armaiti entre as suas. — Claro que você é a mais linda de todas.

— Não é ótimo pensar assim? — Fez uma careta. — Eu era o patinho feio do grupo, infelizmente.

— Está me gozando? Nossa, mãe, você é linda. Credo, por acaso já viu como o papai olha para você, mesmo hoje? Como se quisesse... Como se quisesse respirar você ou algo do gênero — disse Diane, fazendo com a boca um movimento de sucção.

Armaiti apertou a mão da filha.

— Você é engraçada. De todo jeito não importa quem era e quem não era bonita. O que importa é... — e hesitou, torcendo para não dizer a coisa errada — é que essas três mulheres me deram uma coisa, a noção de fazer parte do mundo, mais do que isso, aliás: a noção de que o mundo me pertencia, você entende? A crença de que este era o meu mundo, o nosso mundo. Para moldar como quiséssemos. A noção de que jamais teríamos que nos conformar com o jeito como eram as coisas, sabe?

Diane a olhava com atenção, os olhos grandes observando seu rosto, e Armaiti viu como a filha ainda era perigosamente jovem. Algo naquele olhar partiu seu coração.

— Você ainda acredita nisso, mãe? Acredita em mudar o mundo? — indagou Diane.

Como seria bom, simples, dar uma resposta direta, honesta: sim. Mas Diane a observava com tamanha confiança, encarando-a com o mesmo olhar faminto com que costumava olhá-la quando Armaiti a amamentava, um século atrás. Hesitou.

— Eu... Eu não sei. — Seus olhos passearam pelo quarto, enquanto ela procurava uma resposta. — Não sei se o mundo com que sonhávamos é uma ilusão, um "castelo infantil", como o pai de Laleh o chamava. — Encarou Diane fixamente enquanto um pensamento a assaltava. — Mas sei, tenho certeza, de que o meu anseio por esse mundo era genuíno. Foi a

coisa mais genuína que já senti, tão genuína quanto o meu amor por você. E eu gostaria de acreditar que isso significa algo, sabe?

Diane assentiu.

— Acho que sim. — Olhou para a foto que ainda segurava na mão. — Quando elas vêm?

— Não sei ao certo. Nem mesmo sei se... em que condições vou estar quando elas chegarem. Kavita só pode viajar daqui a duas semanas. Mesmo assim, Diane, quero que você me prometa uma coisa. Quero que você conheça as minhas amigas. Me arrependo tanto... É importante que você as conheça.

Diane envolveu Armaiti nos braços.

— Claro, mãe. Você não precisa falar como se fosse um dever de casa. Quero conhecê-las.

Armaiti pousou a cabeça no ombro da filha. Vai dar tudo certo, pensou. Diane vai ficar bem. As outras hão de garantir que isso aconteça.

Já se passara uma semana desde que Iqbal chegara cedo do trabalho com ódio e humilhação no olhar e lhe contara da visita imprevista de Adish à loja. Ódio e humilhação e algo mais, uma espécie de alegria dissimulada, como se a vitória decisiva tivesse sido dele.

Na ocasião, ela se perguntou o porquê de Iqbal lhe falar da visita. Nunca na vida ela imaginaria que Adish pudesse procurar Iqbal depois de todos aqueles anos de silêncio. Então, porém, concluiu que, na verdade, fazia todo sentido. Uma coisa de que não duvidava era a persistência de Laleh, que devia ter perseguido o pobre Adish até que ele capitulasse e concordasse em procurar por Iqbal. Mas será que Adish de fato fizera aquela promessa ao marido? O que Iqbal poderia ter dito, que ofensa poderia ter feito a Adish para obrigá-lo a assumir tal compromisso?

Nishta ainda estava pensando nisso quando terminou de despejar o restante do *daal*, a lentilha, na tigela de aço inoxidável.

— *Chalo* — chamou. — O jantar está pronto.

— Você não vai jantar? — indagou Iqbal assim que entrou na cozinha. Sentou-se na cadeira de madeira e puxou a pequena mesa de jantar para mais perto.

— Não estou com fome — respondeu ela. Um silêncio desconfortável se instalara entre ambos desde aquela tarde, uma semana antes, e ela não parecia ansiosa para quebrá-lo.

— Não estou com fome — imitou-a Iqbal, com uma careta.

Nishta sentiu a repulsa brotar em seu estômago e lhe subir à boca. Lutou para controlar o impulso de pegar a panela de *daal* quente, fumegante, e jogá-la no colo do marido.

— Você ainda está com o diabo no corpo, não é, *miya*? — disse-lhe ela com sarcasmo, sem esconder a raiva nos olhos.

Viu o rosto de Iqbal corar antes que ele desviasse o olhar e se concentrasse no prato diante dele. Nishta sentou-se à direita do marido, bebericando limonada de um copo.

— Você mandou o jantar de Ammi? — murmurou Iqbal, passados alguns segundos.

Nishta soltou um suspiro.

— Mandei, sim, Iqbal. Como tenho mandado o jantar para a sua mãe a cada maldito dia da minha vida com você.

Ela deu um pulo quando o marido bateu com o punho na mesa, derramando um pouco do arroz branco.

— Sua vida é tão horrível assim? — gritou ele. — Faço tudo que posso, mas a princesa hindu nunca está satisfeita?

— Princesa? — reagiu ela com desdém. — É assim que você chama uma mulher mantida prisioneira na própria casa? Que não tem permissão para falar com as amigas? Que não pode dar um mísero telefonema porque o carcereiro tirou seu celular? Você é um fascista, Iqbal, um fascista *pucca*.

A mão direita de Iqbal alçou voo da mesa e aterrissou com força no rosto de Nishta. O impacto fez com que ela batesse com força nas costas da cadeira. A cabeça dela ficou zonza com o choque, e o raciocínio embotou. Levou um segundo para se dar conta de que Iqbal lhe batera pela primeira vez desde que haviam se casado. Os dois se entreolharam em silêncio. Então, a dor lhe afogueou o rosto, e os olhos se encheram de lágrimas. Iqbal engoliu em seco algumas vezes e tentou se concentrar num lugar onde fixar os olhos.

Nishta esfregou o rosto, ainda olhando fixamente para o marido. Medo e indignação travavam uma batalha em seu íntimo, antes que o medo se reduzisse enquanto a indignação fervia.

— Você me bateu? — disse ela. — Foi a isso que chegou? Tão baixo? Você, que costumava falar em direitos da mulher? Não lhe sobrou vergonha alguma, Iqbal?

— Cale essa boca — sibilou Iqbal. — E baixe o tom.

— Por quê? — indagou ela, bem alto. — Para que os vizinhos pensem que você é um homem pio, devoto, que frequenta a *masjid* seis dias por semana? Que recita a *namaaz* cinco vezes ao dia? Vou contar para todo mundo. Quando eles descobrirem...

Iqbal se levantou, agarrou a mesa pela beirada e a virou. O arroz voou e depois choveu como grossos flocos de neve enquanto a panela de *daal* explodia no ar antes de se espatifar no chão de ladrilhos. Algumas gotas quentes do líquido respingaram nos pés descalços de Nishta.

Ela olhou amedrontada para Iqbal. Em todos aqueles anos jamais o vira tão descontrolado como agora.

— Iqbal, você perdeu o juízo? O que está fazendo?

— Você é a única responsável por isso — gritou ele. — Uma visita de Laleh bastou para virar sua cabeça com essa ideia de ir para os Estados Unidos. Como você é frívola. Cá estávamos nós, levando uma vida simples e feliz, e elas tinham de vir estragar tudo.

— Mentira — exclamou Nishta. Estendeu a mão para ele, mas Iqbal se esquivou. — Iqbal, me escute — disse de modo premente. — Pode ser que você seja feliz, mas eu não sou há muito tempo. Desde que você nos trouxe para este lugar sufocante. *Bas*, sem mais aquela, você nos transplantou. Por acaso me perguntou se eu queria esta vida? Droga, você sequer consultou

seus pais. Exatamente como quando largou o emprego no banco, num impulso.

— Num impulso? — Uma veia pulsava na testa de Iqbal. — Você faz ideia do tanto de abuso que engoli do meu gerente? Do tanto que ele me humilhou? Por quê? Porque sou muçulmano. E ele não era apenas hindu, era um brâmane. Nunca me deixou esquecer disso, nem por um minuto.

— Isso é besteira — disse Nishta se dirigindo à pia para jogar água fria no rosto que ardia. Virando-se de novo para Iqbal prosseguiu: — O sr. Agarwal sempre foi gentil conosco. Lembra de quando ele nos convidou para ir ao aniversário do filho na casa dele? Eu nem queria ir, mas ele foi de fato um encanto conosco.

— Isso mesmo. Isso mesmo. — Agora Iqbal parecia mais choroso do que perigoso. — Sabe por quê? Porque achou que você também fosse muçulmana. No dia seguinte, no trabalho, ele veio me fazer elogios a você por saber tanto sobre a cultura hindu. E, sem pensar, eu ri e falei que você nasceu e cresceu hindu. Devia ter visto a cara dele, Zoha. Como se eu tivesse contado que estuprei minha avó. Daquele dia em diante, ele mudou. Agia como se quisesse vomitar toda vez que olhava para mim. Me perseguiu até que tive de pedir demissão.

Nishta o encarou desconfiada:

— Por que você nunca me contou?

Iqbal fez um muxoxo de exasperação.

— Minha querida esposa, se eu lhe contasse todos os insultos que já ouvi por causa do nosso casamento, você teria sucumbido há muito tempo sob esse peso.

Por mais tocada que se sentisse pelas palavras dele, algo na forma arrogante com a qual ele as dissera a irritou. Iqbal sempre tivera tendência a sentir autopiedade. Houve época em que isso a fazia amá-lo mais, despertava seus instintos protetores. Mas desde então ela aprendera com que facilidade Iqbal descambava para a manipulação. Havia sido com esse mesmo olhar suplicante, magoado, que ele lhe implorara, anos antes, para usar uma burca quando saísse à rua no novo bairro. Nishta sentiu uma parte dela morrer quando, enfim, aquiesceu, incapaz de suportar a pressão conjunta do marido e dos sogros. Mumtaz, então com dezessete anos e já casada, foi a única a insistir com ela para resistir. Mas Mumtaz, depois de misteriosamente ceder à insistência repentina e incansável do irmão mais velho para largar a faculdade e se casar, não se encontrava em posição de apoiá-la.

Agora, lembrando-se desse fato, obrigou-se a não se deixar amolecer pela expressão assombrada no rosto de Iqbal.

— A gente podia ter ajudado um ao outro, Iqbal — disse ela. — Você não tinha o direito de esconder isso de mim. Éramos parceiros. Eu não precisava

da sua proteção.

Iqbal a olhou com algo próximo à compaixão.

— Homens e mulheres não podem ser parceiros, Zoha — disse, como se falasse com uma criança com necessidades especiais. — Se você lesse o Corão um dia que fosse, saberia disso. É meu dever tomar conta de você.

Nishta se lembrou de Dilip, o sem-teto que vivia do outro lado da rua onde ela morava na infância. O pai costumava contratá-lo para fazer serviços aleatórios durante o dia. Toda noite, porém, Dilip, um viciado em ópio, sumia durante algumas horas. Quando voltava, trazia no rosto uma expressão vidrada, beatífica. Menina ainda, Nishta sempre se entristecia ao vê-lo naquelas condições.

Agora tinha a impressão de que Iqbal estava com uma expressão idêntica. O olhar de um viciado. Ela se virou para esconder a compaixão que transpareceu em seus olhos, mas já era tarde demais. Ele a vira.

— O que foi? — indagou Iqbal, agarrando-a pelo braço. — Está pensando em quê?

— Em nada. Pare. Você está me machucando.

— Machucando... Você não sabe o que é isso. — Mesmo sob a pouca claridade da cozinha, Nishta pôde ver os olhos do marido faiscarem. — Não seja paternalista comigo, Zoha. Não suporto isso.

Pela primeira vez em tantos anos de conhecimento, Nishta sentiu medo de Iqbal. Ela já sabia há algum tempo que debaixo daquela fachada serena, religiosa, que Iqbal exibia ao mundo, havia um caldeirão de ressentimentos. Agora, porém, percebeu o quanto esses ressentimentos estavam próximos da superfície, o quanto era frágil e precário o equilíbrio. Algo com respeito à visita de Laleh e Kavita — uma visita do passado, um lembrete zombeteiro de quão distante os dois se encontravam do casal que um dia haviam esperado ser — o perturbara. E, embora escondesse dela os pormenores de sua conversa com Adish — exceto o fato de tê-lo aparentemente convencido a jamais procurá-los de novo —, ela vira o torvelinho que o consumia quando ele voltou.

Obrigou-se a usar um tom casual:

— Não estou sendo paternalista com você, Iqbal. Agora se acalme, *na*. Não sei por que tanto nervosismo. Vá se sentar enquanto limpo isso tudo.

Notou uma gratidão cautelosa tomar forma no rosto de Iqbal. Sem movimentos bruscos, disse a si mesma. Devagarinho, libertou o braço que a mão dele prendia, mantendo os olhos fixos no rosto do marido o tempo todo.

— Pode ir — repetiu. — Eu limpo.

— Me perdoe — começou ele, mas Nishta o interrompeu com um aceno de cabeça.

— Tudo bem. Não adianta chorar sobre o arroz derramado. — Tentou dar

um sorriso e depois forçou o rosto a estampar preocupação. — Você está cansado.

— Estou mesmo — confirmou ele com um bocejo. — Vou assistir a um pouco de televisão, está bem?

— Tudo bem.

Mecanicamente pegou a vassoura e varreu o arroz para dentro da panela. A cabeça, contudo, fervilhava enquanto reprisava a conversa que haviam acabado de ter. Por que me contar agora, passados tantos anos, o motivo que o levou a sair do banco?, cismou ela. Se tivesse confiado na esposa na época, ela teria pulado em sua defesa, teria mesmo valorizado sua demissão por se tratar de um argumento em defesa de um princípio qualquer. Mas não agora. Não após passar anos vivenciando as consequências da decisão apressada de Iqbal de se associar ao tio Murad na loja. Dois meses depois da saída de Iqbal do banco, ela sofrera um aborto. E, com a renda do casal reduzida à metade, os dois foram obrigados a aceitar ajuda do irmão mais velho de Iqbal, que trabalhava em Dubai e mandava parte do salário para casa todo mês. Embora ninguém jamais tivesse posto isso em palavras, logo ficou claro que essa ajuda vinha atrelada a condições: os cuidados com os pais e a sobrinha de Iqbal logo se tornaram responsabilidade de Nishta.

Quando se viu passando um pano molhado no chão, Nishta já estava decidida. Basta, pensou. Não podia mais viver assim. Durante anos encontrara desculpas para Iqbal. Nunca deixara de notar que, apesar dos rendimentos modestos, ele sempre achava dinheiro para dar a vizinhos e parentes necessitados; sempre prezara o fato de, a despeito da sua crescente religiosidade, Iqbal discutir com os homens na mesquita se posicionando contra a prática muçulmana de ter várias esposas; admirara a generosidade do marido com a mãe; via como ele adiava a compra de um novo par de sapatos ou de óculos para si próprio a fim de comprar um relógio ou um novo aparelho doméstico para Ammi.

Mas esse mesmo homem a estapeara. Proibira que ela falasse com as amigas mais chegadas. Escondera seu celular. Basta. Santo Deus, ela não podia continuar a viver assim.

Já estava no chão, logo não faltava muito para se ajoelhar e, com discrição, unir as mãos em prece. Me ajude, rezou. Por favor. Me ajude. Não sabia a quem dirigia suas preces nem que tipo de ajuda estava pedindo. Tentou evocar a imagem de uma deidade, mas sua mente sem prática se mostrou enferrujada, confusa. A quem poderia apelar? A Alá? Aos deuses hindus da sua infância? Consciente dos movimentos de Iqbal na sala ao lado, sabendo que não dispunha de muito tempo, fechou os olhos e tentou outra vez. Mas a única imagem que viu diante dos olhos foi a de Laleh e Kavita sentadas diante dela na sala de estar.

Kavita encostou um travesseiro contra a cabeceira da cama e se recostou, ouvindo o ruído da água correndo enquanto Ingrid tomava banho. Sorriu, meio zonza de sono, e puxou o lençol branco de algodão para cobrir os seios. Segundos depois, escutou Ingrid fechando a torneira do chuveiro. Estava prestes a ligar a tevê quando percebeu que Ingrid cantava sozinha, e o som aumentou o prazer e o contentamento que sentia. De modo inconsciente, Kavita começou a cantarolar a mesma música. Esticou-se com languidez, erguendo os braços acima da cabeça, registrando o fato de que todo o seu corpo cantava agora, expressando sua satisfação.

Conhecia Ingrid há quase quinze anos. Durante esse tempo, as duas haviam viajado juntas pela Europa e trabalhado em inúmeros projetos profissionais conjuntos. Sempre que Kavita estava em Hamburgo, Ingrid praticamente ficava morando com ela. Kavita tinha plena ciência de que Ingrid a achava sexy e divertida. Certa vez, quando ainda era casada com Hans e durante um dos raros momentos de ciúme do marido — pois, na maior parte do tempo, Hans aceitava de boa vontade o fato de a esposa ter uma amiga indiana com quem se encontrava um punhado de vezes ao ano —, Ingrid chegara a avisá-lo de que não a obrigasse a escolher entre ele e Kavita. "Não tenha tanta certeza de que vou escolher você", dissera.

Até agora, porém, Kavita nunca havia tido certeza absoluta de que Ingrid a amava, nem quando a amiga insistira com Kavita para ser a principal arquiteta no projeto premiado que as duas haviam apresentado para o museu em Brisbane e tampouco quando ligava todas as noites na época em que Kavita ficou de cama com uma virose, anos antes. Não se convencera desse amor nem mesmo quando, dois anos atrás, Ingrid havia segurado sua mão num bar em Dublin, onde as duas estavam tomando drinques, e lhe dissera que ia largar o marido. A informação a deixou nervosa, pois ela sabia que Ingrid e Hans estavam casados há mais de vinte anos e que, apesar das eventuais reclamações que fazia, Ingrid gostava imensamente dele.

— Por quê, Ing? — indagou da amiga. — Vocês vivem bem juntos.

Ingrid deu de ombros.

— Ele está ficando carente demais com a idade. Grudento. Quer que a gente fique junto o tempo todo — explicou, estendendo os braços, num gesto de exasperação. — Eu, ao contrário, quero ser livre. Quero viajar. Fazer novos amigos. Viver uma vida aberta, sem complicações. Livre.

Na ocasião, Kavita entendeu que Ingrid estava dizendo que queria se ver livre de todas as obrigações. Já tinha se preparado para um papel reduzido na

vida de Ingrid, e o aceitara sem rancor ou ressentimento. Afinal, o que poderia esperar? As duas viviam em continentes diferentes, separadas por uma distância de mais de oito mil quilômetros. Ela, Kavita, morava com a mãe, credo, e levava uma existência reprimida, enclausurada. Podia muito bem ser uma daquelas freiras que trabalhavam nos abrigos de Madre Teresa, tamanha a sexualidade que expressava. Tinha certeza de que a mãe e o irmão achavam que era virgem. E com efeito, se não fosse por Ingrid e pelo trabalho que felizmente lhe proporcionava a oportunidade de viajar com regularidade, suas suposições corresponderiam à verdade — a menos que levasse em conta os encontros insatisfatórios e silenciosos na casa de massagens em Cuffe Parade que costumava frequentar antes de conhecer Ingrid.

* * *

Quinze anos atrás, Rahul entrara no escritório dela numa dada manhã, anunciando que a fusão com a empresa alemã Stuggart & Associates havia sido concretizada. Kavita teve uma reação moderada, conhecendo Rahul bem o suficiente àquela altura para desconfiar dos seus excessos de entusiasmo. Embora fossem da mesma idade, Kavita sempre se sentiu como uma irmã mais velha em relação ao colega de trabalho.

— Em que condições, afinal? — perguntou.

— Não acredito — disse ele, balançando a cabeça. — Você não está nem um pouco animada, Kav? Essa é uma grande jogada, garanto.

Mas ela não se animou muito. Ao menos até três meses depois, quando se sentou com Rahul em volta de uma mesa de vidro em uma sala de reuniões com três alemães corados que não paravam de dizer num inglês cheio de sotaque como era "marravilhoso" dali em diante "trabalharrem" juntos. E isso apenas porque uma mulher entrou — a passos largos e seguros — na sala e a deixou sem fôlego. Uma mulher quase tão alta quanto os homens e com um jeito tão objetivo e eficiente quanto o deles era obsequioso. Uma mulher usando uma blusa de seda azul-hortênsia enfiada na calça jeans apertada e botas vermelhas que lhe chegavam aos joelhos. Uma mulher cujos olhos inquiridores e maliciosos eram páreo para a eficiência pragmática que ela normalmente — embora não naquele preciso momento — irradiava.

— Oi, meu nome é Ingrid — falou a mulher, estendendo a mão para Rahul. — Depois de tanto contato, parece até que conheço você. — Ao contrário dos outros, seu sotaque soava mais britânico aos ouvidos pouco treinados de Kavita. — Bem-vindos a Hamburgo.

Rahul fez menção de levantar da cadeira, mas Ingrid o impediu.

— Por favor, não se levante.

Voltou-se, então, para Kavita, com a mão estendida. E baqueou. Não passou de um ligeiro tremor na respiração que apenas Kavita notou. Esta se obrigou a não enrubescer. Mesmo assim, uma rouquidão involuntária tingiu sua voz quando falou:

— Meu nome é Kavita.

Conforme progredia a reunião, Kavita reparou que Rahul falava a mil por hora, do jeito como fazia quando estava nervoso. Os alemães, porém, ao que parece, não notaram. Apesar de ser apenas meio-dia e todos terem dormido e descansado bastante depois do voo da véspera, Kavita se sentiu, de repente, incontrolavelmente sonolenta. Deve ter cochilado um segundo, pois ouviu Ingrid dizer:

— Está na hora do almoço. Somos péssimos anfitriões, lamento.

E, quando abriu os olhos, Kavita viu os olhos verde-água de Ingrid examinarem seu rosto e se encolheu como se tivesse sido tocada.

Três meses depois voltou a Hamburgo, dessa vez sem Rahul, cuja mulher esperava a chegada do primeiro filho do casal para qualquer momento. Ficou logo evidente para Kavita que os outros sócios haviam presumido que Ingrid trabalharia com ela no projeto do complexo residencial.

Estavam sentadas lado a lado, no segundo dia, examinando plantas de arquitetura no escritório ensolarado de Ingrid, quando esta correu o dedo indicador, de leve, pelo pulso de Kavita.

— Kavita — disse ela, os olhos verdes intensos e inquiridores —, que tal dormirmos juntas de uma vez e acabarmos com isso? Do contrário, não vamos conseguir trabalhar.

Kavita sentiu um troar nos ouvidos e engoliu em seco, incapaz de erguer os olhos dos desenhos, por mais que quisesse. Fixou o olhar na estrela vermelha no centro da planta até não conseguir enxergar outra coisa. O silêncio se arrastava.

— Desculpe — ouviu Ingrid dizer, e, pela primeira vez desde que a conhecera, sua voz soou hesitante e trêmula. — Interpretei mal a situação?

— Eu... Eu não sei o que dizer — respondeu Kavita, obrigando-se a encarar a outra.

Ingrid soltou o ar ruidosamente.

— Cara, fiz mesmo papel de boba. Por favor, me desculpe. — Seu tom era de novo profissional. — Podemos apenas esquecer que isso aconteceu?

— Claro — concordou Kavita, mordendo o lábio inferior.

Ingrid assentiu.

— Muito bem. — Pigarreou, então, e depois voltou a atenção para as plantas. — Agora, o que sugiro é que a gente apresente o projeto até...

— Achei que você fosse casada. — Pretendia que a frase parecesse uma

pergunta, mas ela saiu suplicante, mais como uma acusação.

Ingrid deu de ombros.

— Hans e eu... Hans e eu temos um acordo. Ele aceita.

O riso brotou de algum lugar no íntimo de Kavita e de repente a sacudiu numa gargalhada. Todos esses anos. Todo esse tempo em que viveu como uma freira, havia gente como Ingrid. Lembrou-se dos quatro anos de faculdade passados ansiando por Armaiti e dos anos desperdiçados desde então quando não se permitiu qualquer fantasia de romance, traumatizada pela lembrança da humilhação na delegacia de polícia quando o delegado a penetrara através da roupa em uma sala cheia de policiais que a observavam com olhares lascivos. Durante os últimos cinco anos se submetera semanalmente a uma massagem constrangedora feita por uma mulher que percebera — farejara — sua solidão e sua avidez. As poucas vezes que a perspectiva de romance surgiu, ela não se permitiu considerar a possibilidade. Que desperdício. Que desperdício de uma vida. Preocupara-se um bocado conjeturando se o irmão se afastaria caso soubesse que ela era homossexual e com a incompreensão e a vergonha que veria nos olhos da mãe, indagara de si mesma se Rahul continuaria a respeitá-la. Tudo isso acabou a levando a erguer um muro e deixar de fora toda uma parte da própria vida. E, durante todo aquele tempo, em um lugar diferente do mundo, viviam pessoas como Ingrid e Hans.

— Achou graça do que eu disse? — Kavita ouviu aborrecimento e afronta na voz de Ingrid, além de algo mais também, alguma coisa que lhe cortou o coração: mágoa.

Parou de rir de repente e balançou a cabeça.

— Não. Você não entendeu. Estava rindo de mim mesma. — Olhou diretamente para Ingrid, e uma sensação cálida, terna, a engolfou. — De você, nunca.

Observou, fascinada, a indignação no rosto de Ingrid amainar e se dissolver, como um torrão de açúcar numa xícara de chá quente.

— Jante comigo esta noite — disse Ingrid. Uma veia pulsava na lateral do seu pescoço. — Por favor.

A sensação de ternura continuou.

— Está bem, mas devíamos voltar ao trabalho, não?

Voltaram a trabalhar nas plantas durante outros quinze minutos, até que Ingrid deu um soco na mesa.

— Merda! — exclamou. — Vamos esquecer isto aqui. Está um dia tão bonito. Vou lhe mostrar um pouco de Hamburgo e depois a gente come alguma coisa.

No carro, Kavita se mostrou dolorosamente consciente da mão de Ingrid pousada na alavanca do câmbio. Reparou nos pelinhos claros dos braços

nus, nas unhas manicuradas, na pulseira de cobre que envolvia o pulso fino. Um tremor a percorreu quando imaginou aquelas mãos em seu corpo. Virou de leve a cabeça para contemplar a paisagem pela janela. Levou um susto ao sentir a mão de Ingrid na sua coxa, como se seu desejo a tivesse posto ali. Continuou a olhar pela janela até ouvir Ingrid dizer "Você se importa?" num tom mais uma vez hesitante.

Kavita balançou a cabeça:

— Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntou Ingrid, rindo. Desenhou com a mão, devagarinho, pequenos círculos na coxa de Kavita. — Costumo provocar uma reação mais forte do que essa.

Sua garganta estava tão seca que Kavita não tinha certeza de poder falar. Além disso, enquanto olhasse pela janela não seria responsável pelos acontecimentos.

Interrompeu-se. Estava fugindo, isso sim. Um velho hábito, nascido na noite em que foi molestada na delegacia. Havia feito o mesmo em sua primeira visita à casa de massagens em Cuffe Parade, quando a massagista lhe amassara os seios antes de massagear a parte interna das coxas. Saíra de lá se sentindo desconfortável e confusa, jurando nunca mais voltar. Na semana seguinte, porém, convencida de ter interpretado mal a situação, voltou. Dessa vez, as mãos da mulher encontraram mais uma vez o caminho para o interior de suas coxas. Só que não pararam ali. Dessa vez, enquanto Kavita mordia o lábio, a mulher enfiou um dedo untado de óleo dentro dela, depois outro e mais outro. Kavita ficou ali deitada, imóvel, lutando contra o desejo do seu corpo de se mexer no compasso dos movimentos cada vez mais agressivos da massagista. Quando acabou, a mulher retornou à massagem normal, enquanto Kavita continuou deitada, enrubescida e rígida, cheia de autodesprezo. No meio daquela rigidez, porém, algo se soltou, ficou mais leve. Foi essa leveza, uma sensação apenas física, uma convicção por parte do próprio corpo, ao que parece imune à injúria sofrida, que a levou de volta à casa de massagens no sábado seguinte. Toda semana, ela agia como se fosse sua primeira visita, ignorando todas as vezes o olhar cada vez mais satisfeito da mulher, cônscia do próprio controle sobre a cliente calada.

Agora, lutando para ignorar o fato de que os dedos de Ingrid iam deixando uma trilha incandescente em sua coxa, Kavita se pegou dissociando sua mente do que o corpo sentia. Estaria tão perturbada que não era capaz de distinguir entre a bolinação de um delegado de polícia decidido a humilhá-la e amedrontá-la e a honestidade do desejo de Ingrid por ela? Entre a massagista que a bolinara fosse por que motivo fosse — muito provavelmente por nada mais profundo do que a esperança de uma gorjeta mais polpuda — e a forma

sincera como Ingrid a abordara e agora a seduzia?

— Quer saber? — falou, sem se esforçar para disfarçar a rouquidão na voz. — Você se incomoda de ir comigo para o meu hotel?

Sentiu Ingrid ficar tensa.

— Tem certeza?

Kavita assentiu e se obrigou a encarar a mulher ao seu lado:

— Tenho.

Duas horas depois, deitada na cama, maravilhou-se com o que se passara entre elas. Ingrid, no entanto, afirmou não estar nem um pouco surpresa.

— Bobagem. Soube logo, assim que botei os olhos em você. Sério.

— Soube o quê?

— Soube... Soube como você era. E também que o encaixe seria bom.

Kavita riu.

— O encaixe? Isso soa tão... tão clínico. Tão mecânico.

Ingrid deu de ombros, como costumava fazer.

— Você queria o quê? Sou alemã.

* * *

Kavita continuava sorrindo com a lembrança daquela tarde quinze anos atrás quando Ingrid saiu do banho, enrolada numa toalha e com o cabelo ruivo molhado e escuro.

— Por que você está sorrindo, meu anjo?

— Estava me lembrando da primeira vez que nós... Você sabe.

— Da primeira vez que fizemos amor? — Ingrid se sentou na cama junto a Kavita. — Ainda não consegue dizer isso? Depois de todos esses anos comigo você continua tímida?

Pegando a mão de Ingrid nas dela, Kavita a pousou no próprio estômago.

— Não sou tímida — contestou, olhando no fundo dos olhos de Ingrid. — Na verdade, sou um bocado ousada.

— Quanto? — Os olhos verdes brilhavam tanto quanto as gotas-d'água no pescoço de Ingrid.

— Este tanto — respondeu Kavita, desamarrando a toalha de Ingrid.

* * *

O toque do celular acordou Kavita uma hora depois. Ao seu lado, Ingrid gemeu e pôs um travesseiro sobre a cabeça, resmungando em alemão.

— Shhh — disse Kavita, brincando, antes de abrir o flip do telefone. — Alô — atendeu, enquanto tateava à procura do relógio na mesa de cabeceira.

— Oi, sou eu. Tudo bem?

Merda. Tinha se esquecido de desmarcar o jantar que combinara com Laleh na semana anterior.

— Tudo bem — respondeu.

— Por onde você anda, em casa?

— Não, no Taj. Minha amiga... Minha sócia, Ingrid, está em Bombaim.

— Ah! Parece que acordei você.

Fez-se um silêncio tenso, como se Laleh tivesse acabado de perceber a implicação do que havia dito. Kavita estava pensando numa saída para a situação quando se deu conta: Ingrid a amava. Pegara um avião para Bombaim num impulso, depois de uma conversa comprida e chorosa em que Kavita lhe confessou o quanto estava triste com a doença de Armaiti e contou do reencontro perturbador com Nishta. De repente, sentiu vontade de se livrar de todos os segredos e mentiras. Laleh e Ingrid gostariam uma da outra, percebeu. Em todos esses anos, ela jamais apresentara as duas.

— Acordou, sim — confirmou Kavita. — Estávamos tirando um cochilo.

Mais um silêncio, dessa vez curto e carregado, antes que Laleh dissesse, objetiva:

— Certo. E aí, onde vamos jantar?

Kavita quase soltou uma gargalhada. Desde que haviam decidido ir ver Armaiti, ela sofrera tentando decidir se devia ou não lhe contar sobre a paixonite do passado, passara horas calculando se seria melhor admitir ou ignorar. E agora Laleh acabara com sua apreensão e vergonha com a facilidade com que se abre uma cortina.

Obrigou-se a prestar atenção na conversa.

— Não sei — respondeu. — Vocês querem encontrar com a gente no Taj?

— Estou pensando. — A buzina de um carro abafou as últimas palavras de Laleh. — Vamos fazer uma coisa. Por que você e a sua... a sua amiga não vêm jantar aqui? Peço comida no Khazana.

— Adish não vai se incomodar?

— Credo, não. O coitado anda trabalhando tanto ultimamente que vai adorar não precisar sair de casa.

— Está bem. A que horas? Sete e pouco?

— Isso.

Kavita desligou e se aproximou de Ingrid, que roncava baixinho ao seu lado. Como sempre, alisou com o indicador a ruga de expressão na testa de Ingrid e depois lhe acariciou o rosto. Ingrid sorriu dormindo.

— Hummm — gemeu. O sorriso cresceu. — Que delícia.

Kavita se inclinou e beijou o cabelo ruivo molhado.

— Acorde, querida — chamou. — Acabei de combinar um jantar. Espero que você não se importe.

— Onde? Não dá para pedir aqui no quarto?

— Bom, a minha amiga Laleh nos convidou para jantar na casa dela. E eu aceitei.

Ingrid estava totalmente acordada agora. Os olhos verdes examinaram o rosto de Kavita.

— Você vai me apresentar à sua melhor amiga?

Ao ouvir a esperança brigar com a descrença na voz de Ingrid, Kavita sentiu uma pontada de remorso por não ter feito isso antes.

— Vou. — Buscou a mão de Ingrid sob o lençol e a apertou. — Amo muito você. Não dou a mínima para quem souber disso.

— O que foi que provocou isto tudo? — indagou Ingrid num tom irônico. Os olhos cintilaram. — Ou será que não passa, afinal, de euforia pós-transa?

Kavita riu alto e logo depois ficou séria.

— Passei a vida me escondendo precisamente das pessoas que me amam, Ing. Basta. Quero dizer, até... até saber da doença de Armaiti, eu costumava pensar, sei lá, que eu tinha muito tempo pela frente. Agora... — interrompeu-se, balançando a cabeça. — Esqueça. Sei que não estou sendo coerente.

Ingrid ergueu a mão de Kavita e a levou aos lábios.

— Está, sim. E mal posso esperar para conhecer a misteriosa Laleh.

Iqbal ainda sentia na testa as marcas do piso frio de azulejo da *masjid*, a mesquita, onde ficara prostrado até um instante atrás. O frio era um conforto bem-vindo para os pensamentos atribulados, quentes, que corriam na sua mente como formigas. O mesmo se deu com a paz que ele sentiu durante a *namaaz* da tardinha, enquanto o canto sonoro, musical e as preces repetidas — *Santo é o meu Senhor, o Supremo* — se derramavam, qual gotas de chuva, sobre seu cérebro inflamado. Os lábios tremeram quando ficou de pé, o coração cheio de piedade e compaixão. Essa oração era melhor do que qualquer droga, mais poderosa, mais viciadora, mais necessária. Deixava-o humilde e poderoso ao mesmo tempo e lhe provia uma maneira de ver o mundo de longe, de modo a ser possível descobrir como eram pequenos, de fato, os problemas que ocupavam seus dias. Ensinava-lhe que as coisas do mundo material que pesavam em seus ombros eram insignificantes, tão inconsequentes como moscas-da-fruta. *Resguarde-nos do tormento do fogo*, acabara de pedir, e já estava funcionando, a serenidade já se espalhava, como um punho que se abria, por todo o seu corpo.

— *As salaam alaikum* — saudou-o Hassad, enquanto Iqbal calçava os sapatos.

— *Wa-alaikum salaam* — respondeu com um sorriso. — A paz esteja com você.

No entanto, ao descer a escadaria da mesquita, a paz começou a se mostrar fugaz. Iqbal lembrou-se de que ele e Zoha iriam a uma festa na casa de Mumtaz à noite, e os músculos de seu estômago se contraíram. Por mais que amasse o sobrinho e a sobrinha, ele odiava visitar a irmã. Para começar, o cunhado, Hussein, bebia álcool, aberta e livremente, como se fosse hindu ou cristão. E Mumtaz ficava muito tensa na presença do irmão. Passados todos esses anos, ainda o culpava pelo próprio casamento, suspeitava Iqbal, que pensando nisso sentiu uma pontada de raiva. O que, afinal, todos esperavam dele, que não passava de um ser solitário num mundo atordoante? Fizera o melhor que pôde pela irmã, numa época de incêndios, quando tudo — lares, bairros, carros, esperanças, inocência, ideais — virava fumaça. Mumtaz sempre havia sido uma romântica, esse era o seu problema, com a cabeça virada pelos melodramas de Bollywood a que costumava assistir sem parar quando era menina. Desejara amor, galanteios, paixão, ou seja, tudo que um dia ele tivera com Zoha, percebia agora. Seu coração se contraiu de amargura. Sabia muito bem aonde aquele início promissor, aquele amor cintilante, acabara levando os dois. Mumtaz se

agarrava a algo tão efêmero quanto um balão de gás perdido no mar. Por causa de uma fantasia juvenil, destruíra o seu relacionamento com ele, o irmão que arrumara um segundo emprego para pagar seu dote. Mumtaz, Zoha, todas as mulheres na sua vida o encaravam como o grande erro cometido por elas. Mas ele não passava de uma alma cansada num mundo confuso.

Saiu para a rua movimentada, barulhenta, cheia de mascates, mendigos e automóveis, sentindo a piedade de uns poucos minutos atrás começar a se esvair. Em seu lugar cresceram os conhecidos fardos de preocupação e ressentimento. Ele tinha um nome para essa síndrome: Alá se Foi e Iqbal Voltou. Por mais que tentasse, por mais que rezasse, era sempre assim. Nos velhos tempos, a sensação de contentamento costumava durar mais tempo, às vezes conseguia se apegar a ela durante todo o caminho de volta para casa. Então, querendo dar continuidade a essa sensação deliciosa, inestimável, Iqbal parava na loja de doces e comprava um pouco de *halwa*, aquele doce de sementes de gergelim torradas e moídas, misturadas com açúcar derretido, para Zoha. Quando ouvia da esposa reclamações quanto ao ganho de peso, ele respondia que, no que lhe dizia respeito, ela continuava a ser a mulher mais bela do mundo. E era sincero. Esses momentos de ternura, porém, poucas vezes aconteciam agora entre os dois.

Iqbal contemplou o céu noturno e engoliu o soluço que começava a se formar na sua garganta. Será que Zoha acha que gosto disso, de monitorar todos os seus movimentos?, indagou-se. Será que ela não se dá conta de que ao lhe bater pela primeira vez na vida de casado foi a si mesmo que ele feriu? Do que mesmo ela o chamou na véspera? Carcereiro. Ele, Iqbal, que combatera o mundo por causa dela. Zoha tinha sido sua primeira devoção. Desde o dia em que a conheceu na faculdade, ele vivia para fazê-la feliz. Será que ela se esquecera disso? Ou nunca soubera? Ele brigou com os próprios pais, que se indignaram com a notícia de que o filho pretendia se casar com uma hindu. Chegou mesmo a pensar em se converter ao hinduísmo — Iqbal se beliscou agora como punição por essa blasfêmia do passado — por causa dela. Afora seus amigos da faculdade, todos que ele conhecia o atormentaram por se casar com uma hindu. Uma coisa ele era obrigado a reconhecer em Adish e nas amigas de Zoha: a abertura e o apoio incondicional. Mas todos não passavam de crianças na época. Nenhum deles sabia coisa alguma do mundo. Sair da faculdade e arrumar um emprego no banco havia sido como despertar de um sonho: as piadas sobre se Iqbal matava um bode antes de ir trabalhar; a suposição automática de que ele torcia para o Paquistão nos jogos de críquete entre Índia e Paquistão; os olhares hostis toda vez que acontecia um atentado terrorista em território indiano.

O dia em que ele deixou o banco foi o mais feliz da sua vida, embora os colegas o tivessem menosprezado, levando-o a um restaurante Udipi para um almoço de despedida, em lugar do caro restaurante chinês onde jantavam toda vez que alguém se demitia. Apesar, até mesmo, de Zoha tê-lo olhado com descrença durante as duas semanas em que continuou trabalhando depois de entregar a carta de demissão e apesar, sim — *Ya Allah* —, de ela ter sofrido um aborto dois meses depois. Porque Iqbal jamais acreditou, como acreditava a esposa, que o aborto tivesse sido causado pela preocupação e pelo estresse com a falta de dinheiro.

Uma mendiga estava seguindo Iqbal, e ele remexeu no bolso da roupa e jogou uma moeda na sua mão aberta.

— Deus o abençoe, senhor — agradeceu a mulher, antes de continuar em frente, mas Iqbal não escutou, já que pensava agora no próprio escroto.

Fizera uma vasectomia depois do terceiro aborto de Zoha. O médico vivia dizendo que não havia motivo algum para os abortos. Paciência, aconselhou, os dois ainda eram jovens e saudáveis.

Mas Iqbal não se via em condições de voltar a lidar com a expressão atormentada no rosto de Zoha depois de cada aborto. Nem com os comentários maliciosos da própria mãe sobre o útero estéril da nora "estrangeira". Além disso, depois de se mudarem para o novo bairro, ele não *queria* filhos com sangue hindu. Embora a essa altura Zoha já tivesse se convertido, era difícil demais, arriscado demais, complicado demais. Imaginava-se vendo no rosto dos filhos o do avô hindu — o mesmo homem que se recusou a encarar Iqbal quando ele pediu a mão de Zoha em casamento, um homem que jamais pôs os olhos na filha depois que ela se casou, como se uma filha morta fosse preferível a um genro muçulmano. A Mão de Deus, concluiu Iqbal após o terceiro aborto. Alá, o Onisciente, está por trás desses abortos, poupando-nos de um sofrimento futuro. Não consultou Zoha a respeito da vasectomia. Ainda assim, não esperava pela reação indignada que ela teve. Parte dele havia encarado a vasectomia como um ato de amor, um autossacrifício heroico, uma forma de proteger a esposa dos comentários ferinos dos que os cercavam. Dali em diante, ele poderia ser o motivo da anomalia que era um casal jovem e saudável não produzir filhos.

Mas ela não encarou dessa maneira, não é mesmo?, perguntou-se Iqbal agora. Claro que não. Por que encararia, quando tudo que vinha fazendo era procurar motivos para abandoná-lo?

Com a atenção atiçada por esse último pensamento, Iqbal parou, de repente, de andar, levando um ciclista a quase atropelá-lo. Iqbal ignorou os palavrões irados do homem. Claro. *Claro*. Isso explicava a inquietação, a revolta da esposa desde que ela lhe contara da visita de Laleh. Porque, mesmo sem saber, vinha sentindo essa agitação, essa inquietação em Zoha

desde... desde quando, afinal? E a parte inteligente dele, a parte abençoada por Alá, já percebera, antes que o restante o fizesse, a ameaça que o retorno de Laleh representava para a vida dos dois.

Mas por que agora?, cismou Iqbal, voltando a andar. Logo agora, quando tudo já estava tão difícil? Mesmo no bairro exclusivamente muçulmano era impossível escapar de um mundo sedento de sangue muçulmano. Como haviam se equivocado na sua análise na faculdade. Naquela época o que viam era a luta entre ricos e pobres, uma luta global de classes. Talvez o mundo tivesse mudado desde então, ou talvez Alá houvesse decidido retirar a venda de seus olhos, mas para onde quer que olhasse hoje em dia ele via alguém atrás de sangue muçulmano. Iraque. Afeganistão. Chechênia. Caxemira. Sudão. Gujarat. Mesmo nas ruas dessa Bombaim amaldiçoada. Não havia visto isso em primeira mão?

Mas as questões do mundo não lhe diziam respeito. Agora tinha humildade, ao contrário de quando era um arrogante ativista universitário, de quando acreditava que podia mudar o mundo. Agora sabia que apenas Alá é capaz de mudar o destino de uma formiga ou de um imperador. Agora suas preocupações eram mais urgentes, como a conversa com Murad no início da semana, quando ouviu do tio que os negócios iam mal e que o seu salário seria reduzido. No início, Iqbal presumiu que Murad estivesse blefando, indo à forra por ele ter alegado um mal-estar para sair mais cedo no dia da visita de Adish. Quando, porém, concluiu que o tio não estava brincando, Iqbal se sentiu incapaz de encará-lo, com medo de que os seus olhos mostrassem ao velho o desprezo pela óbvia mentira que ouvira. Os negócios iam bem, e já fazia dois meses que Iqbal vinha tentando tomar coragem para pedir um aumento. Pedidos não eram fáceis para ele, como não era fácil falar de assuntos comerciais. Mas Murad provavelmente sentiu algo no ar e achou por bem cortar o mal pela raiz com a sua mentira deslavada. E, já que Murad não tinha vergonha, o ônus da vergonha sobrou para ele, Iqbal. Coube a ele desviar o olhar, temeroso de chamar um ladrão de ladrão.

Conforme caminhava, Iqbal reforçou a sua decisão de esconder de Zoha pelo máximo de tempo possível a notícia da redução salarial. Não estava disposto a desenterrar a velha discussão quanto a lhe dar permissão para arrumar um emprego. Ele era o homem, o dono da casa. Era seu dever sustentar a mulher.

Ao menos ninguém mais ligara para o celular de Zoha desde o dia em que Adish havia procurado por ele, pensou Iqbal. Ao que parece, tinham entendido a mensagem. Uma buzina soou, detonando uma sinfonia de buzinas, como os fogos de artifício que os hindus soltavam durante o Diwali, o festival das luzes. Iqbal bloqueou a própria audição e continuou caminhando, franzindo de leve a testa. Afinal, revendo os acontecimentos,

estava feliz de ter aceitado conversar com Adish. Quase recusara o convite, tamanho o nervosismo que sentiu ao ver Adish no seu local de trabalho. Mas reparara na imprevista reação lacrimosa do amigo à sua rudeza, e algo no seu íntimo amoleceu. Um tentáculo de amizade se ergueu do passado e o cutucou, levando-o a aceitar o almoço.

Iqbal suspirou com força. Será que as coisas poderiam ter sido diferentes?, perguntou-se. Ou era mesmo inevitável o fim dessas amizades de faculdade? Zoha sempre o culpou por terem se afastado do grupo, mas não era essa a lembrança de Iqbal. Ele se lembrava, sim, de que todos começaram a trilhar os seus próprios caminhos mesmo antes da formatura. Iqbal se concentrou, tentando abrir a cortina do passado, e o que lhe veio à mente foi a lembrança da visita feita a Armaiti, para quem levou um vasinho de rosas, na manhã seguinte à passeata. Lembrou-se do grande hematoma na testa da amiga e da forma como ela adormecia e acordava, de forma alternada, enquanto a mãe falava aos sussurros e rearrumava os travesseiros na cama da filha. Onde estavam os outros naquele dia? Em seguida, Iqbal se recordou: saíra do hospital diretamente para o tribunal, onde Adish o esperava, com o pai de Laleh ao seu lado. O tio Rumi, que concordara em representar em juízo os estudantes presos, passou um sermão em ambos sobre a ingenuidade dos dois e os perigos do ativismo político, mas Iqbal mal ouviu, ansioso como estava para ver Zoha, que tinha sido presa junto com doze de seus companheiros no dia anterior.

Mesmo agora, passados tantos anos, no meio de uma rua atulhada de gente, os pelinhos em seu pescoço se arrepiaram quando ele se lembrou do próprio choque ao ver Zoha e Kavita surgirem, desgrenhadas, no tribunal. Era como se tivessem passado um ano na cadeia em vez de um dia, impressionara-se Iqbal na ocasião. Kavita, principalmente, parecia um tanto louca, mas apenas olhou através dele quando perguntada se estava bem.

Foi depois disso que tudo começou a desmoronar, refletiu Iqbal agora. Laleh parecia se desculpar sempre por ter faltado à passeata. Kavita desenvolveu uns tiques estranhos, além de hábitos um tanto paranoicos, como o de olhar para trás a toda hora mesmo quando, simplesmente, caminhava na rua. E, se alguém lhe perguntasse se havia algo de errado, ela apenas balançava a cabeça para negar.

Não, Zoha estava errada. Iqbal se lembrou de que, alguns meses antes da formatura, Armaiti vencera um concurso de redação copatrocinado pelos governos da Índia e da Tchecoslováquia, o que lhe rendeu uma viagem de oito dias àquele país, na volta da qual ela descreveu para os amigos, num tom abafado, como Praga era escura e sombria, com os soldados portando metralhadoras na rua, as idosas vestidas com casacos pretos fazendo fila para conseguir comida e a presença constante de câmeras de vigilância nos

elevadores do hotel. Houve um silêncio de espanto, já que nenhum deles sabia o que dizer ou em que acreditar.

— Parece até que você está nos mostrando um filme de propaganda da CIA, *yaar* — dissera, enfim, Laleh, e todos haviam olhado para Armaiti, esperando que ela refutasse a afirmação. Esta, porém, permaneceu calada.

Ele e Zoha se aproximaram nos meses que se seguiram. Ele soube disso sem que ela dissesse — pela primeira vez, Zoha se permitia imaginar um futuro em que Iqbal tinha o papel principal, ocupando o lugar das três amigas. Ela começou a procurá-lo. Laleh passava cada vez mais tempo na companhia de Adish; Kavita se tornara reservada e distante; Armaiti parecia desencantada com o movimento. Agora, enfim, se abria um espaço para ele.

Ora, Iqbal não ia deixar que esse espaço fosse usurpado pelos outros. Não agora, não depois de todos esses anos, não depois de tudo que sacrificara. Será que Laleh e Kavita achavam de fato que podiam cair de paraquedas na vida do casal depois de anos de contato zero e lhe arrebatar a esposa? Zoha era muito impressionável. Sempre havia sido. E muito influenciada por Laleh, sobretudo. E por Armaiti. Iqbal apressou o passo à medida que seu prédio se tornava visível. Lamentava muito o sofrimento de Armaiti. Mas ela esperava o quê? Apossar-se de Zoha de forma tão fácil quanto ele comprava um tomate no hortomercado perto de casa? Com que irresponsabilidade esses americanos — sim, porque considerava Armaiti uma americana agora — achavam possível comprar e vender pessoas. Do grupo todo, Adish era o único em que Iqbal genuinamente confiava. Ainda bem que Adish o procurara, concluiu, enquanto passava pelo hortomercado. Confiava que Adish cumpriria com a palavra. Que as outras fossem visitar a amiga doente. Que gastassem o próprio dinheiro para visitar um país que um dia condenaram. Nada disso tinha a ver com ele. Tudo que desejava era ser deixado em paz.

Mas ainda havia a questão do celular de Zoha, de quando devolvê-lo a ela. Quando seria seguro fazer isso? Tinha o direito de confiscá-lo? Será que Zoha tinha razão? Será que estava, de fato, mantendo a esposa prisioneira? Tentara fazer essa pergunta ao imã na mesquita mais cedo naquele dia, mas o velho o encarara com um olhar confuso.

— Qual é a pergunta, filho? O celular é seu. A esposa é sua. Qual é o problema?

Não tivera coragem de contar ao imã que havia dado um tapa em Zoha. Para essa pergunta conhecia a resposta. Errara. Fizera algo imperdoável, um gesto nascido do desejo de proteger a família das intrusões do mundo exterior. Nunca mais, prometeu a si mesmo. Juro, Alá. Corte as minhas mãos fora se um dia eu voltar a bater numa mulher.

Já havia quase chegado em casa quando se lembrou. O hematoma. Um

feio hematoma roxo, além do inchaço, surgira no rosto de Zoha depois do tapa. Mumtaz notaria de imediato. Será que Zoha mentiria por ele? Não dava para ter certeza. Iqbal de repente se sentiu cansado até os ossos. Consultou o relógio. Zoha já estaria pronta, esperando por ele para irem a casa de Mumtaz. Só que a ideia de enfrentar a hostilidade da irmã o deixava enjoado. Hoje não. Simplesmente lhe faltava energia para suportar os ataques de Mumtaz esta noite. Tirou do bolso o celular e digitou o número da irmã enquanto subia devagar os vacilantes degraus de madeira do prédio.

— Alô.

— Oi, Choti — disse ele, usando o apelido que dera à irmã. — Sou eu. Olhe, desculpe desmarcar em cima da hora, mas não vamos poder ir.

— O que houve?

— *Nahi*, não estou me sentindo bem, *yaar*. Diga a Husseinbhai que sinto muito. Só preciso me deitar mais cedo.

— Zoha vem?

Iqbal parou no meio da escada, espantado com a pergunta.

— Não, claro que não.

— Por que ela não pode vir sozinha?

Ele pressentiu aonde tudo isso iria levar.

— Ela não quer ir sem mim, Mumtaz — mentiu. — Perguntei a ela.

— Me deixe falar com ela.

Iqbal trincou os dentes. Mumtaz sempre foi assim, mesmo quando mal sabia andar. Incansável.

— Não estou em casa — explicou brevemente. — Fui à mesquita.

— Se você está se sentindo bem o suficiente para ir à...

— Mumtaz — retorquiu Iqbal. — Dê os parabéns a Husseinbhai por nós, certo? *Khuda Hafiz*.

— Espere — começou Mumtaz, mas o irmão desligou.

Iqbal balançou a cabeça, exasperado. Estava tão cansado de Mumtaz e do ressentimento explosivo, do feminismo equivocado da irmã! Qualquer dia destes, não conseguiria mais manter a boca fechada. Qualquer dia destes, iria mandá-la crescer, chamar-lhe a atenção para o fato de que ela não era a única a usar sua decepção como uma coleira de ferro em volta do pescoço.

Era uma sensação esquecida, essa leveza, essa impressão de completude. Durante anos, tudo não passou de representação, de uma mistura de ansiedade e realização e de luta, de seguir em frente. Durante anos, ela se sentiu como uma figura num dos quadros de Picasso, desconjuntada, partida, com os joelhos onde deveria estar o nariz, menos uma pessoa do que uma boneca de retalhos, esperando que o lustro dourado do sucesso profissional escondesse a ferrugem de uma vida pessoal fracassada. E ajudasse a amainar o torvelinho que sempre sentiu existir em seu íntimo.

Com as outras três ela havia experimentado isso, uma sensação de contentamento, como gelo na pele num dia tórrido de verão, como uma carícia feita na grama. Sem necessidade de representar, sem necessidade sequer de falar, porque podia sempre contar com três vozes falando por ela, verbalizando seus pensamentos e sonhos, contando suas piadas, cantando a música do seu próprio coração.

E essa noite. Nishta e Armaiti, ainda tão distantes quanto estrelas lançadas no espaço inatingível. Laleh, porém, estava com ela, sentada bem na sua frente, calorosa e familiar como o sol, os lábios arroxeados pelo vinho tinto, e Brahms — foi Armaiti, lembrou-se Kavita, quem a apresentou a Brahms — no aparelho de som. Nishta e Armaiti não estavam presentes, mas Ingrid, sim, a doce Ingrid sentada ao seu lado no sofá, o braço nu de vez em quando roçando o seu. E o bom e velho Adish, o anfitrião solícito e elegante de sempre, apressando-se a encher os copos, a lhes servir mais comida, assegurando-se de jamais excluir Ingrid da conversa ao falar de pessoas que ela não conhecia. Um novo quarteto. Embora guardada a distância de uma vida daquelas doidivanas excêntricas que um dia foram suas melhores amigas, a noite de hoje parecia boa o suficiente; mais que isso, parecia rica, preciosa e terna.

— Ela está bêbada — ouviu Ingrid dizer, e, apesar da indignação instantânea, um quê de euforia brotou nela ao constatar a possessividade serena na declaração neutra de Ingrid.

— Não estou, não — exclamou, mas a última palavra saiu com uma inflexão infantil, não lhe deixando outra alternativa senão juntar-se aos outros numa gargalhada.

— Tudo nesta noite me dá vontade de fumar um cigarro — disse Laleh languidamente.

— Você fuma? — indagou Ingrid.

Laleh sorriu.

— Fumava. Antes de ter filhos — respondeu. Apontou, então, com o queixo para Kavita. — Essa aí também. Todos nós fumávamos. Na faculdade.

Ingrid se virou ligeiramente para Kavita.

— Você nunca me contou que fumava.

— Tem muita coisa a meu respeito que nunca lhe contei — disse Kavita, num tom malicioso, ciente de que flertava com Ingrid, ciente do olhar vigilante, um pouco incrédulo, de Laleh, mas incapaz de parar.

Sentiu mais do que viu Ingrid e Laleh trocarem sorrisos conspiradores.

— Ela está de bom humor hoje — disse Laleh. — Em geral sai por aí desanimada e de cara amarrada, como se fosse responsável por todas as mazelas do universo. Você faz bem a ela — acrescentou.

— Obrigada — agradeceu Ingrid. — Tenho ouvido um bocado a seu respeito esses anos todos.

— Pena que a gente não se conheceu há mais tempo — disse Laleh.

Kavita percebeu a suave censura na voz de Lal, mas notou também a presença de algo mais. Arrependimento? Autorreprovação? Ergueu os olhos e flagrou Laleh a encará-la, com uma expressão séria, quase triste, no rosto bonito. Então Laleh sorriu devagar, e o calor e o amor que Kavita viu no seu rosto a deixaram sem fôlego. Sabia agora, sem sombra de dúvida, que Laleh conhecia o seu segredo, provavelmente sempre conhecera. E isso não fazia diferença e talvez jamais tenha feito.

Mesmo enquanto desviava o olhar, Kavita teve a estranhíssima sensação de que Laleh e Ingrid estavam se comunicando em silêncio, que Laleh a entregava a Ingrid e que Ingrid fazia alguma promessa silenciosa a Laleh. O mais discretamente possível, Kavita beliscou a bochecha direita. A dormência confirmou sua suspeita: sim, estava bêbada. Você deve estar imaginando coisas, disse a si mesma.

Adish também parecia ter captado alguma mudança na atmosfera, pois sua voz estava um tantinho animada demais quando ofereceu:

— Alguém quer mais um drinque? Ingrid? Um pouco mais de vinho?

— Não vou recusar.

Kavita pôs a mão no joelho de Ingrid, numa espécie de sinal de alerta:

— Acho que está na hora de pensar em ir embora, não?

— Corta essa, *yaar* — exclamou Adish enquanto enchia até a borda a taça de Ingrid. — Deixe a coitada aproveitar o vinho.

— Vai ser difícil arrumar um táxi a esta hora... — começou Kavita, mas foi interrompida por Adish.

— Que conversa é essa de táxi? Vocês acham que vou deixar as duas entrarem num táxi fedendo a *bevadi*?

— Não estou bêbada — atalhou Kavita, indignada, beliscando o braço de Adish, que apenas riu, enquanto se esquivava.

— É. Claro que não — concordou. — Ela sempre foi fraca para bebida, mesmo na faculdade — acrescentou, falando com Ingrid.

— Como ela era? Na faculdade?

— Eu agradeceria que vocês não ficassem falando de mim como se eu não estivesse aqui — disse Kavita.

— Ouçam só isso — rebateu Adish com um sorriso amplo. — Igualzinho aos velhos tempos. Ela está fazendo o maior esforço para não enrolar a língua.

— Estou nada! — retrucou ela, tentando não enrolar a língua.

Adish se levantou do sofá.

— Acho que tenho algumas fotos — disse. — Você quer ver?

— Adish, não se atreva... — avisou Kavita, mas Adish piscou para ela e se dirigiu para o baú de madeira que ficava num canto da sala.

A primeira foto era dos três, de pé, ao redor de Armaiti enquanto ela tocava piano na sala de estar da mãe. A cabeça de Armaiti estava inclinada para trás, e ela tinha a boca um pouco aberta, cantando. Kavita olhou para o próprio rosto, ainda jovem, e reparou no jeito intenso como contemplava Armaiti. Seria óbvio para uma estranha que a moça esbelta, com uma das mãos pousada no piano, era apaixonada pela pianista? Ao que parece Ingrid notou, pois indagou:

— Então, essa é Armaiti?

Os olhos das duas se encontraram por sobre a fotografia.

— É.

Laleh se aproximara de onde os outros estavam sentados e estendeu a mão, pegando a foto. Estudou-a durante um tempinho.

— Sei exatamente o que ela estava cantando — falou de repente. — "Bridge over Troubled Water". Não é engraçado? Eu me lembro com nitidez desse dia.

E, sem mais aquela, Kavita ouviu. Ouviu a voz de Armaiti, leve como gaze, alcançando as notas agudas como uma brilhante pipa amarela. "Se você precisar de um amigo/ Estarei navegando ao seu lado./ Como uma ponte sobre águas turbulentas,/ Vou aquietar seu pensamento."[1] Que tipo de peça a juventude era capaz de pregar para fazê-los acreditar na letra de uma canção de maneira tão fervorosa quanto outras pessoas acreditam em Deus?

Sabia que Laleh esperava que ela dissesse algo, mas se descobriu incapaz de fazê-lo. Tudo que conseguia ouvir agora era a voz de Armaiti fundindo-se à dela numa centena de canções... "O que você vê, meu menino de olhos azuis?"... "Pássaro azul, voando alto no céu, me diz o que você vê"... "Um herói da classe operária é algo a ser"...[2]

— Essa aí tocava um tremendo violão, pode crer — Lal estava dizendo a

Ingrid. — Ela e aquele violão eram inseparáveis.

Ingrid se virou para encará-la com um olhar curioso:

— Você toca violão? Por que, então, nunca tocou para mim?

— Não toco mais.

— Por que largou?

Não havia uma resposta fácil para tal pergunta. Kavita deu de ombros:

— Por que sim.

Laleh se virou para encará-la.

— Como era mesmo aquela música que você compôs e a gente cantava junto?

Kavita enrubesceu e balançou a cabeça.

— Não sei. Esqueci.

Mas Adish e Laleh sorriam um para o outro, os olhos se apertando na tentativa de se recordarem:

— *Os anos, como ondas, nos separaram./ Longe dos olhos, mas não do coração* — entoou Laleh.

— Lá, lá, lá — cantarolou Adish, sem convicção.

E então, juntos, atacaram o refrão:

Mas estamos todos aqui.
Estamos todos aqui.

Ingrid aplaudiu, enquanto Kavita parecia mortificada.

— Que coisa mais injusta! Trazer à tona essas tolices juvenis, vejam só.

— Achei muito fofo — discordou Ingrid, com uma palmadinha no joelho da amiga. Virou-se para Laleh, então. — Sabe, jamais escrevi um verso sequer na vida, mas ao menos tenho uma desculpa perfeita: sou alemã.

Kavita observou o sorriso satisfeito de Laleh.

Todos ainda estavam rindo quando se ouviu uma chave girar na fechadura da porta da frente.

— Que diabos! — exclamou Adish, de olhar fixo na entrada. — Não podem ser as crianças, é cedo demais...

A porta se abriu, e Ferzin entrou. A menina atravessou de cabeça baixa o corredor que levava à ampla sala de estar e por isso levou um susto quando ergueu o olhar e viu que os adultos a observavam.

— Merda — disse baixinho. Então, percebendo a presença de Kavita, acrescentou: — Desculpem. Oi, tia Kavita. — Virou-se para a mãe sem se preocupar em disfarçar a expressão de censura no olhar. — Achei que vocês fossem todos sair para jantar.

— Mudamos de ideia — atalhou Adish num tom leve. — O que aconteceu para você voltar para casa tão cedo?

Ferzin deu mais um passo na direção do grupo, e Kavita notou que a menina havia chorado. Sentiu um aperto no estômago. Laleh mencionara mais cedo que Ferzin havia saído com as amigas. Algo devia ter dado errado.

— Está mesmo na hora de irmos andando — disse ela, acrescentando um bocejo para dar ênfase. Cutucou Ingrid ao mesmo tempo que se punha de pé.

— Não, por favor. Vocês não precisam ir embora por minha causa. Vou para o meu quarto.

— Tudo bem, já estávamos indo.

— O que foi, *beta*? — perguntou Laleh.

Ferzin olhava para o chão.

— Só estou cansada — disse. — Vou dormir.

— Ao menos diga um oi para a amiga de Kavita — pediu Laleh. — Ela se chama Ingrid.

— Prazer em conhecê-la.

— Igualmente.

Houve um silêncio incômodo que, afinal, Adish quebrou:

— Beleza. Vou pegar a chave do carro e já volto.

— Com licença — desculpou-se Ferzin, com um sorriso forçado. — Boa noite para todos.

Laleh mordeu o lábio enquanto Ferzin ia na direção do próprio quarto. Ingrid se aproximou.

— Ela está bem? — indagou.

— Não faço ideia — respondeu Laleh, confusa. — Chegar em casa tão cedo numa sexta-feira costuma equivaler a uma sentença de morte para ela.

Ingrid riu.

— Achei que só a garotada alemã tivesse horror a ficar perto dos pais.

— Que nada! — exclamou Laleh, sorrindo para Ingrid. — Foi um prazer enorme. Espero que a gente volte a se ver.

— O prazer foi todo meu.

— Muito bem, vamos — chamou Adish, sacudindo as chaves do carro.

— Tchau — despediu-se Ingrid com um rápido abraço em Laleh e depois saiu do apartamento atrás de Adish.

— Foi maravilhoso — disse Kavita. — Que bom que a gente veio!

— Ingrid é o máximo, Ka. Fico feliz por você.

— Obrigada, Laleh — respondeu Kavita baixinho. — Você não faz ideia de como é importante para mim a sua aceitação de Ingrid.

Laleh inclinou para o lado a cabeça.

— Que diabos você quis dizer com isso? Você não se limita a aceitar Adish, não é mesmo? Você gosta dele, não é verdade? Eu gosto de Ingrid, só isso.

Kavita ouviu a porta do elevador se abrir enquanto ela e Laleh já estavam saindo do apartamento.

— Adoro você, Lal.

— Também adoro você, querida. Me ligue amanhã. Precisamos começar a planejar a viagem.

* * *

Laleh bateu na porta do quarto de Ferzin e, não obtendo resposta, entrou. Como esperava, encontrou a filha toda vestida e na cama, com um nariz vermelho revelador.

— O que houve? — perguntou Laleh, sentando-se na beira da cama da filha. — Qual é o problema?

Uma tempestade de soluços foi a resposta. Em seguida, Ferzin se sentou na cama e se atirou nos braços da mãe. Laleh sentiu um aperto no coração. Será que os filhos fazem ideia do quanto suas lágrimas ferem os pais?, pensou. Ouvira a filha chorar milhares de vezes — por causa de notas baixas, injustiças dos pais, namorados não confiáveis —, mas isso ainda a deixava em frangalhos, levando-a a pensar que, se algum dia a deixassem formular um desejo, pediria que Ferzin e Farhad jamais sentissem tristeza outra vez.

— *Beta*, o que foi?

— Tanaz não vai mais falar comigo.

Tanaz e Ferzin eram amigas desde os sete anos.

— Claro que vai. Vocês duas vivem brigando e fazendo as pazes.

— Não, mãe, isto é sério. De verdade.

— O que houve?

— Bom, Zarir me chamou para sair com ele na semana passada. E eu sabia que Tanaz também gosta dele. Por isso não contei a ela. Só que ela descobriu e agora está me acusando de traição.

Sem querer, uma ponta de impaciência empanou a solidariedade que Laleh demonstrara mais cedo. Por que as crises de Ferzin sempre diziam respeito a namorados, amigas emburradas e mal-entendidos juvenis? Lembrou-se do que havia dito recentemente a Kavita: que às vezes sentia vergonha dos filhos. Amava-os com paixão, mas ficava constrangida com a leviandade da vida que levavam.

Esperou um pouco para que o tom de sermão não lhe tingisse a voz antes de dizer:

— E você o que acha, meu bem? Acha que fez alguma coisa errada?

— A questão é justamente essa — soluçou Ferzin. — Não sei. Quero dizer, não acho que Tanaz tenha o direito de me dizer com quem devo sair. E

tive de mentir para ela porque eu sabia que...

— Espere aí. Você mentiu para ela?

Ferzin mordeu o lábio:

— Ora, menti. Ela me perguntou o que eu ia fazer na noite em que havia combinado de sair com Zarir e inventei uma história. Não tive escolha.

E, sem mais aquela, Laleh se viu de volta a uma bela manhã ensolarada de agosto quase trinta anos antes. O dia da passeata. A cena passou na sua cabeça como se estivesse acontecendo naquele momento: a enorme multidão presente na passeata e, atravessando-a como uma flecha, Adish, suando e correndo na sua direção. Ela abrira a boca para lhe agradecer por ter apanhado os comprimidos para enxaqueca na sua casa, mas ele falou primeiro:

— Você precisa voltar para casa. Sua mãe está doente.

Ao seu lado, Armaiti prendeu a respiração.

— Ah, não! O que houve?

Mas Laleh estava desconfiada, desconfortável com o jeito estranho de Adish, o seu comportamento incomum. Por que não a olhava nos olhos? Por que ficava alternando o peso do corpo de um pé para o outro?

— Adish, me diga a verdade. A mamãe está doente *de verdade*?

Armaiti deixou escapar um suspiro exasperado.

— Pelo amor de Deus, Laleh. Faz diferença se a sua mãe está muito ou pouco doente? O que interessa é que ela está chamando por você. Vá logo. A gente dá conta sem você.

E tudo aconteceu rápido assim. A traição. Ainda hoje, Laleh não tinha certeza do quanto sabia então, do quanto tinha entendido, até que ponto havia sido cúmplice. A única coisa de que tinha certeza era que, passados o choque e a indignação ao descobrir que Adish lhe mentira, cedera como uma panela de barro sob a pressão de Rumi, e, depois de ter sido proibida pelo pai de sair de casa e acompanhar Adish na volta para a passeata, uma sensação de alívio tomara conta dela, empapando-lhe o corpo como água na terra seca. Seus piores temores não se concretizariam. Em lugar de passar a noite numa cela imunda dormiria na própria cama.

— Mãe? Você acha que eu errei?

Laleh piscou, trazida de volta ao presente pelo tom de súplica que ouviu na voz da filha. Ferzin estava sofrendo. Precisava ajudá-la. Foi para isso que a puseram no mundo: para consolar os filhos, cuidar de suas feridas. Mas também para lhes ensinar alguma coisa sobre como levar o tipo de vida que não demandasse trinta anos de exames de consciência.

— Ouça — disse ela. — Quero lhe contar uma coisa. Sobre mim mesma — acrescentou com uma leve ironia. — Você está disposta a escutar ou vai ser chato demais?

Viu uma expressão de surpresa perpassar o rosto da filha.

— Não, mãe. Conta.

— Bom, uma vez, quando eu tinha mais ou menos a sua idade, fiz uma coisa de que me envergonho. Com a minha amiga Armaiti. Bem, não exatamente com ela. — Balançou a cabeça bruscamente. — Esqueça, é muito difícil de explicar. — Sorriu ao ver a expressão séria de Ferzin e lhe acariciou o rosto. — O que quero dizer, meu bem, é o seguinte. Duas coisas levam a gente a fazer coisas ruins na vida: medo e orgulho. Fiz uma coisa ruim por causa do medo. Não sei ao certo o que a fez mentir para a sua melhor amiga, mas tenho um palpite: é o seu orgulho que está impedindo você de lhe pedir desculpas. Por isso, não se prenda ao orgulho. Uma boa amiga vale mais que isso.

— Mas *não fui eu* que disse que nunca mais vou falar com ela... — Ferzin parou de falar e franziu a testa quando uma ideia a assaltou. — Você e a tia Armaiti já tiveram uma briga?

Armaiti e ela já tinham brigado? Laleh não se lembrava. Se tinham, com certeza não havia sido por causa de algum garoto magrela.

— Acho que não. De todo jeito, conosco era diferente — murmurou.

— Então por que vocês perderam o contato depois que ela se mudou para os Estados Unidos?

Um vento frio soprou no coração de Laleh. Encarou a filha e lhe faltaram palavras. Você conversa com o próprio fígado todo dia?, quis perguntar. Manda cartas de amor para os próprios pés? Escreve um poema para o próprio fêmur? Manda um cartão de aniversário para suas trompas de Eustáquio? É assim comigo e Armaiti. Ela vive na minha pele. É parte do meu coração. Então por que eu precisaria estar ciente da presença dela diariamente? Abriu a boca para dizer isso a Ferzin, para defender o seu ponto de vista, mas uma voz na sua cabeça, que soou de modo incômodo como a de Adish, soltou um enfático *Conversa fiada!* Ela deixara Armaiti sair de sua vida por pura preguiça. O que acontece com uma carta que não é postada? Com um telefonema que não é dado, com um e-mail redigido mentalmente, mas jamais escrito? O que acontece com uma amizade que não é cultivada?

Mas do que se tratava tudo isso? Preguiça? Procrastinação? A mera passagem do tempo? Distanciamento gradual?

Como seria bom acreditar nisso. O desvendar trágico, porém inevitável, da amizade. Que cenário confortador, sem culpa! E inverídico. Não, a verdade era mais dura. Voltar para casa e não participar da passeata foi o primeiro segredo que ela escondeu de Armaiti. O triste é que Armaiti a teria perdoado na hora, a teria defendido de forma veemente e em alto e bom som se Laleh apenas lhe confessasse o seu momento de fraqueza. Mas o segredo supurou. Ligou-a a Adish e afastou-a de Armaiti. Tornou possível o seu

futuro com Adish mediante a ruptura dos seus laços com Armaiti. E lhe provou que a sua devoção ao movimento não era, afinal, incondicional, e que ela gostava do conforto. Provou, ainda, que trocando em miúdos, como não se cansava de dizer o pai, ela não passava de uma garota de classe média brincando de revolucionária. E o mesmo se mostrou válido quanto a Armaiti: primeiro, a desilusão na volta da Tchecoslováquia e, depois, a rejeição absoluta: a mudança para os Estados Unidos, o desprezado país do militarismo e capitalismo deslavados. Se ao menos tivéssemos podido admitir as nossas limitações, as nossas fraquezas humanas uma para a outra, pensou Laleh agora. Mas não puderam. E foi a vergonha — vergonha pela incapacidade de viver à altura dos próprios sonhos — que fez as duas se afastarem.

— Mãe, não estou tentando ser desagradável. Sei que você adora a tia Armaiti.

Laleh sorriu ao ouvir a autorrecriminação no tom da filha.

— Não achei que você estivesse — garantiu, apertando afetuosamente o braço da filha. — Ligue para Tanaz e peça desculpas. Não tira pedaço fazer a escolha certa, *beta*.

— Já está tarde para ligar...

De repente, Laleh se sentiu exausta.

— Está bem. A decisão é sua. Mas lembre-se...

— Vou mandar uma mensagem de texto — prosseguiu Ferzin. — Tudo bem?

— Tudo bem. — Laleh se dirigiu para a porta, mas a meio caminho olhou para trás e deu um amplo sorriso. — E não se esqueça de chorar um pouquinho. Um pouquinho de choro nunca fez mal a uma amizade.

Onze horas e ela não conseguia se levantar da cama. Nishta estava acordada, mas demasiado apática para começar o dia. Ao menos não teria de preparar o almoço de Ammi hoje. Antes de Iqbal sair para trabalhar, ela lhe pedira para deixar o que sobrara do jantar na casa da mãe, prometendo que faria um belo jantar para a sogra. Ele concordou e insistiu para que ela cuidasse do resfriado que dizia ter pegado. Antes de ir, Iqbal tinha ficado um bom tempo ao lado da cama, com uma expressão vigilante no rosto. Desde o tapa, Nishta vinha sentindo os olhos do marido fixos nela o tempo todo, os olhos culpados de um cão que roubou o jantar do dono e espera ser flagrado a qualquer momento. E, na verdade, ela agora pensava, Iqbal *havia* roubado algo dela — roubado a sua última ilusão, a história que contava a si mesma e que tornara os últimos anos suportáveis. Ao longo da última década, ela vivera dentro das cercas do autoengano, sempre inventando desculpas para Iqbal. Sim, ele virara as costas aos movimentos sociais que no passado os inflamavam, mas, segundo interpretação dele, o islamismo perseguia as mesmas metas de justiça e igualdade pelas quais haviam lutado um dia; sim, ele a obrigara a usar a burca, mas afirmando que era para sua própria proteção; sim, ele se tornara cada vez mais distante com o passar dos anos, mas ao menos jamais havia lhe batido.

O último pensamento a fez pular da cama. Jamais havia lhe batido? Será que as suas expectativas quanto ao marido tinham se tornado tão ofensivamente pequenas? Partira o coração dos pais apenas para se contentar com essas migalhas? O rompimento com a família cavara um buraco tão grande na sua vida que ela precisava usar toda a força de vontade para não se deixar cair dentro dele. E os pais de Iqbal nunca se mostraram dispostos a preencher o vazio. Ela sabia que fora aceita por eles apenas porque não aceitá-la teria significado perder o filho. Não tinham culpa, na verdade. O abismo entre a nora e os sogros era apenas grande demais para ser vencido. Os primeiros anos, sobretudo, foram muito difíceis. Vinda de uma família hindu abastada, de casta superior, Nishta estava habituada a certos privilégios. Mas a família de Iqbal era pobre, e lembretes disso não faltavam: o jeito como a sogra gastava o próprio dinheiro, com cuidado, dolorosamente, como se uma nota de rupia fosse um naco de ouro; o fato de que a família de Iqbal consumia o arroz vendido pelo governo e não o caro arroz *basmati* que Nishta crescera comendo; o fato de que os seus cunhados jamais "esbanjavam" dinheiro em táxis e restaurantes. O abismo cultural era ainda menos superável: os pais de Iqbal não podiam jamais ver tevê ou

acompanhar os jornais vespertinos sem, por instinto, buscar ofensas e afrontas que acreditavam ser dirigidas diariamente contra os muçulmanos. Assistir aos jogos de críquete, que sempre havia sido uma fonte inocente de diversão, agora assumia um novo peso se acaso o time indiano estivesse enfrentando os paquistaneses. Bastava um mero olhar para os seus rostos para ela sentir a lealdade dividida.

Não adianta pensar no passado, reprovou-se Nishta, enquanto jogava água fria no rosto. Mas o seu humor estava azedo hoje, e ressentimentos há muito enterrados não paravam de vir à tona. Como se atrevia Iqbal a fazer parecer que a demissão do banco era culpa dela? Nishta se lembrava da forma ab-rupta como ouvira do marido a notícia. Tinham acabado de sair de uma festa de inauguração do apartamento de Laleh e Adish. Iqbal se comportara de forma tão estranha e artificial ao longo da noite que ela se sentiu aliviada quando ele sugeriu que fossem embora. Estava no segundo mês de gravidez, então.

— Viu como eles moram? — sibilou Iqbal a caminho da estação de trem. — Esse pessoal se rotulava de socialista poucos anos atrás, lembra? Agora vivem como malditos colonialistas.

— Os dois sempre moraram bem. Laleh vem de família rica, e Adish também. Você sabe disso. Não diga bobagem, Iqbal. E desde quando a gente odeia os amigos porque eles são ricos?

— Não odeio ninguém. Eu só... — disse ele, desviando o olhar. — Me demiti do banco — falou de chofre.

— Muito engraçado.

— Nishta, não estou brincando.

Ela sentiu o estômago se revirar.

— O quê?

Iqbal se virou para encará-la:

— Entreguei a minha carta de demissão. Saio daqui a duas semanas. Vou ajudar Murad a tocar a loja. Vou ganhar mais dinheiro lá.

Ela o encarou, horrorizada.

— Você enlouqueceu, Iqbal? A loja de Murad rende tão pouco que mal dá para ele sustentar a própria família. Não há lugar para você ali. E agora com o bebê a caminho... Meu Deus, você seria gerente de filial daqui a alguns anos. Você sabe que é mais inteligente do que qualquer um no banco.

— Já está decidido. Entreguei o meu pedido de demissão hoje.

Foi uma virada decisiva nas nossas vidas, pensou Nishta enquanto enxugava o rosto. Profundamente religioso, com uma instrução elementar, Murad ficaria encantado com a ideia de ter o sobrinho erudito como empregado. Adorava zombar das maneiras "britânicas" de Iqbal e dizia a todos os parentes que salvara o sobrinho da miséria. Algumas vezes, Nishta

tentara argumentar em resposta, tentara reduzir a crescente noção de superioridade de Murad, mas Iqbal a calara. Precisava do emprego, dizia ele. Por isso, ela mordia a língua e aturava as bazófias de Murad. Sabia também que Murad vivia passando sermões no sobrinho por este não ser um crente e não frequentar a mesquita e que Iqbal às vezes acompanhava o velho apenas para apaziguá-lo. Mas ela não se preocupava. As idas à mesquita, se é que tinham algum efeito, serviam apenas para lembrar a Iqbal de como ele e Nishta eram diferentes das pessoas que os cercavam. O que ela não previu foi que com o tempo tais excursões serviriam para lembrá-lo de como os dois eram diferentes entre si.

Nishta soltou um suspiro. Quase meio-dia e só fizera até agora reviver o passado. Logo estaria na hora de buscar Zenobia na aula, e ela ainda precisava preparar o jantar. Prendendo o cabelo num coque, olhou-se no espelho do banheiro — e parou. A bochecha esquerda continuava inchada no lugar em que Iqbal a estapeara, e a área próxima ao pescoço estava roxa e sensível ao toque. Nishta estremeceu. Viu os próprios olhos, cansados, com expressão infeliz, tornados opacos pelo tédio e a acomodação. De repente teve vontade de sair daquela casa sufocante e correr, escancarar a porta e fugir para a rua, arrancar a burca, aquela espécie de mortalha que Iqbal impôs que ela usasse, e correr. Correr para escapar dessa vida, correr para um lugar onde ele jamais a encontrasse. O pulso se acelerou e o coração disparou, como se ao imaginar a sua fuga já estivesse, com efeito, começando a implementá-la. Saiu do banheiro minúsculo para a sala, obrigando-se a respirar fundo, a se acalmar. Foi até a cozinha pegar um copo-d'água, e, quando a campainha soou, ignorou-a.

Mas a campainha tornou a soar, e depois uma terceira vez, e, deixando escapar um suspiro, atravessou a sala e abriu a porta.

— Zoha *jaan* — exclamou, estridente, uma voz feminina. — Que história é essa? Você dá o bolo na minha festa e depois eu ligo e o seu celular está desligado. Fiquei preocupada, *yaar*.

— Mumtaz? — Seu tom foi hesitante, já que os olhos começavam a se adaptar à pouca claridade do corredor do prédio.

— Você não se importa de eu ter vindo aqui, não é? — Mumtaz escancarou a porta e passou por Nishta para entrar na sala. — É uma pena que vocês tenham cancelado o telefone fixo, *yaar*. Deixei dois recados para o idiota do meu irmão, mas é claro que ele não retornou a minha ligação. — Virou-se então para encarar a cunhada. — *Kya khabar, bhabi?* O que há de novo?

Nishta passou os dedos pelo cabelo.

— Tudo bem — respondeu com voz débil. — E com você? Como vão as crianças? E Husseinbhai? — Parou subitamente ao ver Mumtaz

empalidecer. — O que foi?

— Seu rosto — disse Mumtaz. — Todo roxo. O que houve?

— Ah, isso — respondeu Nishta, obrigando-se mentalmente a inventar uma mentira plausível. — Eu... Eu esbarrei numa porta. A porta do quarto estava fechada, e achei que estivesse aberta. — Nunca, porém, soubera mentir, e a voz perdeu a firmeza. Percebeu, contrariada, que os olhos se enchiam de lágrimas.

— *Bhabi*, qual é o problema? Seu rosto está doendo?

Nishta piscou para se livrar das lágrimas.

— Não, estou bem.

Mumtaz a encarou durante um segundo e depois balançou, com violência, a cabeça, como se não quisesse admitir o pensamento que ali brotara.

— Não — exclamou, como quem perde uma discussão consigo mesmo. — Iqbal jamais... Apesar de todos os defeitos, ele não... Ele fez isso, Zoha? Bateu em você?

— Ele não me bateu. Foi só um tapa. Nada demais. Aconteceu tão rápido que ele ficou mais assustado do que eu. E você sabe como é a minha pele. Qualquer coisinha já fica marcada. Não está doendo nadinha. — Sua voz lhe pareceu miúda e ridícula.

Mumtaz puxou-a pela mão.

— Zoha *jaan*. Venha se sentar. Vou fazer um chá. Não, senta aqui.

Nishta se permitiu conduzir até o velho sofá, mas após alguns minutos se levantou e seguiu a cunhada até a cozinha. Da porta se ouviu perguntar:

— Hussein já bateu alguma vez em você?

Mumtaz se virou de um salto, balançando com vigor a cabeça.

— Não, *bhabi*. Nunca. Ele está longe de ser perfeito, pode crer. Você conhece os problemas do meu casamento. Nunca fiz segredo disso para você. Mas ao menos ele jamais me obrigou a usar *purdha*, como aconteceu com você. E nunca me bateu. — Seus olhos faiscaram. — Eu mato Iqbal, juro que...

— Mumtaz — disse Nishta com delicadeza. — Ele é seu irmão. Lembre-se de como ele ama você.

Mumtaz deu de ombros e desviou o olhar.

— Esse relacionamento terminou faz muito tempo — disse ela.

— Nunca entendi por quê.

Mumtaz serviu duas xícaras de chá.

— Um dia eu explico, mas hoje vamos falar de você. — Franziu a testa. — Não sou mais criança, *bhabi*. Além disso, você fez mais para me ajudar do que o meu irmão. Jamais vou me esquecer do que você me disse no dia do meu casamento, sobre procurá-la a qualquer hora do dia ou da noite se eu

precisasse de ajuda. Nem a minha mãe me disse isso. Ficaram todos tão felizes por se livrarem de mim! O fato de Hussein ser quinze anos mais velho não os incomodou nadinha.

Nishta ouviu a amargura na voz da cunhada.

— Nunca entendi, para começar, por que você se casou com ele — disse. — Você era tão mocinha.

— Eu era uma criança — concordou Mumtaz. — Sonhava em me tornar uma artista plástica. Casamento era a última coisa na minha cabeça.

— Então por quê? — indagou Nishta, lembrando-se de como discutira com Iqbal na época e de como ele se mostrara reservado e teimoso.

Mumtaz deu de ombros.

— Nada disso importa agora. É passado. — Sentou-se no sofá, balançando a xícara no colo. Estendendo a mão, obrigou Nishta a se sentar a seu lado. — Me conta. Por que ele bateu em você?

Nishta começou pelo início. Contou a Mumtaz da euforia que sentira com a visita extemporânea de Kavita e Laleh. Do choque e da tristeza com a notícia da doença de Armaiti. Da reação paranoica e em nada solidária de Iqbal. De como ele a proibira de entrar em contado com as outras e de como ele confiscara seu celular quando ela se rebelou. Da tentativa de Adish em prol da causa da esposa. Da reação de Iqbal a isso. Da discussão acalorada no jantar e do tapa em seu rosto, que, num único instante, rompeu a conexão que os dois vivenciaram durante décadas.

— *Ya* Alá — exclamou Mumtaz com um suspiro quando Nishta se calou. — Ele tirou o celular de você? Que tipo de homem faz isso? No que Iqbal se transformou?

— É o que me pergunto todos os dias — sussurrou Nishta.

As mulheres se encararam, os queixos trêmulos. Então Mumtaz aproximou o dedo indicador do rosto da cunhada e esfregou de leve o hematoma que havia ali.

— Ele jamais foi o mesmo depois dos tumultos — murmurou. Na sua voz Nishta ouviu algo que não pôde identificar.

— Bem, os tumultos foram um horror — concordou Nishta, estremecendo. — Todos nós assistimos a coisas que nenhum ser humano merece ver. E tivemos sorte. Ao menos fomos poupados.

Mumtaz deu um riso curto e amargo.

— *Yah*. Fomos os afortunados.

Mais uma vez Nishta ouviu aquele quê na voz de Mumtaz que não conseguia traduzir.

— Você e Hussein... — começou de novo, mas Mumtaz a interrompeu.

— Esqueça a gente — disse. — Quero fazer alguma coisa por você. Quero ajudá-la.

— Obrigada, querida. Mas não há nada que alguém possa...

— Posso, sim. Não diga isso. Não diga que não há nada que eu possa fazer. — Mumtaz deixou seu olhar se perder durante um segundo, e, quando falou, seu tom era nostálgico. — Eu era bem pequena quando vocês todas costumavam aparecer lá em casa, mas ainda me lembro das suas amigas. Meu Deus, era como se estrelas de cinema tivessem caído do céu por descuido.

Nishta suspirou:

— Essa época já se foi há muito tempo.

Mumtaz abriu a bolsa e tirou o celular.

— Tome, *bhabi*. Use. Ligue para suas amigas.

Nishta balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Não quero arrumar problemas para você.

Mumtaz bufou.

— Não tenho medo de ninguém — garantiu. — É perfeitamente legal falar com uma amiga por telefone — acrescentou, pondo o celular na mesinha em frente às duas.

— Mumtaz, de que adianta isso? — indagou Nishta. — Não tenho nada mais em comum com elas. E, pelo que me consta, as duas já devem estar nos Estados Unidos.

— Shhh — atalhou Mumtaz, revirando os olhos. — Ouça só o que você está dizendo, Zoha. Tudo que peço é que você retorne o telefonema de uma amiga e você vem com uma lista de desculpas mais comprida do que a Grande Muralha da China — queixou-se, dando um empurrãozinho na cunhada. — Vá pegar o número dos telefones delas. Anda logo, *na*!

* * *

Kavita estava de péssimo humor. Era o último dia de Ingrid em Bombaim, e ela já sentia saudade. Os três dias haviam passado tão rápido, e a aceitação tranquila de Ingrid por parte de Laleh e Adish a tinha deixado ainda mais receptiva à namorada. Que dali a sete horas embarcaria num avião.

Que diabos, então, as duas faziam no escritório? Por que diabos ela deixava aquele idiota do Rahul monopolizar o tempo de Ingrid?

— Vocês duas vão sair da cidade? — perguntara ele quando Kavita lhe disse que ia tirar uns dias de férias porque Ingrid estava para chegar. E, de modo tolo e burro, ela havia respondido que não. O que Rahul entendeu como convite para que deixasse inúmeros recados em seu telefone, pedindo que as duas passassem no escritório para dar um oi. Enfim, ela sugerira a Ingrid que dessem uma passadinha de quinze minutos esta manhã. Os quinze minutos se transformaram em duas horas, e Rahul não parecia

ansioso para parar de fazer perguntas a Ingrid sobre a mais recente parceria profissional.

Kavita estava a caminho da sala de Rahul quando viu Mohan, seu assistente, vindo em direção a ela.

— Telefone para a senhora — disse o rapaz.

— Peça para deixarem recado. Continuo de férias, está lembrado?

— Eu tentei, mas disseram que é urgente.

Kavita trincou os dentes. Os clientes sabem ser teimosos, não?

— Nada que não possa esperar até amanhã — insistiu, já com a mão no trinco da porta de Rahul. — Quem quer falar comigo?

— Ela disse que se chama Nishta. Disse que...

Kavita já saíra correndo pelo corredor antes que o assistente conseguisse terminar a frase.

* * *

Mumtaz olhou para Nishta e balançou a cabeça.

— Olhe para você — falou baixinho. — Dez minutos no telefone com a tia Kavita e já está com outra cara. Corada. Até os olhos estão brilhando.

Nishta sorriu, meio envergonhada.

— Kavita é tão carinhosa. Sempre foi tão...

— Você devia ir — atalhou Mumtaz de súbito. — Com elas. Já que as duas ainda não viajaram. Posso lhe ajudar. Tenho dinheiro. Sou casada com um homem rico, lembra?

— Mumtaz, está tudo bem. Esse problema não é seu. Você me ouviu dizer a Kavita que não posso ir. Por favor, não se envolva nisso. Não quero causar uma briga na família.

Mumtaz estampava no rosto uma expressão que Nishta reconheceu, depois de tantos anos de convívio com Iqbal.

— *Bhabi* — disse Mumtaz —, não posso ajudá-la se você não quiser se ajudar, mas acho que você deve ir. Uma mulher à morte pediu sua ajuda. Acho que você deve satisfazer o desejo dela.

Com esforço, Nishta se levantou do sofá.

— Juro que você e seu irmão são capazes de convencer um homem faminto a não comer.

Tentou rir, mas não deu certo.

Mumtaz se pôs de pé para encarar Nishta. Havia um leve indício de lágrimas em seus olhos.

— Sabe, Iqbal vem mandando na vida dos outros há tempo demais. Acho que está na hora de parar com isso.

Fez-se silêncio na sala. Nishta foi a primeira a desviar o olhar. Mumtaz

começara a dizer algo mais, porém Nishta não a ouviu. Mentalmente passava em revista a pergunta inocente que lhe fizera Kavita pouco antes do fim do telefonema: por que ela não tinha ligado de um telefone público, já que Iqbal lhe tirara o celular? A resposta crispou seus lábios com amargura: por causa de algum sentimento equivocado de lealdade ao marido. Porque assumira a vergonha de Iqbal como sua, vestindo-a como uma segunda pele. Reconhecer esse fato a constrangeu, fez com que percebesse como seu raciocínio se tornara embotado e comprometido. A indignação de Mumtaz e a pergunta de Kavita a fizeram ver que ela era cúmplice na manutenção do próprio cativeiro.

— Então, o que está sugerindo? Que eu vá sem o consentimento de Iqbal? — sussurrou.

Mumtaz mordeu o lábio inferior.

— Não sei — respondeu. — Quem sabe Hussein consiga pôr um pouco de juízo na cabeça-dura do meu irmão. — Desviou o olhar um instante e depois encarou Nishta. — Deixe que eu fale com a tia Kavita. Não sei nada sobre viagens ao exterior. Você pelo menos já esteve em Dubai. Nunca saí da Índia.

Nishta apoiou a mão no ombro da cunhada.

— Mumtaz, sei que você quer ajudar, mas, por favor, não ligue para Kavita outra vez. Não quero criar expectativas nas duas. Eu... Meu Deus, *eu* não quero criar expectativas, Iqbal jamais vai permitir essa viagem.

Mas Mumtaz já estava digitando o número de Kavita. Nishta ficou a seu lado, de modo ostensivo, roendo as unhas. Depois, começou a andar para lá e para cá na sala acanhada, ouvindo o que Muntaz dizia. Quando a cunhada fez sinal de que precisava de papel e caneta, Nishta correu até a cozinha. Remexendo na gaveta do armário, viu, num flash repentino, o restante da sua vida com Iqbal, a lenta decadência da meia-idade para a velhice. O futuro lhe pareceu, de forma inconcebível, tedioso e vazio, uma lenta procissão fúnebre de dias e anos que não levaria a lugar algum onde houvesse beleza.

Mumtaz ergueu os olhos para Nishta quando a cunhada voltou à sala. Pegou a caneta e anotou algo que ouviu de Kavita.

— Claro. Pode deixar. Sem problema, tia. Muito obrigada. Volto a ligar. Combinado, tchau.

— Não sei por que você está fazendo tudo isso — disse Nishta, tão logo Mumtaz desligou. — Não posso ir a lugar algum.

Mumtaz levou o indicador à boca.

— Shhh. Preciso do seu passaporte.

— O quê?

— Seu passaporte. Preciso dele.

Nishta piscou:

— Para quê?

Mumtaz sorriu, impaciente.

— A tia Kavita disse que temos de solicitar o visto pela internet. Para isso, precisamos do seu passaporte, cupons de comida, documentos financeiros. Depois eles ligam para marcar a entrevista. Suas amigas já estão com os vistos, mas disseram que vão adiar a viagem até depois da sua entrevista.

— Espere, espere — atalhou Nishta, esfregando a testa. — Mumtaz, não tenho dinheiro nem para ir daqui a Prune, quanto mais aos Estados Unidos.

Mumtaz se mostrou ofendida.

— Ninguém pediu o seu dinheiro — resmungou.

Poucos dias atrás, Nishta rezara pedindo ajuda a um deus desconhecido. E aqui, sentada a seu lado, estava uma prece atendida na inesperada pessoa da irmã do próprio Iqbal, Mumtaz, que agora planejava uma viagem para os Estados Unidos como se programasse um piquenique nos Jardins Suspensos. Seria esse mais um desvio insensato, outra peça que a vida pretendia lhe pregar? Será que podia confiar nisso tudo?

— Não posso — insistiu Nishta. — Não posso. E não quero envolver você nessa história.

Mumtaz deu um suspiro profundo e olhou diretamente para a cunhada.

— Vou lhe fazer uma pergunta simples — disse, enfim. — Se você não tivesse que se preocupar com o que pensa Iqbal ou o que Ammi há de dizer ou de onde virá o dinheiro, o que faria? Iria viajar? Sim ou não?

— Não sei...

— Sim ou não?

— Ora, sim. Claro. Armaiti foi uma das minhas melhores amigas.

Mumtaz assentiu. Depois falou:

— Sou mais moça do que você, *bhabi*, mas me deixe lhe dizer uma coisa. Nesta vida, na maior parte do tempo vivemos e nos sacrificamos pelos outros. Pelos maridos, pelos filhos, pelos pais idosos. E isso é bom. É a ordem natural das coisas. Só que de vez em quando precisamos fazer alguma coisa por nós mesmas. O segredo é saber quando chega a nossa vez. — Os olhos de Mumtaz faiscaram como brasas quando pousaram no rosto de Nishta. — Chegou a sua vez, Zoha. *Agarre-a*.

Nishta piscou para se livrar das lágrimas que brotaram de forma inesperada. Estendeu a mão e acariciou o rosto de Mumtaz.

— Você é tão carinhosa comigo... Mas não posso.

— Deixe que eu faça isso. Por mim. Não por você. Por mim — pediu Mumtaz num sussurro. Uma película de suor brilhava acima do seu lábio superior.

Uma chama fugaz, azul, de suspeita se acendeu na mente de Nishta. *Por*

mim? Por que estaria Mumtaz tão ansiosa para ajudar? Será que pretendia usá-la como um instrumento em alguma rebelião há muito existente contra o irmão? Mas a suspeita foi absorvida pela crescente excitação que, aos poucos, se apossava de seu corpo. Seria mesmo possível? Seria possível que Mumtaz a ajudasse a escapar dali? A sorte não lhe sorria há tanto tempo! Poderia confiar nela agora? Poderia?

— Você tem certeza, Mumtaz? Isso não é um jogo, você sabe. Iqbal vai ficar muito zangado.

Mumtaz estalou a língua com desdém.

— Não se preocupe tanto. Sei como lidar com meu irmão. — Fez uma pausa e depois abriu um largo sorriso. — Vamos dar um passo de cada vez. Não existe nenhuma lei que diga que você tem de viajar só porque tirou um visto, existe? Mas sem dúvida existe uma que diz que você não pode ir se não tiver um visto. — Ela estalou os dedos. — Assim, vamos tirar seu visto. Simples, não?

— Está bem — concordou Nishta. — Está bem.

Foi até o armário de aço e abriu o cofre onde ela e Iqbal guardavam todos os objetos de valor. Encontrou de imediato o passaporte do marido, mas não o dela. Levou alguns segundos para se dar conta de que Iqbal o tirara do cofre. Não se preocupou em esconder o choque quando voltou à sala.

— Sumiu — falou num tom monocórdio. — Iqbal deve tê-lo levado com ele.

As duas se sentaram no sofá, enquanto um silêncio constrangedor pairava no ar, sem se olharem. Em seguida, Mumtaz disse:

— Garanto que sei onde Iqbal guardou o passaporte. Afinal, não deve ir trabalhar todo dia com ele no bolso. — Virou-se para Nishta e acrescentou: — Sabe aquele cofre na casa de Ammi? Aposto o que você quiser que ele escondeu lá.

Nishta balançou a cabeça rejeitando a ideia. Estava chocada com a perfídia de Iqbal. Quão longe ele iria?, perguntou-se. Onde tudo isso acabaria? Quem era esse homem com quem vivia há todos esses anos?

— Você sabe, sim — insistiu Mumtaz. — É aquele marronzinho onde Ammi guarda suas joias de casamento. A gente tirou as joias de lá e pediu ao tio Sharma para guardar durante os tumultos, lembra? Mamãe disse que confiava nele como se fosse um irmão.

Houve uma vibração, um tremor, na voz de Mumtaz, mas Nishta mal registrou o fato, como faria com o barulho do tráfego lá embaixo na rua.

— Acho que sei, sim — concordou de modo vago.

— Fique aqui. Sei o segredo. Vou fazer uma visitinha a Ammi e depois peço emprestadas as joias para ir a uma festa. Já volto.

Mumtaz voltou vinte minutos mais tarde e tirou, triunfante, o

caderninho azul de dentro da bolsa.

— Eu sabia. Pode ter certeza de que sou capaz de ler a mente do meu irmão melhor do que ninguém.

— Ammi viu?

— Ela estava no outro quarto. Não fique tão nervosa. — Jogou o passaporte na mesinha em frente ao sofá e se virou para a cunhada. — Preciso dizer uma coisa — começou Mumtaz. — Em nome de toda a minha família lhe peço desculpas.

— Não seja boba — atalhou Nishta. — Você não teve nada a ver...

— Estou falando sério. Eu tive... Eu me sinto responsável por isso em que o meu irmão se transformou. Roubar o telefone da esposa, esconder seu passaporte. É vergonhoso, mas entendo por que ele acabou desse jeito.

Mumtaz engoliu em seco e depois balançou a cabeça como se não quisesse amenizar o sentimento por Iqbal. — Mas não desculpo. Na verdade, rejeito esse comportamento — insistiu, antes de fazer uma pausa. — Uma coisa lhe prometo, *bhabi*. Vou ajudar você. Mesmo que isso signifique enfrentar a fúria de Iqbal. De todo jeito, conheço o meu irmão. Ele não vai ficar zangado durante muito tempo. Quando você voltar dos Estados Unidos, ele vai me perdoar.

Nishta se obrigou a assumir uma expressão neutra. Porque por pouco não havia dito em voz alta: Se eu for, não volto mais. Se puder escapar da prisão em que se transformou a minha vida, minha fuga será definitiva.

Laleh mandou o motorista deixá-la na entrada do clube do qual ela e Adish eram sócios. Não tinha o hábito de frequentá-lo à noite. As mulheres carregadas de brilhantes e com vestidos de seda e crepe, os maridos mandões e engalanados, que afirmavam seu poder rosnando ordens para os garçons, os filhos chorões que infernizavam a vida das babás de expressão cansada enquanto os pais jogavam cartas ou se entupiam de comida gordurosa e pesada... Laleh reagia a todos eles como se representassem uma ofensa pessoal a ela. Quando se permitia ir ao clube, em geral fazia isso à tarde, para nadar durante uma hora. Ou de vez em quando convidava uma amiga para almoçar, na varanda com vista para o mar, antes da invasão da tropa noturna.

Mas Adish frequentava o clube depois do trabalho três vezes na semana, para jogar tênis, e aquela era uma dessas noites. Laleh se reconciliara com o fato de que ele chegaria tarde em casa naquela noite, mas, com o passar do tempo, a espera se tornou insuportável. Estava ansiosa para lhe dar uma notícia maravilhosa.

— Pode parar aqui — instruiu o motorista. — Ligo quando for sair.

Aproximando-se da quadra de tênis, logo viu Adish. O marido estava prestes a sacar, na ponta dos pés para acertar a bola, quando a avistou. Parou, então, gritou alguma coisa para o adversário e correu em direção à esposa.

— O que houve? — foi logo perguntando.

— Nada. Não houve nada — respondeu Laleh. — Será que não posso apenas vir assistir...

— Até parece... — Adish pegou uma toalha branca que estava numa das cadeiras viradas para a quadra e enxugou o suor do rosto. — O que foi? Algum problema com as crianças?

— Vá terminar seu jogo — disse ela, de repente aborrecida consigo mesma por não ter esperado que o marido chegasse em casa. Pobre Adish. O tênis era a única coisa que o relaxava. Sorriu para tranquilizá-lo. — Está tudo bem. É que tenho uma notícia para lhe dar. Mas ela pode esperar.

Adish, porém, caminhou a passos largos de volta à quadra, onde seu adversário o aguardava, impaciente.

— Desculpe, *yaar*. Problema de família. Você se importa de suspendermos o jogo?

— Justo agora, que eu estava prestes a tirar o seu couro? — brincou o outro, rindo. — Tudo bem, a gente se vê depois de amanhã.

O casal encontrou um lugar tranquilo perto da piscina, e Adish pediu um uísque para ele e um coquetel para Laleh.

— E aí?

— Nós... Kavita falou com Nishta. — Esperou pela reação de Adish, que apenas a olhou, impassível. — Nishta entrou em contato conosco. Descobrimos que Iqbal confiscou o celular dela. Dá para imaginar? — Esperou, mais uma vez, agora para que a própria repulsa e indignação se refletissem no rosto de Adish, mas o marido permaneceu impassível.

— Diga alguma coisa — insistiu, finalmente.

— O que você quer que eu diga?

Laleh ignorou a pergunta.

— Ela quer viajar conosco para os Estados Unidos. Para ver Armaiti. Por isso temos de descobrir como ajudar.

— Por que você está me contando isso?

Uma fagulha surgiu no olhar de Adish, que Laleh reconheceu como sinal de problema, mas decidiu ignorar.

O garçom pousou os drinques de ambos na mesa, juntamente com uma tigela de amendoins. Adish botou um punhado deles na boca, mastigou com gosto, sem desviar o olhar um segundo sequer do rosto da esposa.

— Você sabe que dei minha palavra a Iqbal — disse ele. — Você sabe que eu jamais...

— Adish — interveio Laleh, num tom urgente. — Estamos falando de uma amiga que tem um casamento ruim. Precisamos ajudá-la. O que há para discutir?

Adish fechou os olhos.

— Iqbal também foi nosso amigo. Minha mãe sempre me disse que ninguém sabe o que se passa entre um homem e uma mulher. E Iqbal sofreu muito. Gostaria de poder contar a você parte do que ele me disse.

Adish começava a estampar aquela expressão de teimosia no rosto, com o lábio inferior projetado, que, com o tempo, Laleh aprendera a conhecer muitíssimo bem. Ela sabia que não contava senão com uns poucos minutos para esclarecer o assunto.

— Foi Mumtaz quem ligou para Kavita — explicou baixinho. — A irmã de Iqbal. Por quê? Porque até ela percebe uma injustiça quando a vê sendo cometida. — Reparou que Adish ergueu uma sobrancelha à menção de Mumtaz, e aproveitou sua chance. — Iqbal obriga Nishta a usar uma burca, *janu*. Uma *burca*. Ele aniquilou a personalidade dela. Você se lembra como Nishta era? Livre, leve e solta. Hoje ela é uma pilha de nervos. Por que precisaria continuar a viver desse jeito? Me diga. Apenas para que você pudesse se gabar de manter sua palavra?

— Promessa é promessa.

— Que se dane a sua promessa — exclamou ela, mais alto do que pretendia. Adish pousou uma das mãos em seu pulso, à guisa de alerta. Ela o afastou. — Uma promessa só faz sentido quando justa.

— Conheço um monte de advogados que discordariam dessa interpretação, meu bem.

Ela o encarou com raiva.

— O que você está achando disso tudo, Adish? Está pensando que é um jogo? Não quero discutir princípios esotéricos. Estou pedindo... — Os olhos se encheram de lágrimas de raiva. — Vim aqui pedir sua ajuda. — E, levantando-se na cadeira, concluiu: — Esqueça. Vou cuidar disso sozinha.

— Laleh. — O tom de Adish foi baixo, porém urgente. — Você está fazendo um drama. Agora sente-se e vamos conversar como dois adultos.

Ela o olhou de cima, concentrando-se no minúsculo círculo careca que começava a se delinear na cabeça do marido.

— Não. Converse você. Você passa a vida discutindo as coisas, agarrado às suas promessas ridículas. — Afastou-se da mesa, mas em seguida tornou a voltar, pisando com força. — Sabe o que você prometeu para Iqbal, não sabe? Você prometeu manter a boca fechada e olhar para o outro lado. Foi só o que você prometeu para ele — disse Laleh e balançou a cabeça, mostrando seu desagrado. — Esqueça o assunto. Vou para casa.

— Espere — chamou Adish, mas Laleh o ignorou.

* * *

Adish só chegou em casa por volta das dez da noite. Laleh já se acalmara o suficiente para se arrepender da explosão que tivera no clube. Esperou que ele entrasse no quarto, mas quando isso não aconteceu passados quinze minutos foi até a cozinha, onde o marido estava sentado na companhia dos filhos.

Notou, de imediato, que ele evitava encará-la. E, aparentemente, o filho fazia o mesmo.

— Então, por que vocês dois brigaram? — perguntou Farhad, alguns minutos depois. Tanto Laleh quanto Adish deram um pulo, culpados.

— Por nada — respondeu ela.

— Não brigamos — gaguejou Adish.

Farhad olhou para ambos languidamente e riu.

— Então por que o papai não beijou você quando chegou? — indagou.

Adish sapecou um tapinha brincalhão no braço do filho:

— Isso não é da sua conta. Você está se transformando num baita bisbilhoteiro.

Farhad abriu mais ainda o sorriso.

— É, *sim*, da minha conta você dois se darem bem — insistiu, abrindo a geladeira e pegando uma lata de coca-cola. Andava para lá e para cá de um jeito que fez Laleh se lembrar do pai. — Imagine se vocês dois continuassem brigando. Logo acabariam se divorciando. E o papai teria de dar à mamãe a metade do seu dinheiro. Digamos que os dois se casassem de novo. Os novos cônjuges talvez tivessem seus próprios filhos, o que significaria... — Farhad abriu os braços para produzir um efeito dramático e concluiu: — Significaria reduzir pela metade, quem sabe mais, a minha herança.

— Continue assim e você vai ter sorte se herdar alguma coisa — disse Adish.

— Por falar em herança, dá para me adiantar algum agora? — interveio Ferzin. — Vou assistir a um show com os meus amigos — acrescentou.

Adish se virou para Laleh.

— O que essas crianças acham que somos? Será que nos consideram bancos que andam e falam?

Laleh deu de ombros, mas um sorriso brincou em seus lábios. Adish parecia ter amolecido em relação a ela. Graças a Deus pelas crianças, pensou. Os filhos sempre arrumavam um jeito de apaziguar as situações mais tensas.

— Não é culpa deles se têm o pai mais generoso do mundo.

— Sem falar na mãe mais linda de todas — atalhou logo Farhad.

Quando olhou para o filho desengonçado — as sobrancelhas revoltas, o sorriso torto —, Farhad, feio do jeito bonito como são todos os adolescentes, Laleh sentiu o amor inflar seu coração. Por que Nishta não teve filhos?, perguntou-se. Isso a teria ajudado muito.

Os olhos de Adish brilharam:

— *Arre*, *saala*, pare de paquerar minha mulher.

Laleh demorou-se um pouco mais na cozinha e depois voltou para o quarto. Adish a seguiu, passados dez minutos, desabotoando a camisa no caminho.

— Vamos precisar dos dados do passaporte de Nishta — disse ele, em tom casual, como se retomasse uma conversa. — Vou ligar para Joseph e pedir que marque uma entrevista para o visto. Felizmente ainda não pagamos as passagens de vocês duas. Agora podemos comprar as três.

Laleh atravessou o quarto correndo e se atirou nos braços do marido.

— Obrigada. Ah, eu... Obrigada. E desculpe pelas coisas horríveis que eu disse.

— A culpa foi minha. Deixei que a pena que senti de Iqbal me cegasse quanto à genuína vítima aqui: Nishta.

— Por falar nisso, já estamos com o número do passaporte dela. Mumtaz o deu a Kavita.

— Beleza. — Adish pegou o telefone, mas depois olhou para o relógio de parede na sua frente. — Ligo para Joseph amanhã cedinho.

Laleh puxou Adish para se sentar a seu lado na cama.

— O que foi que aconteceu, entre a hora que saí do clube e a sua chegada em casa, para fazer você mudar de ideia?

— Nada — respondeu Adish, olhando para os pés antes de se virar para a esposa. — Acabei de chegar a uma conclusão enquanto conversava com as crianças. Quando olhei para Ferzin. — Fez uma pausa, então. Quando voltou a falar, havia um tremor em sua voz. — Se algum safado mandasse minha filha usar um xador toda vez que saísse de casa, eu torceria o pescoço dele. Não ia nem querer saber se era namorado, marido, o que fosse. — Ao mesmo tempo que falava, um músculo em seu braço se retesou, como se Adish estivesse realizando essa ação. — E você disse... Você não disse que Mumtaz ligou? A irmã de Iqbal? — Laleh assentiu. — Muito bem. Obviamente, então, até a própria irmã discorda do que ele fez — disse Adish, como se falasse consigo mesmo.

Laleh pôs a mão de Adish no colo e esfregou o músculo tenso.

— Você é um cara legal, Charlie Brown — murmurou ela. — Não sei como consegue, mas acaba sempre se saindo bem.

Adish riu:

— Não é à toa que me chamam de Sr. Quebra-Galho.

Laleh sorriu:

— Este é o melhor presente que poderíamos dar a Armaiti.

— Quer ligar para ela?

Laleh refletiu.

— Ela viajou de férias. Com Richard e Diane. Não quero incomodar. Vou mandar um e-mail para Diane. — Mordendo o lábio inferior, acrescentou: — Acho que a coordenação motora piorou tanto que ela não pode mais digitar. Diane é quem redige os e-mails agora.

Adish a beijou no rosto.

— Sinto muito — disse ele, levantando-se da cama. — Vou escovar os dentes. E depois vamos dormir, certo? Está ficando tarde.

Nishta segurou firme a sacola de plástico fino que continha as batatas e o espinafre que cozinharia mais tarde. As ruas estavam cheias de água suja, enlameada, e ela levantou a barra da burca e caminhou depressa. O bazar fervilhava de gente, e, embora ainda fosse de manhã, o calor era insuportável.

Usara uma burca pela primeira vez quinze anos atrás, mas ainda não se habituara à sensação claustrofóbica que lhe dava a impressão de ter sido enterrada viva. Iqbal a acompanhara naquela primeira vez, e, por alguns instantes, Nishta foi tomada de um encanto infantil, uma espécie de histeria leve. Em criança, costumava ficar fascinada pela ideia de invisibilidade, de escrever com tinta invisível, de vestir um manto que lhe permitisse se deslocar sem ser identificada. Todo domingo, parava o que quer que estivesse fazendo para assistir na tevê à série americana *O homem invisível*. Agora, era como se o velho desejo da infância se tornasse realidade. Se não fosse o fato de Iqbal caminhar a seu lado, ela poderia usar esse manto e desaparecer dentro dele, reduzir-se a nada mais que um par de olhos vigiando o mundo, espionando tudo, sem se arriscar a ser espionada por ele. Como um uniforme, a burca conferia anonimato instantâneo — obliterava-lhe as feições, engolia sua identidade e tornava indistintos seus traços faciais e até mesmo os contornos do corpo. Nessa medida, podia muito bem ser uma batata num saco. O anonimato a fez sentir-se poderosa: se mostrasse a língua para o mundo, ninguém saberia.

No segundo seguinte, porém, o pânico a assaltou. Era como se estivesse numa gruta submarina, se afogando, pedindo ajuda, mas incapaz de se fazer ouvir. O suor lhe empapou o rosto, provocado pelo calor inimaginável debaixo do capuz e por um medo existencial que levou seu coração a disparar. Parecia a morte — um sumiço, uma obliteração —, exceto que, em lugar de estar numa cama rodeada por parentes chorosos, ela se encontrava na rua debaixo de um sol escaldante e cercada por milhares de estranhos. Imaginou que um grito começava a encher seus ouvidos, um ruído ensurdecedor, como se houvesse um avião ali com ela dentro da burca.

— Não posso — disse ao marido. — Desculpe, mas não posso.

Mas ele olhava adiante, com um sorriso peculiar nos lábios, e ela se deu conta de que precisava falar mais alto para ser ouvida do lado de fora do caixão de poliéster que usava. O fato de não a ouvirem apenas se somou à sensação de morte, de não existência, e o pânico deve ter transparecido na força com que ela apertou a mão de Iqbal, pois ele se virou e indagou:

— O que foi?

— Para casa — respondeu Nishta, sem fôlego. E, quando o marido inclinou a cabeça para o lado, demonstrando incompreensão, repetiu, mais alto: — Quero ir para casa. Estou passando mal.

Os dois logo deram meia-volta e dez minutos depois Nishta estava deitada na cama de casal, com o ventilador de teto ligado no máximo e um copo-d'água a seu lado. Rasgara o capuz assim que se viu dentro de casa e Iqbal a ajudara a despir o restante da vestimenta. Quando, por fim, conseguiu falar, ela se virou para o marido e disse:

— Foi horrível. Parecia que eu estava me afogando.

Ele assentiu solenemente, mas nada disse.

Três dias mais tarde, Iqbal chegou do trabalho e sugeriu um passeio à beira-mar. Nishta aceitou logo o convite, mas, quando entrou na sala usando seu figurino habitual de calça comprida e blusa, o marido ergueu uma sobrancelha:

— Cadê a sua *nigab*?

Ela o encarou, e um bolo se formou em sua garganta ao encontrar o olhar do marido.

— Depois do que aconteceu comigo, você ainda quer que eu use...

A voz foi morrendo em sua garganta, num misto de decepção e descrença.

Iqbal sorriu seu novo sorriso: o sorriso paciente, sereno, paternal que com frequência se dirigia a ela nos últimos tempos.

— Foi a sua primeira vez, Zoha. Claro que tinha de ser difícil. Você se lembra da primeira vez que usou um sari? Deve ter tropeçado um bocado, *na*? Por isso, precisamos praticar.

— Nós? Nós precisamos praticar? — Nishta disparou para o quarto, embolou a vestimenta abominável, voltou para a sala e, aproximando-se de Iqbal, sentado no sofá, jogou a trouxa em cima dele. — Tome. Use você. Pratique você.

Iqbal balançou a cabeça, tristonho.

— Quanta infantilidade! — Levantou-se então e disse: — Tudo bem. Se não posso levar minha mulher para passear comigo à beira-mar, vou sozinho. — Dirigiu-se para a porta da frente e, chegando lá, virou-se para a esposa. — Você já reparou nos olhares libidinosos dos irmãos aqui no bairro? Será que não se importa com...

— Então são eles que precisam usar a burca — interrompeu Nishta com veemência. — Nos seus paus!

O rosto de Iqbal ficou rubro de raiva.

— Não vou permitir que você fale assim na minha casa. Você tem uma boca suja, Zoha.

Ela viu o pomo de Adão do marido subir e descer algumas vezes enquanto ele controlava sua fúria. Depois, Iqbal deu meia-volta, abriu a porta e saiu.

Tudo isso aconteceu há quinze anos, pensou Nishta, pasma, enquanto encontrava com destreza o próprio caminho no mercado. Parou um instante para pousar no chão a sacola e levantar a manga para consultar o relógio: 9h58 da manhã. Tinha dois minutos para chegar à barraca de Yasmina, a jovem vendedora de legumes e verduras, cuja barraca ficava do lado direito do mercado. O hábito fez com que Nishta se virasse para lançar um olhar ao quinto andar do prédio onde morava. Quase imediatamente, a sogra, sentada na varanda, como sempre, acenou para ela. Nishta ficou impressionada com o fato de, mesmo a tamanha distância, Ammi ser capaz de identificá-la entre todas as outras mulheres cobertas dos pés à cabeça. A velha estava a par das idas e vindas de todos, e Nishta sentiu aqueles olhos de águia fixos nela quando tornou a pegar a sacola para depois se afastar mais ainda. Fez uma curva brusca em direção à via principal, driblando a multidão e resfolegando um pouco ao apertar o passo. Ouviu, com repulsa, a própria respiração, amplificada sob o manto escuro que vestia. Você precisa perder pelo menos uns dez quilos, censurou-se. Sabia que estava comendo demais, comendo o que não devia, por causa do tédio. E como se exercitar vestindo um saco?

Talvez nos Estados Unidos ela pudesse...

Não conseguiu, porém, concluir o pensamento porque esbarrou na barraca de Yasmina. A vendedora estava discutindo com um velho por causa do preço de dois repolhos, e Nishta esperando com paciência o fim da discussão. Resistiu à tentação de oferecer as poucas moedas que separavam o freguês da sua compra. Não podia fazer coisa alguma que atraísse a atenção para si mesma. Durante anos, lutara contra o anonimato que a burca lhe impunha. Agora, tiraria proveito disso.

Consultou de novo o relógio, viu que eram dez horas e nesse exato instante o celular de Yasmina tocou. Esta atendeu, olhando para Nishta e sorrindo com os olhos. Depois, conforme combinado por Mumtaz dois dias antes, Yasmina entregou o celular a Nishta.

Ela levou um instante para levantar o capuz da *hijab* e levar o telefone ao ouvido. Naquele momento, Nishta morreu mil vezes. Por favor, não deixe que desliguem, rezou.

— Alô — disse, enfim.

— Nishta? — Era a voz de Kavita, clara e cristalina. — Como vai, minha querida?

— Vou bem, vou bem. — Lutou para controlar o tremor das mãos. — Mas não posso falar com você por muito tempo.

— Entendi. Muito bem, ouça. A entrevista é às onze horas na sexta-feira. Não temos, na verdade, como escolher as datas. Espero que você possa estar

lá.

Nishta não fazia ideia se poderia ou de como conseguiria sair de casa, mas anuiu.

— Está certo.

— Maravilha. Vamos nos encontrar às dez e meia. Você sabe onde é? Edifício Tirupathi. Você vai se lembrar? Fica em frente ao templo Mahalaxmi. Basta se identificar lá, e eles a levam de ônibus até a embaixada.

— Combinado. Tudo bem. — Os tremores agora sacudiam todo o seu corpo. Estaria doente? Obrigou-se a prestar atenção à conversa. — Kavita, tem outra coisa. Você pode ligar para Mumtaz? Dê a ela a data e o horário e pergunte se pode me apanhar. Vou dizer... Vou dizer que vamos fazer compras.

— Eu ligo para ela. — A voz de Kavita soou calma e eficiente, tão próxima, que Nishta teve vontade de chorar. — Mas como ela vai confirmar com você?

Nishta pensou com rapidez.

— Ligue para ela agora. E depois torne a ligar para este número. Pode fazer isso?

— Daqui a cinco minutos — disse Kavita, antes de desligar.

* * *

— Obrigada — agradeceu Nishta depois de entregar o celular de volta a Yasmina pela segunda vez. Remexeu na bolsa e tirou uma nota de cinco rupias.

— Não é preciso, senhora — disse Yasmina. — A outra senhora já me pagou.

Nishta sorriu. Mumtaz devia ter pagado uma bela quantia pelo uso do telefone para a moça estar recusando uma gorjeta.

— O meu telefone ainda está no conserto — explicou. — Talvez eu precise incomodá-la de novo.

Yasmina pareceu reconsiderar.

— Como queira — falou, aceitando a nota. — Só para deixar a senhora feliz.

Ah, sem dúvida você me deixou feliz, pensou Nishta enquanto se afastava. Maravilhou-se com a rapidez com que tudo mudara por causa da visita imprevista de Mumtaz. Graças a Deus pelo tapa de Iqbal, agradeceu. Se Mumtaz não tivesse notado o inchaço, as duas jamais teriam falado do seu casamento. E Mumtaz talvez não se mostrasse tão disposta a ajudar. Mesmo agora, Nishta continuava meio desconfiada dos motivos que haviam levado a cunhada a assumir de pronto a sua defesa e contra o próprio irmão. Tudo

parecia demasiado fácil: a súbita aparição de Mumtaz, sua disposição para acreditar na história dela, a insistência para que ela fosse visitar Armaiti, sua oferta de ajuda, ainda que significasse enganar o irmão. Nada disso fazia sentido.

Nishta balançou a cabeça. Ficara acordada até tarde na véspera, assistindo ao filme *A identidade Bourne* e por isso estava desse jeito hoje, desconfiada de tudo, até mesmo de Mumtaz, que era uma irmã caçula para ela desde o dia em que se conheceram. E Nishta, que sempre acreditara na solidariedade feminina, que lera *A irmandade é poderosa*, aos dezesseis anos, que conhecera com Kavita, Armaiti e Laleh os verdadeiros laços de irmandade feminina, devia pensar duas vezes antes de duvidar da sinceridade de Mumtaz.

Enquanto caminhava, Nishta ouviu um som desconhecido. Por um instante imaginou que um inseto havia entrado sob o capuz da burca. Então, reconheceu o som: estava cantarolando.

A Flórida em julho não era propriamente o sonho de consumo de Armaiti, mas Richard lhe pediu para acompanhá-lo e, com exceção da única vez em que ele lhe implorou para não insistir no divórcio, ela jamais havia sido capaz de lhe recusar alguma coisa. Por isso lá estavam os três na casa de veraneio de um dos clientes de Richard, uma *villa* com sete quartos na praia em Ponte Vedra. E, apesar de a viagem ter sido curta e confortável no avião particular do cliente, Armaiti levou um susto ao constatar o quanto se sentia exausta.

Haviam acabado de fazer um *tour* pela casa, durante o qual Armaiti fez o possível para disfarçar seu desagrado com a mobília pretensiosa, quando Richard lhe lançou um olhar crítico.

— Você está com uma cara péssima — comentou. — Por que não encomendamos o jantar esta noite? Quem sabe você não tira um cochilo até a comida chegar?

Uma onda de irritação a assaltou contra a vontade.

— Obrigada. Você tem muito jeito para escolher as palavras.

Para culminar, Richard riu. E lhe deu uma palmada de brincadeira no traseiro.

— Vá tirar um cochilo. Você há de se sentir melhor.

Armaiti já ia retrucar quando viu Diane assentindo com a cabeça. Perdeu, então, toda e qualquer vontade de lutar. Além disso, a ideia de fechar os olhos por alguns minutos de repente lhe pareceu bem-vinda.

Assim que se enfiou sob o lençol e se esticou na cama macia, porém, percebeu com mais precisão quão profunda e inconcebivelmente cansada estava. A percepção fez bater mais forte o seu coração. Esse era um tipo novo de fadiga. Não o mesmo cansaço que ela sentia depois de nove voltas na piscina. Não era a exaustão que costumava bater quando, ainda no colégio, virava uma noite estudando, nem a sensação de dormência da ressaca quando voltava para casa de uma festa às quatro da madrugada. Não era nem mesmo o cansaço que a derrubava quando Diane era pequena, que a fazia desabar na cama no fim do dia e pegar no sono antes que Richard apagasse o abajur. Aqueles tipos de cansaço tinham algo de positivo e gratificante. O que ela sentia agora era diferente — uma escuridão sombreava as extremidades dessa fadiga, uma sensação bem próxima da dor. Não era a fadiga muscular, mas algo que tinha origem nos próprios ossos. Apesar do ar refrigerado do quarto, uma película de suor molhou o rosto de Armaiti. Ela sabia que as duas pessoas que mais amava no mundo estavam

na sala ao lado, ao alcance de um grito, que irromperiam quarto adentro ao ouvir o mais sutil pedido de socorro. Ainda assim, ela se sentia irredutivelmente só. Pela primeira vez desde que ouvira o diagnóstico, teve um vislumbre de como seria a morte. Morreria sozinha. E também não seria dali a vinte ou trinta anos. Morreria sozinha e em breve. Mesmo que Richard e Diane estivessem a seu lado, como sem dúvida haveriam de estar, ela morreria sozinha. Sentiu-se zonza de pânico ante essa ideia e chutou o lençol que a cobria, sem querer ficar sozinha mais um segundo sequer. Mas era preciso energia para pular da cama, enfiar os pés nos chinelos, fugir do quarto e se juntar aos vivos. E Armaiti descobriu que não tinha essa energia. Um soluço cresceu como um balão no fundo da sua garganta.

Talvez não fosse tarde demais para começar a radioterapia. Richard e Diane estavam certos o tempo todo: ela havia sido idiota, teimosa e boba ao recusar o tratamento. Não espantava que a filha às vezes a olhasse como se ela fosse uma espécie de monstro. Porque só os monstros escolhem morrer. Ceder à morte sem lutar é uma coisa contrária à natureza, irresponsável, sinônimo de abdicação. O desejo de viver está impresso em todas as coisas vivas. Por que tinha achado que com ela seria diferente? Todo e qualquer organismo na Terra, insetos e plantas, corre, luta ou voa em direção à vida. Talvez isso fosse, afinal, a alma, de que a mãe adorada tanto falava: aquela taça oca de fogo, aquela ânsia pelo sol, aquele instinto profundamente inserido em cada coisa que respira. Com que clareza via isso agora, nesse quarto silencioso.

O convite a Laleh e às outras para visitá-la havia sido mais um erro, pensou Armaiti. Para que diabos elas viriam de tão longe? Para ver seu cadáver? Porque era essa a sensação que lhe dava o próprio corpo, pesado, imobilizado por sacos de areia. Planejar a vinda das amigas foi bem divertido, mas também a impediu de levar a sério os pedidos da filha. Com que facilidade se desviara da seriedade do diagnóstico para se concentrar na euforia da chegada das três. Como se estivesse programando um encontro normal de colegas de escola, credo! Quando a verdade é que mal conseguia erguer a cabeça do travesseiro.

— Não posso. Não consigo levantar a cabeça do travesseiro — ouviu-se responder quando Richard foi acordá-la meia hora mais tarde.

— Desculpe, mas você pode dormir de novo depois de comer.

— Não estou com fome.

— Você não comeu nada o dia todo. Vamos lá.

— Primeiro você me obriga a dormir. Agora, você me obriga a acordar — resmungou Armaiti, enquanto se levantava da cama.

— Desculpe — repetiu Richard.

Ela abriu um sorriso tímido.

— Me dê um segundo. Vou me arrumar um pouquinho.

No banheiro, Armaiti se examinou num espelho cujas extremidades continham conchas incrustadas. Como Richard e Diane ficariam radiantes se ela anunciasse que estava disposta a começar a radioterapia assim que voltassem à cidade, que havia recuperado o juízo, que os dois estavam certos. Mas será que podia lhes dar isso?

— Mãe — sussurrou Armaiti. — Me ajude. O que faço?

Como se fosse uma resposta, ela viu o rosto encovado, magro, da mãe no leito de morte. Jerbanu, uma mulher tímida, retraída, sempre fazia a coisa certa, sempre jogava de acordo com as regras, tratava os médicos como se fossem deuses e seguia seus conselhos como se fossem as escrituras. Ainda assim tivera uma morte lenta, sofrida. Foi isso que você não considerou a princípio, disse Armaiti a si mesma, quando estava pensando em almas imortais e comportamentos antinaturais. Não levou em conta o fato de que a matemática não funciona aqui, que as probabilidades são tenebrosas, apesar dos pesares. Se ao menos houvesse uma escolha entre viver e morrer. Ao menos isso. Mas não há. A escolha é entre morrer conforme as próprias condições e morrer conforme as condições impostas por terceiros.

Encarou mais uma vez seu reflexo no espelho e depois virou as costas, ansiosa para juntar-se à família. Tinha tomado uma decisão. Sairia de cena segundo suas próprias condições.

Como sempre, Richard havia pedido comida demais. Sentiu o estômago se revirar ao ver a quantidade de quentinhas sobre a bancada da cozinha.

— Vamos ter uma festa? — resmungou, deixando de perceber a fagulha que brotou nos olhos de Richard.

— Nós estamos com fome, ainda que você não esteja — retorquiu, de maneira firme, o ex-marido.

O tom usado por Richard assustou Armaiti, que deu uma olhada para onde Diane estava sentada, debruçada sobre seu prato na mesa da cozinha. Richard sempre ficava de mau humor quando sentia fome, recordou a si mesma.

— Ora, então comam — disse, mas Richard balançou a cabeça e lhe entregou um prato vazio.

Armaiti examinou o conteúdo de várias quentinhas, sentindo um embrulho no estômago diante dos diversos tipos de carne boiando num mar de molho marrom. Serviu-se de duas colheres de sopa de arroz frito e um tantinho de macarrão, acrescentando um pouco de *kung pao* de galinha sobre o arroz.

— Você só vai comer isso? — indagou Diane, quando Armaiti se sentou à mesa. O tom paternalista da filha a irritou.

— Por enquanto — respondeu com calma.

Teria sorte se conseguisse engolir duas colheres de chá da refeição. Como pôde um dia gostar de comida chinesa? Como era possível que Diane e Richard se sentassem a seu lado e comessem com sofreguidão essa gororoba? Será que não sabiam como aquele cheiro a deixava enjoada?

Enquanto comia, tentou ignorar o olhar ansioso que Richard não parava de lhe lançar, o jeito como os olhos dele seguiam cada movimento do garfo do prato para sua boca. Ela sabia que a mão estava tremendo e odiava o fato de ele ter notado. Aqueles olhos azul-celeste que ela sempre amou agora pareciam os olhos de algum pássaro predador: vigilantes, atentos, brilhantes, captando tudo. Uma sensação entorpecente aos poucos cresceu no peito de Armaiti, e ela levou alguns minutos para perceber que se tratava de raiva.

Richard terminou de comer e se levantou para repetir.

— Sirvo você, já que estou com a mão na massa — disse, esticando o braço para pegar o prato de Armaiti, que pôs a mão sobre ele para impedir o ex-marido de apanhá-lo.

Era um prato branco com a borda azul-marinho e uma estrela no centro.

— Estou satisfeita — disse ela.

Richard soltou um suspiro.

— Você precisa se fortalecer, Armaiti — insistiu, com paciência. — Você sabe o que o médico disse a respeito de...

Armaiti soltou o prato e, no segundo seguinte, o derrubou da mesa com as costas da mão. Richard deu um pulo quando o prato se espatifou a seus pés no chão de ladrilhos.

— Que diabos...?

Ela estava parcialmente consciente de que Diane os observava, boquiaberta, olhando de um para o outro. Mas a sensação em seu peito era mais aguda agora, e o prato se espatifara com um barulho tão gratificante que a mão se moveu, contra a sua vontade, na direção do prato vazio de Richard e, antes que ela pudesse evitar, mais um se espatifou no chão. Richard deu um pulo para trás.

— Armaiti! — trovejou ele. — Você enlouqueceu? O que acha que está fazendo?

— Mãe...

O cansaço, que quase fizera seus ossos virarem cinzas mais cedo, agora fez seus olhos arderem de raiva.

— Estou pedindo para vocês me deixarem em paz, é isso que estou fazendo. Para pararem de me vigiar. Pararem de monitorar tudo que como, faço ou digo. Vocês dois vão me botar na cova antes do tempo se continuarem assim.

Ouviu a própria voz, inflamada de raiva, irreconhecível, e soube que

estava assustando os dois, mas não ligou. A raiva a trazia de volta à vida, arrancando-a daquele quarto escuro como um túmulo onde uma hora antes ela vira pela primeira vez o vulto frio, pegajoso, da morte.

— Eu pararia se você cuidasse de si mesma — retrucou Richard.

Armaiti balançou a cabeça.

— Você não está entendendo, Richard. Tenho um maldito tumor cerebral. Você acha que arroz frito há de curá-lo?

Richard piscou depressa.

— Que golpe baixo, Armaiti. Muito baixo mesmo.

E se afastou, com seu pomo de Adão mexendo de maneira compulsiva.

— Não, baixaria é você me paternalizar, me tratar como uma imbecil. Me dizer quando dormir e o que...

— Mãe, por favor. — A voz de Diane era apaziguadora. — Só estamos tentando ajudar.

— Não me ajudem. Vocês *não podem* me ajudar. Será que não veem? — Agora as lágrimas brotaram, escorrendo-lhe pelo rosto. — Estou morrendo — sussurrou. — E vocês não podem me ajudar.

— Mãe, não fale assim.

— E eu não quero. Não quero morrer.

Pronto. Havia dito as palavras. Mas por que o fato de dizê-las a surpreendia tanto? Por que não as dissera antes? Será que se iludira a esse ponto? Será que de tanto tentar ser corajosa pelo bem de Diane acabara se convencendo de que morrer não era nada de mais? A quem enganara? Não enganara ninguém, salvo, talvez, a si mesma.

Ao que parece, porém, não acabara ainda, pois se ouviu dizer:

— Quero viver. Quero ver minha filha única se casar. Quero segurar no colo os meus netos. — Virando-se para Richard, cujos olhos azuis estavam injetados, completou: — Quero viver até uma idade madura avançada. Uma idade madura, avançada.

O cansaço a cegava, agora, e ela descansou a cabeça na mesa de cerejeira, sentindo a madeira fria de encontro ao rosto afogueado. Diane se levantou, postou-se a seu lado e lhe acariciou os cabelos.

— Mãe, já chega. Está tudo bem.

Mas Richard, Armaiti reparou, não a consolou. Em vez disso, enquanto ela soluçava em silêncio sobre a madeira da mesa, pegou uma vassoura e varreu os pedaços de porcelana quebrada.

— Sinto muito — começou ela, mas Richard balançou a cabeça, dispensando as desculpas.

— Não se preocupe com isso. — Em seguida, como se não fosse capaz de se controlar, acrescentou: — Talvez você devesse voltar para a cama agora.

Ela suspirou e se levantou devagar. Ficou na ponta dos pés para beijá-lo

no rosto, mas os olhos do ex-marido estavam opacos. Ela o magoara. Mais que isso, ela o assustara, deu-se conta Armaiti, ao revelar a extensão da própria angústia. Não se permitiria sequer pensar no que a sua ceninha custara à filha. Mas a expressão no rosto pálido de Diane, que a acompanhou até o quarto, lhe forneceu a resposta.

— Fique um pouco com seu pai — sussurrou para Diane pouco antes de fechar os olhos.

Armaiti dormiu profundamente até as duas da manhã, quando despertou por completo, reprisando em sua mente o que acontecera na cozinha. Péssimo jeito de começar as férias, repreendeu-se. Quanto a quebrar aquela louça cara numa casa onde eram hóspedes, a mãe teria ficado pasma. Mas, santo Deus, Richard a tirara do sério.

No minuto seguinte, porém, uma vida inteira de lealdade a ele veio à tona e a levou a defender as ações do ex-marido. Sua intenção era boa. Ele sempre a protegera, e o fato de ela agora estar com câncer não era motivo para deixar de fazê-lo ou para ela ter faniquitos por isso, era?

Afastou as cobertas e se levantou da cama. Esperou até os olhos se habituarem à escuridão e depois saiu do quarto e atravessou o corredor para chegar ao de Richard. Ficou parada à porta durante um segundo e depois se aproximou da cama dele.

— Você está dormindo? — indagou num tom baixo.

— Estou acordado — respondeu Richard imediatamente, embora desse para notar sua voz grogue. — Tudo bem com você?

— Tudo — sussurrou ela. — Posso passar a noite aqui com você?

Houve uma ínfima pausa, antes que Richard se afastasse para lhe abrir espaço na cama.

— Claro — respondeu ele num tom neutro, mas ela soube que ele entendera e aceitara seu pedido de desculpas.

Desde o divórcio, nunca mais os dois haviam dormido na mesma cama. Para onde quer que viajassem, Armaiti sempre insistia em ter seu próprio quarto. Sabia que sua insistência magoava Richard profundamente e agora ela não tinha mais desejo algum de magoá-lo. *Agora entrego minha espada e meu escudo*. Entrando debaixo das cobertas, rolou para o lado esquerdo, encostando o corpo no dele. Ele a abrigou, e ela lhe pegou a mão e a segurou de encontro ao peito. Sentiu a respiração dele em seu ouvido, e o som era precisamente como o do mar do lado de fora da sua janela. Há cinco anos não dormia na mesma cama que Richard, mas parecia que tinha sido ontem, como acontece quando se dorme sob um velho cobertor.

— Isto é gostoso — murmurou, sentindo que ele assentia a seu lado.

— É, sim — respondeu ele.

Richard saiu cedo para uma reunião na manhã seguinte, prometendo

ligar na hora do almoço. Armaiti ficou na cama mais meia hora e depois se levantou e foi até a cozinha. Richard já ligara a cafeteira, e ela se serviu de uma xícara. Olhou para o mar através das portas de vidro. O cansaço da noite anterior felizmente a deixara, e ela sentiu uma gratidão lacrimosa. Era como se voltasse a ocupar o próprio corpo, como se a mulher que havia tido um descontrole emocional nessa mesma cozinha na véspera fosse uma estranha que não lhe apetecesse conhecer.

Armaiti se serviu de outra xícara de café enquanto decidia se acordava Diane ou se saía para um passeio sozinha. A casa começava a lhe causar nervosismo. É luxo demais para o meu gosto, pensou. Só o preço do lustre no saguão de entrada já daria para manter uma família de oito pessoas na Índia durante anos. Não que ela, também, não estivesse habituada a ter conforto na vida. Richard, afinal, vinha de família rica, filho de um próspero empresário de Boston que fizera fortuna no mercado imobiliário. E Richard não se saíra propriamente mal no seu ramo de exportação. A casa de campo em Nantucket, que agora pertencia a ele e à irmã, valia vários milhões de dólares. Mas essa casa aqui era diferente. A de Nantucket era uma balbúrdia, um lugar confortável, onde areia, pelo de cachorro, roupas de banho molhadas, livros amarelados e jogos de *scrabble* se misturavam numa bagunça divertida. A chaleira para o chá, que tinha lugar permanente sobre o velho fogão da cozinha, ostentava uma mossa e parecia não ter sido lavada direito desde a compra da casa pelos pais de Richard em 1954. O belo assoalho de tábua corrida era encerado, mas também vivia arranhado, e ninguém jamais sonhou em mandar Daisy, a amada cadela bassê de Jordon, sair do velho sofá de couro. Ao contrário, a casa de Ponte Vedra era um monumento, um lugar onde se tinha a impressão de que para entrar era preciso comprar ingresso.

Armaiti estava calçando a sandália quando Diane entrou na cozinha, o cabelo cacheado em completo desalinho. A mãe fez uma careta ao ver o olhar cauteloso, defendido, que a filha lançou na sua direção. Pobre Diane. Que susto lhe dera na véspera!

— Bom dia, meu amor — saudou ela num tom cheio de energia.

Diane imediatamente pareceu aliviada.

— Bom dia — respondeu. — Que barulheira toda foi essa?

— Ah, desculpe. Achei que não estava fazendo barulho.

Diane sorriu:

— Não faz mal. Não consegui mesmo dormir. Um espanto. — Foi então que reparou nas sandálias da mãe. — Você vai passear? O papai saiu?

— Sim e sim. Quer ir comigo?

— Se você esperar um minutinho para eu me trocar.

— Não faça isso! — Era uma velha brincadeira das duas, e Diane revirou

os olhos antes de deixar a cozinha.

O sol era um *bindi* vermelho na testa do céu quando as duas começaram o passeio. O mar estava calmo e a areia que lembrava açúcar se estendia ao longo de quilômetros em ambas as direções. Na frente delas, uma garotinha de maiô vermelho dava cambalhotas na areia enquanto os avós a seguiam. Uma velha asiática parava a intervalos regulares para recolher conchas que guardava numa bolsa de pano. Armaiti se desviou quando um cachorrão preto que corria atrás de um frisbee quase a derrubou. Dispensou com um gesto de mão o constrangido "desculpe" que o jovem jogador de frisbee formulou em silêncio com a boca na sua direção.

— Muito bem. Preciso me desculpar por ontem — começou Armaiti, mas Diane balançou a cabeça.

— Mãe, tudo bem. Você estava num mau dia, só isso. Tudo bem, mesmo. Papai também está legal.

Armaiti sorriu. Como queria que a mãe estivesse viva para ver Diane, pensou. Quanto orgulho haveria de sentir da neta!

As duas caminharam à beira-mar num silêncio sereno. Armaiti se esforçava de vez em quando para acompanhar o passo da filha, mas estava decidida a não obrigá-la a reduzir o ritmo. Passados alguns minutos, porém, uma fina camada de suor cobriu seu corpo, e, apesar da brisa morna, ela sentiu um arrepio. A respiração deve ter ficado mais irregular, também, pois Diane parou de repente e apontou para a areia dura.

— Vamos sentar um pouquinho — disse, e Armaiti assentiu agradecida.

Tendo crescido em Bombaim, sempre encarara o mar como algo tão conhecido quanto a calçada na porta de casa. Hoje, porém, ele lhe parecia estranho e amedrontador, um continente não descoberto, ondulante, misterioso e desconhecido, abrigando segredos e coisas escondidas, lar de criaturas e formas de vida sobre as quais ela nada sabia. Durante toda a vida acreditara conhecer o mar, mas agora se dava conta de que o seu funcionamento lhe era tão desconhecido como se pertencesse a outro planeta — os sulcos e vales do fundo do mar, o contínuo banho de sangue onde as criaturas maiores caçavam as menores, os milhões de ossos de humanos e de animais, e os escombros de naufrágios e acidentes de avião que repousavam em seu leito.

O princípio esclarecedor. Essa expressão surgiu em sua mente de forma tão completa e cristalina que por um instante ela pensou tê-la dito em voz alta. Mas ali estavam apenas ela e a filha, sentadas na areia morna, e Diane continuava olhando para a frente. Além disso, a expressão não era nova. Já a ouvira antes — mas onde? Em seguida, se lembrou. Claro. À época do seu ativismo estudantil, eles a utilizavam o tempo todo. Sempre que planejavam uma greve ou uma passeata do lado de fora de uma universidade ou fábrica,

alguém perguntava: "Muito bem, por que vamos fazer isso? Qual é o princípio esclarecedor aqui? Qual é a nossa linha de raciocínio?".

A morte era o decisivo princípio esclarecedor. Sentada à beira-mar, observando a curva branca e espumosa das ondas, Armaiti viu a curvatura da Terra, viu tudo à sua volta com uma atenção nova. Sentiu como se acidentalmente tivesse se retirado para os bastidores e testemunhasse a estrutura de palco necessária à criação do planeta — a gravidade, os campos magnéticos, o âmago incandescente da Terra. Estava diante dos mecanismos do universo, das coisas escondidas que controlavam esse gigantesco planeta azul. Sentiu os olhos se esbugalharem, como se quisesse enxergar tudo, absorver, registrar, atingir aquele ponto em que pudesse imaginar os ossos se derretendo e virando areia morna, onde o sangue quente que lhe corria nas veias se transformasse na água salgada do mar, onde sua respiração e a respiração do oceano se tornassem uma só. Provavelmente essa seria sua última visita ao mar. Dali em diante teria de, apenas, ouvir o troar do próprio sangue para saber que o levava dentro dela.

O princípio esclarecedor: não era ela a única que estava morrendo. Olhou a praia à volta e viu como seria sua aparência dali a cem anos. A garotinha de maiô vermelho que dava cambalhotas teria virado uma pilha de ossos no cemitério de algum lugar. Os descendentes das gaivotas, cujos gritos pareciam, alternadamente, gargalhadas histéricas e lamentos queixosos, estariam todos mortos, até mesmo a prole das avezinhas que se equilibravam em um único pé diante dela. Tudo que restaria da velha asiática corcunda que haviam visto mais cedo seria uma foto em sépia que um neto talvez encontrasse um dia num baú antigo. Todos os peixes que agora nadavam teriam morrido, e as conchas que ela esmagava sob os pés como folhas secas de outono, transformadas em areia, serviriam para outra criança construir um novo castelo. Apenas o oceano, apenas ele continuaria a trovejar, magnífico e orgulhoso, isso se a espécie abominável a que ela pertencia não descobrisse um meio de ferrar completamente com ele.

Seus pensamentos não a deprimiram. Ao contrário, tudo parecia claro de uma forma surpreendente: tratava-se de um planeta finito, com recursos finitos. Alguém — ela — precisava ceder espaço à nova vida. A morte não passava de uma maneira de manter o planeta limpo.

Armaiti não soube dizer se estava sendo tola ou sábia, sentimental ou profunda. Mas, pela primeira vez desde que ouvira o diagnóstico de que ia morrer, sentiu-se em paz.

Queria partilhar esses *insights* com a filha, dar a Diane algo para recordar e a que se agarrar durante os meses difíceis, frios, que inevitavelmente teria pela frente. Algo puro e belo para compensar a noite anterior. Olhou para o perfil claro e definido, e, parecendo ter entendido a deixa, Diane perguntou:

— O que foi?

Mas Armaiti só conseguiu dizer:

— É tão tranquilo aqui. Eu me sinto... me sinto em paz.

— Ótimo — exclamou Diane, apertando a mão da mãe. — Fico muito feliz.

E Armaiti teve uma grande sensação de fracasso, como se houvesse falhado no cumprimento de um importante dever maternal.

— Vamos andar um pouquinho mais? — murmurou Diane, com as mãos ainda pousadas sobre a da mãe.

— Já, já. Você quer continuar, filhinha?

Diane se pôs de pé num salto.

— Só uns minutinhos — respondeu. — Encontro você aqui na volta, tudo bem?

Ela assentiu e seguiu com os olhos a caminhada lépida, confiante, da filha praia abaixo. Depois de todo esse tempo, ainda ficava sem fôlego quando dizia a si mesma que essa moça bonita e segura era sua filha. Armaiti sorriu para si mesma. A noite anterior havia sido o mais próximo que já estivera de ceder a Diane, de questionar o direito de viver sob as próprias condições. Agora, porém, não lhe restavam mais dúvidas. O princípio esclarecedor deixou clara a impermanência das coisas. Tudo era uma ilusão — a vida a que as pessoas se agarravam, a terra pela qual brigavam —, um exercício coletivo de autoengano. O mundo é perecível. Não apenas ela estava morrendo. Até o amor, aquela mercadoria humana fantástica, idolatrada, até ele não era eterno nem imortal. Quanta burrice e desonestidade era fingir que sim. Para viver, o amor precisava ser lembrado. Dentro de setenta anos mais ou menos, não restaria ninguém na Terra para se lembrar dela.

Diane sumira na claridade do sol matutino, e Armaiti desviou o olhar para encarar de novo o mar. Ao fazê-lo, sentiu alguma coisa se soltar dentro da cabeça. Seria assim que se lembraria mais tarde da sensação, como se uma peça mecânica, uma maçaneta, digamos, se soltasse dentro da sua cabeça, provocando uma imediata tontura e lhe embaçando a visão. O mundo à volta, tão nítido um segundo atrás, desapareceu e se tornou uma imagem borrada projetada por um velho projetor barulhento. Até seus pés, esticados na areia, ficaram fora de foco. O mar perdeu seu aspecto e forma peculiares, abrindo mão da individualidade de cada onda para se transformar numa massa azul difusa, amorfa.

A tendência, naturalmente, era de entrar em pânico. Cada célula, cada impulso elétrico em seu corpo estava pronto para combater, para engatar a sobremarcha. E Armaiti cedeu ao medo, apanhada em sua contracorrente. Piscou com força e fechou os olhos, mas, toda vez que os abria, o mundo continuava sem nitidez. Olhou à volta para ver se Diane estava voltando,

mas a praia lhe pareceu deserta, e as poucas figuras ali presentes, irreconhecíveis. Mesmo em meio ao pânico, ela registrou a ironia: minutos antes havia seguido com o olhar a caminhada da filha. Agora, não seria capaz de distinguir Diane dos estranhos. Conforme passavam os minutos, lutou para controlar o medo. Não gritaria por socorro, não mesmo. Diane se assustaria ao ver uma multidão reunida à sua volta. Além disso, a filha voltaria por esse mesmo caminho em pouco tempo. Talvez sua visão estivesse melhor, então. Ainda que isso não acontecesse, ainda que demorasse um tantinho mais, tudo bem. Diane a ajudaria a ficar de pé, e as duas encontrariam o caminho de volta para casa. Ela não estava cega, afinal. Podia enxergar. Não se tratava de algo muito diferente da visão embaçada resultante da dilatação da pupila no consultório do oculista. Talvez fosse efeito colateral dos esteroides. Ou mesmo as mudanças de pressão por causa do voo, voo que tinha sido turbulento — talvez seus ouvidos ainda estivessem tapados.

No entanto, mesmo enquanto evocava cenários confortadores, outro pensamento varreu sua mente como uma roda-d'água: o conhecimento sombrio adquirido nas leituras a respeito da sua doença na internet durante a madrugada. O lento e incessante começo do fim havia chegado.

Nishta tirou o capuz da sua *hijab*, descobrindo a cabeça, assim que as duas saíram do bairro onde morava. Depois que ela e Mumtaz desceram do táxi defronte ao templo Mahalaxmi, forçou-se a não baixar de novo o véu, apesar da sensação estranha do sol forte lhe pinicando o rosto.

Desorientada, trêmula, desabituada à luz do sol nos olhos, segurou a mão de Mumtaz enquanto as duas atravessavam a rua movimentada e se dirigiam ao edifício Tirupathi, onde sabia que Adish e Laleh estariam esperando por ela. A despeito da multidão, logo identificou Laleh e lhe fez um aceno.

— Oi, garota — exclamou, feliz, Laleh quando as duas se aproximaram.

— Oi — retribuiu Nishta. Sentia-se sem fôlego, zonza por causa da novidade de estar numa zona desconhecida, conversando na calçada com Laleh como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Olhou à volta:

— Adish não veio?

— Ele está por aí. Você sabe como ele é. Não consegue parar quieto nem por um segundo. — Laleh estendeu a mão. — Oi, Mumtaz. Eu sou Laleh. Não acredito que faz tanto tempo. Você era uma criança na última vez que nos vimos.

Um homem se aproximava apressado, e Nishta viu que se tratava de Adish — o doce e gentil Adish, igualzinho ao Adish de sempre, só que um pouquinho mais grisalho e mais forte, mas com os mesmos olhos sorridentes e os mesmos lábios carnudos que lhe davam uma expressão levemente boquiaberta. Nishta ensaiou um oi e na mesma hora desandou a chorar.

Adish se mostrou chocado.

— *Arre*, Nishta. Não chore, *yaar*. Qual é o problema?

Laleh lançou um olhar compreensivo para a amiga.

— Ele sempre causa esse efeito nas mulheres — comentou maliciosamente com Mumtaz, que deu um risinho educado.

Adish se aproximou para pousar um braço confortador no ombro de Nishta, mas então hesitou, como se a burca creme tornasse difícil esse gesto simples e informal.

— Tudo bem, Nishta — murmurou. — Você está segura aqui.

— Estou ótima — garantiu Nishta, sorrindo e enxugando as lágrimas com as costas da mão. — Sério. Eu só... É tão bom ver você, Adish.

Ele abriu um amplo sorriso, as covinhas abrindo fendas profundas nas bochechas gorduchas.

— O prazer é todo meu, *yaar*.

A seu lado, Mumtaz alternou o peso do corpo de um pé para o outro.

— A que horas é a entrevista? Não podemos chegar atrasados.

— Temos tempo — respondeu Adish. — Mas quero repassar umas coisinhas com você, *achha*? Algumas perguntas que vão lhe fazer — acrescentou, voltando-se para Nishta. — Basicamente, eles querem ter certeza de que você não vai exceder a duração do seu visto, está entendendo? Por isso, qualquer coisa que você diga que os convença de que vai voltar será positiva. Que documentos você trouxe? Extratos bancários? Declarações de renda?

— Trouxe isto — respondeu ela, tirando do bolso da roupa um cartão de visitas da Ahmed Electronics. — Foi tudo que consegui arranjar num espaço tão curto. — Nishta não mencionou que o saldo bancário do casal era pequeno o bastante para ser irrelevante como argumento para sua volta à Índia.

Adish empalideceu. Lançou um rápido olhar para Laleh e depois se recompôs.

— Muito bem — disse ele. — Temos o e-mail de Armaiti e a carta do médico. Isso deve ajudar.

Nishta sorriu.

— Não se preocupe — garantiu. — Será o suficiente. — Olhou para o prédio, então. — Devo entrar agora?

— Sim, eles vão levá-la de ônibus até a embaixada. Depois, tudo deve ser bem rápido. Estaremos aqui quando você voltar, está bem?

Laleh deu um passo para a frente e apertou o ombro de Nishta:

— Fique calma. Boa sorte.

Vinte minutos depois, o ônibus a deixou na embaixada. Nishta se sentou num banco de madeira até chegar a sua vez. O coração disparou quando a orientaram a se dirigir a um funcionário mais velho da imigração. É agora, disse a si mesma. Tudo depende de você. Tudo acaba aqui se você não conseguir o visto.

— Bom dia — cumprimentou animada, diante da divisória de vidro que os separava.

O homem ergueu brevemente o olhar para ela.

— Bom dia. Pode me dizer qual o motivo da sua visita aos Estados Unidos?

— Tenho uma amiga que está muito doente — respondeu ela, passando por baixo do vidro a carta do médico de Armaiti. Em seguida, aguardou calada enquanto o homem lia o papel. Quando voltou a encará-la, ele tinha uma expressão impassível.

— Quanto tempo a senhora vai ficar fora?

— Talvez umas três semanas, mais ou menos — respondeu Nishta com um tremor na voz que torceu para não ser notado.

O americano assentiu, avaliando-a enquanto isso. Nishta se obrigou a olhá-lo nos olhos.

— A senhora vai viajar sozinha?

— Com duas amigas. Fizemos faculdade juntas — respondeu, mencionando por acaso o nome da universidade de prestígio de Bombaim onde se formara em francês. Viu os olhos do homem se arregalarem um pouco ante esse último detalhe.

— Então, a senhora *parlez-vous français*?

Ela sorriu:

— *Oui, je sais parler français*.

— Vejam só. — O funcionário folheou alguns outros documentos e depois voltou a encará-la. — A questão é que não vejo aqui prova alguma da sua situação financeira. Preciso de algum tipo de garantia de que vai voltar à Índia depois dessa estadia.

Era agora. Sua oportunidade de sair-se bem. Nishta se empertigou ao máximo e ergueu uma sobrancelha.

— Bom, meu marido e eu não somos ricos, se foi isso que o senhor quis dizer. Minhas amigas estão pagando a minha passagem. Mas meu marido mora aqui. Somos namorados desde a faculdade. E ele está na Índia. Eis a sua garantia.

Ela viu o rosto do homem se iluminar com um sorriso de encantamento, como se tivesse acabado de provar um doce. Depois ele corou. Nesse momento, Nishta soube que vencera. Acabara de carimbar seu bilhete de saída da Índia.

Seu desempenho, evocando a pessoa que um dia tinha sido, foi uma surpresa até mesmo para ela própria. E a deixou esperançosa ao sair da embaixada. Acreditara que a antiga Nishta estava morta, esmagada sob o peso da Zoha em que se transformou. Mas Nishta voltou cheia de gás e não ficou satisfeita enquanto não ganhou — sim, era essa a palavra — seu visto americano. Não relaxou até o funcionário carimbar o passaporte, dizendo:

— Boa sorte em sua visita, minha cara.

Sentiu três pares de olhos a observarem quando emergiu do edifício comercial e pisou na rua; três rostos a examinaram, cheios de expectativa, ansiosos para serem animados, preparados para a decepção, prontos para receberem a dica que ela lhes desse. Nishta saboreou seu momento de poder. Em seguida, sorriu e disse:

— Consegui.

E Adish a saudou com um grito satisfeito, e Lal a abraçou, e Mumtaz ficou ali parada, orgulhosa, os olhos marejados e brilhantes.

— Parabéns, *bhabi* — disse a cunhada.

Nishta levou a mão direita à testa num gesto de agradecimento.

— Sem você... — começou, mas Mumtaz dispensou com um gesto o restante da frase.

— Por você, Zoha *jaan*, faço qualquer coisa — atalhou.

— Kavita ligou quando você estava lá — interveio Lal. — Querendo saber se podemos todos almoçar juntos.

Nishta balançou a cabeça, pesarosa.

— Para nós não dá. Preciso pegar minha sobrinha daqui a algumas horas. E o tráfego está tão ruim...

Adish consultou o relógio.

— Deixo vocês em casa com tempo de sobra para isso — garantiu. — Prometo. Vamos lá. O aniversário de Kavita é depois de amanhã. Você vai ser meu presente para ela.

* * *

Meia hora depois, estavam todos sentados no Hotel Marine Plaza, com vista para o mar. Nishta olhava com avidez a água. Ela e Iqbal quase não passeavam mais à beira-mar. Debruçou-se na janelona, respirando profundamente, inspirando o ar úmido e salgado.

— Você se lembra de que a gente costumava passar horas na beira do mar? — perguntou-lhe Kavita antes de se voltar para Mumtaz. — A gente matava aula para vir para cá — explicou.

— Mas, apesar disso, todos vocês eram bons alunos — observou Mumtaz, num tom de admiração que Nishta reconheceu como típico da irmã caçula ao se referir aos amigos do irmão mais velho.

Como devíamos, todos nós, parecer inacessíveis e estranhos para a família de Iqbal nas poucas vezes em que fomos à sua casa, pensou. Como Iqbal havia sido corajoso ao levar seus amigos universitários, boêmios e nada convencionais, para conhecer os pais conservadores. Nishta sentiu o coração se apertar com a lembrança daquela época.

Adish pedira licença logo depois de se sentar e agora voltava à mesa, falando ao celular.

— É Joseph — sussurrou para Laleh quando a esposa o olhou com ar inquisidor. — Liguei para ele. Queria saber as datas disponíveis para as passagens. — Sentou-se à mesa, anotando algo num guardanapo de papel ao mesmo tempo que continuava ao telefone. — Certo, chefe, continue procurando. Quero mais algumas opções, certo? Me ligue hoje à noite. Tchau.

Virou-se para encarar Mumtaz e Nishta.

— Era o meu agente de viagens. Ele me passou alguns voos possíveis. — Olhou para o guardanapo, riscou alguma coisa e tornou a erguer os olhos. — Como vamos tirar você de casa, Nishta? Existe algum jeito de dobrar Iqbal? De apelar para ele? Odeio fazer tudo isso às escondidas, *yaar*.

Furiosa, Laleh chutou a perna do marido, mas ele a ignorou. Encarava Nishta, que mantinha o olhar fixo no prato na sua frente.

— Não posso falar com Iqbal — respondeu ela, enfim. — Se conseguisse encontrar outro meio... Mas não existe alternativa.

— Ela tem razão — interveio Mumtaz. — Conheço o meu irmão. Quando ele põe uma coisa na cabeça, nem Alá em pessoa consegue fazer com que mude de ideia. Pode crer, eu sei — acrescentou, num tom tão amargo que todos se viraram para ela.

Adish abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Lal falou primeiro.

— Acho que está na hora de parar de pensar em Iqbal e começar a pensar em Nishta. Ela já deixou claro que quer viajar para ver Armaiti. Para mim basta.

Olhou diretamente para Adish, que a encarou durante um segundo antes de baixar o olhar.

— Está bem. Assumo que sou minoria — aceitou, mas, quando ergueu os olhos, nenhuma das quatro sorria. — Está bem — repetiu. — Qual é a data mais próxima que convém a vocês?

— Daqui a umas três semanas? — disse Nishta, mas foi interrompida por Kavita.

— Distante demais. Não temos todo esse tempo.

— Como assim?

— Diane ligou hoje de manhã. Com más notícias, infelizmente. Armaiti piorou.

— O quê? — exclamou Laleh.

— Ai, Alá! — disse, baixinho, Mumtaz.

— Aconteceu tem alguns dias, quando eles estavam na Flórida. Parece que a visão dela está muito ruim. E o equilíbrio, também. A perna direita, de repente, ficou muito fraca — explicou Kavita com voz trêmula. — De todo jeito, acho que a gente tem de ir já. Quero dizer, logo, o mais rápido possível.

Fez-se um segundo de silêncio sem troca de olhares. Mumtaz falou primeiro:

— Eu ajudo — disse a Nishta. — Tiro você de casa. Não adie, *bhabi*. Do contrário sua viagem será em vão.

E Nishta enterrou o pensamento urgente, traiçoeiro: não é só por isso que vou viajar. Ela já falara disso com Laleh enquanto as duas se dirigiam para o carro de Adish, caminhando atrás dele e de Mumtaz. Contara à amiga que a sua intenção era de não voltar para Iqbal passadas as três semanas da

visita.

— Mumtaz está a par disso? — sussurrou Laleh. Nishta balançou a cabeça, o rosto enrubescido pela culpa.

— Iqbal chega tarde do trabalho às quintas-feiras — disse Nishta, agora. — Ele tem reunião do conselho na mesquita nesse dia. Podemos viajar numa quinta-feira?

— Vou dar um jeito — respondeu, na mesma hora, Adish. — Na verdade, durante a semana deve ser melhor. Está difícil conseguir um voo atualmente, com as férias de verão. Mas garanto que Joseph pode mexer seus pauzinhos.

— Sr. Quebra-Galho — exclamaram em uníssono Kavita e Laleh, e o riso das duas desanuviou o clima sombrio que pairava sobre a mesa. — Esse era o apelido dele na faculdade — explicou Nishta a Mumtaz. — Qualquer problema que a gente tivesse, ele resolvia.

Laleh afagou, com carinho, o braço do marido. O garçom chegou com os drinques e todos fizeram seus pedidos. Quando o rapaz se foi, Mumtaz disse:

— Estou bolando um plano. Acho que sei como tirar você de casa no dia da viagem.

— Você é boa nesse jogo de subterfúgios, Mumtaz — comentou Laleh. — Teria sido muito útil para a gente na época da faculdade.

Mumtaz abriu um sorriso radioso.

— Cresci lendo Enid Blyton — explicou. — *Os Sete, Os Cinco* e todos aqueles livros de aventuras. Mais tarde, passei para Nancy Drew. Agora, meus filhos estão lendo todos eles. Tenho tudo aqui dentro — concluiu batendo com o indicador na cabeça. Virando-se para Nishta, então, concluiu: — Não se preocupe, *bhabi*. Você vai para os Estados Unidos. Está feito. Na verdade, você já está lá. Basta visualizar.

Encarou Laleh e Kavita, que trocavam sorrisos divertidos:

— Meu outro escritor favorito é Norman Vincent Peale — declarou. — Acredito no poder do pensamento positivo.

Livro Dois

Uma hora da manhã e o sono sumira, exatamente como ela esperava sumir de casa dali a três dias. Nishta, deitada de costas, olhava fixo para o teto, ouvindo os sons da cidade à noite — o barulho semelhante ao de fogos de artifício dos motores das motos, o eventual rosnado de um cachorro vizinho, respondido por algum outro vira-lata na rua, as vozes de pequenos grupos de rapazes nas calçadas, rapazes que não faziam concessões ao mundo adormecido, os soluços secos dos velhos caminhões roncando na estrada. Ela se lembrou, com uma nostalgia aguda, do seu antigo quarto no apartamento grande e bonito dos pais. Como os sons noturnos pareciam abafados naquele quarto. Depois, porém, se lembrou de como costumava revirar na cama de solteiro, o corpo ansiando pelo homem que agora dormia a seu lado, e sorriu sem alegria ante a ironia. Como era mesmo aquela frase de Truman Capote? "As preces atendidas causam mais lágrimas do que as que não o são."

Iqbal resmungou alguma coisa dormindo, e ela virou de leve a cabeça para olhá-lo. Estava deitado de lado, e a luz fluorescente do poste da rua lhe permitiu estudar as feições do marido. Como já havia feito um milhão de vezes, registrou o rosto bonito, delicado — os cílios longos, os lábios finos acima do queixo barbado. Enquanto ela o observava, a mão de Iqbal estremeceu, e Nishta lutou contra o impulso de cobri-la com a dela. Viu a testa do marido se franzir e se esforçou para ouvir o que ele resmungava. Encheu-se de pena. A agitação que povoava os dias de Iqbal dominava também suas noites. Ele merecia mais que isso, pensou de repente. Talvez sua origem estrangeira, o fato de ser hindu, a tivesse impedido de reconhecer ou de levar a sério os ressentimentos grudados nele como selos postais. Talvez, como ele admitira pouco tempo atrás, Iqbal tivesse morrido milhões de vezes tentando protegê-la contra os preconceitos e a discriminação cotidianos que enfrentara por causa do casamento de ambos. Talvez quando fizessem as contas dos mortos e feridos nos tumultos de 1993, devessem ser computados homens como Iqbal também, homens bons, de corações abertos, que sofreram uma morte espiritual naqueles tumultos, homens cujas vidas foram poupadas, mas cujos espíritos haviam sido queimados com os que morreram incendiados em suas casas ou nas ruas, aqueles nos quais a turba ensandecida jogou gasolina e depois ateou fogo. Homens que aprenderam as lições erradas com esses tumultos, que passaram a acreditar que tudo que se interporia entre eles e o fogo na vez seguinte haveria de ser a força resultante da superioridade numérica,

homens que se mudaram para *bastis* apinhadas para viver entre seus pares, que se sujeitaram a adotar como vizinhos outros homens com quem partilhavam uma religião e quase mais nada.

A garganta de Nishta se apertou de tristeza. Apesar de tudo que acontecera entre os dois, ela amava o homem que dormia a seu lado. Sentia-se protetora dele. Porque, apesar da aparência e da atitude sóbrias, do comportamento destituído de humor, do rosto barbudo e da vestimenta religiosa, o garoto universitário de olhar brincalhão que um dia ele foi às vezes se deixava entrever. Ela o via vez por outra em seu sorriso, quando o marido baixava as defesas, quando seus olhos ficavam marejados ao ouvir uma velha canção de um filme hindi da década de 1950 no rádio ou quando chegava em casa ensopado depois de um temporal e rindo como um colegial.

Nishta se deu conta, com uma pontada de arrependimento, de que havia pintado um retrato unidimensional de Iqbal para Laleh e Kavita. Dera às duas uma caricatura simplista — jovem socialista cresce e se torna um muçulmano conservador —, e, apesar de chocadas e decepcionadas, ambas aceitaram a versão da amiga. Mas Nishta se lembrava também de como Iqbal havia ficado fora de si ao saber da destruição pelo Talibã das estátuas budistas.

— Selvagens — xingara, com os olhos em chamas. — Bárbaros. Eles não têm o direito de fazer isso. Aquelas estátuas pertencem ao mundo.

Nishta não se esquecera de como o marido se mostrou nervoso depois que os aviões derrubaram as torres gêmeas, como a olhou com lágrimas nos olhos e disse:

— Hoje é o pior dia da minha vida. Essa gente me faz ter vergonha da minha fé.

— Iqbal — chamou Nishta. — Você está dormindo?

Ele abriu um dos olhos e respondeu:

— Agora não estou mais. — Ela ouviu, porém, um sorriso em sua voz e se sentiu encorajada.

— Desculpe. Não consigo dormir.

Apoiado no cotovelo, ele ergueu a cabeça, reprimindo um bocejo.

— Está se sentindo mal?

— Não. Só estou triste.

Na mesma hora, Iqbal despertou.

— Por quê, minha *bibi*? Triste por quê?

— Não paro de pensar em Armaiti.

Antes mesmo de completar a frase, Nishta chegou a uma conclusão: a reação de Iqbal determinaria sua partida ou sua permanência. Sim, três dias antes de pegar o avião, ela ainda estava disposta a fechar essa porta, a passar o resto da vida nessa cama, com esse homem. Mas precisava acreditar que

havia um motivo para ficar.

Esperou. Que ele respondesse. Para decidir o próprio destino a partir do que ele dissesse.

— Não adianta pensar em coisas tristes, Zoha — disse enfim Iqbal, e ela sentiu a decepção cair e se assentar sobre ela como fuligem.

— Incrível como você nunca tropeça e me chama de Nishta, não é? — observou ela, do nada, de modo a impedir que ele ouvisse o que seu corpo gritava: *Você falhou. Eu lhe dei uma chance, e você fracassou.*

— Vai querer conversar sobre seu nome no meio da noite? — indagou Iqbal com calma, acrescentando, quando não houve resposta: — Tenho que trabalhar amanhã. Tente dormir.

A boca de Nishta se crispou, como se provasse algo azedo. Engoliu as lágrimas quando percebeu que Iqbal voltara a dormir, indiferente à agitação dela. Esperou o suficiente para a voz sair firme e então disse:

— Você não se importa nadinha com Armaiti? Nunca pensa nos velhos tempos?

Iqbal deixou escapar um suspiro exasperado.

— Mulher, você não precisa acordar toda manhã e pegar dois trens para chegar ao trabalho. Pode ficar deitada na cama se dando ao luxo de ser nostálgica. Mas eu tenho bocas para alimentar. Afinal, o que você quer que eu diga?

Teria sido desconfiança o que ela ouviu em sua voz? Será que tinha deixado escapar alguma coisa?

— Nada — respondeu depressa. — Não quero que você diga nada. É só que...

— Você quer que eu diga que lamento o que aconteceu com Armaiti? Uma pessoa com quem não falo há séculos? Alguém que se mudou para os Estados Unidos e se casou com um americano gordo e rico? Que tem uma vida boa e confortável e jamais precisou acordar cedo e pegar dois trens para o trabalho? Vou lhe dizer uma coisa, Zoha. Se eu tiver de chorar, não há de ser por gente como Armaiti. Se eu tiver de chorar, vou chorar por Umar. Você se lembra de Umar? Frequenta a nossa mesquita, trabalha nos correios. Câncer de pulmão aos trinta e quatro anos. E continua a entregar cartas, a zanzar pelas ruas desta cidade imunda, poluída. Por quê? Porque o salário dele sustenta sete pessoas. Tenho mais que chorar por ele do que por Armaiti.

Nishta estremeceu ao ouvir tanta amargura na voz do marido.

— Mas ela é nossa amiga — gritou. — Você mesmo costumava dizer que Armaiti era a pessoa mais doce que havia na faculdade. Você se lembra de como ela...

— O mundo está cheio de gente boa, Zoha — atalhou Iqbal. — mas gente

boa não me impediu de perder meu emprego no banco. Gente boa não impediu o genocídio em Gujarat. E não vai impedir a morte de Umar. E tem mais: fico surpreso com a sua definição de amigo. Alguém que não se deu ao trabalho de procurar você ao longo de vinte e cinco anos, que de repente resolve que precisa ver você outra vez antes de morrer... Isso é uma amiga?

— Você está sendo injusto. — Nishta enfiou as unhas na palma da mão para extravasar a raiva. — Fomos nós que nos afastamos deles. Você começou a agir de um jeito tão estranho que para mim era mais fácil me afastar do que arrumar desculpas para você o tempo todo.

Iqbal ficou calado durante tanto tempo que ela se perguntou se não tinha ido longe demais, porém, quando ele falou, sua voz era distante e neutra:

— Você deixou uma visita do passado virar sua cabeça, Zoha. Continua uma criança, seduzida por balas e parques de diversões. Essa gente rica é como algodão doce: doce, mas feito de ar. — Bocejando, Iqbal virou para o lado. — Seu lugar é aqui, Zoha, com seu marido e a família dele. Agora trate de dormir e me deixar dormir algumas horas em paz, por favor.

Virou-lhe as costas, e ela ouviu, atônita, a respiração de Iqbal assumir o ritmo do sono, passados poucos instantes. A casa dele está em chamas, a mulher arde a seu lado e ele dorme, pensou abismada. Porque suas palavras impiedosas a chamuscaram, transformando sua derradeira ilusão em fumaça. Nishta se perguntou por que se sentira tão terna em relação ao marido apenas alguns minutos antes, o que a fizera lhe dar uma segunda chance. Essa gangorra emocional é o motivo por que você passou todos esses anos no inferno, reprovou-se. Você é como um cachorrinho que uiva quando é chutado, mas abana o rabo toda vez que o dono lhe faz um afago automático.

Virou o rosto no travesseiro para olhar as costas nuas de Iqbal. Teve vontade de passar as unhas naquelas costas macias, arrancar sangue, chocá-lo de forma tal a fazer cair a máscara de complacência que ele usava. Mas então pensou: ele não é mais responsabilidade minha, minha missão inacabada. Pela primeira vez, viu Iqbal como um ente separado dela, desvinculado, independente, um indivíduo cujos sorrisos, as preocupações, os humores, o riso, os impulsos sexuais, as doenças e crenças religiosas não lhe diziam respeito. Piscou os olhos, surpresa ante tal revelação, e ao fazê-lo sentiu Iqbal se afastando, viu crescer a distância entre o seu corpo e o dele.

Nunca entendera o costume muçulmano que permitia ao marido divorciar-se da esposa apenas repetindo a palavra *talaq* três vezes: *talaq, talaq, talaq*. Eu me divorcio de você, me divorcio de você, me divorcio de você. Sempre achou que parecia simples demais, fácil demais, como uma fórmula mágica recitada por uma criança. Agora entendia uma coisa: aquelas palavras não passavam de uma verbalização, uma expressão tardia de um

processo emocional já ocorrido. Essa indiferença era o verdadeiro divórcio. Depois disso, restavam apenas palavras. Depois disso, o que faltava era apenas uma ação.

Por isso, ela não se deu ao trabalho de dizer essas palavras de rompimento para as costas do marido adormecido. Mumtaz tinha razão. A partida para os Estados Unidos já acontecera. Agora, *Inshallah*, restava apenas fazer seu corpo material chegar lá.

* * *

Duas horas da manhã e lá estava ele, sentado no banco sob a janela da sala de estar, contemplando a água escura do mar e as luzes de néon que piscavam a distância. Levantara-se meia hora atrás, com medo de acordar Laleh com seu revirar inquieto na cama. A casa estava serena a essa hora, as crianças seguras em suas camas, a esposa dormindo tranquila na deles. Tudo que amo no mundo está aqui, ao meu alcance, pensou Adish, e uma alegria serena o envolveu. No segundo seguinte, porém, o temor que o despertara de um sono profundo trespassou seu contentamento.

Tinha acordado meia hora antes pensando nas horas e dias seguintes à partida de Nishta com Laleh e Kavita. Haveria um jeito de impedir que Iqbal descobrisse um dia seu envolvimento no plano de tirar Nishta de casa? Provavelmente não. Por isso era preciso imaginar qual seria a reação de Iqbal ao descobrir que Adish o traíra. Quebrara sua promessa, depois de olhá-lo nos olhos ao fazê-la. O que Iqbal faria? A que ponto chegaria para recuperar sua noção de honra, para vingar a traição? Essa era uma pergunta que Adish precisava responder: a que ponto chegaria Iqbal? Adish ponderou as possibilidades. Bastava uma busca na internet para Iqbal encontrar o nome e a localização da sua empresa. Uma consulta ao catálogo telefônico, e ele teria o telefone da sua casa. E se Iqbal aparecesse ali? Numa noite em que Adish não estivesse em casa? Quando, talvez, as crianças estivessem sozinhas? O que ele faria? E se, Deus do céu, Ferzin estivesse sozinha?

Adish sentiu o coração bater disparado e se obrigou a respirar fundo. Tentou relembrar todos os detalhes do almoço com Iqbal, passou em revista as lembranças da conversa entre eles em busca de pistas que pudessem prever o comportamento futuro do amigo. Lembrou-se de que Iqbal nada havia feito contra o tarado que molestou Mumtaz. Diante de uma injúria de tamanha gravidade, ele se mantivera calado, passivo, optando, ao contrário, por fugir correndo do bairro, como um rato. Iqbal sempre foi um sujeito fraco, pensou Adish, e a barba branca não podia esconder o queixo trêmulo, indeciso.

Adish riu ao se dar conta do que tencionava fazer: neutralizar a ameaça

de Iqbal lhe roubando a masculinidade. Como ser corajoso nos dias seguintes aos tumultos de 1993?, indagou-se. Quando bastava um movimento errado, um olhar de esguelha ou uma palavra equivocada — raios partam, quando um pigarrear na hora errada podia equivaler a uma sentença de morte. E de repente o rosto de Adish ardeu de vergonha quando lhe brotou na mente uma lembrança há muito enterrada.

A zona sul de Bombaim, onde morava, trabalhava e se divertia, mantivera-se quase imune à fúria selvagem que tomou conta da maior parte da cidade, mas, diante da insistência de Lal, ele não foi ao escritório durante alguns dias. No quarto dia, porém, inquieto e entediado, anunciou que ia sair para um passeio curto. Deixou seu condomínio e se dirigiu à praia, o que significava passar por uma pequena favela no caminho. Ao se aproximar da favela ouviu uma gritaria e esbarrou num grupo de seis homens que espancava e chutava um jovem, que jazia se contorcendo na terra. Parou, então, atônito. A primeira coisa que percebeu foi a ausência da multidão de curiosos que em geral se reunia para ver qualquer briga de rua. Na verdade, a rua parecia calma e vazia, de maneira fora do comum. Adish reconheceu um punhado de homens: desocupados que vagavam pelo bairro e lhe prestavam serviços de vez em quando.

— Ei! — gritou Adish, com toda a autoridade da sua classe social na voz. — Parem! Que diabos vocês estão fazendo?

Todos se viraram ao som daquela voz, mas seus pés continuaram aquela dança letal. O homem no chão gritou de dor. Adish viu algo brilhar na mão de um dos agressores. Uma faca. Adish viu algo brilhar em todos os olhos. Maldade e um tipo de insolência que nunca vira antes. Estremeceu.

Um dos homens se afastou de modo relutante do grupo e se aproximou de Adish.

— O que está fazendo aqui, *seth*? — perguntou com educação. — Aqui não é lugar para o senhor.

A despeito do medo, Adish sentiu o sangue ferver.

— Vou até a praia — respondeu, gesticulando. — Por acaso isso é ilegal? Ou vocês, marginais, agora são donos da rua?

O homem sorriu sem humor algum.

— Não somos donos de nada, *seth*. Somos gente pobre. Esses cães muçulmanos é que são donos de tudo — respondeu, cuspindo no chão.

Pelo canto do olho, Adish notou que os outros haviam parado de surrar o infeliz caído enquanto ouviam a conversa entre ele e o homem na sua frente. Sua mão se fechou dentro do bolso da calça, agarrando o celular. Precisava chamar a polícia, pensou.

Dava para saber pelo olhar do homem que ele acompanhara o movimento da sua mão.

— Ouça — começou Adish, mas o homem balançou a cabeça.

— Não, *seth* parse. Ouça o senhor. Essa briga não é sua. Não temos nada contra o senhor e a sua gente. Dê meia-volta e vá para casa. Como um aluno bonzinho, vá para casa.

Ouvindo isso, o restante do bando começou a rir e escarnecer.

— Vá para casa — repetiram. — *Bawaji* parse — zombaram.

Adish sentiu o suor brotar em seu rosto. Ainda assim, se manteve firme, tentando decidir o que fazer.

— Soltem esse homem — falou numa voz débil —, e eu vou embora.

Ao ouvir isso, o oponente emitiu um grito e ergueu a mão direita num gesto ameaçador.

— *Jao*. Trate de dar o fora. Esta é a última chance que estou lhe dando. Do contrário, você vai tomar o lugar daquele verme.

Adish fugiu. A lembrança da sua rendição fez seu rosto arder de vergonha depois de todos esses anos. Ele não havia parado até alcançar a segurança do próprio prédio, onde se encostou a uma parede na portaria até recuperar algum controle sobre o próprio corpo. Laleh o recebeu com uma exclamação — "Já de volta?" —, mas ele apenas balançou a cabeça e resmungou um evasivo "Não tem movimento algum, nem um pardal voando", antes de se dirigir à sala e ligar a tevê.

Não espanta que Iqbal não tenha confrontado o molestador de Mumtaz, pensou agora. Esse fato sozinho não predizia coisa alguma. Bom, bastava ter um pouco de cautela durante alguns dias após a partida de Nishta. Ele falaria com os seguranças do prédio, avisaria para que se precavessem caso alguém com a aparência de Iqbal aparecesse. Então, passados alguns dias, ele faria uma visita a Iqbal para ver se era possível abordar o assunto com calma. Quando Laleh voltasse sem Nishta, os dois se fingiriam chocados com a perfídia da amiga. Mais tarde, quem sabe ele pudesse até oferecer a Iqbal emprego numa de suas muitas empresas, acolhê-lo nas dobras de seu império comercial. Dobrar seu salário. Ele podia ajudar Iqbal, podia mesmo.

Quanto a Nishta, Deus sabe o que aconteceria com ela. Ele tentara dizer isso a Laleh — que só o fato de Nishta decidir não voltar à Índia com as duas amigas não significava que ela poderia ficar nos Estados Unidos. Richard, ao que parece, havia dito a Armaiti que garantiria a segurança de Nishta, mas que diabos isso queria dizer? Armaiti, não havia dúvidas, teria movido céus e terra para ajudar Nishta, mas Armaiti estava lutando contra uma doença monstruosa. Não se encontrava em condições de ajudar. O que significava que todos precisavam acreditar em Richard, e quem entre eles o conhecia bem o bastante?

Adish esfregou a testa. Tentou acalmar seus pensamentos que disparavam tal qual metralhadoras em sua cabeça. Abriu um pouco mais as

janelas de correr e inspirou o ar cálido da noite. Quando se mexeu no banco de mármore, sentiu um movimento às suas costas. Era Ferzin, com o cabelo em desalinho.

— Oi, pai — saudou a menina. — Levantei para tomar água. O que você está fazendo aí sentado no meio da noite?

— Não consegui dormir, *beta*. Estou pensando.

Ferzin se sentou a seu lado, e de repente Adish ficou feliz por ter companhia.

— Em quê? — indagou a filha.

Adish hesitou, sem saber quanta informação partilhar com ela. As crianças se haviam envolvido nos planos febris para tirar Nishta de casa e levá-la ao aeroporto, haviam ouvido muitas das conversas telefônicas dos dois com Mumtaz.

— Você sabe, sobre a viagem... — respondeu de forma vaga.

Ferzin franziu a testa.

— Está falando da tia Nishta?

— É. Entre outras coisas.

— Como o tio Iqbal vai reagir quando descobrir que ela se foi?

Adish olhou com alívio para a filha. Ao menos outro membro da família tinha juízo bastante para se preocupar com isso. Laleh, ele sabia, encarava tudo como uma espécie de jogo. Não, não era bem isso, mas ela estava mais excitada com os planos para a fuga de Nishta do que com qualquer outra coisa que fizera depois da faculdade. A Laleh das últimas duas semanas o fazia se lembrar da antiga Laleh: incansável, ativa, motivada. Só que, em lugar de organizar um protesto de estudantes, estava planejando o restante da vida de Nishta. E não parecia se dar conta de como eram imensuravelmente mais altos os riscos aqui. Se por um instante sequer a reação de Iqbal a afligiu, ela nunca mencionou.

— Não sei, *deekra* — confessou Adish. — É isso que me preocupa. — Olhou para a filha, perguntando-se em que medida podia trazê-la para seu círculo de medo. Então disse: — Mas vamos ter de ser cuidadosos durante alguns dias depois que elas viajarem. Entendeu? Se você ficar sozinha em casa, não quero que abra a porta, a menos que saiba quem é.

— Bem que falei que a gente devia comprar um cachorro — atalhou de pronto Ferzin. Adish riu.

— Nossa, você é mesmo filha da sua mãe. Vocês duas nunca perdem a oportunidade de defender um ponto de vista.

Ela abriu os braços de forma exagerada e depois deu um rápido abraço no pai.

— Não se preocupe tanto, pai. Garanto que vai dar tudo certo.

— Espero.

Ela se levantou do banco, bocejou e estendeu a mão.

— Venha. Vá dormir. Você precisa dormir.

Ele aceitou a mão estendida, achando divertida a inversão de papéis. Num piscar de olhos ele deixara de ser quem acalmava os temores noturnos da filha, quem a botava na cama!

— Obrigado, querida. — agradeceu. — Foi muito bom conversar com você a esta hora.

— Só não se acostume — disse ela, sumindo na cozinha.

* * *

Ela devia ter dormido em cima da prancheta, porque foi acordada pela mão da mãe balançando seus ombros.

— Kavita *beti* — disse a mulher mais velha. — Que tipo de vida é essa, se matando de trabalhar? Vá dormir direito na cama.

Kavita acordou com um gemido e olhou para a mãe, que tinha os olhos injetados.

— O que houve? — perguntou.

— Levantei para ir ao banheiro e vi que a sua luz ainda estava acesa. Você sabe que horas são?

— Vou viajar daqui a três dias, mãe. Preciso terminar este projeto antes.

— Projeto, projeto. Quem vai cuidar de você por lá se ficar doente? — gritou a outra. — Mesmo quando era pequena, você adoecia quando não dormia direito.

Kavita sorriu:

— Durmo no avião.

Mas se inclinou para a frente na banqueta e descansou o rosto na barriga da mãe.

— Minha função é me preocupar — disse a mãe, afagando o cabelo de Kavita. — Depois que eu estiver morta e enterrada, ninguém vai se preocupar com você.

Kavita examinou o rosto da mãe.

— Você vai ficar bem quando eu estiver fora? — perguntou em tom sério. — Rohit me prometeu passar aqui com frequência. — Coagira o irmão irresponsável a fazer essa promessa.

— Pfff — exclamou a mãe com desdém. — Diga a ele para não se dar a esse trabalho. Tudo que interessa a Rohit é a *maharani* da mulher dele e o filhinho mimado. Vou ficar ótima com a minha Rekha cuidando de mim. — Rekha era a criada de vinte e dois anos que trabalhava para elas desde os quinze.

— E é só por isso que eu vou, porque Rekha vai dormir aqui — murmurou

Kavita. — Mas me ligue de dia ou de noite se houver algum problema, viu?

A mãe adotou a expressão de vítima que geralmente adotava toda vez que Kavita ia viajar.

— Vou ficar muito bem. Deus cuida dos velhos e combalidos.

Kavita virou o rosto para esconder o sorriso. Como a mãe sabia ser dramática!

A velha começou a enrolar a planta de arquitetura sobre a prancheta da filha.

— Agora chega. Vá dormir. Está ficando muito tarde.

Kavita pousou a mão sobre a planta.

— Só mais uns minutinhos, mãe. Vá você. Já estou terminando. Preciso mandar isso por fax para a Alemanha amanhã cedinho.

A mãe bufou, mas cedeu.

— Vocês, jovens, trabalham demais — resmungou enquanto se afastava.

Kavita sorriu. A mãe não fazia ideia de quanto dinheiro era gasto na administração da casa. O pai lhes deixara uma boa herança, mas, sem o salário generoso de Kavita, o dinheiro já teria acabado há muito tempo. Por falar em dinheiro, ela precisava comprar mais alguns presentes antes de viajar para os Estados Unidos. Olhou para o relógio na parede. Se conseguisse terminar o projeto naquela noite, talvez pudesse passar na Cottage Industries e comprar os presentes antes do trabalho, no dia seguinte.

Ela e Laleh haviam ido às compras no fim de semana anterior. Compraram algumas roupas e sapatos para Nishta usar nos Estados Unidos, cientes de que ela teria de escapar de casa com a roupa do corpo. Kavita queria comprar algumas *kurtas* e uns conjuntos de *shalwar khameez* para Armaiti, mas Lal a freou.

— *Ae* — exclamou, dentro da FabIndia. — Talvez a gente não devesse comprar tanta coisa, hein? Para começar, não sabemos mais o manequim dela, *yaar*. Depois, quem sabe quanto tempo mais...

A frase ficou pela metade, e as duas não ousaram se encarar durante algum tempo. No fim, acabaram escolhendo de comum acordo uma linda pulseira de prata e turquesa para Armaiti, mas ambas perderam o apetite para comprar e logo desistiram.

Mas era preciso levar presentes para Diane, pensou Kavita. Diane seria o vínculo delas com Armaiti nos meses vindouros, e Kavita estava decidida a ter um papel na vida da garota. Decidiu, então, passar no shopping na manhã seguinte.

Trabalhou mais quarenta e cinco minutos e depois desmaiou na cama com a luz do abajur de cabeceira ainda acesa — e na mesma hora se deu conta de que sua exaustão era tamanha que o sono seria impossível. Após

tentar em vão adormecer, afastou o lençol e pulou da cama. Ingrid já estaria a caminho do trabalho, e se tivesse sorte a acharia pelo celular.

— Oi — disse ela quando Ingrid atendeu com um curto "Da?".

Ouviu um suspiro de prazer na voz da amiga.

— Kavita? Que surpresa boa! Mas ainda é noite fechada aí, não? — perguntou Ingrid.

Kavita riu:

— Já está quase amanhecendo. — Fez-se uma pausa. — Fiquei acordada trabalhando. Depois não consegui pegar no sono.

— Ora, ruim para você, bom para mim — disse Ingrid num tom caloroso, e Kavita teve vontade de abraçá-la. — E então? De malas prontas?

— Não exatamente. Ainda preciso fazer milhões de coisas, mas vou mandar para você os esboços do projeto Burnside ainda hoje.

— Não estava preocupada com isso. Mas estou preocupada com você. Você vai ficar bem nos Estados Unidos?

— Acho que sim. Quer dizer, sei que vai ser difícil. Não tenho muita certeza do que esperar de Armaiti, sabe? Só espero que ela não esteja com uma aparência doentia demais. E tem todo o problema de Nishta. Tomara que as coisas corram tranquilamente.

— Vocês têm uma baita missão aí. A de tirar Nishta de casa.

Kavita estalou a língua.

— Laleh e Mumtaz em ação.

Houve um breve silêncio, e em seguida Ingrid disse:

— Você vai dizer alguma coisa a Armaiti? Sobre o passado e tudo mais?

— Não sei — respondeu Kavita, cutucando uma pequena espinha na bochecha. Vou ter de esperar para ver. Talvez ela esteja doente demais. — Soltou um suspiro pesado. — Queria tanto que você fosse comigo.

— Eu também. Mas assim é melhor. Vocês quatro precisam desse tempo sem interrupções. — Fez-se uma pausa sugestiva. — Se eu fosse junto, haveria interrupções, se é que você me entende.

Kavita sorriu.

— Além disso, eu teria ciúmes — completou Ingrid.

Kavita ficou pasma. Ingrid quase considerava um dogma rejeitar os malefícios do ciúme.

— De quem?

— De você e Armaiti. Do fato de você ter gostado tanto dela durante tantos anos.

Kavita ficou mais emocionada do que poderia imaginar.

— Você não tem por que sentir ciúmes. Isso foi... Eu era uma menina, uma criança, naquela época. O que tenho com você é... — Engasgou-se, então, com as palavras, sem querer trair a pureza do amor por Armaiti ao

mesmo tempo que tentava fazer Ingrid entender o quanto a valorizava.

— Chega, meu bem. Você está chorando? Não era essa a minha intenção, desculpe.

E Kavita, com efeito, estava chorando.

— Só estou cansada — explicou. — Desculpe, eu... Vou ficar satisfeita quando entrarmos naquele avião e quando eu vir Armaiti. É o fato de não saber o que a gente vai encontrar... — Kavita se calou de repente.

As duas conversaram mais alguns segundos antes de encerrar o telefonema. Kavita adormeceu profundamente pouco depois.

* * *

As coisas bonitas:

O reflexo das luzes dos carros no asfalto escorregadio das ruas de Bombaim após uma pancada de chuva. O oceano Atlântico durante uma tempestade, verde e prata, majestoso. Um esquilo solitário correndo pelo gramado macio coberto por uma camada fininha de neve num chalé de esqui no Colorado. As mandalas de areia dos monges budistas no museu de arte decorativa.

Ela estava apaixonada. Inevitável, irremediável e ternamente apaixonada pelo mundo. Um soluço se formou na garganta de Armaiti quando ela se deitou no sofá do quarto, com a débil claridade vespertina entrando pelos janelões. O que imaginara ser indignação, raiva ou uma profunda intolerância com a injustiça se resumia a isto: ela estava apaixonada de modo irredutível por este planeta cativante, por esta vida excitante, esta espécie fascinante a que pertencia e sua capacidade para uma destruição atordoante e uma magnanimidade espantosa. Tudo isso a deixava atônita: o verde luxuriante, o azul profundo do céu, o esplendor do oceano, a perfeição da superfície marcada da lua, a grandeza imponente do próprio jardim. Amarelo, pensou Armaiti. Seria possível dedicar toda uma vida ao estudo do amarelo.

Cor. Estava obcecada por cor. O vermelho do vinho Shiraz que Richard abrira na noite anterior. O laranja-queimado da mesa de cerejeira entalhada do *hall* de entrada. O brilho de um chip de computador, a história da inteligência humana encolhida para caber numa cápsula. O dourado-pastel deste sofá de couro onde ela cochilava. Tudo isso nos deixa ávidos, bêbados, com vontade de abrir a boca e dar uma dentada na abundância do mundo. Dá vontade de jamais deixar nada disso, jamais perder um dia dessa festa, desse louco carnaval.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Armaiti. Essa era a pior hora do dia, a tarde, quando Diane ia às compras, quando a casa ficava silenciosa e quieta

e tudo que ela queria era respirar junto a bilhões de outras pessoas. A hora morta quando pensamentos se transformavam em preces — *quero mais alguns anos; por favor, quero viver. Sem dor, claro* — e as preces descambavam para barganhas.

Enxugou a lágrima e olhou para o teto, a mente alternando entre passado e presente.

As coisas boas:

Voltar para casa da faculdade, encontrar a mãe dormindo e acordá-la com um beijo na testa. As colinas verdejantes de Mahabaleshwar no verão anterior à morte do pai. Ver um arco-íris duplo no dia em que ela e Kavita mataram aula e foram à praia. As flores se abrindo no pátio de Harvard enquanto Richard a beijava intensa e ternamente pela primeira vez. A mão pálida e forte de Richard no seu corpo mais moreno, os dedos espalmados sobre a barriga grávida. Cantar "Honest Lullaby" em dueto com Joan Baez enquanto Diane brincava no chão com os blocos de armar.

Batatas cozinhando no fogão, a luz invernal da tarde entrando na cozinha enquanto os gatos cochilavam e ronronavam na mesa da cozinha. Diane voltando do maternal, contando, na própria linguagem, as novidades do dia, o rosto erguido e atento parecendo uma flor sob o sol. "Pachelbel's Canon", de George Wilson, no som estéreo na manhã de Natal. Um dia de Ação de Graças em que Richard, Diane e ela se sentaram no sofá, comendo direto das quentinhas do restaurante chinês e assistindo aos vídeos dos Três Patetas.

Deitada no sofá, Armaiti pensou em como iria sentir saudade das coisas boas.

Adish bocejou outra vez, e Laleh se virou de modo ab-rupto para encará-lo, preocupada. Sabia que, depois que a deixasse em Mahim no abrigo feminino onde ela trabalhava como voluntária todas as quintas-feiras, o marido ainda enfrentaria no mínimo meia hora de viagem até o local onde teria uma reunião.

— Por que você está tão cansado hoje?

Ele revirou os olhos:

— Péssima noite. Simplesmente não consegui pegar no sono.

— Que pena. Ouvi você se levantar.

Ele suspirou:

— Não paro de pensar no que vai acontecer depois que você viajar.

Laleh sorriu.

— Eu sei. Também vou sentir saudades.

Adish pareceu confuso, mas depois balançou a cabeça.

— Obrigado, mas não era disso que estava falando.

— Do que era, então?

— Passei a noite acordado me perguntando o que Iqbal vai fazer quando descobrir que Nishta foi embora. Quando chegar em casa e não encontrá-la. Quanto tempo será que vai demorar para se dar conta do sumiço do passaporte dela? Iqbal não é idiota. Logo há de somar dois mais dois.

Laleh deu de ombros.

— Não estou nem aí para Iqbal. Só quero fazer isso para ajudar Nishta. E para saldar minha dívida com Armaiti.

Arrependeu-se das palavras assim que elas lhe saíram da boca, mas já era tarde demais.

— Saldar sua dívida? — indagou Adish, incisivo. — Você continua obcecada com a ideia de ter causado o tumor de Armaiti? É por isso que está se dando a todo esse trabalho, Laleh? Para apaziguar a sua consciência?

— Você não entendeu o que eu quis dizer — atalhou Laleh.

— E o que você quis dizer?

Ela balançou a cabeça, impaciente.

— Esqueça.

— Não, não vou esquecer. Quero saber o que você quis dizer. — Adish desviou o olhar para encará-la. — É melhor ter certeza de que está agindo racionalmente, Laleh. Vai ser difícil, mas ainda dá para voltar atrás. É melhor não usar Nishta como instrumento, apenas para satisfazer Armaiti.

Laleh sentiu o rosto enrubescer.

— Retire o que disse. Você me conhece o suficiente para não fazer esse julgamento.

— Está bem — concordou Adish. — Sinto muito.

A conversa prosseguiu leve e inconsequente pelo restante do caminho, até Adish parar o carro na entrada do prédio empoeirado onde ficava o abrigo.

— Obrigada pela carona — agradeceu Laleh num tom seco, sem olhar para o marido. Virou-se, depois, para descer do carro.

— Um instante — interveio Adish, tocando o pulso da esposa. Olhou-a durante um segundo, os olhos castanhos lhe estudando o rosto. — Você tem certeza de que está fazendo isso pelos motivos certos, Laleh? — indagou, afinal. — Estamos prestes a destruir o casamento de alguém. E as consequências podem ser graves.

* * *

Várias horas depois, Laleh observou Farhad se servir pela terceira vez de arroz, couve-flor e frango. A seu lado, Ferzin brincava com a própria comida. Farhad olhou o prato da irmã.

— Você não vai comer isso aí? — perguntou, apontando com o garfo a couve-flor no prato dela. Antes que Ferzin respondesse, Farhad transferiu o legume para o dele. Mastigou alguns segundos e depois encarou a mãe.

— Por que você não está comendo?

— Já disse. Vou jantar quando seu pai voltar — respondeu Laleh, de maneira sucinta.

— Mas ele foi jogar tênis. Vai chegar tarde.

Farhad, dava para ver, estava num de seus dias briguentos. E Laleh não estava a fim de entrar em discussões. Levantou-se da cadeira e disse:

— Eu sei. Tudo bem.

Foi até o quarto, pegou a chave do carro na cômoda e voltou à sala de jantar.

— Vou dar uma saída. Volto daqui a mais ou menos uma hora — avisou.

Os filhos levaram um susto.

— Aonde você vai? — perguntou Ferzin.

— Sair — respondeu Laleh. E, antes que os dois pudessem fazer mais perguntas, saiu porta afora.

Quando chegou à portaria, ela viu Murthi, um dos seguranças do prédio, e tirou duas notas de vinte rupias da bolsa.

— Você pode me fazer uma comprinha rápida? — perguntou. — Preciso de uma guirlanda pequena de flores. Veja se o florista ainda está aberto, sim?

— Alguma flor em especial, madame?

Laleh balançou a cabeça:

— Uma guirlanda comum, algumas rosas, alguns jasmins, coisa simples. Eu espero no carro.

— Chamo seu motorista, madame?

— Não, eu mesma vou dirigir.

Dez minutos depois, ela estava no Maruti prateado, a caminho de Marine Drive. Chovera mais cedo, e o ar noturno parecia pesado como um segredo. Laleh ligou o ar-condicionado. A guirlanda de flores, enrolada em jornal, estava a seu lado no banco do carona, enchendo o carro com seu aroma doce.

Passara o dia tão ocupada que não tivera a oportunidade de avaliar o que ouvira de Adish no carro de manhã. Mas agora sabia: como sempre, o marido acertara o alvo. Por mais que quisesse salvar Nishta, uma parte dela também desejava dá-la — dar as três — a Armaiti como um presente. E, sim, desde que ouvira a notícia da doença de Armaiti, ela vinha se permitindo ter pensamentos mágicos. Já que era responsável pela enfermidade da amiga, também podia curá-la. Essa tinha sido a única forma que encontrara para lidar com a imensidão do próprio sofrimento.

Mas a verdade é que havia perdido Armaiti aos pouquinhos ao longo de trinta anos, desde que a amiga lhe avisou que se candidatara a estudar nos Estados Unidos. Laleh havia ficado horrorizada, mas fez o possível para esconder essa reação.

— Por quê? — perguntou, abrindo os braços. — Tudo que você ama está aqui.

Armaiti hesitou, com uma expressão pesarosa no rosto.

— Não sou feliz, Lal — enfim respondeu.

— E por que não? — ela exigiu saber. — E como fica o movimento?

— O movimento — repetiu Armaiti, como se experimentasse as palavras, demorando-se um pouco para responder. — Passei quatro anos participando do movimento, Lal. E só tenho vinte e um anos. Estou... Estou cansada. Cansada de ficar apavorada toda vez que vejo um guarda. De sentir culpa toda vez que compro uma calça porque tem gente que não pode comprar pão. Você nunca tem essa sensação? E tenho pensado... E se a gente estiver errada sobre essa coisa toda, Lal? E aí?

Laleh olhou fixo em frente, incapaz de responder. Mil pensamentos passavam pela sua mente, porém o mais persistente era: sem Armaiti, o que eu vou fazer?

— Por que estaríamos errados? — enfim indagou, sabendo que Armaiti aguardava uma resposta.

Armaiti engoliu em seco.

— A Tchecoslováquia foi horrível, Lal — disse ela. — Cinza, sombria, deprimente. Todo mundo parecia velho e cansado. Francamente, as piores

favelas de Bombaim são mais alegres do que Praga. E havia soldados com metralhadoras por todo lado na cidade. À vista de todos, nas ruas.

— Sei disso. Você já nos contou. Mas talvez fosse algum exercício militar ou coisa do gênero.

— Não, Lal. É assim o tempo todo.

Laleh se calou, então, sem saber o que fazer com tais informações: a ideia de que o sonho de todos eles pudesse ter um núcleo oco; o tamanho da desilusão de Armaiti com o movimento; seu desejo de abandonar o país pobre e sitiado onde nascera; o frio gélido e cortante da solidão que corroía seu corpo ante a percepção de que Armaiti estava prestes a deixá-la — de que, de certa maneira, já a deixara.

Não se sentiu segura o suficiente para falar, temendo que a dor, a mágoa ou a súplica transparecessem na voz se abrisse a boca. As duas caminharam em silêncio alguns minutos. Então, Armaiti indagou:

— Está zangada comigo, Lal?

— Não seja boba — respondeu, mal-humorada, envolvendo com o braço os ombros da amiga. E assim as duas desceram a rua, como faziam desde a infância.

— Espero que você vá para os Estados Unidos. E espero que encontre lá o que procura.

* * *

As lágrimas escorriam pelo rosto de Laleh quando parou em um sinal vermelho, e ela agradeceu pelos vidros escuros do Maruti. Ligou o aparelho de CD, e a segunda estrofe de "The Boxer" se fez ouvir. Como sempre, os versos melancólicos a fizeram imaginar o que Armaiti devia ter sentido ao chegar aos Estados Unidos. Como deviam ter sido difíceis aqueles primeiros meses sem amigos, assustada e sozinha.

Lai la lai
Lai la lai la la la lai
Lai la lai

Dirigia a toda velocidade agora e passou voando pelos velhos prédios *art déco*, ultrapassando os outros carros. As janelas fechadas e o ruído suave do ar-condicionado abafavam as buzinas dos veículos que deixava para trás. Aumentou mais ainda o volume, de modo que a música caísse sobre ela como chuva pesada. Os últimos raios de sol traçavam listras escarlates no céu. Seu coração parecia um prédio prestes a desmoronar sob o peso das emoções.

Estou partindo,
Estou partindo,
Mas o lutador ainda permanece...[3]

Ela e Armaiti costumavam cantar a última estrofe a plenos pulmões. A letra de "The Boxer" estava gravada a fogo em sua alma, fazia parte do seu DNA, e passados todos esses anos ainda mexia com ela, dando testemunho de uma resistência submetida a duras provas e que ela começava a entender cada vez melhor à medida que envelhecia. Era espantoso que ambas gostassem tanto dessa música na adolescência — com que parte será que se identificavam? Como era possível que duas garotas de quinze, dezesseis e, depois, dezessete anos fossem capazes de compreender a resignação serena, o orgulho hesitante, a nostalgia de casa, de que falava a letra? Após a partida de Armaiti para os Estados Unidos, Laleh passou a pensar na amiga e a se preocupar com ela quando ouvia a parte que falava dos invernos pungentes de Nova York. Hoje, porém, no carro, ouviu a música de forma diferente e pensou em Armaiti de um jeito novo, como uma sobrevivente — *Mas o lutador ainda permanece* —, aguentando firme, esperando a chegada das três amigas.

A música atingiu seu clímax, a letra cedendo espaço para o *Lai La Lai*, numa onda crescente de som que dava à canção sua força de hino. Laleh imaginou a cena — as duas, Armaiti e ela, e depois toda uma geração, alçando voo, transportada, levada nos ombros daquele *Lai La Lai*, marchando junto, resistindo, revidando, desafiando a morte coletivamente. A melancolia que sentiu foi tão pura e aguda que transbordou, transformada em euforia.

A mão procurou involuntariamente o celular, ao mesmo tempo que os olhos consultavam o relógio no painel do carro. Oito e quinze. O que significava que eram 10h45 onde Armaiti estava. A mão direita já digitava o número da amiga mesmo antes que o pensamento fosse concluído.

— Alô — atendeu Armaiti numa voz rouca, como se ainda estivesse dormindo.

— Desculpe — disse Laleh —, acordei você?

— Para você, Lal, eu acordaria até da morte.

Houve um silêncio breve, frágil, enquanto ambas digeriam o que Armaiti havia dito. Depois, para seu alívio, Laleh ouviu a risada característica de Armaiti.

— Sinto muito. Piada sem graça.

Laleh sorriu, apesar do nó que se formou em sua garganta.

— Só você, Armaiti.

— E aí? De malas prontas? Onde você está?

Laleh gemeu.

— Nem perto. Deixei para fazer amanhã de manhã. Estou na Marine Drive — acrescentou. Viu um Honda City saindo de uma vaga e se aproximou devagar.

— Marine Drive. — Mesmo a milhas de distância, Laleh pôde discernir o tom nostálgico na voz de Armaiti. — O Colar da Rainha. É tão bonito quanto me lembro?

Os olhos marejados de Laleh cintilaram.

— A imaginação é sempre melhor do que a realidade, certo? — murmurou.

— Adish está com você? — indagou Armaiti.

— Não, vim sozinha. — Hesitou, já que os motivos para essa súbita peregrinação até o mar pareciam pouco claros até para ela. — Só precisava... Precisava de tempo para pensar. Sozinha.

— Qual é o problema? — disse na mesma hora Armaiti, e Laleh sorriu por dentro. Será que já houve alguém que me conhecesse tanto quanto ela?, pensou. Depois sentiu uma pontada de culpa quanto ao que considerou uma traição a Adish.

— Ei, fale comigo. O que está preocupando você? — A voz de Armaiti soou urgente em seu ouvido.

— Ah, tivemos uma discussão hoje de manhã — explicou Laleh. — Adish e eu.

— Sobre sua vinda?

— Não, de jeito nenhum. — Hesitou de novo, questionando os próprios motivos, perguntando-se por que estaria contando isso a Armaiti. — Ele ficou nervoso porque... porque me sinto responsável pela sua doença. — Agora que dissera as palavras em alto e bom som, Laleh percebeu como elas pareciam tolas.

Armaiti emitiu um som que podia ser de riso.

— Como? Como assim?

— Bem, achei... Achei que talvez a concussão que você sofreu do ataque dos *laathi* pudesse ter, sei lá como, causado o tumor — desabafou, encolhendo-se.

Armaiti riu.

— Ai, meu Deus, tinha me esquecido disso. Laleh, não seja boba. Isso foi há décadas. E minha mãe morreu de câncer, lembra? Se você quiser pôr a culpa em alguma coisa, que seja nos meus genes.

Laleh sentiu o corpo relaxar de alívio. Armaiti nem mesmo se lembrava.

— Eu sei. Sou uma idiota. Adish vive dizendo a mesma coisa, que isso é um absurdo.

— Lal. Querida. — Armaiti suspirou tão alto que o som pareceu o de uma

lufada de vento no ouvido de Laleh. — Quer saber? Uma coisa que aprendi é que nada disso tem importância. Sinceramente.

Laleh transferiu o telefone de uma para a outra mão. De tanto apertá-lo de encontro ao ouvido direito, fizera a orelha latejar de dor.

— Como assim? — perguntou.

— Lal, quando eu estava na Flórida, finalmente entendi uma coisa.

— Então me conte.

— Ora, na verdade é uma grande tolice, o tipo de sabedoria de botequim que supostamente a gente descobre quando... quando se está morrendo.

— Me conte.

— Eu me divorciei de Richard há cinco anos porque ele teve um caso — disse Armaiti, num tom neutro que Laleh jamais ouvira antes, como se lesse em voz alta um trecho de algum livro. — Nunca lhe contei isso, não é? Fiquei envergonhada demais, como se a traição dele fosse culpa minha. Mas sabe de uma coisa, Lal? Afinal, Richard fez mais por mim nesses últimos meses do que qualquer outra pessoa, sem contar Diane, claro. O que quero dizer é que tudo que parece tão importante, como brigas ou diferenças filosóficas, no fim não faz grande diferença. Quer saber? No fim, o que interessa é o que fica.

— Mal posso esperar para conhecer Diane — disse Laleh. — Se ela tiver alguma coisa de você, com certeza vou adorar sua filha... — Em seguida se corrigiu: — Vou adorá-la de qualquer maneira.

— Ela anda superanimada com a ideia de conhecê-las. Chegou até a se oferecer para me ajudar a preparar um jantar parse para vocês três.

— Armaiti, não exagere. A última coisa que você tem de fazer é cozinhar para nós. Deixe a cozinha e a limpeza por nossa conta quando a gente chegar.

A voz de Armaiti soou tão inocente quanto a de uma criança na manhã de Natal:

— Bom, eu estava pensando em fazer algumas receitas da mamãe. Você se lembra do peixe frito dela? E do *sali murghi*? Você adorava.

Laleh gemeu:

— Você é uma sacana.

— Olhe, sua boba — disse Armaiti. —, se você acha que não vou cozinhar para as minhas melhores amigas que não vejo há séculos, é porque pirou de vez.

— Mais dois dias — falou Laleh em tom de expectativa — e estaremos todas juntas.

— Boa viagem.

* * *

Laleh continuou sentada no Maruti mais alguns minutos depois de desligar o celular, pensando na conversa. O que Armaiti havia dito? No fim, o importante é o que fica. A imagem do rosto corado com covinhas de Adish lhe surgiu diante dos olhos e seu peito se apertou, cheio de amor. Quanta sorte ela havia tido, a começar pelo homem que ainda tolerava seu mau humor e suas irracionalidades, que permaneceu fiel e dedicado, como se ela fosse a bandeira do seu país. Que coisa absurda contribuir com um pingo de sofrimento que fosse para torná-lo infeliz. Na verdade, deveria agradecer de joelhos todas as bênçãos que recebera na vida.

Agarrou a bolsa com a guirlanda de flores, abriu a porta do carro e saltou para a calçada. O céu estava escuro agora, assim como o mar, que batia de encontro às pedras. Laleh se sentou na mureta de concreto e passou as pernas para o outro lado, ficando de frente para a água. Tirou a guirlanda do invólucro de jornal e olhou depressa para a direita e para a esquerda. Embora as flores fossem biodegradáveis, Laleh sentiu um tremor de culpa quanto ao que estava prestes a fazer. No ano anterior, quando passeava com Adish à beira-mar, ela perseguira um homem depois de flagrá-lo atirando um saco cheio de lixo no mar. O coitado, empregado em um dos prédios residenciais da vizinhança, se encolheu todo enquanto ouvia o sermão sobre a ecologia marinha e depois explicou que apenas cumpria ordens da patroa. Laleh chegou a pensar em ir até o apartamento da mulher para repetir o mesmo sermão, mas Adish a dissuadiu.

Agora, após uma rápida olhada, ela ergueu a guirlanda acima da cabeça, como um disco, antes de lançá-la na água. As flores alçaram voo por sobre as pedras, o branco dos jasmins reluzindo no escuro, e depois aterrissaram no mar.

— Para você, Armaiti — disse para si mesma. — Uma prece por você. Para que aconteça um milagre. Por mais dez, vinte anos. — Essa era a prece que pretendera formular, a finalidade dessa missão noturna, mas agora, estimulada pela conversa com a amiga, acrescentou mais uma: — Se não for saúde, se não forem muitos anos mais, que seja paz. E uma oração para Diane. Pelos nossos filhos. Por todos os nossos filhos.

Seus pensamentos fervilhavam, e ela sentiu o sofrimento reprimido pinicar-lhe o rosto. Enfim, surgindo qual uma baleia das águas turvas da própria dor, mais uma prece brotou:

— Me perdoe — implorou a Armaiti, mas depois se deu conta de que, como a amiga jamais a culpara de coisa alguma, nada havia a perdoar. A única pessoa que um dia a responsabilizara por um momento de fraqueza juvenil, que chegara a transformá-lo numa chibata com a qual se açoitar, fora ela mesma. Entrefechou os olhos para acompanhar o movimento da guirlanda que flutuava na água e, ao fazê-lo, a primeira lágrima lhe escorreu

pelo rosto. — Perdoo você — sussurrou para aquela menina idealista, porém assustada, de um passado tão distante. — Eu perdoo você.

Flores. Ela queria comprar uma quantidade suficiente para encher cada quarto da casa com dezenas de buquês. Armaiti sabia que poderia parecer ostentação, que as amigas talvez se chocassem um pouco com tamanha extravagância, mas isso não bastava para demovê-la da ideia. Provavelmente essa seria a última festa que lhe caberia organizar e desejava ter tudo: flores e velas, bom vinho e boa comida. Na noite anterior desencavara o velho caderninho com receitas meticulosamente anotadas pela mãe nos meses seguintes à sua partida da Índia para Harvard. Com Diane, Armaiti pretendia reviver várias dessas receitas para preparar um banquete na noite da chegada das hóspedes. Richard sugerira que encomendassem o jantar no Maharaja, mas ela recusou, decidida:

— Vou cozinhar. Aconteça o que acontecer.

Ao longo dos últimos dias, que não haviam sido bons, a expectativa do jantar levantou seu astral. A visão embaçada era agora um fato da vida, e com espanto ela constatou a rapidez com que vinha aceitando cada nova ofensa que o próprio corpo lhe dirigia. Usava agora, quando saía, uma cadeira de rodas motorizada, alugada por Richard logo após a chegada dos três da Flórida. Agradecia com fervor o simples fato de ainda poder se locomover, dada a expressão sombria do médico da Emergência da Clínica Mayo, em Jacksonville, quando lá chegou com Diane após o episódio na praia. Desde então praticamente se entregara aos cuidados de Diane e Richard e, o mais estranho, isso não a incomodava em demasia. A fadiga física, sempre presente, se fundira à exaustão mental: Armaiti estava cansada de brigar com a família. Em vez disso, uma resignação muda se instalou. Reconhecia que tudo que os dois sugeriam derivava de um desejo de protegê-la, de prolongar-lhe a vida, mantendo-a segura e saudável. Por ter sido mãe ainda jovem, sabia como era essa coisa de querer proteger quem se ama — ainda que esse amor às vezes lembre um par de algemas. Tudo bem. Desde a Flórida, não parava de repetir essas duas palavras para si mesma: tudo bem. Seja feita a vossa vontade. Não queria mais brigar com Richard, magoar Diane, impor a própria vontade sobre a deles. Eles a amavam. Essa era a única verdade que importava.

Além disso, havia agora um imperativo prioritário: ela precisava estar razoavelmente em forma quando as outras chegassem. Diane, Richard e ela haviam fechado um acordo tácito: ela seguiria as ordens de ambos sobre tudo que tivesse a ver com a sua saúde. Em troca, tomaria sozinha todas as decisões pertinentes à visita das amigas. Este era o seu último grito de

independência, e pai e filha, ao que parecia, entenderam seus motivos.

— Não tem problema — interveio Diane quando Richard insistiu que Armaiti não se cansasse cozinhando. — Posso ajudar a mamãe com o trabalho pesado. Ela só vai ter de supervisionar.

Antes, porém, de comprar a comida, precisavam comprar flores. Armaiti queria que as hóspedes entrassem numa casa com a aparência e o aroma do paraíso. Chegariam exaustas depois do voo de vinte e quatro horas, e as flores serviriam para revigorá-las. Girassóis, pensou, enquanto circulava, na cadeira de rodas, pelos corredores da Whole Foods. Montes de girassóis. E rosas, claro. As hortênsias ela podia colher no próprio jardim. Ah, se ao menos fosse primavera! Como explicar às amigas o aroma dos canteiros de lilases no pátio da casa? Armaiti estendeu a mão vacilante para pegar mais um buquê.

— Calma, mãe — pediu Diane, que empurrava, meio sem fôlego, um carrinho já quase cheio. — Você se lembra de que já encomendamos uma dúzia de arranjos do Costco para amanhã? Nem temos vasos para todas estas flores que você está comprando.

Armaiti franziu a testa:

— E daí? A gente compra alguns baratinhos na Dollar Store. Quero ao menos cinco arranjos em cada quarto.

— Elas não vão ter espaço nem para pôr as malas. Além disso, alguém pode ter alergia, e aí?

Jogando a cabeça para trás, Armaiti soltou uma gargalhada:

— Alergia? Meu anjo, ninguém na Índia tem alergia a nada. Só o ato de respirar aquele ar fétido de Bombaim equivale a fumar um maço de cigarros por dia. Você acha que umas florzinhas vão incomodar as três? Nós americanos ficamos tão frescos e...

— Sei, sei. Todos os indianos têm estômago blindado. E um sistema imunológico espantoso. Sei disso. Nossa!

Armaiti deu uma palmadinha brincalhona na mão da filha.

— Você está ficando muito metidinha para o meu gosto, Di — acrescentou.

Dez minutos depois, as duas saíram da área de floricultura, ignorando os olhares incrédulos que os outros vendedores lançavam para o carrinho entulhado de Diana.

— Quero escolher uns queijos — disse Armaiti.

— Não tem lugar no carrinho.

— Certo. Me arrume uma cesta que eu equilibro no colo.

— Não quero que você faça esforço, mãe.

— Diane — exclamou Armaiti, parando a cadeira no meio de um dos corredores. — Você vai me escutar agora. Nos próximos dias, vou me

esquecer de que estou doente, entendeu? Ao menos na medida em que o meu corpo permitir. Eu... Esta pode ser... Só quero me divertir com as minhas amigas, está bem? E se o preço a pagar por isso for um pouco de cansaço, de tontura ou do que quer que seja, estou disposta a pagar. — Dava para ver que estava deixando Diane nervosa, motivo pelo qual amenizou o tom de voz. — Sei que a sua intenção é boa, meu amor, mas, por favor, relaxe um pouquinho, está bem? Pelo menos, tente.

Diane lhe deu um sorriso triste:

— Certo, mas quero que você esteja bem para recebê-las.

— Também quero, meu amor. Não há nada que eu queira mais. Agora, vamos lá, cadê a lista? Do que mais precisamos?

* * *

Laleh tinha acabado de fechar a mala vermelha quando Adish entrou no quarto.

— Malas fechadas? — perguntou a Laleh. — Prontas para serem levadas lá para baixo? Quero pôr tudo na van com antecedência. Assim, não ficamos tensos na última hora.

— Beleza. Você chamou o porteiro para descer tudo?

— E para que precisamos daquele sujeito? Farhad pode descer com uma e eu com a outra. Além da bagagem de mão.

— Você se esqueceu da mala que estou levando para Nishta. Ela não vai levar nada.

— Merda. Esqueci a mala dela — gemeu Adish. — Muito bem, a mala de Nishta eu entendo. Mas você só vai passar três semanas. Por que precisa levar tanta coisa?

— Ora, quem me obrigou a arrastar um Taj Mahal de mármore para dar a Richard? Aquela porcaria pesa no mínimo quinze quilos, juro. O que Richard vai fazer com isso?

— Ele vai adorar. Vocês vão se hospedar na casa deles, Lal. Precisam levar alguns presentes, não?

Farhad se dirigiu para o quarto dos pais e parou na entrada:

— Malas prontas? — indagou.

— Num minutinho. — Lal se virou novamente para Adish. — Pelo menos uma das malas excedeu o limite de vinte e dois quilos, graças àquela miniatura de mármore.

Adish deu de ombros.

— Convença o funcionário a deixar você passar com ela. Ou pague o excesso, que jeito? — sugeriu, antes de consultar o relógio. — É melhor a gente sair meia hora mais cedo do que o horário que combinamos. Talvez

haja trânsito no caminho até a casa de Nishta. — E, abrindo de novo a sacola de mão, indagou: — Quanto espaço sobrou aqui?

— Por quê? Ainda tenho de enfiar uns livros aí.

— Nem pensar. Preciso do espaço. Encomendei uns doces sortidos para Armaiti. *Jalebis*, *suterfeni*, *halva*. Temos de parar no caminho para apanhar. E tudo precisa caber na sacola de mão.

— Adish, você enlouqueceu? Nem sabemos se Armaiti ainda gosta desses doces. Ou se pode comê-los.

Adish abriu um sorriso indulgente para a esposa.

— Ela vai comê-los, acredite — garantiu. Em seguida, pôs dois dedos nos lábios de Laleh a fim de calar mais objeções. — Lal, não estou mandando mais nada para Armaiti. Me faça esse agrado.

* * *

— Está com o seu passaporte? — indagou Mumtaz pela terceira vez, assentindo quando Nishta apontou em silêncio para a própria bolsa. — Ótimo — observou, nervosa, levantando-se do sofá. — Ah, já ia me esquecendo... — falou, abrindo a bolsa. Tirou dela um bolo de notas que haviam sido enroladas e presas com um elástico. — Para você, *bhabi* — esclareceu. — Para gastar nos Estados Unidos.

Nishta engoliu em seco.

— Não posso aceitar. Como você... Onde você arrumou isso? São dólares, não são?

— Tenho uma amiga cujo marido viaja um bocado. Comprei dele.

Os olhos de Nishta se arregalaram de medo.

— Contou a eles a meu respeito?

Mumtaz balançou a cabeça com veemência.

— Não, Zoha, claro que não. Disse a eles que era para uma amiga. Não se preocupe, eles nem sabem que tenho um irmão. — Estendendo a mão com o bolo de notas, insistiu: — Tome. Você vai precisar de dinheiro por lá.

— Não tenho como reembolsar você disso tudo.

Mumtaz sorriu com timidez.

— Na verdade, tem sim — discordou, tirando da bolsa um pedacinho de papel. — Anotei aqui o tamanho da minha cintura e dos meus quadris. Se você puder me trazer um jeans da For All Mankind, agradeço. É muito difícil encontrar essa marca aqui — disse ela, fazendo uma pequena careta. — Sei que Hussein não vai me deixar usar na rua, mas posso usar em casa.

Nishta se sentiu enrubescer. Uma coisa era enganar Iqbal, mas enganar Mumtaz? Teve vontade de acariciar o rosto inocente que a fitava com expressão confiante.

Desviou o olhar.

— Está bem. Eu trago o jeans.

— *Shukriah*, Zoha *jaan* — agradeceu Mumtaz, virando a cabeça na direção da cozinha. — Sobrou um pouco daquelas costeletas que você fez para o almoço?

Nishta sorriu, agradecida por poder fazer alguma coisa pela cunhada, para variar.

— Claro. Quer que eu esquente?

— Não, já comi muito, mas quero levar umas duas para Hussein, se você não se importa. Ele adora tudo que você faz.

As duas haviam almoçado no apartamento da mãe de Mumtaz mais cedo. A velha ficou encantada por receber a visita imprevista da filha. Mais feliz ainda se mostrou por vê-la usando uma burca cor de rosa.

— Alá seja louvado — exclamou. — A que devemos esse milagre?

— Hussein me pediu — respondeu Mumtaz.

A velha anuiu com compreensão.

— É preciso sempre zelar pela felicidade do marido — concordou.

Nishta se surpreendera com a facilidade com que as mentiras escorriam da língua de Mumtaz. Ela está adorando isso tudo, pensou, admirada. É uma espécie de vingança contra todos eles. Mas vingar o quê?

— Vamos esquentar a comida? — sugeriu a velha, e não escapou à atenção de Nishta que, embora Mumtaz estivesse sentadinha ali, a sogra não tirava os olhos dela.

Ela não vê a filha com grande frequência, ponderou consigo mesma, e depois quase riu alto do pensamento seguinte: O que você tem com isso? Em poucas horas, vai dar o fora daqui. Esta é a última refeição que você há de servir a essa velha ranzinza.

— Claro, Ammi — concordou com expressão recatada, mantendo o olhar fixo no chão.

As duas haviam voltado para o apartamento de Nishta depois do almoço, depois de Mumtaz prometer à mãe que subiria para se despedir antes de ir embora à noitinha. Agora, sentadas no sofá, ambas falavam de amenidades.

— Incrível como o tempo não passa quando a gente fica de olho no relógio — observou Mumtaz, e Nishta percebeu o nervosismo em sua voz.

— Prometa para mim que você vai embora antes que Iqbal chegue do trabalho — pediu à cunhada.

Mumtaz deixou escapar um gemido:

— Meu Deus, Zoha. Pare de se preocupar. Já falei mais de mil vezes. Quando Ammi sair da varanda às oito para jantar, *foos*, me mando mais rápido que um camundongo.

Nishta soltou um suspiro.

— E quanto ao depois? — Fez um gesto com a mão na direção do bilhete deixado sobre a mesinha em frente ao sofá. — Depois que ele ler a minha carta? Sua Ammi vai mencionar que você esteve aqui hoje. Com certeza, ele vai direto bater na sua porta para...

— *Bhabi,* você não está sendo coerente. Você sabe qual é o plano. Vou fingir estar tão chocada quanto todo mundo.

— Mas ele fará perguntas, Mumtaz. Você conhece Iqbal. Se suspeitar de você...

— Que suspeite o quanto quiser — disse Mumtaz num tom desafiador.

— ...e a primeira coisa que ele vai fazer é procurar o passaporte no cofre — prosseguiu Nishta. — Quanto tempo vai levar para que ele...

— Hussein dá conta do meu irmão — interrompeu Mumtaz. — O comportamento violento de Iqbal não vai funcionar na minha casa.

— Não quis dizer... Iqbal jamais machucaria você. Só acho...

— Quem garante? Por acaso algum dia imaginei que meu irmão levantaria a mão contra você? — Mumtaz deu de ombros. — Não importa. Ele não pode fazer comigo nada pior do que já fez.

Nishta estendeu a mão para pegar a de Mumtaz entre as suas.

— Meu anjo — disse ela. — O que foi que ele fez a você? — Será que Iqbal molestara a irmã quando a menina era pequena? Parecia inimaginável, mas Nishta descobrira que essa era uma história bastante comum, a de primos, irmãos, pais molestarem garotinhas, tocá-las e coisas piores. — Ele machucou você? — indagou, hesitante. — Tocou você de maneira imprópria?

Mumtaz pareceu confusa por um momento e, em seguida, quando entendeu o significado das perguntas da cunhada soltou uma gargalhada de espanto.

— Santo Deus, não! Nada disso. Meu Deus, Iqbal sempre foi extremamente protetor comigo quando éramos jovens — respondeu, calando-se depois. Quando ergueu a cabeça, os olhos estavam vermelhos. — Fui molestada, *didi,* mas não por ele.

Nishta deixou escapar um grito de indignação e, ao ouvi-lo, a mulher mais moça enxugou depressa as lágrimas e se obrigou a adotar um tom alegre.

— Esqueça. Isso é passado. E hoje é um dia feliz. Não precisamos dessa conversa triste.

— Tenho de saber — insistiu Nishta, mas Mumtaz a interrompeu.

— Numa outra vez. Depois que você voltar, conto a história toda — atalhou, pondo-se de pé num salto. — Agora, chega. Vamos pegar Zenobia na aula.

* * *

Kavita olhou para a mãe com isenção, tentando descobrir se a repentina doença era real ou mais um episódio da habitual hipocondria da idosa. Lembrou-se que na última vez que saíra da cidade — não propriamente da cidade; apenas dissera à mãe que passaria três dias com Ingrid no hotel Taj — os mesmos sintomas nebulosos haviam surgido.

— Vá terminar suas malas, *beti* — coaxou a mãe. — Estou bem.

— Dá para me descrever o que está sentindo? — indagou, mais uma vez, Kavita.

— Só estou trêmula — respondeu a outra.

Trêmula. Tonta. Mole como geleia. Do avesso. Como se o cérebro tivesse virado iogurte. Essa era a terminologia médica que a mãe habitualmente usava para descrever as próprias mazelas, fazendo a filha subir pelas paredes.

Kavita se levantou da cadeira junto à cama da mãe e foi até a cozinha, onde Rekha preparava pães *chapatis*.

— Vá lá ficar com ela um pouquinho — pediu à empregada e se dirigiu ao próprio quarto, onde ligou para o irmão, Rohit.

— O que foi? — indagou Rohit.

— É a mamãe. Não sei dizer se ela está de fato doente ou não. E vou sair para o aeroporto daqui a uma hora. Você pode vir até aqui?

— Ela só está nervosa porque você vai viajar — respondeu Rohit naquele tom de júbilo que deixava Kavita enfurecida.

— Parabéns pelo seu diploma de medicina. Sem falar nos seus poderes mediúnicos.

— Muito engraçado — disse ele, como sempre, de forma ab-rupta.

— Você pode ou não vir até aqui?

— Agora não. Estou ocupado.

Kavita se obrigou a manter a calma.

— Rohit — disse ela, pensando pela enésima vez em como o irmão era imprestável. — A mamãe pode estar doente. E eu vou viajar. Ela vai ficar sozinha com Rekha. Dá para você fingir que se importa?

Rohit bufou, exasperado.

— É o seguinte: vou ao clube às oito. Passo aí no caminho, combinado?

Era o melhor acordo que ela conseguiria no momento.

— Promete?

— Sim.

A frieza dele doeu mais do que deveria.

— Tudo bem — disse ela, tentando controlar o perigoso tremor na voz. — Obrigada. A gente se vê.

— Olha, Ka — interveio Rohit. — Trate de se cuidar, viu?

A gratidão exagerada pela observação casual do irmão a fez perceber o

tamanho do estresse sob o qual se encontrava, o nervosismo com a viagem que se aproximava. Consultou o relógio. Será que havia tempo para um telefonema rápido para Ingrid?

— Obrigada — disse ao irmão. — Cuide-se você também. A gente se vê daqui a alguns dias.

A mãe havia se levantado da cama e estava agora deitada no sofá da sala.

— Ela teimou — explicou Rekha. — Disse que queria mais claridade.

Kavita assentiu.

— Está melhor, mãe?

A velha gemeu em resposta.

— A hora da minha morte se aproxima, *beta*. Não passo de um fardo para você.

Rekha e Kavita trocaram um sorrisinho rápido. Ouviam a mesma declaração toda vez que a idosa não se sentia bem. Kavita remexeu no bolso do jeans e pescou algumas notas amassadas de cem rupias.

— Tome — disse à empregada. — Caso você precise chamar o dr. Shah ou comprar algum remédio.

A mãe se sentou de um pulo no sofá.

— O que está fazendo? Distribuindo dinheiro como se fosse doce? — gritou. Inclinou-se para a frente para arrancar o dinheiro da mão de Rekha. — Botando caraminholas na cabeça da garota — resmungou para si mesma. — Estragando a menina. Falta de juízo.

Desabou, então, de novo no sofá com uma pose dramática, ainda segurando o dinheiro na mão.

Kavita notou que o pequeno exercício devolvera cor ao rosto da mãe.

— Desculpe — murmurou para Rekha, quando a empregada saiu da sala. — Venha falar comigo antes que eu saia. — Postou-se à porta e tornou a olhar para a mulher reclinada no sofá. — Seu primogênito vai passar aqui para uma visita à noitinha — avisou.

A mãe ergueu um pouco a cabeça.

— Ele vai trazer aquela esposa abominável?

— Não tenho certeza, mas o Príncipe Encantado concordou em lhe fazer uma visita. É uma boa notícia, não?

A mãe lançou um olhar ferino para a filha:

— A culpa não é dele. Aquela mulher o envenenou...

Kavita balançou a cabeça.

— Ah, mãe, chega. — Já ouvira o mesmo discurso milhares de vezes.

Ainda balançava a cabeça quando entrou no quarto. Cogitou pesar mais uma vez as malas, mas ela e Rekha já haviam feito isso duas vezes na véspera. Tinha terminado de arrumá-la por volta das nove horas da noite anterior, o conteúdo acomodado com a mesma precisão e limpeza que se vê

numa planta de arquitetura. Agora nada mais restava fazer senão esperar pelo telefonema que lhe avisaria que Laleh e Adish estavam lá embaixo, esperando para levá-la ao aeroporto.

* * *

Armaiti notou que os olhos de Devdas se arregalaram quando ela entrou, de cadeira de rodas, em sua mercearia. Não pisava ali desde o diagnóstico, deu-se conta. O coração se apertou ante a ideia de explicar seu estado de saúde ao proprietário alegre e falastrão do empório India Food.

— *Arre*, Armaitiji, *kya hua*? — perguntou o sujeito de meia-idade, franzindo a testa morena, preocupado. — Foi acidente?

Armaiti lançou um olhar de alerta para Diane, antes de se virar para o dono da loja com um sorriso.

— É que não estou me sentindo muito bem — respondeu, evasiva.

— *Arre, Ram*. Espero que não seja nada sério.

Estava prestes a abrir a boca para tranquilizá-lo quando ouviu Diane dizer:

— Não, não é nada sério, só câncer.

Armaiti se virou devagar para encarar a filha — agora qualquer movimento súbito a deixava tonta — e viu Diane lhe devolver o olhar de forma desafiadora. Por favor, não faça uma cena, implorou em silêncio com os olhos. Mesmo mantendo muito poucos laços com a Índia, alguma noção remota de decoro a fazia calar-se na presença de pessoas da terra natal, sobretudo quando se tratava de indianos que a olhavam de cenho franzido e expressão indagadora, como estava acontecendo com o sr. Devdas naquele preciso momento.

— Câncer? — exclamou Devdas, encolhendo-se sem querer. — Não, não, não. Impossível. Não uma pessoa tão doce e generosa como a senhora.

Armaiti deixou escapar um gemido surdo de frustração, audível apenas para Diane, que arrancou a lista de compras da mão da mãe.

— Vou pegar tudo isso aqui, mãe — disse Diane, apressada, e Armaiti percebeu que a filha estava evitando olhá-la nos olhos.

Armaiti passou dez minutos torturantes ouvindo Devdas lhe contar uma história atrás da outra de pessoas que ele conhecia — de que ouvira falar, na verdade, conforme ele mesmo retificou — que haviam vencido o câncer. O dono da loja também sugeriu uma infinidade de tratamentos: urinoterapia; uma mistura de leite de cabra com seis dentes de alho; uma pasta de açafrão-da-índia, tamarindo e pó de tijolo; um óleo de massagem feito de carne de tigre. Isso mesmo, carne de tigre, repetiu com ar experiente, como se fosse uma mercadoria banal vendida em sua loja. Ou, se a madame

estivesse interessada, ele podia ligar para o primo do tio, um curandeiro famoso em Milwaukee. A cura pela fé era muito poderosa, como Armaiti já devia ter ouvido falar. Armaiti sentiu a vida se esvair enquanto continuava sentada em sua cadeira de rodas, incapaz de escapar do sujeito. Um freguês entrou na loja, pegou alguns petiscos indianos e esperou no caixa para pagar, mas Devdas o ignorou. Armaiti apontou para o cliente à sua espera, mas em vão — Devdas gesticulava com veemência, cada vez mais agitado e persistente, a ruga na testa cada vez mais profunda. Atacou os perigos da quimioterapia — Armaiti não teve ânimo, vontade nem energia para lhe dizer que não estava se tratando com quimioterapia —, os perigos das vacinas, dos antibióticos e da medicina ocidental em geral e fez declarações veementes e duvidosas sobre a baixa incidência de câncer em países como a Índia, além de tentar extrair uma promessa de Armaiti no sentido de parar de imediato de comer milho, ervilhas e frango, ingredientes que, pelo jeito, corrompiam a aura do indivíduo e causavam câncer.

— Se a senhora tiver de comer carne, que seja de bode. Muito, muito segura.

Passados dez minutos dessa ladainha, ela concluiu que já ouvira o suficiente. Que se dane a cortesia, pensou. Sem dúvida, estar moribunda tinha suas vantagens, e uma delas era poder mandar às favas as boas maneiras. Deu meia-volta com a cadeira de rodas, deixando Devdas no meio de uma frase.

— Com licença — desculpou-se de forma brusca. — Preciso encontrar minha filha.

Localizou Diane ajoelhada, pegando latas de mangas fatiadas na prateleira mais baixa de uma das estantes de enlatados.

— Sinto muito — disse a filha, de antemão.

Armaiti não amoleceu.

— A gente conversa no carro — falou do jeito ríspido que usava sempre que se aborrecia. — Espero você lá fora. Use o cartão de crédito para pagar a conta.

Devdas insistiu em ajudar Diane a acomodar as compras no carro e depois observou com uma série de meneios de cabeça enquanto a moça ajudava a mãe a entrar. A pequenos intervalos, ele batia com a mão na testa, como se espantasse moscas invisíveis. Era ao mesmo tempo, Armaiti sabia, um gesto de descrença e uma expressão de solidariedade. De tal forma a coisa toda a irritou que ela nada respondeu quando Devdas gritou:

— Boa sorte, minha senhora!

— Que homem mais idiota! — comentou Diane, assim que as duas saíram do estacionamento. — Enquanto empacotava as compras, ele ficou o tempo todo tentando me sugerir tratamentos para você.

— É, eu ouvi tudo, graças a você. — Armaiti estava furiosa e não viu motivo para disfarçar sua raiva. Virando-se para Diane indagou: — Que diabos deu em você para fazer isso? Será que não cabe a mim contar a quem eu bem entender?

Diane engoliu em seco.

— Você tem razão. Sinto muito. Nem sei por que fui dizer aquilo. É só que... — disse ela, balançando, então, a cabeça. — Não, não vou inventar desculpas. Não sei por que fiz isso.

Armaiti sentiu a raiva ir embora, como um pássaro que alça voo do parapeito da janela.

— Tudo bem, deixa pra lá — disse ela, pondo a mão no joelho da filha. — Vamos parar no Aslaam para pegar o cordeiro? É no caminho. Assim, podemos chegar em casa e descansar um pouco antes de pôr mãos à obra.

Diane se virou, na mesma hora, para a mãe:

— Você está cansada?

Será que algum dia Diane tornaria a falar com ela sem aquele tom ansioso na voz? Provavelmente não. Essa era só mais uma das coisas que perdera ao longo de todo o processo: a espontaneidade nas conversas com a filha. Quanta diferença faz saber — *saber* de fato — que a vida é finita.

— Um pouquinho, meu bem. Nada que um bom cochilo não resolva.

* * *

— Merda. A gente vai se atrasar para pegar Kavita — disse Adish. — Não contava com essa droga de cortejo de casamento para engarrafar o trânsito.

— Bem que a mamãe falou para você não parar na loja de doces — comentou, com languidez, Farhad.

Adish olhou para o filho.

— *Chup re, chumcha*. Lembre-se de que vai ter de me aturar sozinho durante três semanas.

— Como se eu não soubesse! — retrucou Farhad fazendo Adish e Laleh darem uma gargalhada ao ouvir o tom resignado.

— Não é um castigo morar com seu pai, sabia, filhote? — disse Laleh enquanto o carro andava em marcha lenta.

Farhad esticou o corpo comprido no banco traseiro do utilitário.

— Ele é o maior tirano, *yaar* — queixou-se à mãe. — Fica de mau humor quando você não está.

Laleh sorriu para si mesma. Não era propriamente um problema o filho ter consciência do quanto os pais sentiam falta um do outro quando não estavam juntos.

— Vou ficar fora por pouco tempo — argumentou ela.

— Muito bem — disse Adish ao filho, quando entraram na rua do prédio em que Kavita morava. — Você desce quando chegarmos lá e ajuda tia Kavita com a bagagem, combinado? Acha que dá conta de todas as malas?

— Por que você não vem comigo?

Adish fingiu se ofender.

— E para que eu pago a sua academia, afinal, seu inútil? — Passando pelo portão, manobrou o carro para estacionar numa vaga. — Agora, vá.

— *Janu*, tome cuidado com o jeito como fala com ele — disse Laleh com carinho, depois que o filho desceu do carro. — Às vezes você é um tanto rude.

Adish olhou para ela com expressão magoada.

— Lal, por favor. Isso é entre nós, homens. Sei como lidar com esse garoto. Me dê um certo crédito. — Fez uma pausa antes de prosseguir. — Além disso, aquele safadinho sabe o quanto significa para mim. Sabe que eu daria a vida por ele.

Laleh sentiu uma ternura imensa lhe perfurar o coração. Ela e Adish haviam construído algo juntos. Não um admirável mundo novo, talvez, mas... Um mundo. Uma vida. Uma família.

— Obrigada — disse.

— Por quê? — quis saber Adish.

— Por tudo. Por me aguentar. Por entrar na minha vida.

Ele a puxou para si e a envolveu num abraço apertado.

— Trate de voltar para mim sã e salva — ordenou, sentido.

* * *

As duas haviam apanhado Zenobia na aula e deixado a garota no apartamento da avó uma hora atrás. Agora, Nishta aguardava no próprio apartamento a volta de Mumtaz que tinha subido para se despedir de Ammi.

Havia mais uma coisa a fazer antes de deixar para sempre aquele lugar. Nishta pegou o celular de Mumtaz e digitou o número que jamais esquecera, o número que, pelo que sabia, não havia mudado desde a sua infância. Por favor, mãe, atenda, rezou. Que ela atenda, Senhor.

— Alô — respondeu uma voz masculina, idosa, hesitante, mas sem dúvida a do pai. A mão de Nishta tremeu. A mente se esvaziou. Não considerara a hipótese de o pai atender o telefone. Será que continuaria na linha tempo suficiente para ouvir que a filha estava de partida da Índia? Será que daria a notícia à esposa? Ou quem sabe, tomara Deus, cedesse e a deixasse falar, uma última vez, com a mãe?

A voz, mais impaciente agora, repetiu:

— Alô?

— Pai.

O silêncio do outro lado da linha ficou diferente, mais pesado, mais denso. Então, antes que seu coração de filha pudesse desanimar ou se encher de júbilo ante o fato de o pai permanecer na linha, Nishta olhou para o celular e viu que a ligação se encerrara. O pai tinha desligado na cara dela.

Por um segundo o ódio foi tão absoluto que a cegou. Velho orgulhoso, preconceituoso de modo abominável. Monstro. Mantê-la afastada da própria mãe, onde já se viu? E então o ódio amainou e se transformou na costumeira aceitação, num perdão contrariado. Os pais, no fim, estavam certos, não é mesmo? O casamento com Iqbal fora uma má ideia.

Ela escreveria para a mãe dos Estados Unidos. Contaria tudo. Pediria perdão — e se ofereceria para perdoar também. Muito provavelmente a mãe devolveria a carta sem ler, como quase sempre fazia. Mas talvez a abrisse ao ver o carimbo estrangeiro.

A fim de distrair a mente do que acabara de acontecer, Nishta pegou o bilhete deixado na mesinha em frente ao sofá e o segurou nas mãos inquietas. Por um instante sentiu a tentação de abrir o envelope e relê-lo, reler o bilhete que escrevera com pressa pela manhã. Havia feito isso por delicadeza, para poupar o marido da angústia de não saber, da busca cega, sem alvo, pela esposa desaparecida. Agora, porém, se perguntava se teria revelado demais, dado pistas demais. Balançou a cabeça. Quando Iqbal lesse o bilhete, ela já estaria no avião. Mumtaz tinha razão — a preocupação se tornara um vício.

Encostou o envelope no pote marrom e roeu as unhas, erguendo os olhos para o relógio. Um instante depois, levantou-se de um salto do sofá e ligou para o celular de Adish, que atendeu de imediato.

— Estaremos aí em quinze minutos — disse ele. — Dá tempo para você?

— Estou pronta — respondeu Nishta, torcendo para que Mumtaz descesse logo.

— Não faz mal se você se atrasar um pouquinho — acrescentou Adish. — Eu dou uma volta no quarteirão. *Chalo*, até já.

— Até já — repetiu ela, e só o som dessas palavras banais a fez sentir-se melhor, tornou real o que estava prestes a acontecer.

Imaginara que seria tomada de assalto por uma batelada de emoções — tristeza, culpa, arrependimento — quando estivesse pronta para partir, mas tudo que sentia era uma expectativa nervosa. Tudo que queria agora era pôr em ação o plano simples bolado por Mumtaz: entrar sem ser vista no carro dirigido por Adish. Percebeu que exaurira todas as outras emoções que esperava sentir. A dor que antecipara ante a iminência de um passo tão decisivo havia sido desgastada, dissipando-se sob o peso das muitas humilhações que Iqbal a fizera sofrer. Agora restava apenas a ansiedade

angustiante de escapar à vigilância perpétua da sogra e completar o percurso até o aeroporto com tranquilidade e a expectativa de se ver abrigada em segurança dentro de um avião, amarrada ao assento, ladeada pelas melhores amigas.

Ouviu a porta se abrir e Mumtaz entrar.

— Tudo pronto — disse, sorrindo, a cunhada. — Zenobia está fazendo o dever de casa. Mamãe está tomando seu chá na varanda — informou, tirando a burca cor-de-rosa enquanto falava. — Eles ligaram?

— Há cinco minutos. Estão chegando.

— Ótimo. — Jogou a burca para Nishta. — Vista.

Enquanto se dirigia para o quarto, ela ouviu Mumtaz dizer:

— Tive mais uma ideia. Não podemos correr riscos. Você sabe como mamãe enxerga bem quando a gente não quer que ela veja alguma coisa.

— Que ideia?

— Vamos trocar de bolsa. Assim, Ammi não vai notar nenhuma diferença.

Nishta engoliu a breve pontada de tristeza por se desfazer da bolsa que era sua há mais de vinte anos. Iqbal a comprara numa loja em Colaba.

— Está bem — concordou.

Olhou-se depressa no espelho e então, balançando a cabeça em reprovação a essa vaidade tão ridícula, cobriu-se com a burca cor-de-rosa.

O conteúdo da bolsa de Mumtaz estava empilhado na mesinha em frente ao sofá quando ela voltou para a sala.

— Eu arrumo depois. Depois que você for embora — argumentou Mumtaz. — Mas confira se está tudo aí com você. Passaporte, dinheiro.

— Está tudo aqui — respondeu Nishta, devagar.

Agora que era chegado o momento da partida, seus movimentos pareciam lentos e pesados. Postou-se diante de Mumtaz, registrando o rosto amado que tanto lembrava o de Iqbal, enquanto o cérebro lutava para descobrir como dizer adeus à mulher na sua frente, que tanto se arriscara, por motivos que ela ainda não entendia direito. Como dizer adeus a este apartamento atulhado, sombrio, que desprezou desde o primeiro dia, mas que continuava a ser uma das poucas coisas no mundo que lhe pertenciam? Como dispensar a vida com Iqbal? Como dar adeus à lembrança daquele jovem casal que um dia acreditou que as forças que destruíam milhões de outros — a religião, a oposição paterna, as questões financeiras — não o destruiriam?

— *Bhabi*, está na hora de você ir — insistiu Mumtaz, dando um leve empurrãozinho na cunhada. — Eles devem estar esperando.

— Você vai ficar bem, não vai? Promete que vai embora antes de Iqbal chegar?

— Pela milionésima vez, prometo. — Mumtaz abriu um sorriso repentino. — Quem sabe se, depois que você voltar, a gente não conta a história toda a ele? Sobre como ajudei você e tudo mais?

— Não — objetou Nishta com veemência. — Você tem que me prometer jamais contar a Iqbal o seu papel nisso tudo. Haja o que houver. Se ele perguntar sobre o passaporte, fale que eu disse que precisava dele para abrir uma conta ou algo do gênero. Dê a entender que eu traí sua confiança também. Que pedi, como quem não quer nada, para você procurá-lo no cofre de Ammi quando foi pegar suas joias.

— Tudo bem, Zoha, relaxe...

— Mumtaz, isto não é uma brincadeira. Prometa para mim.

— Meu Deus, quanta seriedade. Está bem, prometo. Satisfeita, agora? — Mumtaz deu um passo na direção de Nishta e lhe acariciou o rosto. — Aproveite a sua temporada com as amigas, viu? E volte sã e salva para casa.

Ainda bem que ela fechara com cola o envelope antes de botá-lo na mesinha de manhã, pensou Nishta. Pegou a mão de Mumtaz entre as suas e a beijou antes de levá-la aos olhos.

— *Khuda Hafiz* — disse.

— *Khuda Hafiz, bhabi*. Deus a acompanhe. *Bon voyage*. E não se esqueça da minha calça jeans.

Nishta pegou a bolsa de Mumtaz e cobriu o rosto com o capuz da burca. Saiu para o corredor escuro e depois, com destreza, desceu as escadas tão conhecidas, pulando, com cuidado, o degrau quebrado no final. Saiu do prédio e chegou à rua. Já começara o rush das compras de fim do dia, e donas de casa e funcionários de escritório se apressavam para arrematar os produtos remanescentes que usariam no jantar. Não se virou para acenar para Ammi como costumava fazer. Lembrou-se de empertigar o corpo e tentou imitar o andar lépido de Mumtaz e balançar a bolsa casualmente como fizera a cunhada mais cedo. Resistiu com bravura ao impulso de olhar para trás a fim de ver se a sogra a observava da varanda. Por favor, não deixe que Ammi me reconheça, rezou.

Chegou ao fim da rua e, prestes a virar a esquina e pegar a rua principal, se virou para dar adeus à sua vida antiga. Era seguro a essa distância, sabia — até mesmo a visão da sogra já estava fraca demais para notar a diferença entre a filha e a nora.

Nishta virou a esquina e se sentiu livre.

* * *

O grupo percorreu cerca de dois quilômetros em silêncio, com Nishta ensanduichada entre Farhad e Kavita. Foi quando Farhad comentou:

— Nunca me sentei ao lado de uma senhora de burca. — Adish caiu na gargalhada, e os demais lhe fizeram coro até que Farhad, enfim, pareceu desconfortável e emendou: — O que foi? Não teve *tanta* graça assim.

Nishta baixou o capuz da burca e se virou para Farhad para que ele pudesse vê-la pela primeira vez.

— Não tem nada a ver com você, meu doce — explicou. — Não estamos rindo de você. — Estendeu a mão e pegou a dele. — Estou tão contente de enfim conhecer o filho de Laleh!

Adish pigarreou:

— Ah, espere um pouco. Também tive uma pequena participação na origem do menino maravilha.

— Ele tem razão — atalhou, prontamente, Laleh. — Adish teve uma *pequena* participação.

Então, sem mais nem menos, os anos passados se evaporaram e os quatro voltaram aos velhos tempos de brincadeiras, de implicâncias, da algazarra de falarem todos ao mesmo tempo, em alto e bom som, de risadas gostosas e espontâneas.

Farhad olhava de um para outro, com olhos esbugalhados.

— Vocês são todos malucos, *yaar* — comentou, afinal, balançando a cabeça. — Ainda bem que não os conheci quando estavam na faculdade. Deviam botar fogo nela.

— Espere aqui — disse Iqbal ao motorista do táxi quando o carro parou em frente ao seu prédio. — Volto em menos de cinco minutos. Só preciso trocar esta roupa — acrescentou, apontando para a calça branca, rasgada e suja na altura do joelho.

O joelho direito já começava a doer quando ele subiu os quatro lances de escada. Se, pelo menos, tivesse tido tempo para perseguir os universitários safados que o empurraram na plataforma da estação quando o trem estava parando... Interviera em defesa de uma jovem católica que os garotos haviam importunado durante a viagem, e essa foi a vingança pueril do grupo — empurrá-lo quando, junto à porta aberta do trem, ele se preparava para desembarcar. Iqbal aparou a queda com as mãos espalmadas, mas não conseguiu evitar bater com o joelho direito no chão. Ouviu a calça de algodão fino se rasgar no atrito com o concreto. Quase na mesma hora se pôs de pé e viu o rosto risonho do baderneiro-mor se misturar à multidão. Já estava prestes a sair em seu encalço quando se lembrou: a reunião de hoje não era um simples encontro semanal. O imã da mesquita principal iria agraciá-los com sua presença, Alá seja louvado, e ele não podia se dar ao luxo de chegar atrasado.

Em geral percorria a pé os seiscentos metros de distância entre a estação e a mesquita, mas, vendo o rasgão na calça, fez um cálculo rápido: se pulasse dentro de um táxi, teria tempo para passar em casa, trocar de roupa e ainda chegar na hora certa à mesquita.

Tentou consultar o relógio à luz mortiça do corredor. Talvez pudesse gastar uns minutinhos para que Zoha passasse um pouco de iodo no ferimento. Quando tirou a chave do bolso, sorriu para Murzi, o filhinho dos vizinhos, que disparava pelo corredor em seu triciclo.

— *Salaam*, tio Iqbal — gritou o garoto, desaparecendo antes que Iqbal pudesse responder, as perninhas gorduchas pedalando a toda velocidade. Sorrindo para si mesmo, Iqbal enfiou a chave na fechadura, girou-a e entrou no apartamento.

A primeira coisa que notou foi que a sala estava às escuras. Franziu o cenho, intrigado. Zoha teria saído? Estaria no apartamento de Ammi? Foi quando viu a luz na cozinha e se dirigiu até lá. Prestes a afastar a cortina que separava a sala da cozinha, quase esbarrou em alguém que saía com pressa.

— Zoha — exclamou, sobressaltado, com medo de ter assustado a esposa chegando cedo em casa. Tornou a exclamar, igualmente espantado, quando

reconheceu Mumtaz.

— Mana? Qual é o problema? Onde está Zoha?

Viu, então, confuso, o rosto de Mumtaz se crispar. Uma sensação gélida tomou seu corpo de assalto.

— Zoha está doente? — perguntou.

Que outra coisa poderia explicar a presença de Mumtaz em sua casa a essa hora?

Mumtaz o encarou com uma expressão de incompreensão, como se ele falasse uma língua estrangeira. Cada vez mais temeroso, Iqbal resistiu à tentação de sacudir a irmã.

— Choti, qual é o problema? Por que você está aqui? — indagou.

Foi quando sua mente registrou o que os olhos já haviam visto desde o início: Mumtaz estava usando uma burca. A burca azul de Zoha, para ser exato. Uma gotícula de suspeita faiscou na cabeça de Iqbal. A mão, automaticamente, procurou o interruptor na parede da sala e ele acendeu a luz. Com a claridade, foi capaz, então, de ver que o que interpretara como incompreensão no rosto da irmã era outra coisa: Mumtaz parecia apavorada, e encurralada, e... culpada. Seus olhos escuros passearam pela sala, enquanto fazia movimentos sutis, quase imperceptíveis, para se libertar dele.

O medo no peito de Iqbal foi tão repentino e opressor que a impressão era de que um animal pesado botara as patas dianteiras em seu peito, sufocando-o, dificultando-lhe a respiração. Varreu com os olhos a sala pequena, buscando mais provas da ausência de Zoha, mas o que viu foi o ofuscante envelope branco apoiado de encontro ao pote marrom na mesinha em frente ao sofá. Olhou de Mumtaz para o envelope e percebeu que a irmã o vira reparar nele. Abriu a boca, mas nenhum som saiu, embora Mumtaz se encolhesse, como se ele tivesse falado. Sentiu o medo crescer mais ainda, subindo qual fumaça quente do estômago para o peito. Estendendo a mão, como se quisesse manter Mumtaz no mesmo lugar, a palma virada para ela, Iqbal recuou, os olhos ainda fixos na irmã, até esbarrar com o tornozelo na mesa. Virou-se um pouco, então, e pegou o envelope.

Já quase o abrira com o indicador, quando ouviu Mumtaz dizer numa voz sem inflexão que o deixou arrepiado:

— Ela se foi. Você não pode fazer nada para impedi-la.

— Foi aonde? — perguntou ele, mas a essa altura já estava lendo o bilhete curto que Zoha lhe deixara, explicando a necessidade que tinha de ver Armaiti uma vez mais, acusando-o de destruir algo que um dia havia sido precioso e vibrante, dizendo que sempre o amaria, mas não sabia quando o veria de novo.

Iqbal ergueu os olhos injetados, sentindo-se órfão, viúvo e estéril ao

mesmo tempo. Um músculo pequeníssimo latejou dolorosamente em sua face esquerda. Jamais se sentira tão sozinho ou nu ou desolado. A despeito dos confrontos desagradáveis que vez ou outra brotavam entre ele e Zoha, Iqbal jamais duvidara do amor de um pelo outro, sempre teve certeza de que as vidas de ambos permaneceriam entrelaçadas como velhas árvores que crescem juntas e se enroscam ao longo do tempo. Quantas vezes lhe veio à cabeça a letra daquela canção antiga — *Zindagi kuch bhi nahi, teri meri kahani hai* —, que supunha dizer respeito a ele e sua Zoha. A vida não passa da história da sua vida com a história da minha. E agora segurava um bilhete que lhe informava que deveria viver o restante da própria história sozinho. Não haveria como saber aonde a história dela a levaria, que novos personagens estariam presentes, quão longo seria cada capítulo e se ele acabaria passando de herói a vilão. Porque Zoha o abandonara. Zoha, a quem ele amou desde o primeiro dia em que se viram, que lhe cassou a possibilidade de alguma vez olhar de verdade para outra mulher, por causa de quem ele partira o coração da mãe, como se fosse um lápis barato, e em nome de quem tolerara milhares de insultos tão cortantes quanto arame farpado — *essa* Zoha o deixara.

E Mumtaz a tinha ajudado. Disso ele tinha certeza. Mumtaz, sua parente de sangue, a irmãzinha frágil para quem ele costumava cantar nas noites abafadas quando ela não conseguia adormecer por causa das cólicas, a garotinha para quem ele comprou o primeiro estojo de lápis de cor, a adolescente que ele se esforçava para ajudar com os deveres de geometria e ciências, a jovem maculada cuja vida e reputação ele salvou ao casá-la com um homem rico e poderoso, essa Mumtaz, esse sangue envenenado, essa cobra, afastara Zoha dele. As duas mulheres que ele amou acima de qualquer coisa — sim, mais até, que Alá o perdoasse, mais até do que sua própria Ammi — haviam conspirado para destruir seu lar, seu *izzat*, seu sobrenome, haviam esfregado a vergonha, como fezes, em sua cara.

Ouviu um som estranho na sala e ergueu os olhos, sobressaltado. Viu, então, os olhos da irmã arregalados de medo e se deu conta de que o som vinha dele mesmo, que estava rosnando, mostrando os dentes como um cão raivoso. Viu que estava amedrontando Mumtaz, mas o rosnado só fez crescer e ele sentiu os pés o levarem para o outro lado da sala e, então, viu duas mãos pesadas pousarem nos ombros de Mumtaz e as reconheceu como suas. Começou a sacudir a irmã e ficou tenso à espera de um grito. Passado um momento, percebeu que a irmã não iria gritar. Em lugar disso, um filete de saliva lhe escorreu pelo lado da boca, e ela disse:

— Vamos, me bata. Você não poupou sua *biwi*. Por que haveria de me poupar?

Inexplicavelmente, os olhos dele se encheram de lágrimas, e Iqbal piscou,

sentindo o surto de loucura abandonar seu corpo, enquanto voltava a ser humano. Arrancou as mãos dos ombros de Mumtaz, como se as tivesse pousado nas bocas de um fogão.

— Como se atreve a dizer isso? Eu amo Zoha. O que você...

Percebeu que estava prestes a chorar, humilhado pelas palavras de Mumtaz, pela forma como ela esperava ser estapeada por ele.

Os olhos da irmã estavam frios como aço.

— Você tem um jeito engraçado de demonstrar seu amor pelas mulheres, *bhaijan*. Bater na esposa, casar a irmã contra a vontade dela. Onde é que isso vai parar?

Iqbal sentiu o rosto enrubescer.

— Que história é essa? Vingança? Depois de tantos anos?

Mumtaz abriu a boca para responder, mas ele balançou a cabeça, reparando no relógio atrás dela. Tempo. Talvez ainda houvesse tempo. Sabia que um táxi o esperava lá embaixo — se o safado do motorista não tivesse dado no pé.

— Quando foi que ela saiu? — perguntou. — Há quanto tempo?

Mumtaz o olhou nos olhos.

— Tarde demais, Iqbal. Provavelmente já estão todos no aeroporto. Deixe que ela vá. A amiga dela está morrendo. São só três semanas, pelo amor de Deus. Você aguenta. Eu lhe trago comida caseira todos os dias.

Ele a encarou, querendo acreditar no que ouvia, mas depois tornou a olhar para o bilhete que tinha nas mãos.

— Então por que ela diz aqui que não sabe quando vai voltar?

Iqbal viu o rosto de Mumtaz empalidecer.

— O quê?

— Aqui — gritou ele, batendo no papel com o dedo. — "Vou amar você para sempre, mas não sei quando voltarei a vê-lo".

Os olhos de Mumtaz perderam o foco, confusos.

— Eu... Eu não... Ela disse que ia voltar. Dei a ela...

A confusão de Mumtaz o assustou mais do que o desafio de alguns segundos atrás. Zoha estava deixando a Índia. Talvez para sempre. Sentiu um tremor começar em suas pernas e lhe subir pelo corpo. Esforçou-se para se concentrar, para pensar, para calcular o tempo que levaria para chegar ao aeroporto àquela hora. A mente descarrilou dos trilhos, arrastou-o para um futuro estéril e sombrio impossível de imaginar, recuou para um passado que lhe pareceu cheio de fracassos e oportunidades perdidas, até chegar, enfim, a uma decisão repentina. Precisava impedir Zoha de partir. Precisava encontrá-la antes que ela lhe escapasse para sempre. Precisava fazer fosse o que fosse para trazê-la de volta.

— Me dê seu celular — disse a Mumtaz.

— O quê?

Agarrou, com rudeza, a irmã pelo braço e a arrastou até a porta.

— Me dê seu celular.

— Iqbal, pelo amor de Deus...

Arrancou-lhe a bolsa com um safanão — a bolsa de Zoha, a bolsa que comprara para ela numa loja em Colaba, anos antes — e a remexeu. Pôs no bolso o celular e depois abriu a porta.

— Você vai ficar com Ammi até eu voltar — rosnou.

— Hussein está me esperando, Iqbal. Não seja louco. Ele vai ficar preocupado.

Mas os dois já estavam no corredor, e os dedos de Iqbal apertavam o braço da irmã.

— Você devia ter pensado nisso antes. Antes de meter seu bedelho imundo na minha vida.

— Não fazia ideia do que Zoha estava planejando, Iqbal. *Allah ki kasaam*. Juro por Deus.

Iqbal se retesou.

— Não use o nome de Alá. Não gosto de ouvir seu santo nome na sua boca suja.

Alguns minutos depois, Iqbal já descia correndo os cinco lances de escada. O joelho continuava a latejar, mas ele mal notou o fato. Só conseguia pensar no olhar espantado da sobrinha e da mãe quando irrompeu casa adentro e trancou Mumtaz no quarto de Ammi. Dera um beijo apressado na testa da mãe, dizendo:

— Mais tarde eu explico, mas, por mais que ela grite, não a deixe sair do quarto, entendido?

Já estava no corredor antes que a velha tivesse tempo para aquiescer.

E agora corria para sair do prédio e chegar à rua movimentada e barulhenta, enquanto os olhos procuravam, frenéticos, o táxi que deixara à sua espera. Seu coração gritava uma prece: por favor, que ele ainda esteja aqui.

Encontrou o motorista do táxi encostado ao carro, bocejando e se espreguiçando com tranquilidade.

— *Kya, sahib* — começou o homem. — O senhor disse que eram só dois minutos. Eu já estava começando a pensar que tivesse se mandado com o meu dinheiro.

Iqbal balançou a cabeça com impaciência.

— Grande mudança de planos — falou ao entrar no táxi. — Vamos para o aeroporto. *Bhaisahib*, imploro, dirija com a velocidade do vento. Minha vida está nas suas mãos.

Levaram vinte minutos para fazer o percurso da entrada do aeroporto até o terminal. A minivan cinza se arrastava pelas faixas estreitas de acesso, presa num gigantesco engarrafamento. Taxistas buzinavam sem qualquer motivo aparente, choferes em carros particulares baixavam as janelas e xingavam outros motoristas.

— Estão vendo? — disse Adish para ninguém em especial. — Foi por isso que quis sair com antecedência.

Quando, enfim, conseguiram chegar a seu destino, todos reagiram com espanto à cena com que se depararam. Ao que parece, a cidade inteira tinha ido parar no aeroporto. Milhares de pessoas se espremiam diante das barreiras de metal, mantidas afastadas por um punhado de guardas. Parecia o cenário de um show de rock. A maioria daqueles homens e mulheres estava ali apenas para embarcar seus parentes, mas o pandemônio atrapalhava o ir e vir dos próprios viajantes, que tentavam encontrar um jeito de entrar no prédio, jogando seus carrinhos de bagagem de encontro aos carrinhos dos que se interpunham em seu caminho. Ânimos se exaltavam, olhos faiscavam. Ninguém, pelo visto, sabia dizer se havia ou não uma fila ou se era mesmo a lei da selva a imperar.

— Então aí está a *amchi* Bombaim — comentou Laleh, num tom carregado de ironia. — "Índia Cintilante". A próxima potência global. E não sabemos sequer organizar a porra de um aeroporto. É uma piada.

— Você falou "porra", mãe — observou Farhad do jeito sonolento e deliberado que lhe era típico.

Adish venceu um carro menor na corrida para alcançar um espaço vazio junto ao meio-fio.

— Vá pegar alguns carrinhos — ordenou ao filho. — Não posso ficar parado aqui muito tempo. — Kavita saltou do carro atrás de Farhad. Adish também desceu, depois de resmungar, tenso, um "Esperem aqui!" para as duas outras passageiras.

Depois que pai e filho acomodaram as malas nos carrinhos, Adish jogou a chave do carro para Farhad.

— Vá estacionar — comandou. — Vou entrar com elas. Me espere junto à entrada, combinado? E, lembre-se, isso aqui vai demorar. Veja se não some.

Adish fez o possível para manter juntas as três mulheres e suas bagagens, conduzindo-as na direção da porta principal, onde um cartaz enorme avisava somente passageiros munidos de bilhetes. Em lugar de ficarem na fila, os quatro avançaram com a multidão, como se surfassem uma onda.

Enfim, chegou a vez de as mulheres mostrarem suas passagens para os guardas de expressão cansada postados na entrada.

— E o senhor? — indagou o mais jovem a Adish.

Adish tirou do bolso da camisa um bilhete datilografado.

— Passe VIP — informou ao guarda. — Da administração do aeroporto. — Mandara seu funcionário, de manhã, pegar o passe com o administrador, a quem conhecia desde que sua empresa fizera obras de reforma no aeroporto há alguns anos.

O guarda fez menção de examinar o bilhete, mas depois viu a muralha de gente fazendo força para entrar e desistiu. Com um gesto, autorizou a passagem de Adish.

— Ora, isso foi divertido — disse ele às três mulheres quando as alcançou. — Agora vamos fazer o *check-in*.

Viu que Nishta cobrira, de novo, a cabeça com o capuz. Boa ideia, pensou. Não há por que correr riscos. Apossou-se do carrinho que ela empurrava e sorriu.

— Eu empurro para você — falou. — Suponho que seja difícil enxergar com essa coisa na cara.

Acompanhou as três até o fim da fila do *check-in* e depois olhou para Laleh.

— Acho que é aqui que a gente se despede — murmurou. — Não creio que me deixem levar vocês até mais longe, mesmo com o passe.

Ela lhe pegou a mão.

— Você não precisa ir embora já, precisa? Pelo visto, essa fila vai levar uma eternidade para andar.

Ele sorriu para a esposa.

— Eu espero — concordou.

Laleh estava certa. Passados quarenta e cinco minutos ainda havia cinco pessoas na frente delas. Nishta começou a tossir, e a mão de Adish comichou com a vontade de arrancar aquele maldito véu e lhe descobrir a cabeça. Lembrou-se de sempre ter ouvido falar na grande incidência de casos de tuberculose em mulheres que usavam véus.

— Quer que eu pegue algo para você beber? — indagou. — Tem um quiosque logo ali.

— Uma Mangola — respondeu ela, engasgada.

— Volto num segundo.

Atravessou correndo o salão, os olhos examinando as pessoas por quem passava. Apenas a meio caminho do quiosque de refrigerantes deu-se conta do que estava fazendo: procurando Iqbal. Riu para si mesmo. Relaxe, pensou. Consultou o relógio. Provavelmente, Iqbal ainda não voltara da reunião dos conselheiros do templo. Quando chegasse em casa, tudo já teria

terminado. Adish sentiu o corpo relaxar e se livrar da tensão que até então lutava para controlar.

Foi nesse exato momento, quando se sentiu relaxar, que Adish viu Iqbal.

Não, não, não, não, não!, pensou Adish. Iqbal não! Não aqui. Não agora. Isso não pode estar acontecendo. Não depois de tanto esforço. Mas, enquanto a mente ainda se recuperava do choque da aparição inesperada e indesejada de Iqbal, Adish se pôs a calcular o impacto da sua presença. Se Iqbal conseguisse convencer alguém — o funcionário de uma empresa aérea ou algum guarda — de que a esposa estava prestes a deixar o país sem seu consentimento, que escapulira de casa como um ladrão, não dava para saber o que podia acontecer. Estavam na Índia, afinal, onde a acusação de infidelidade apresentada por um marido contra a esposa pesava um bocado. Bastava acrescentar alguma outra acusação — de que ela roubara, digamos, dinheiro da sogra — para selar o destino de Nishta. No mínimo, Iqbal seria capaz de retardar as coisas, fazer com que detivessem Nishta, atrasá-la até que acabasse perdendo o avião. O que significava que Laleh e Kavita encarariam uma decisão terrível: ficar ou partir. As duas ficariam divididas entre uma amiga e outra, ambas necessitadas e ambas, cada uma a seu jeito, à beira da morte. Não era justo obrigá-las a escolher. Sem falar no que isso faria à pobre Nishta.

Não. Não podia ser. Iqbal não devia estar ali. Além do mais, o que ele estava fazendo do lado de dentro do aeroporto, afinal? Como teria conseguido despistar os guardas para avançar além do cartaz de somente passageiros munidos de bilhetes? É verdade que ele mesmo dera um jeito de entrar, mas com um passe legítimo. Tinha permissão oficial para estar ali, ao contrário daquele pé-rapado vestido de branco correndo pelo aeroporto feito um doido, empurrando quem surgisse em seu caminho, quase cambaleando, tropeçando nos próprios pés em sua pressa de encontrar a esposa, driblando os carrinhos que vinham em sua direção, cada um contendo ao menos duas malas avantajadas. Adish se pôs a andar, driblando os obstáculos como fazia Iqbal, tentando se manter fora da linha de visão do outro, e, com isso, dançando uma espécie de balé com um par a meio salão de baile de distância. Percebeu como Iqbal estava desgrenhado, viu a calça suja de lama, o rosto sujo de terra, como se tivesse trombado com alguma coisa ou caído no caminho até o aeroporto. Ao registrar a expressão ansiosa, desesperada, de Iqbal, Adish lutou contra uma involuntária pontada de pena. Pena era um sentimento derrotista. Aprendera essa lição do jeito difícil no playground quando cursava a terceira série. Estava prestes a vencer o garoto mais rápido da sua classe numa corrida quando reparou o rosto manchado de lágrimas, sofrido, do menino ao passar correndo por ele. Nos segundos

remanescentes, Adish sentiu os pés reduzirem a marcha quando se deu conta de que a corrida significava muito mais para o colega do que jamais significaria para ele. Sentiu o outro passar voando por ele e, quando ergueu os olhos, lá estava o menino na linha de chegada, com um sorriso triunfante no rosto contorcido num êxtase cruel. Adish sentiu uma aguda sensação de arrependimento.

Viu, então, que o olhar frenético de Iqbal encontrara seu alvo. Do outro lado do salão imenso, Iqbal descobrira Laleh e Kavita e agora procurava a esposa. Um segundo depois ele a localizou. Por ter sido a primeira a despachar a bagagem, Nishta saíra da fila para ficar aguardando à margem, agarrada à passagem e ao passaporte, pronta para se dirigir à imigração assim que as outras duas se livrassem das malas.

— Zoha! — gritou Iqbal, mas seu chamado se perdeu no burburinho do terminal que fervilhava. Adish, a apenas alguns metros de distância, foi o único a ouvi-lo.

Adish se movia depressa agora, como se estivesse num campo de futebol, pronto para interceptar, enfrentar, empurrar ou usar qualquer outro recurso a fim de manter Iqbal longe do gol. Estava pronto para fazer uso do corpo, alto e potente, a fim de lhe bloquear o caminho, a fim de manter as três mulheres a salvo do seu olhar, para lhes dar os poucos minutos preciosos de que precisavam para finalizar o *check-in*. Porque, depois que desaparecessem além da imigração, Adish sabia que as três estariam fora de alcance, intocáveis. Bastavam mais três, quatro, cinco minutos.

— Ei! — exclamou Adish, surgindo por trás de uma coluna e se postando diante de Iqbal, de modo a não lhe deixar alternativa senão recuar para impedir uma trombada. Adish se deu conta de que ofegava um pouco e se obrigou a respirar fundo. — O que você está fazendo aqui?

— Seu mentiroso safado! Cuido de você depois — disse Iqbal com uma expressão de desprezo. Tentou driblar Adish, mas, de novo, teve o caminho bloqueado. — Saia da minha frente — disse com os dentes cerrados. — Não vou pedir outra vez.

Adish conseguiu afetar uma risada.

— E se eu não sair? O que vai fazer? — provocou. Tudo que lhe restava agora era ganhar tempo e distrair Iqbal, conseguindo para Nishta e as outras uns minutinhos preciosos.

Iqbal se virou para ele em fúria, os olhos brilhando de ódio.

— Você não vale nada — falou. — É um mentiroso. Um destruidor de lares. Virou minha mulher e minha irmã contra mim — completou, cuspindo depois nos pés de Adish.

Até aquele momento, a raiva de Adish havia sido fabricada, não passando de uma tática para ganhar tempo. Agora, porém, a acusação de ser um

destruidor de lares doeu, precisamente por mexer com a dúvida que ele tinha quanto aos próprios atos.

— Nunca mais faça isso — vociferou, entre dentes.

Iqbal esticou o pescoço para enxergar, por cima de Adish, o outro lado do saguão do aeroporto, o ponto onde estavam as mulheres.

— Saia da minha frente — repetiu, pondo as mãos no peito de Adish para empurrá-lo.

O mundo praticamente parou, transformando-se num filme em câmera lenta. Adish viu com clareza a cena: dois homens, um deles magricela, o outro corpulento, porém musculoso, sob a iluminação florescente de um grande terminal, confrontando um ao outro; um passageiro puxando uma mala preta de tampo duro e gritando para a esposa, retardatária, para se apressar; um grupo de adolescentes vestindo calças jeans fazia algazarra, esbarrando nos outros passageiros; um guarda de expressão cansada metido num uniforme cáqui desbotado perambulando pelo saguão batendo de leve, distraído, com o cassetete na coxa. Também o som parecia ter se tornado abafado, arrastado, distorcido como um disco tocado na rotação errada: o choro comprido de um bebê; o ruído metálico do andador empurrado por um idoso sobre o chão de ladrilho; o som da voz de Iqbal quando ele gritou "Zohaaaaa!". Lentamente, então, Adish virou a cabeça, ainda em câmera lenta, apanhado de surpresa nesse rio congelado chamado tempo, e viu quando Laleh, que continuava de pé junto ao balcão da companhia aérea, virou a cabeça para a esquerda e arregalou os olhos ao identificar Iqbal. Viu, depois, a esposa se voltar para as duas amigas e viu, também, as duas se virarem de um salto e Kavita erguer devagar a mão e apontar com o dedo, gesticulando na direção onde ele e Iqbal se achavam empenhados naquela dança estranha e arrastada.

A decisão era dele. Prometera a Laleh que levaria isso até o fim. E levaria isso até o fim. Se ao menos esse canalha idiota não tivesse aparecido no aeroporto! Como tinha sido despreocupada a viagem até o aeroporto depois que Nishta entrou no carro. O alívio que todos sentiram, o prazer meio eufórico, surreal, por verem aquele plano maluco afinal concretizado, de repente corria o risco de ruir por terra por causa desse bobalhão.

Iqbal estava dizendo alguma coisa enquanto empurrava o ombro de Adish, e este se obrigou a espantar a sensação de letargia que o assaltara.

— Você não tem como vencer — disse Iqbal. — Sabe por quê? Porque Alá, louvado seja, me guiou até aqui. Peguei a minha irmã traidora com a boca na botija.

— Você machucou Mumtaz? Se você fez isso, juro que...

Adish viu uma chama se acender no olhar de Iqbal.

— Agora vai querer me dizer como devo tratar a minha própria irmã,

chootia? — Uma leve borrifada de saliva acompanhou as palavras de Iqbal. — Prefiro acabar com a minha própria vida a fazer mal a Mumtaz — acrescentou, antes de fazer um gesto de dispensa. — Agora saia da frente.

De repente, Adish teve uma luz sobre como acabar com aquele impasse. Olhou com novos olhos para Iqbal, do jeito como um leão avalia a distância que o separa de sua presa. Nishta deixaria a Índia. Isso era certo. Ele podia destruir — e destruiria — Iqbal. Ainda assim hesitou. Porque o preço a pagar pela destruição de Iqbal era alto. E apenas Adish haveria de pagá-lo, não Laleh, não dessa vez. Ao dobrar os joelhos de Iqbal, estaria também rompendo o último e tênue elo com o próprio passado.

Seu olhar era frio quando fitou Iqbal.

— Vou lhe pedir uma única vez: saia daqui — disse com uma autoridade nova na voz.

Iqbal o encarou incrédulo.

— Sou eu que devo sair? Não, saia *você* da *minha* frente — ordenou, empurrando Adish com rudeza mais uma vez.

Adish estendeu de repente a mão e cobriu com ela a de Iqbal. Os dois ficaram nessa posição durante um segundo e depois, olhando Iqbal nos olhos, Adish gritou:

— Polícia! — A voz soou estranha até mesmo a seus ouvidos. — Socorro! Terrorista! Este homem está armado. Socorro! — repetiu, imobilizando com ambos os braços um Iqbal atônito.

— O quê? — conseguiu exclamar Iqbal. — Seu mentiroso...

Lutou para se desvencilhar de Adish, mas um homem corpulento usando um terno surgiu correndo para ajudar Adish. Uma mulher fugiu a toda, arrastando o filho pequeno, enquanto gritava e se afastava daquela comoção. Um homem idoso brandiu no ar uma bengala de madeira e gritou:

— Polícia! Onde está a maldita polícia?

Em seguida, um apito ensurdecedor se fez ouvir e dois guardas — e depois quatro, e depois seis — acudiram correndo. Derrubaram Iqbal no chão e lhe deram alguns chutes. Adish desviou o olhar enquanto Iqbal gemia. Percebeu, num relance, que Laleh seguia, correndo, pelo corredor, apressando as outras duas, que caminhavam à sua frente. Adish sentiu um alívio momentâneo e depois voltou sua atenção para a cena caótica que se desenrolava sob seus olhos. Em meio àquela balbúrdia, ouviu o celular tocar no bolso da camisa, mas ignorou o chamado. Ou era Laleh, tentando descobrir a causa do tumulto, ou Farhad, já impaciente com a sua demora.

O inspetor-chefe estava pondo Iqbal de pé, agarrando-o pela *kurta*.

— Então, *madarchot* — indagou, ofegante, o policial —, o que você tem aí? Um revólver?

— Não tenho nada — gritou Iqbal, recebendo em resposta um tapa no

rosto.

— Reviste-o — disse o inspetor a seu assistente.

Quando o inspetor recuou, Adish se empertigou o máximo que pôde e pôs a mão em seu ombro.

— *Sahib* inspetor — sussurrou num tom urgente. — Acho que houve um equívoco. Pensei que o assaltante estivesse com uma faca.

O rosto do inspetor ficou vermelho de raiva.

— Acusar falsamente é crime — disse com rispidez.

— Sinto muito, me enganei, sinceramente. — Estava prestes a dizer mais, porém, antes que pudesse abrir a boca, a voz de Iqbal chegou até eles.

— Esse safado sequestrou minha esposa. Ele é o criminoso, não eu.

Adish viu os olhos do inspetor se estreitarem e cerrou os dentes. Odiou Iqbal por tamanha teimosia.

— Esse homem acabou de me ameaçar — disse ele ao inspetor, ouvindo o tom teatral na própria voz. — Acho que uma noite na cadeia vai fazer bem a ele.

O inspetor o encarou com ceticismo:

— Sob que acusação?

Adish pensou com rapidez:

— Como foi que ele entrou aqui? Pergunte se ele tem autorização. Essa é uma enorme falha na segurança. — Pôs a mão no bolso e dele tirou o bilhete datilografado. — Já eu, eu vim embarcar minha mulher. Para os Estados Unidos. Tenho uma autorização especial do administrador do aeroporto para estar aqui. Ele é meu amigo pessoal.

Olhou dentro dos olhos encardidos e cruéis do inspetor e viu refletida neles a informação que estava transmitindo: sou um homem importante, influente, que pode providenciar sua transferência ou sua promoção, enquanto esse muçulmano anônimo de barba comprida é um joão-ninguém. O que não foi dito — moro num apartamento em Cuffe Parade que vale alguns milhões de rupias, enquanto você mora num cortiço; sou rico o bastante para dar propina, enquanto você é pobre o bastante para aceitá-la; meu filho um dia há de estudar na universidade que bem quiser em qualquer lugar do mundo, enquanto o seu vai ralar para se formar numa faculdade indiana medíocre; posso mudar o seu destino com um único telefonema, enquanto você pode passar a vida toda tentando mudá-lo — importava muito mais. Foi o inspetor quem desviou o olhar primeiro, e Adish soube que acertara na mosca.

Justo então, o assistente falou:

— Não encontrei arma alguma.

— Então por que estão detendo o homem? — indagou um sujeito quarentão, que assistira toda a cena, dirigindo-se ao grupo de policiais

reunidos em torno de Iqbal.

O inspetor se virou de um salto:

— Quem é o senhor? Qual a sua relação com esse homem?

— Não sou ninguém — respondeu o estranho. — Nem conheço esse homem. Sou apenas um passageiro, mas vi vocês tratando o infeliz com violência sem motivo algum.

O inspetor o encarou com olhos faiscantes:

— Um passageiro, é? Veio aqui pegar um avião? — A boca se contorceu num ricto zombeteiro. — Então vá. Pegue seu maldito avião. A menos que queira ser preso por ajudar um terrorista.

— Mas... — protestou o sujeito.

— Meu senhor, estou pedindo mais uma vez com delicadeza. Por favor, vá.

O homem fez uma careta para Adish e depois se foi. Sua intervenção, porém, mexeu com o inspetor, que se voltou para Iqbal.

— Muito bem, *chalo*. Deixe-me ver a droga do seu bilhete — disse o inspetor.

Iqbal ficou calado.

— Não tem bilhete? E autorização, tem?

— Não tenho nada — respondeu Iqbal, mal-humorado. — Mas eu...

— Nada de bilhete, nada de nada, e mesmo assim conseguiu entrar? — Com um movimento rápido, o inspetor disfarçadamente, mas com selvageria, pisou no pé de Iqbal. Adish piscou quando Iqbal deixou escapar um grito abafado. — *Saala* encrenqueiro! — prosseguiu o inspetor. — Como foi que entrou aqui de modo tão furtivo? Que ato terrorista estava pretendendo cometer, seu *chootia*?

— Não pretendia nada... — começou Iqbal, mas vendo a expressão do inspetor se calou, percebendo afinal a inutilidade da sua intervenção.

O inspetor falou, então, quebrando o silêncio:

— *Chalo*, levem este homem para o *chowki*. Que fique detido lá até eu chegar.

Enquanto algemavam Iqbal, Adish examinou o salão em busca de algum sinal de Laleh.

— Vou fazer você pagar por isso, Adish — cuspiu Iqbal, um segundo antes de ser puxado pelo guarda.

— Iqbal — disse, baixinho, Adish. — Cale a boca. Para seu próprio bem, estou lhe dizendo para calar a boca. — Tornou a se virar para o inspetor e, com um gesto, lhe pediu que se afastasse alguns passos com ele. — Olhe aqui, o sujeito é basicamente inofensivo. Só está meio confuso. Não quero que vocês o maltratem, ouviu? Não toquem nele. Apenas o mantenham detido até amanhã. Deixem que ele esfrie a cabeça. Para qual delegacia vão

levá-lo?

O inspetor deu o endereço e acrescentou:

— É a mais próxima daqui.

— Está bem. Passo por lá de manhã. Ou mando meu funcionário. E aí o senhor solta o cara, combinado?

— Tudo bem, meu senhor.

Adish baixou os olhos para o crachá do policial.

— O senhor é um bom homem, inspetor Manmohan. Meu funcionário irá até a *chowki* amanhã levando um envelope para lhe dar. A que horas devo mandá-lo?

O inspetor desviou o olhar.

— Meu turno começa às três horas, senhor — gaguejou.

— Certo. Mando Jogesh a essa hora. Muito obrigado pela sua ajuda.

Assim que se afastou do inspetor, Adish ligou para o celular de Laleh.

— O que houve? — perguntou ela imediatamente.

— Iqbal apareceu.

— Eu sei. Eu vi. Mas depois juntou muita gente e não consegui ver mais nada. Vocês dois tiveram uma briga?

Adish sorriu com melancolia. Uma dor surda começara em seu coração e agora se espalhava por todo o peito.

— Foi mais ou menos isso.

— Está tudo bem? Ele machucou você?

— Aquele pé-rapado? — perguntou ele, afetando um tom de bravata. Para o bem de Laleh. Adish não queria preocupá-la.

— Onde ele está agora?

— Foi embora. — Daria mais informações à esposa depois que ela chegasse aos Estados Unidos. Ou talvez nunca o fizesse. Não sentia, propriamente, orgulho da maneira como se portara. Havia em sua boca um gosto amargo, metálico.

— Como assim foi embora?

— Lal, esqueça esse assunto. Aproveite a temporada com suas amigas. Está tudo bem. Tudo sob controle. Agora, vá. Divirta-se. Peça a Nishta que me desculpe por não levar a bebida dela. Quem sabe não lhe pago um refrigerante no ano que vem nos Estados Unidos?

— Já estou com saudade de você — disse Laleh com uma voz um pouco embargada. — Como é possível?

Ele sorriu.

— É compreensível quando se é casada com um sujeito fascinante como eu. — Mas não era assim que Adish se sentia. Sentia-se... O quê? Mesquinho... desonesto... corrupto. Todas as opções acima. As lágrimas já começavam a querer brotar.

— Tchau, *janu* — disse, apressado. — Acho melhor eu ir procurar Farhad. Ele está me esperando já faz tempo.

Adish, porém, não saiu do terminal. Em vez disso, ligou para o celular de Mumtaz, sentindo um aperto no coração a cada segundo que a ligação levava para ser atendida. O que teria Iqbal feito com a irmã? Foi quando se lembrou do que Iqbal havia dito sobre sua devoção pela caçula e, surpreso, se deu conta de que acreditava nisso. Depois de tudo que acontecera entre os dois, ele confiava em Iqbal.

Adish se sentou numa das cadeiras de plástico azul e baixou a cabeça, segurando-a entre as mãos. Terrorista. Chamara Iqbal de terrorista. Como desprezava aqueles políticos, tanto indianos quanto estrangeiros, que tinham explorado a tragédia do 11 de setembro em busca de mesquinhos ganhos políticos. Como atacara o governo indiano quando este reescrevera a legislação de modo a facilitar a rotulagem dos oponentes políticos com aquela palavra abominável, tornando mais fácil para a polícia cercar e enredar prisioneiros políticos na rede de ferro das atividades antiterroristas. E como, sem esforço algum, havia feito o mesmo, por conveniência, aproveitando-se da barba comprida de Iqbal e da sua vestimenta islâmica. Com que facilidade explorara a repulsa e o medo automáticos de muitos indianos pelo Islã. Havia contado com a visão preconceituosa do inspetor e usara a desconfiança visceral do sujeito com relação aos muçulmanos para levar a melhor sobre Iqbal. O parse como intermediário, como trapaceiro, como um imbecil posudo, cortês, imoral que jogava um grupo contra o outro. Quão diferente, afinal, era ele, Adish, do safado que molestara Mumtaz, que se aproveitara do fato de a moça pertencer a uma minoria por ser muçulmana?

Talvez Laleh estivesse certa a seu respeito, a única pessoa que percebera que a natureza moral do marido tinha a consistência de um pudim. O que foi mesmo que ela disse naquele dia no quarto? Que tudo importava. Talvez fosse isso mesmo. Talvez a mentira contada décadas atrás, a facilidade com que entrara em conluio com o futuro sogro, o tivesse levado a trilhar um caminho que culminou aqui, na traição a um homem que um dia considerara um irmão. Mas, se tudo importava, o que dizer das outras partes da sua vida? Era honesto nos negócios, façanha de peso nesse país corrupto. Jamais traiu a mulher, foi um pai amoroso e atento e um patrão generoso e gentil. Será que tudo isso não contava?

Percebeu um tom de justificativa em seus pensamentos, a natureza queixosa e o tom de barganha dos próprios argumentos, e seu rosto se crispou de repulsa. Acaso o fato de não sonegar impostos desculpava o que acabara de fazer?, indagou-se, em provocação. Jogar um homem na cadeia porque ele teve a má sorte de nascer muçulmano? Qual era, afinal, sua briga com Iqbal? Lembrou-se, então de ter olhado pelo retrovisor justo quando

Nishta descobrira a cabeça e de ter ficado com um nó na garganta ao vê-la piscar ante a súbita claridade. Tinha, sim, uma queixa contra Iqbal. A maneira como ele tratava Nishta. Pusera Iqbal na cadeia para libertá-la. Não era assim que as coisas funcionavam no mundo, não era essa a constante lição da história, a única regra imutável? A cada nova ordem mundial, não era preciso matar, prender, banir ou exilar a velha guarda? Balançou a cabeça, ciente de não estar raciocinando direito.

— Com licença — disse o velho de bengala, o indivíduo que chamara a polícia.

Adish ergueu os olhos, espantado:

— Sim?

A aparência geral do homem era de um almofadinha. Usava uma barba branca e bem-aparada, óculos redondos que refletiam o brilho da iluminação do teto e um paletó Nehru impecavelmente passado.

— Só queria lhe dar os parabéns — disse o velho com um leve sotaque. Esse aí vive há muitos anos no exterior, supôs Adish. — Seu ato foi heroico.

Adish enrubesceu:

— Afinal não havia nada de errado — gaguejou. — Cometi um equívoco. — Sentiu-se amarrado à cadeira com aquele idoso postado na sua frente.

Os óculos do velho faiscaram quando ele balançou, com vigor, a cabeça:

— Cuidado nunca é demais. Essa gente está proliferando como um câncer no mundo todo. Essa turba precisa ser esmagada antes que tome conta de tudo.

Adish sentiu-se enojado quando se deu conta de que o homem se dirigia a ele como se o considerasse um igual, alguém a quem pudesse confessar sua ideologia odiosa.

— Me desculpe... — atalhou, de forma incisiva, mas foi interrompido.

— O senhor é parse, não é? — indagou o velho. Adish assentiu, desconfiado.

O homem sorriu:

— Comunidade modelo, a dos parses. Adaptável. Quem dera as outras minorias seguissem esse exemplo. Mas os muçulmanos e os cristãos... — O homem fez uma careta de nojo e depois olhou por cima do ombro. — Meu filho está me chamando. Boa noite.

Adish viu o estranho se afastar com rapidez. Pôs-se de pé e deu alguns passos na direção do homem.

— Ele era meu amigo — gritou. — Não estava armado.

O velho girou nos calcanhares, a boca um pouco aberta, como se pretendesse dizer alguma coisa. Anuiu, porém, sem dizer nada, e voltou a andar.

Iria se esforçar para consertar as coisas, claro, pensou Adish, enquanto

caminhava em direção à saída. Talvez fosse até a delegacia no dia seguinte, em lugar de mandar Jogesh. Não falaria com Iqbal, não no dia seguinte. Talvez, porém, um pouco mais à frente, pudesse ligar para saber como ele estava. Passaria pela loja em que Iqbal trabalhava. Iqbal ficaria furioso, a princípio, extremamente furioso até. Mas Adish acabaria por convencê-lo. Podia lhe oferecer um emprego em sua empresa, ou, se isso não interessasse a Iqbal, podia...

— Papo furado! — exclamou em voz alta, chamando a atenção de uma mulher com ar de matrona que passou por ele. Pare de mentir para si mesmo, reprovou-se. Nada disso há de acontecer. Sem dúvida tiraria Iqbal da cadeia no dia seguinte. Depois disso, contudo, o relacionamento dos dois terminaria, a menos que Iqbal aparecesse à sua porta querendo vingança. E, sabe-se lá por quê, Adish não acreditava nessa hipótese. Porque a cena no aeroporto deixara clara uma coisa: ele, Adish, sempre seria capaz de se impor sobre Iqbal, sempre seria capaz de usar contra ele o próprio fato de Iqbal ser muçulmano. Uma noite na cadeia apenas reforçaria tal mensagem. Não, a situação não teria conserto. Ele e Iqbal voltariam ao ponto em que estavam antes do telefonema de Armaiti para dar as más notícias, voltariam a suas antigas posições, ocupando partes distintas da cidade, sem que seus destinos jamais se cruzassem. Dessa vez, o Sr. Quebra-Galho não bateria ponto.

Passou pelas portas abertas, feliz por deixar para trás o ar exaurido e reciclado do terminal. Pelo canto do olho viu o inspetor Manmohan, mas o sujeito estava verificando os bilhetes dos passageiros e não o viu. Ligou para o próprio celular, mas Farhad não atendeu. Adish sabia que o garoto teria dificuldade para ouvir o toque do telefone em meio à algaravia de buzinas e ao burburinho da multidão que crescia do lado de fora do aeroporto. Olhou, desesperado, para os milhares de rostos à volta, perguntando-se se um dia encontraria o filho no meio de tanta gente. Foi quando viu o rosto sorridente de Farhad se aproximar. Sentiu algo lhe encher o coração, uma ternura lacrimosa por esse filho bonito e imaculado.

— Aí está você — disse, enquanto abraçava o filho como se o reencontrasse depois de anos e não de horas.

— Tudo bem, pai, foi tranquilo — balbuciou Farhad com desconforto. — A mamãe já foi?

Consultou o relógio:

— Logo, logo, elas vão embarcar.

— Quer dizer que correu tudo bem? Não houve problemas com as malas? — Sem deixar o pai responder, Farhad acrescentou. — Gosto da tia Nishta. Ela é meiga.

— Não é mesmo? — disse Adish de maneira automática. Quem sabe

pudessem visitá-la nos Estados Unidos no ano seguinte, pensou. Richard havia dito alguma coisa sobre consultar um advogado para descobrir como mantê-la no país de forma permanente. Como era mesmo que diziam? Quem salva uma vida se torna responsável por ela. Torcia apenas para terem, com efeito, salvado a vida de Nishta, para que não se tratasse de uma mera ilusão.

— Quer que eu vá pegar o carro? Tive de estacionar um bocado longe.

Adish passou o braço em volta dos ombros do filho.

— Não. Quero dar uma caminhada. Vamos caminhar juntos.

Laleh mordeu o lábio inferior quando desligou o celular depois de falar com Adish. Não gostara do jeito automático, vazio, com que o marido respondera suas perguntas sobre a aparição inesperada e o repentino sumiço de Iqbal. Algo desagradável devia ter acontecido a Iqbal — ele não saíra do aeroporto apenas porque Adish pedira por favor, concluiu. Descobriria os detalhes quando tornassem a se falar. A missão mais urgente agora era acalmar Nishta.

— Não acredito que ele esteve aqui — não parava de repetir Nishta. — E que foi embora. Sem mim? Conheço Iqbal. Ele faria de tudo para não me deixar embarcar.

— Nishta — disse Kavita, estalando os dedos. — Olhe para mim. Estamos na sala de embarque, certo? Dá para se acalmar? Ninguém vai impedir você de embarcar agora. Você acha que Adish deixaria que Iqbal lhe fizesse algum mal?

— Não entendo — disse Nishta, balançando a cabeça. — Não entendo como ele descobriu.

Kavita deu um suspiro.

— Vai ver a reunião foi rápida, e ele viu o seu bilhete. Perdemos muito tempo no engarrafamento do aeroporto, lembra?

Nishta parecia estar em pânico.

— E Mumtaz? Você acha que ele...?

— Não entendo — repetiu Nishta, mais uma vez. — Ele deve ter voltado para casa mais cedo. Mas por quê? Por que não foi à reunião?

— Que diferença faz? — respondeu Kavita. — Vai ver, a reunião foi rápida. Perdemos tanto tempo no engarrafamento! Se não fosse isso, ele nem teria...

— Tem uma coisa que não contei — interveio Nishta. — Fiz uma tremenda besteira. Deixei um bilhete para Iqbal.

— Você fez o quê? — perguntou Laleh.

Nishta estava com uma cara péssima.

— Escrevi um bilhete para ele hoje de manhã. Dizendo que não voltaria para casa. Achei que lhe devia isso, vocês entendem?

— Você contou que não ia voltar? Nunca? — Laleh não conseguiu disfarçar a própria descrença. — Depois de todo esse esquema complicado que montamos?

— Contei. Desculpe, Laleh. Não estava raciocinando direito.

Laleh mordeu a língua. Dava para perceber que Nishta se achava à beira

da histeria. De nada adiantaria censurá-la agora. Teria de dar um jeito de ligar para Adish antes do embarque, para avisar o que acontecera.

— Tudo bem — disse. — Não adianta chorar sobre...

— E quanto a Mumtaz? — Nishta parecia assombrada. — Vocês acham que ele...

— Mumtaz está ótima — respondeu Laleh num tom tranquilizador. — Está ótima.

— Quero ligar para ela. Só para ter certeza.

Laleh respirou fundo.

— Adish disse que Mumtaz não corre perigo — mentiu. — Foi embora antes de Iqbal chegar em casa e ler seu bilhete.

Observou a descrença brigar com a esperança no rosto de Nishta.

— Verdade? — disse afinal. — Adish disse isso?

Laleh se obrigou a encarar Nishta:

— Disse.

— Graças a Deus. Graças a Deus.

Kavita envolveu com o braço os ombros de Nishta, e as duas saíram caminhando pelo saguão, enquanto Kavita falava calmamente, porém com firmeza. Passados alguns minutos, conseguiu arrancar um sorriso cansado de Nishta.

Laleh se dirigiu até um canto do enorme salão e ligou para o celular de Adish. O telefone tocou diversas vezes antes de cair na caixa postal.

— Oi! — disse ela, elevando a voz para ser ouvida acima do burburinho. — Tenho más notícias, lamento. Nishta deixou um bilhete para Iqbal dizendo que não vai mais voltar para a Índia. Uma loucura, não? De todo jeito, foi provavelmente por isso que ele veio ao aeroporto. Só quero que você tome cuidado, viu, *janu*? Alerte os meninos, também. Nunca se sabe o que ele pode tentar fazer... — Pelo canto do olho, viu as outras duas se aproximarem. — Por enquanto é só. Tchau. Te amo.

Encerrou o telefonema e observou Nishta e Kavita atravessarem o saguão. Sentiu uma pontada de raiva de Nishta por ela ter posto a sua família em risco com um gesto idiota, impulsivo, mas espantou aquele sentimento. Não começaria a viagem já ressentida com a amiga. Além disso, era difícil permanecer zangada com alguém tão alquebrado e sofrido como Nishta. Ela mudara, talvez para sempre, percebeu Laleh. Havia agora um nervosismo e uma trepidação que eram novos. Bom, novos para mim, corrigiu-se. A pobrezinha provavelmente vive assim há anos. Laleh sentiu tristeza ao pensar que deixariam Nishta para trás quando partissem dos Estados Unidos dali a três semanas. Como é que ela iria se virar? Com Richard ocupado cuidando de Armaiti, quanto seria possível esperar que ele fizesse por ela? Laleh sabia que Nishta planejava ajudar a cuidar de Armaiti, que durante

algum tempo moraria com ela. Mas depois... depois que Armaiti... Lal balançou a cabeça. Teriam, apenas, que continuar envolvidos na vida dela. Nishta se sairia bem. Bastava ver o que já conseguira. Apesar de todos os defeitos de Iqbal, Laleh sabia que não devia ter sido fácil para Nishta largá-lo. Mas ela o fizera. O segredo era não se deixar enganar pelos tiques nervosos e pelas reações ab-ruptas, pensou Laleh. Lembrou-se de que na faculdade Nishta mostrara mais energia e força física do que qualquer um deles. Recordou a expressão dela na manhã em que chegou para as aulas anunciando que a mãe ameaçara se suicidar se ela se casasse com um muçulmano. "O que você disse?", perguntaram as amigas, ansiosas. E Nishta, encarando as três com um olhar frio e cristalino, respondeu: "Falei que ela manda na própria vida, assim como eu mando na minha. E que vou me casar com Iqbal."

Ao relembrar esse incidente tão antigo, Laleh sentiu um aperto no coração. Que tipo de mãe diz uma coisa tão horrível a um filho?, perguntou-se. Mas a lembrança também acendeu uma chama de esperança dentro dela. Que tipo de filha — sobretudo uma filha indiana, criada para respeitar os pais, para acreditar que o dever vem antes do amor, para se sacrificar, ser altruísta, sempre priorizar as necessidades dos outros sobre as suas — daria uma resposta dessas? Apenas alguém muito calejado, grande conhecedor dos ditames do próprio coração como, obviamente, era Nishta. Ela vai se sair bem, pensou Laleh. Não há de sobreviver apenas, vai desabrochar.

Sorriu quando Nishta e Kavita a alcançaram.

— Parece que é meu destino perder todas as minhas amigas para os Estados Unidos — resmungou, bem-humorada. — Primeiro Armaiti, e agora você.

Nishta segurou a mão de Laleh, e num gesto totalmente natural a ergueu até a boca e a beijou.

— Você sempre terá a mim, minha Lal — garantiu. Demorou um instante para soltar a mão da amiga. — Preciso ir ao banheiro — avisou. — Não embarquem sem mim, *accha*?

Kavita abriu um sorriso:

— Pode deixar. Depois de tudo que enfrentamos...

As duas observaram Nishta atravessar o saguão e desaparecer atrás da porta do banheiro. Laleh disse:

— Vamos nos sentar. Estou exausta.

Kavita assentiu:

— Você está com uma cara horrível.

Laleh fez uma careta.

— Obrigada, Ka. Você sempre levanta o meu astral.

— Você entendeu o que eu disse, *yaar*.

Laleh suspirou.

— Essa história com Iqbal me exauriu. Adish foi totalmente vago no telefone, mas sei que aconteceu alguma coisa entre ele e Iqbal — disse ela, remexendo-se no assento de modo a poder encarar Kavita. — Me diga que a gente fez a coisa certa. Quero dizer, com Nishta.

Kavita continuou olhando para a frente.

— Acho que fizemos a única coisa possível — respondeu, passado algum tempo. — Isto é, abandonar Nishta à própria sorte seria uma traição... Uma traição a tudo.

— É o que não paro de repetir para mim mesma, mas vou confessar que ver Iqbal no aeroporto me apavorou.

As duas se calaram por um instante.

— Ka — disse Laleh, em seguida, sem se preocupar em disfarçar a dor na própria voz —, o que aconteceu? Quero dizer, com Iqbal? Com a gente? Como foi que acabamos em lados opostos?

Kavita sorriu, e em seu sorriso havia um mundo de tristeza e de sabedoria adquiridas a duras penas.

— Você está querendo saber qual é o princípio esclarecedor aqui? Lembra de como a gente costumava se esforçar para acabar com todas as discussões políticas fazendo essa pergunta, Lal? É incrível como um dia fomos burros o bastante para achar que existia uma resposta única. Porque não há. O que aconteceu com Iqbal? A vida. Em toda a sua banalidade, brutalidade, crueldade e injustiça. Mas também com a sua beleza, seus prazeres e delícias. A vida aconteceu.

Laleh abriu a boca para protestar, para argumentar que a resposta de Kavita era simplória, não considerando de modo crítico as forças sociais que reduziam seres humanos a pó, quando uma figura que se aproximava lhe chamou a atenção.

* * *

Os tremores começaram assim que Nishta entrou no banheiro. Levantando a roupa, ela se sentou na privada, esperando que a sensação passasse, mas as mãos se agitavam como asas de borboleta, e os ossos pareciam tão frios quanto a lua. Era como se todo o seu esqueleto chacoalhasse. Ver Iqbal surgir no aeroporto e depois desaparecer a deixara nervosa. Mesmo agora não conseguia acreditar que estava de fato livre, que conseguira executar seu plano. Decerto alguma coisa ainda vai dar errado, pensou. Sem dúvida, neste exato momento, Iqbal está conversando com a polícia, convencendo os guardas a virem procurá-la. Lembrou-se, contudo, de que Adish também estava no aeroporto e se sentiu um pouco melhor. Além disso, se algo

tivesse que acontecer, se Iqbal quisesse fazer uma cena, claro que isso já teria acontecido àquela altura.

Por que foi tão burra a ponto de deixar um bilhete para o marido? Uma piedade perigosa a levara a isso, o fato de não aguentar imaginá-lo voltando para uma casa vazia, sem explicação alguma sobre o sumiço da esposa. Quando viu Iqbal no aeroporto, a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que Mumtaz a traíra, apesar de tudo. Mas logo viu que estava errada. A doce e sincera Mumtaz. Como podia duvidar dela, logo dela? Na verdade a traição havia sido sua, não da cunhada. Será que um dia Mumtaz entenderia? Como iria reagir quando descobrisse que Nishta se fora para sempre, que não voltaria mais para sua gaiola? Só lhe restava esperar que Mumtaz seguisse seu conselho e jamais confessasse a Iqbal o próprio papel no engodo.

Nishta olhou para as mãos e, por um instante, imaginou ver garras em lugar de dedos. Será que era mesmo tão forte assim? Tão dura? Enganar não só o marido, mas a mulher que foi uma irmã caçula para ela, que arriscou o próprio relacionamento com a família toda para ajudá-la? Usar a doença de Armaiti como escada para escapar do poço escuro em que sua vida se transformara? Poderia uma mulher, um ser humano, virar as costas a tanta coisa, abrir mão de tudo que um dia lhe pertenceu e àquilo de que fez parte — marido, pais, sogros, lar, cidade, país — e ainda ser chamada de humana? Ou será que havia outra categoria para gente como ela; será que de repente criaria presas e chifres e passaria a integrar uma nova categoria animal, outra espécie: a dos sem rumo, sem raiz, sem teto, sem pátria? Por quantas metamorfoses ainda teria de passar? Primeiro Nishta, depois, Zoha. Será que não bastava? Estaria sua evolução ainda incompleta? Em quem mais precisaria se transformar? Em quem mais se transformaria?

Estremeceu de novo. Só mais uma vez, porém. Deu-se conta de estar segurando a urina e a soltou. E, enquanto urinava, sentiu o corpo se aquecer. Quando o tremor passou, sentiu como se o corpo, o verdadeiro formato do corpo, lhe estivesse sendo devolvido. Esta é a última vez que faço xixi em solo indiano, pensou de repente, de maneira implausível, e a consciência do fato foi acompanhada por uma tristeza cortante como vidro, bem como por uma excitação faiscante como diamante. Sim, seria difícil construir uma vida nova num novo lugar. Quem saberia dizer se conseguiria triunfar, quem saberia dizer se no fim iria se arrepender de abandonar o que estava jogando fora? De uma coisa, porém, tinha certeza: sua vida seria sua. Os fracassos, os arrependimentos, os sucessos, as alegrias seriam só seus. Sua vida teria seu nome, dali para frente.

Deu descarga na privada e saiu do banheiro. Esfregou as mãos com vigor na pia de porcelana rachada. Já estava girando o trinco da porta de saída,

pronta para se reunir a Kavita e Laleh, quando se lembrou de algo. Deu meia-volta e se dirigiu a um dos reservados.

* * *

— A vida aconteceu — concluiu Kavita, e Laleh abriu a boca para protestar e argumentar que a resposta de Kavita era simplória, não considerando de modo crítico as forças sociais que reduzem os seres humanos a pó, quando uma figura que se aproximava lhe chamou a atenção.

Era Nishta. Usava uma camiseta vermelha e uma calça de brim azul. A roupa era malcortada, e Laleh notou que a barriga flácida de Nishta balançava de encontro ao tecido fino da camiseta quando ela andava. Mas o que lhe tirou o fôlego foi o cabelo da amiga, que parecia uma cascata espessa e escura lhe emoldurando o rosto e descendo até o meio das costas. Diante de seus olhos, Nishta estendeu as mãos para trás para prendê-lo num rabo de cavalo. Havia um quê de estranho — e de dolorosamente familiar, ao mesmo tempo — no gesto.

A seu lado, Kavita deixou escapar, baixinho, um "minha nossa!".

As duas ficaram de pé automaticamente quando Nishta as alcançou. Laleh inclinou a cabeça com uma expressão divertida no rosto.

— Chega de burca? — indagou.

— Chega de burca — respondeu Nishta. O tom foi inexpressivo, mas o rosto parecia feito de cera líquida, dissolvendo-se e congelando e tornando a se dissolver, como resultado de múltiplas emoções contraditórias.

— Como está se sentindo?

Nishta pensou um instante.

— Nua... Exposta... Apavorada. E livre.

Laleh sorriu com intensidade, olhando Nishta nos olhos.

— O que você fez com ela?

Os olhos de Nishta brilharam:

— Joguei fora. Numa lixeira do banheiro.

A lixeira da história, pensou Laleh. Há coisas que merecem ser relegadas à lixeira da história.

* * *

Meia hora mais tarde, as três embarcam. Viajam na classe executiva — Adish comprou a passagem de Nishta, recusando-se a admitir que Mumtaz pagasse por ela. As amigas se acomodam em seus assentos e, quase de imediato, ao que parece, a aeromoça lhes oferece um drinque. Kavita pede um gim-tônica — mais cedo, ela confessou não gostar de avião, fato que

Nishta considera estranhamente gratificante — enquanto as outras duas tomam suco de laranja.

As três sentem o ronco dos motores do avião. Laleh tenta mais uma vez falar com Adish no celular, mas ele não atende. Nishta sente vontade de pedir o telefone emprestado, ansiosa por notícias de Mumtaz, mas alguma coisa a faz hesitar. Ela tem medo do que possa descobrir. Assim, diz a si mesma que precisa começar a praticar já a arte de deixar para lá, aqui mesmo, dentro desta gigantesca colmeia de aço, neste lugar que, ao mesmo tempo, é Índia e não Índia. Olha pela janelinha para a escuridão da noite lá fora e percebe que a sua nova vida já começou. Seu corpo terá simplesmente que dar conta de alcançar essa nova realidade, o cérebro terá de aprender a recordar e a esquecer de maneira seletiva.

A seu lado, Laleh consulta o relógio.

— Já temos meia hora de atraso — resmunga. — Acho que estamos no horário de Bombaim.

Kavita fala enquanto mastiga uma pedra de gelo.

— Não faz mal. Desde que a gente compense o tempo perdido. Estou tão ansiosa para ver Armaiti que poderia pilotar este avião sozinha.

— Ela vai nos esperar no aeroporto?

— Não sei. Diane disse que tudo vai depender de como ela estiver se sentindo. — Kavita tem falado com Diane quase todo dia nas duas últimas semanas.

As portas da aeronave se fecham ruidosamente após alguns minutos. Nishta testa os botões do seu assento, ergue e abaixa o descanso para as pernas. Pensa em Armaiti esperando por elas do outro lado dessa viagem, torcendo para que cheguem logo, do lado de lá de oceanos e montanhas, puxando-as como se faz com uma pipa. Pensa, também, durante um segundo, como seria muito mais alegre essa viagem se estivessem indo para os Estados Unidos para uma ocasião festiva — o casamento de Diane, por exemplo —, mas se obriga a desviar a atenção dessa rota mental de sentimentalismo e melancolia. Sente-se, de súbito, com os olhos marejados e profundamente grata a Armaiti pelo convite, por pensar nelas, *nela*, por querê-las, por querer a *ela*, por perto, como último desejo. Basta que Armaiti as esteja esperando do outro lado. Basta que ela ainda esteja viva.

Nishta já se sente transformada em nômade, uma errante, um fantasma ocupando uma terra de ninguém. Eu poderia viver aqui para sempre, pensa, nesta nau gigantesca no céu. O frio ar sintético, os botões e as luzes impessoais, a rotina militar de comer-beber-dormir, a sensação desconhecida de partilhar uma casa voadora com centenas de estranhos... Tudo isso combina com ela, conclui. Diz a si mesma para recordar essa sensação, a facilidade com a qual está escapando para um novo destino. Essa é uma

prova da sua resistência, uma resistência que jamais precisará usar como um colete à prova de balas nos meses vindouros.

O som dos motores cresce até culminar numa espécie de grito estridente. A tela à sua frente mostra uma moça bonita falando a respeito de salva-vidas e máscaras de oxigênio. Nishta engole o riso. Por onde andava você e as suas instruções de segurança durante a minha vida de casada?, indaga da mulher na tela. Durante as últimas semanas? Quando eu precisava ser resgatada?

Mas havia sido, não é mesmo? Resgatada, é isso. Arrancada da própria vida, dessa cidade de milhões de lembranças que agora ia ficando, rapidamente, para trás, enquanto o jato corria pela pista de decolagem, como se o avião quisesse escapar do passado tanto quanto ela. Havia sido alçada, como uma xícara de chá, e colocada neste disco voador. Ela ri da comparação.

Agora estão ganhando altitude no céu noturno, e as luzes de Bombaim parecem uma constelação de estrelas de brilho desbotado. Ela quer lhes mandar um beijo — ou, para ser mais precisa, quer apagá-las, prender o fôlego, formular um pedido e, depois, apagar aquelas luzes, enquanto troca o mundo conhecido pelo desconhecido.

Olha para baixo até que a espessa cobertura de nuvens apague todas as luzes. Bombaim, a cidade onde foi amada e onde amou, desaparece. Um instante mais, e ela se recosta no assento e pega na dela a mão de Laleh.

Estou aqui, pensa. Estamos aqui. Estamos todas aqui.

Minha profunda gratidão e o meu obrigada às seguintes pessoas que iluminam diariamente o meu caminho:

Noshir e Homai Umrigar, Eustathea Kavouras, Gulshan e Rointon Andhyarujina, Roshni e Dhunji Dastur, Judy e Kershasp Pundole, Diana Bilimoria, Kim Conidi, Barb Guthrie, Barb Miller, Noreen Chambers, Perveen Freeland, Hutokshi Rustomfram, Anne Reid, Wendy Langenderfer, Arkady e Natasha Lerner, Cyndi Howard e Barb Hipsman.

Um beijo para aqueles que partiram deste mundo, mas não do meu coração:

Ketty, Jeroo e Jamshed Umrigar, Harriet Kavouras e Mani Chandaru.

Abraços e beijocas para Kulfi e Baklava, por se enroscarem em meu colo e me fazerem companhia quando a escrita emperrava.

Para as crianças da minha vida — Feroza Freeland, Anna Lerner, Bini Iranpur, Sara, Abbey, Elizabeth Flroian, Madison, Thomas, Quinton Likosar, Maime e Josie Blados —, vocês são a minha garantia de que o mundo há de continuar um lugar bonito em suas mãos competentes.

Este livro deve muito à colaboração do dr. David Peereboom, oncologista do Cleveland Clinic de Tumores Cerebrais e Centro de Neuro-Oncologia. Obrigada, Phillip Canuto, por me apresentar ao dr. Peereboom.

Obrigada, Sarah Willis, por ler o livro ainda como manuscrito. Obrigada, "Pen Gals", por me lembrarem que escrever é um ofício sagrado. Obrigada a Luis Alberto Urrea, cuja definição dos "trêmulos" inspira o meu trabalho.

Um agradecimento muito especial a Claire Wachtel, Marly Rusoff, Michael Morrison e Jonathan Burham, que tornam tudo possível. Meu aplauso ao pessoal da HarperCollins, pelo talento e dedicação.

Obrigada aos meus colegas na Case Wertern Reserve University, cujo brilhantismo, bom humor e camaradagem considero preciosos.

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Luana Luz

Revisão de tradução
Frida Landsberg

Revisão
Aguiar Silva
Daniel Borges

Diagramação
Filigrana Design

Produção de ebook
S2 Books

[1] Tradução livre de “If you need a friend,/ I’m sailing right behind./ Like a bridge over troubled water,/ I will ease your mind”. (N. da T.)
[2] Tradução livre de “What do you see, my blue-eyed son?”; “Bluebird flying high, telling me what you see” e “A working class hero is something to be”. (N. da T.)
[3] Tradução livre de “I am leaving,/ I am leaving,/ But the fighter still remains...”. (N. da T.)